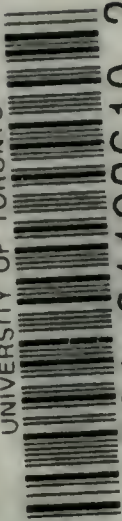


UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01192610 2









# CHRONICA

DE

ELREI D. SEBASTIÃO,

POR

FR. BERNARDO DA CRUZ;

PUBLICADA

POR

A. HERCULANO, E O DR. A. C. PAYVA.



LISBOA: 1837.



NA IMPRESSÃO DE GALHARDO E IRMÃOS,

Rua da Precisão N.º 45.



# PROLOGO.



As memorias que nos restam da vida de Fr. Bernardo da Cruz são extremamente escacas. O primeiro escriptor que delle fallou foi o illustre Cenaculo; e o auctor da Bibliotheca Lusitana nem sequer suspeitou a sua existencia. Das *Memorias Historicas dos Progressos e Restabelecimento das Letras*, livro eruditissimo do Bispo de Beja (entaõ Geral da Terceira Ordem da Penitencia), e das duas obras de Fr. Vicente Salgado -- *Compendio Historico*. — e — *Origens e Progresso das Linguas Orientaes* --, tirámos a breve noticia que delle podemos dar. Fr. Bernardo da Cruz, frade da Terceira Ordem, viveu na segunda metade do seculo de-  
seseis: parece ter sido conspicuo pelo seu saber, e que por esse motivo occupou varios empregos monasticos. Antes delle não se encontra o cargo de Capellaõ-mór da armada; e assim é tido pelo primeiro, a quem se conferiu este titulo. Como tal embarcou-se na frota que transportou á Africa elrei D. Sebastiaõ e o seu exercito, para a fatal jornada de Alcacer-quibir. De lá, ou porque escapasse da batalha, ou porque tivesse ficado a bordo da armada, vol-

#### IV

tou a Portugal, onde escreveu a Historia do reinado de D. Sebastião; e de parte do governo do Cardeal D. Henrique. O lugar e o anno do seu nascimento, e a epocha da sua morte, não o podemos saber: mas é certo que elle ainda vivia no tempo da usurpação de Philippe 2.<sup>o</sup>

Como historiador Fr. Bernardo da Cruz tem meritos e defeitos, quanto nos é licito julgar pelas copias que da sua obra nos restam. Em nosso entender o plano do livro foi bem traçado. O reinado de D. Sebastião é notavel por um facto unico — a perda em Africa — á roda do qual só apparecem mesquinhos enredos de Côrte, traçoens de conselheiros vendidos, e loucuras de mancebos. A duas naçoens pertence aquelle tremendo facto, que influiu, quasi exclusivamente, na futura sorte de Africa e de Portugal. Era pois para o esclarecer, para o mostrara todas as luzes possiveis, que se deviam reunir noticias, e o historiador o alcançou, fazendo caminhar os annaes de Berberia a par dos annaes portuguezes. Para aquelles precisava de consultar as historias berberescas, e daqui podemos inferir que era versado no arabe; mas dessa leitura, que necessariamente teve, nasceu talvez o seu maior defeito — o luxo demasiado do estilo, e as repetições ociosas, em que quasi sempre abunda.

A Academia Real das Sciencias já em 1825 havia promettido imprimir a Chroni-



ca por nós agora publicada; porém esta promessa nunca se verificou. Em 1829 annunciou-se entre as Memorias communicadas a Academia, uma, escripta por Fr. Mattheus da Assumpção, sobre os codices das Chronicas de D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz, e por Antonio Vaena. A pesar de termos consultado para a nossa edição seis differentes manuscriptos, julgámos que devíamos examinar o trabalho, que a este respeito fizera aquelle erudito benedictino, e que suppunhamos versaria sobre os exemplares de que a Academia pretendia servir-se para a sua edição. A' bondade e amor das letras de S. Ex.<sup>a</sup> o Bispo Reservatario de Coimbra devemos a indagação feita a semelhante respeito nos archivos daquella Sociedade: nada podémos, porém, alcançar por este lado; que ajudasse o nosso intento, como se verá dos seguintes paragraphos de uma carta de S. Ex.<sup>a</sup>, a qual acompanhava uma nota do Sr. Secretario da Academia, em que dizia já não existir na Secretaria a Memoria de que se tractava.

« Suspeito que a Memoria de Fr. Matheus se reduziria a fazer juizo de hum manuscripto, que eu mesmo offereci á Academia, e que na verdade estava tão cheio de erros (como eu tinha notado) que de maneira nenhuma se podia assim imprimir, e apenas se poderia aproveitar pera conferir com algum outro.

« Este manuscripto.... continha a his-

» toria de D. Sebastião por Fr. Bernardo  
 » da Cruz, e tinha na primeira folha por  
 » letra do Sr. Cenaculo esta nota =  
 » Conferi este Ms. com o de Mr. Gama, e  
 » está conforme — Cenaculo = Esta nota me  
 » enganou por pouco tempo; porque logo  
 » á simples leitura do manuscripto vi que  
 » estava miseravelmente deturpado.»

Eis o que podemos saber ácerca do que na materia havia na Academia; e aqui pozemos termo, por este lado, ás nossas indagaçoens. Daremos agora noticia dos codices que alcançámos ver.

Na Bibliotheca do Convento de Nossa Senhora de Jesus, hoje incorporada na da Academia, existem dous codices que tem igualmente aquella nota do Bispo de Beja; n'um escripta pela letra do proprio Cenaculo, n'outro pela de Fr. Vicente Salgado, que copiou o livro. Estes dous codices são perfeitamente semelhantes a um terceiro, que há na riquissima colleção de Manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto, no qual tambem se lê a mesma nota, traçada pela propria mão de quem quer que tirou aquella copia. Já se vê que estes tres codices, transcriptos uns dos outros, não se podem considerar senão como um unico. Provavelmente o que offereceu á Academia o illustre Bispo de Coimbra seria outro semelhante aos tres que mencionámos. Entre os manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa encontrámos tambem uma



cópia moderna da obra de Fr. Bernardo da Cruz, mais abundante e correcta do que as quatro precedentes, comtudo bastante differente da que principalmente nos serviu de texto.

Esta existe na Bibliotheca do Porto; e na *Noticia* que vai juncta a este prologo, (publicada já por nós nos N.<sup>os</sup> 18 e 19 do *Repositorio* da Sociedade Litteraria daquella Cidade) démos cabal informaçã della: resta-nos fallar de outro codice que completa o numero de seis, que dissemos havermos consultado.

E' o manuscripto de letra dos fins do seculo 17.<sup>o</sup> e seria talvez o melhor, se não estivesse desgraçadamente truncado, faltando-lhe desde o capitulo 7.<sup>o</sup>, inclusive, até o fim do 14.<sup>o</sup>, e desde o capitulo 80 em diante até a conclusão da Chronica. Vê-se que este traslado foi tirado de um codice mais correcto do que nenhum dos que vimos, quer o fosse do original, quer de alguma copia, mas que já estava truncado, como nesse traslado se diz, no fim do capitulo 6.<sup>o</sup>; o que prova não ser tirado do que deu materia á *Noticia* já mencionada, o qual está inteiro, e todo por letra dos fins do 16.<sup>o</sup> seculo. Serviu-nos este codice para rectificar muitas cousas do mais antigo e completo, que seguimos nesta edição. Apesar de todo o nosso cuidado para evitar os erros, não o podêmos inteiramente alcançar. Há logares que cremos alterados em todos os seis ma-

## VIII

nuscriptos, os quaes podiamos muitas vezes melhorar por conjecturas, e até, quanto aos factos, por outros escriptores, se entendessemos dever faze-lo. Não escrevendo uma historia, mas publicando um inedito, assentámos que nos cumpria dar o que achámos, do melhor modo possível. Os eruditos avaliaraõ se andámos bem em seguir tal systema.

Quanto á orthografia procurámos a principio seguir a do codice antigo á risca; mas vimos que era extremamente irregular, o que nos obrigou a fazer leves mudanças, para a tornar um pouco mais constante e regular: entretanto não ficou, ainda assim, taõbem ordenada como nós desejaríamos.

## NOTICIA.

### MANUSCRIPTOS DA BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO.

#### *Chronica d'elrei D. Sebastião. (\*)*

E' este um codice em folio, contendo 201 folhas. Está a obra dividida em 113 capitulos: começa seu auctor descrevendo o estado de Portugal no tempo de D. João 3.<sup>o</sup>: d'ahi passa ao nascimento e infancia de D.

---

(\*) Desta Noticia aproveitámos só o que nos era necessario aqui: rectificando e augmentando o que vimos disso carecer por observaçoens posteriores á sua publicação.

Sebastião, e regencias da Rainha D. Catharina e do Cardeal D. Henrique, durante a qual epocha passou elrei pela primeira vez á Africa: refere a sua ida a Tangere, e como de lá voltou para o reino: conta as discórdias que houve entre o infante D. Duarte e elrei, e os aggravos que este fez á rainha sua avó: segue por diante com uma narração mui miuda das guerras civis d'Africa, até o final triumpho que alcançou Abdelmaleq (Maluco) de Abdallah: descreve os apparatos de elrei de Portugal para a jornada que intentava, a sua partida, viagem, chegada a Tangere, e a batalha, em que se perdeu com a flor da nação: dedica finalmente os ultimos trinta capitulos á historia do resgate dos captivos, e á dos enredos e dissengoens, que houve durante o curto reinado de D. Henrique, no meio do qual o chronista deixou, ao que parece, a sua obra incompleta.

O manuscripto vê-se claramente ser copiado da obra de Fr. Bernardo da Cruz (quanto se pode conhecer do character da letra) quasi pelos tempos em que elle a escreveu: alem disso, constando dos capitulos 42 e 54 haver sido o livro escripto em Lisboa, de uma nota que vem no capitulo 50 (p. 205) se colhe que este antigo traslado foi tirado em Alcobaga, por pessoa contemporanea do Cardeal Rei; o que prova não ser o codice original, porem quasi tão antigo, como se na verdade o fosse.



Este Manuscripto pertencia ao mosteiro beneditino do Couto, d'onde passou para o de Tibaens, em 1787, e pela extincção das ordens monasticas para a Bibliotheca do Porto, em 1834. Uma nota de letra recente, posta talvez por quem mui de leve examinou o codice, attribue esta obra ao chronista D. Manoel de Menezes. Porem, afóra a opiniaõ geral, que lhe dá por auctor Fr. Bernardo da Cruz, ha muitas outras provas, que, posto que negativas, vem corroborar essa opiniaõ commum.

Fr. Manoel dos Santos na Historia Sebastica cita varias vezes a chronica de Menezes, que existia em Alcobaça, e até transcreve pedaços della no corpo da historia, como a paginas 58, e em outros logares; mas nenhum destes pedaços se encontra no manuscripto; e nem ha sombras de semelhança entre a ordem dos capitulos, a disposiçaõ ou narraçaõ das passagens citadas, e os capitulos e logares, que neste manuscripto lhes poderiam corresponder.

Accresce, que, havendo sido D. Manoel de Menezes nomeado chronista em 1618, e tendo antes dessa epocha vivido vida vagabunda e inquieta, é mais que provavel, que só depois daquella nomeação (tempo em que teve algum repouso) se houvesse de dar a um trabalho, a que o seu cargo entaõ o obrigava. Ora, vendo-se, pelo capitulo 86 desta obra, que foi escripta por 1586, deduz-se d'ahi naõ ser ella a chronica de Menezes.

Fazemos estes reflexões, a pezar de se haver publicado em 1730 huma chronica, em cujo rosto apparece o nome daquelle chronista, e parecer que bastaria confronta-la com o manuscripto para mostrar que não eraõ identicas obras, porque os eruditos sabem que é mui duvidosa a genuinidade dessa chronica. Barbosa a diz suppositicia e escripta pelo P. Bayaõ (1): comtudo, posto que de muito peso seja a opiniaõ deste illustre bibliographo, não ousamos decidir a questaõ; e antes acreditariamos que Bayaõ a alterasse em grande parte, do que nos persuadiriamos que inteiramente a fizesse para a attribuir a D. Manoel de Menezes. Mudou elle muita cousa na chronica de D. Pedro 1.<sup>o</sup> que publicou (2): mudalo-hia nesta, como elle proprio o confessa (3); mas isso procedia de estar convencido de que era necessario ou conveniente o apurar com melhores noticias as antigas historias, alterando os escriptores. Era isto, em nosso entender, um gravissimo erro; mas o forjar uma chronica inteira, e attribui-la a outrem, fora um crime litterario, de que não queremos culpar Bayaõ sem claras e irrefragaveis provas, até porque o mesmo Barbosa elogia a sua virtude e probidade.

Parece-nos esta opiniaõ do Abbade de Se-

---

( 1 ) Biblioth. Lusit. T. 3 p. 312.

( 2 ) V. Ineditos de Hist. Portug. T. 4 Pref. p. 36

( 3 ) Prologo á Chron. de Menezes.



ver ser fundada só em não apparecerem os pedaços da chronica de Menezes, transcriptos por Santos na Historia Sebastica, na que imprimio Bayaõ. No anno de 1736 ainda Barbosa não seguia o parecer que depois deu na Bibliotheca Lusitana (1): e, se compararmos as datas da publicação da Chronica, da Historia Sebastica, das Memorias, e da Bibliotheca (2), não se julgará desarrazoado o attribuirmos a essa falta tão severa censura, não obstando, para assim o crermos, o não se fazer elle cargo nas Memorias da referida falta; porque estas deviam estar já na imprensa, quando saiu á luz a Historia Sebastica. Mas bastaria isso para dar por inteiramente espuria a Chronica attribuida a Menezes pelo P. Bayaõ?

Entretanto, havendo-se perdido o original de Menezes, o qual existia em Alcobaça, segundo o testemunho de Santos, será difficil assentar em que, ou até que ponto Bayaõ estropiou a Chronica publicada debaixo do nome d'elle; mas o que é certo é não haver semelhança alguma entre o manuscrito da Bibliotheca do Porto e essa chronica, seja quem for seu auctor. Para tirar, porém, todos os escrupulos, accrescentaremos mais um facto: o celebre D. Francisco Manoel de Mello, que pessoalmente conheceu D. Manoel de Menezes, e até o

---

( 1 ) Mem. de D. Seb. T. 1 Prol.

( 2 ) 1730 — 35 — 36 — 41 —

o ajudou nos seus trabalhos litterarios, affirma que elle só deixara escripta uma parte da chronica de D. Sebastião, (1), o que destróe inteiramente a possibilidade de ser essa Chronica o manuscripto de que tractamos, cuja materia encerra todo o reinado daquelle infeliz monarcha, e ainda entra pelo do Cardeal D. Henrique. Passemos agora a ver se o devemos attribuir a outro escriptor, dos que se diz escreveram ácerca delrei D. Sebastião.

Dous destes são o P. Affonso Guerreiro e João Baptista Lavanha: foi morto o primeiro em 1581: tractava o segundo de escrever a historia daquelle principe por 1618. Estas duas epochas desdizem ambas da data de 1586, em que, como já notámos, se escrevia a chronica de que vamos dando noticia.

Escreveu tambem Antonio de Vaena uma Chronica de D. Sebastião. Este, pelo tempo e circumstancias em que se achou, poder-se-hia crer auctor do manuscripto (2): mas cumpre fazer algumas reflexões sobre o que Barbosa traz acerca delle na Bibliotheca Lusitana. Nesta obra affirma que Vaena escrevera uma Chronica de que elle possuia copia, tirada do original que se

---

(1) Epanaphoras p. 263.

(2) Barbosa nada nos diz da vida deste escriptor: é o Conde da Ericeira quem refere ter elle sido contemporaneo d'elrei D. Sebastião, e ter assistido no cerco de Mazagão.

conservava na livraria do Conde do Vimieiro: ora o Conde da Ericeira, que, em diversas sessões da Academia de Historia Portugueza, deu conta dos manuscriptos mais importantes daquelle livraria, falla somente de uma historia do cerco de Mazagaõ, a que vinhaõ appensas algumas relaçoens dos acontecimentos do reino por aquelle tempo, a qual obra era escripta por Antonio de Vaena (1), e nada mais diz deste auctor: assim podemos ter por averiguado que esta era a obra que possuia o Abade de Sever. E dado que assim seja, é certo que a obra de Vaena não se contem no manuscripto do Porto; por que neste não se tracta do cerco de Mazagaõ.

Da Relação da vida d'elrei D. Sebastião pelo P. Amador Rebello vimos nós uma copia, que tambem existe na Bibliotheca do Porto. E' obra mui succinta, como diz Barbosa; e por nossos proprios olhos nos certificámos de que nada tinha com o manuscripto de Fr. Bernardo da Cruz.

Fr. Manoel dos Santos cita muitas vezes na Historia Sebastica certa Memoria ou Relação coétanea, de que transcreve pedaços inteiros: estes pedaços são exactamente tirados da Chronica inedita que existe na Bibliotheca do Porto (2). Era esta uma

---

(1) Mem. da Acad. de Hist. Portug. T. 4. n.º 26 p. 8

(2) Hist. Sebast. p. 341 — 342 — 343 — 345 — 349  
413 — 475 — no manuscripto vem nos cap. — 37  
— 39 — 49 — 48 — 66 — 71



das mais poderosas razões que tínhamos para crer o manuscrito de auctor differente dos já apontados; porque, a ser de algum delles, te-lo-hia dicto aquelle erudito cisterciense, ou pelo menos formado acerca disso algumas conjecturas: as reflexões que acima fazemos nos confirmaram inteiramente nesta opiniaõ.

Parece que foi fado avesso de Fr. Bernardo da Cruz o servirem aos outros suas lucubrações, sem que delle ninguem faça menção, e conservando-se o seu nome até os fins do seculo passado em total esquecimento. Não foi somente Santos que se aproveitou do que elle escreveo; tambem Faria e Sousa o copiou, sem delle dizer uma unica palavra. Esta anecdota trouxe-a a lume o Bispo de Beja (1), e nós conferindo-a achámos que era verdadeira (2).

Notaremos em ultimo logar, que havendo apontado Faria, no principio da sua Asia, as fontes d'onde tirara o que escreveu, traz entre outros manuscritos, notado um, que tractava d'elrei D. Sebastiaõ, o qual diz lhe communicára o Abbade Joaõ Salgado de Araujo, e que se attribuia a Pedro de Mariz. Foi por este *ut aiunt*, que Barbosa ajunctou á lista dos escriptos de Mariz uma Chronica de D. Sebastiaõ. Ora, não apparecendo no Apparato de Faria outro algum escriptor duvidoso, pertencen-

---

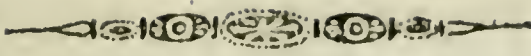
(1) Mem. Historicas. p. 303

(2) Europa portug. T. 3, p. 10 e segg.



## XVI

cente a essa epocha, pode-se colligir sem temeridade, que era a obra de Fr. Bernardo da Cruz, a que viu Faria e Sousa, e que por ventura não existe a que se attribue a Mariz.



## CHRONICA D'ELREI

### D. S E B A S T I A Õ.

*Da prosperidade dos reinos de Portugal em  
tempo d'elRei D. João terceiro. Ca-  
pitulo I.*

**N**aõ está a divina providencia taõ atada aos juisos humanos, nem limitada aos discursos de seus entendimentos, que necessariamente páre nos termos desejados dos homens, nem nos successos que elles cuidaõ; pois nem nas maiores adversidades lhe faltaõ remedios de melhõrar os tempos, nem nas prosperidades, occasiões de grandes caídas. E parece que tem a natureza taxados certos limites até onde pôdem chegar as felicidades humanas e naõ passar, e dahi decrepitar pouco e pouco, com mostrás de pouca constancia, até tornar a seus primeiros principios. Desta variedade dos tempos estaõ assás cheas as histórias antigas de exemplos, que nos ensinaõ naõ esperar do mundo cousa fixa nem perpetua; pois de grandes reinos e monarchias passadas naõ enxergamos já senaõ humas gastadas ruínas, e de poderosos monarchas ouvimos inda frescos infortunios. Tinha o reino de Portugal (com felices successos e heroicas virtudes dos bemaventura-

dos reis seus antepassados, em tempo del-Rei D. João o terceiro ) chegado ao cume da prosperidade em grandeza de muitos principes e opulencia de riquezas, com multidaõ de esclarecidos capitaens, os quaes com victorias tinhaõ Africa chea de temores e Azia posta em espanto, pondo muitos reis e reinos debaixo do imperio dos seus reis, com gloriosa noticia do nome portugues conhecido até os fins do mundo. E o que mais claró o fazia era a quietação e paz da republica temporal, com administração de temporal justiça, e na espiritual a solenidade do culto divino com exemplos de grande sanctidade, e obras de muito merecimento de vida, pela honra de Deos e gloria das almas. Destes exercicios era estremadamente amigo o bem-aventurado Rei D. João, o qual com amor e mercês obrigava a seus vassallos a viverem de maneira que antre huns não houvesse offensas, nem em outros queixumes, com que se escusava a severidade da justiça para execuçam de males; antes, como outro Numa Pompilio, occupado na instrucção dos sanctos costumes, solenidade do culto divino, frequentação dos sacramentos, reformação das religioens monasticas, e na promulgação do Evangelho sagrado entre a gentilidade cega das Indias Orientaes, nunca faltou com favores e ajudas aos que elle para estes ministerios com muita prudencia e maduro conselho elegia, com aceso fervor de dillatar a fé catholica entre os barbaros moradores de-

baixo de seu cetro. Mas por occultos juizos de Deos, a que a razão humana não pôde dar causa, permittio elle como esta felicidade começasse a descer por degrãos, até de todo vir a perder o resplendor de sua gloria com a coroa e nome dos reis de Portugal, e a falta de descendentes de linha direita, a quem por legitima herança succedeo o catholico rei D. Philipe, segundo das Espanhas e primeiro de Portugal deste nome; mas posto que nesta troca, feita á vontade da divina providencia, o nome portuguez fique honrado e ditoso com o emparo de tão insigne rei e monarcha, em o qual, além de grande poder, concorrem todas as virtudes companheiras de hum principe tão catholico, temos licença os portuguezes para mostrar sentimento e saudade dos reis de Portugal, com os quaes nos criamos, e nos termos por orfãos dos pais que perdemos, dos quaes queriamos antes ser chamados filhos pouco favorecidos, que agora criados muito honrados. E esta inclinação he tão propria nos homens de todas as nações e estados, que a maiores efeitos de dor se movem da privança dos costumes em que se criáram, que de contentamento nas mercês recebidas. Nem este sentimento, reputado por enfermidade do humano, tira o conhecimento aos prudentes dos bens que alcançam, nem os louvores devidos a quem lhos dá: nem eu com muita magoa da perda que choro, deixo com alegria de cantar o bem commum, nem de



agradecer a Deos a mercê feita a estes reinos de Portugal, pois dando-lhe castigo que o magoasse pouco tempo, lhe deu rei catholico e benigno por emparo, o qual com amor manifesto o consolasse pera sempre, e com animo mais confiado os portuguezes esperassem maiores mercês, e alcançarem maior gloria. Desta consideração não está o povo portuguez esquecido, pois huns com zello do bem commum, no principio das alterações, tocados dos juisos das conciencias e ensinados dos claros indicios da justiça fundados na verdade e rezaõ, e o vulgo a quem a fraquesa do entendimento não deixava sobir a estas acertadas considerações, vieram em fim geralmente a entender com alegria a mercê que Deos lhe fizêra em a successão destes reinos orphãos vir por legitima herança a sua Magestade, com cujo governo tão suave, e beneficios tão liberaes todo o povo está quieto e a republica honrada com assás de arrependimento das alteraçoes movidas, com receio de não acharem o repouso presente e a liberalidade que possuem: porque como o engenho humano não tenha vigor de alcançar o futuro, tanta desculpa tem duvidar do que não vêe, como temeridade affirmar o que não sabe.

*Do Nascimento d'elRei D. Sebastião.  
Capitulo II.*

Era casado elRei D. Joaõ o terceiro, filho

delRei D. Manoel de gloriosa memoria, com a Rainha dona Caterina, filha delRei dom Philippe de Castella e archiduque de Austria, primeiro deste nome, e da Rainha dona Joana, dos quaes como prole de benção naceraõ os filhos seguintes: s. a infante dona Maria, que foi princesa de Castella e molher delRei dom Philippe o segundo nosso senhor: o principe dom Manoel: o principe dom Philippe: o principe dom Affonso: o infante dom Antonio: a infante dona Isabel: a infante dona Britis: a infante dona Maria, e o principe dom Joaõ pai delRei dom Sebastiaõ: além dos quaes elRei houve mais o senhor dom Duarte filho não legitimo. Mas como Deos tinha ordenado virem os reinos de Portugal por herança a elRei de Castella, prouve a elle por sua divina providencia que todos os filhos delRei dom Joaõ morressem meninos de pouca idade, não ficando vivos senaõ o principe dom Joaõ, o qual Deos lhe deixou pera bordaõ de sua velhice, onde estribassem suas esperanças, com alivio das desconsoações da morte de tantos filhos, e de quem ficassem successores do Reino de Portugal; de cujas mortes elRei e a Rainha soffriam as magoas e perdas com animo real e igual consideração, e louvavaõ ao Senhor pelos secretos juizos de assi o ordenar, conformando-se elles muito em tudo com sua sancta vontade, a quem sempre nos trabalhos e prosperidades pretendiaõ agradar e servir, como se vio em todo

o processo de sua vida. Mas a herança dos reinos dependia sómente de uma esperança da vida do principe dom João, unico filho de pais já esteriles por idade madura. Temerosos elRei e os povos de esta se acabar em florescente idade, como já o tinhaõ visto em seus irmãos, ordenáraõ de o casar como chegou a idade de dezaseis annos ; pera que havendo filhos ficassem os reinos mais providos de herdeiros e se evitassem os recêos que cada ora os salteavaõ ; por tanto se tratou o casamento em Castella com a princesa dona Joana, filha de Carlos quinto emperador e rei das Espanhas, a qual trasida a estes reinos com a pompa e festas reaes , veio a Lisboa metropolitana do Reino , onde em face de igreja fôraõ recebidos com vinculo de matrimonio na Sé desta cidade. O principe dom João como amasse muito a princesa sua mulher com huma brandura de coração , e ella lhe respondesse com igual amor , assi pelo chegado parentesco antre ambos, como affeição marital, a qual na florente idade e nos tenros corações mais se imprime, veo a princesa em breve tempo a dar mostras de ser prenhe, de cujos sinaes todo o povo se encheo de alegres esperanças, pelas consolaçoens dos reis e proveito do reino : mas como os gostos da presente vida não tenhaõ firmes raizes , nem possam sustentar abalos das penalidades herdadas da mão do peccado, não pudéraõ estes contentamentos muito tempo permanecer nos coraçõens dos homens , nem



Os príncipes pôdem nelles ter algum direito ou posse; por tanto poucos dias antes do parto da princesa, sobrevindo ao príncipe dom João huma enfermidade mortal, não permitindo Deos que a virtude dos remedios aproveitasse, nem o mal mitigasse com ella, acabou a dous dias de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, deoito dias antes da princesa parir; mas como já pela morte do príncipe o emparo dos reinos de Portugal e a successão delles ficasse posto nas esperanças do parto da princesa, porque o sobresalto de tão intempestiva tormenta, com perigo da criança não abalasse as entranhas da viuva pouco ditosa, privada dos estados e felicidades humanas que já começava a possuir, e do marido que muito amava, trabalháram elRei e a Rainha encobrirem-lhe a morte do príncipe até que parisse, os quaes com prudencia mais que humana com mostra de grandes animos reaes, dissimulando a propria dor, a visitavaõ a meudo com sembrantes alegres, pera encobrir a tristesa penetrante da alma, dando com isto aviso ao povo, que affastados donde a princesa pudesse ouvir, ou sentir alguma torvação, fizessem seus prantos e sentimentos de lagrimas e tristezas, que a dor intensa em nenhuma maneira podia temperar. Entretida a princesa (e não de todo enganada por alguns indicios que como discreta sentia, e repostas que não lhe agradavaõ ás perguntas que fazia do príncipe) com ani-



mo prudente e temperado, mettida entre duvidas e sobresaltos lhe déraõ as dôres de parto á meia noite a vinte de Janeiro de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, dia do martir saõ Sebastiaõ. Sabida esta nova da gente da cidade, dado aviso á cleresia, religiosos e mais pessoas devotas pedissem a Deos, com oraçoens secretas e publicas, prospero parto da princesa, como unico remedio de todo o povo portugues, logo de noute se ordenou huma devota procissão de toda a cleresia e religiões, da Sée a saõ Domingos, levando nella o braço do martir saõ Sebastiaõ, o qual foi trasido a este reino de Portugal do sacco de Roma, em tempo de Clemente septimo; alem disto não ficou dona nem donzella, por nobres e virtuosas que fossem, as quaes com muitas lagrimas não sahisses fóra de sua casa, e andassem pelas igrejas pedindo ao Senhor o remedio taõ desejado, concorrendo com isto infinita gente de todos os estados ao terreiro do paço, que com os olhos fixados nas varandas e janellas, e com os sentidos suspensos, desejavaõ ouvir a nova do que a princesa paria; os quaes postos em grande silencio, sem se ouvir rumor de taõ grande multidão, pela attençaõ de sua esperanza, sendo já de dia, como huma voz cahida do ceo, apparecêraõ nas janellas do paço fidalgos e donas, os quaes com palavras mal pronunciadas, interrompidas da alegria, denunciáraõ ao povo como tinhaõ principe. Tal foi o alvoroço e rumor

de contentamento subitamente nacido em toda aquella multidão, antes emmudecida pela prompta attençaõ, que rompendo com lagrimas d'alegria o silencio forçado, não cessavaõ dar louvores ao Senhor por tão grande mercê. Desfeita d'improviso aquella companhia, antes unida em hum só cuidado, discorria cada hum pelas ruas da cidade a dar novas aos absentes, e mandar cartas, e correos por todo o reino, com que alevantassem os animos caídos do povo com o contentamento do novo principe e herdeiro do reino de Portugal. A este tempo tornando a procissão pera a Sé cantando as laudainhas, na rua dos escudeiros se publicou ser o principe nacido, onde logo mudando o tom e letra alevantáraõ *te deum laudamus* com muita alegria e com corações soltos da incerteza do successo em que todos hiaõ suspensos. Os principes e mais senhores que na corte a este tempo estavaõ, perdida a gravidade de suas pessoas, como homens livres de profunda tristeza e com esperança de saude, correndo sem procissão alguma se fôraõ ao paço saber a certeza da nova, e com notorio alvoroço fôraõ beijar a mão a elRei e á Rainha, os quaes consolados em grande maneira em Deos lhe restituir benigna e liberalmente em hum só neto a perda de muitos filhos, não podiam encobrir o contentamento que disso sentiam, com suave temperança da fresca dor do principe dom João, poucos dias antes morto. Chega-

do o oitavo dia do nascimento do principe foi baptisado, e lhe pozêraõ nome dom Sebastiaõ, e foi o primeiro deste nome, por nacer no dia de sãõ Sebastiaõ, a que o povo portugues era mui obrigado por devoção, por Deos haver levantado a cruel e frequente peste destes reinos com a vinda do seu braço.

*Da criação d'el Rei D. Sebastiaõ, e dos mestres que o ensinaram. Capitulo III.*

A Rainha dona Caterina e o Cardcal dom Henrique irmão delrei dom Joaõ, sobre os quaes ficava estribando o peso do governo e criação delrei menino e orfaõ, ao qual elles com igual zelo e amor procuravão todo o bem de seus reinos, principalmente as virtudes pera merecimento da alma, e bons costumes pera ornamento e honra da pessoa e real dignidade, ambos com conselho dos principaes senhores de costumes limpos, com intentos sãos sem estimulos e apaixonadas afeições, ordenáraõ quatro semilheres a elrei: s. D. Pedro de Menezes dom Fernaõ d'Alvares de Noronha, dom Duarte d'Almeida, Felix Moniz, e aio dom Aleixo de Menezes, por serem velhos e sufficientes pera o instruir em toda a boa criação politica e tratamento de seus vassallos, e a cortesia que havia de usar com os reis e principes de estrangeiros reinos. E porque o mestre dos costumes da alma conrespondesse



aos da doutrina da pessoa, ordenárao no mesmo tempo dar-lhe mestre que o ensinasse a ler e a escrever e latim com outros bons costumes, e o confessar ao padre Luiz Gonçalves da Camara religioso da Companhia de Jesu, o qual neste tempo estava em Roma, e foi chamado por ser nobre e virtuoso, docto das historias e antiguidades humanas, e mui lido nos annaes dos antigos reis, de que podia tirar exemplos de muita doutrina, pera ensinar e afeiçãoar a elrei a emprezas de animo real e apartado das tiranias e outros males, que muitos principes executaram, com perda das almas e dos estados, e infamia da real dignidade e pessoa. Tinha o mestre delrei por companheiro Amador Rebelo, e Mauricio (ambos da mesma religião) e este foi assinado mestre dos moços fidalgos, o qual algumas vezes por indisposições do mestre Luiz Gonçalves da Camara, dava lições a elrei; mas como elrei dom Joam foi amador da paz, commutando o estrepito da guerra em o repouso do culto divino, e as milicias começárão a afrouxar e ser pouco favorecidas, e elle ter largado aos Mouros as fortalezas que os reis seus antepassados tinhaõ em Africa, as quaes erão Çafim, Azamor, Alcacere-Ceguer e Arzila, e perdido á força das armas o Cabo de Gué, o que os povos e nobreza estranhavaõ e murmuravaõ, determináraõ o mestre e Mauricio ensinarem elrei dom Sebastian em outro extremo, fazendo-o bellicoso.



e inclinado a guerra. Sendo elrei menino, não somente com palavras o exercitavaõ e davaõ exemplos de reis bellicosos que ouve- raõ insignes victorias e conquistarão grandes reinos, mas nas materias de escrever livros, onde lhe davaõ liçaõ, o persuadiaõ ao exercicio militar e altas empresas de guerra. O minino, de sua natural condição esforçado e magnanimo de coração e espiritos altivos, de tal maneira bebia estas doutrinas, que logo começou a dar mostras de animo invencivel e sem temor em todos e quaesquer perigos; mas como a conquista deste reino, a qual com direito d'armas e zello da religiam se pode emprender, assi pera allargar os limites delle, como pera ampliar a fé catholica, seja Africa, vizinha e inimiga, assi por odio antiguo, como disparidade do culto, a principal guerra que os mestres mostravaõ a elrei com o dedo era esta; contra a qual provincia o moço de sobeja ousadia, desejoso de immortal gloria com esforçados feitos, tinha já concebido capital odio, e cada hora desejava ver o dia de a cometer com armas e executar nella a ferocidade de animo criado com assas zello de exaltaçam da fé catholica e aumento de seus reinos. Tão orgulhoso se mostrava elrei no que a doutrina dos mestres e sua inclinação o convidavaõ, que todo seu exercicio e gosto era fallar na arte militar, dando-se a todo o genero de cavalaria, em se pôr bem a cavalo, correr touros, montear porcos, correr canas,

fazer justas e torneos, em os quaes exercicios era mui destro e manhoso, e nenhum dos fidalgos e senhores de sua corte lhe era igual em destreza, forças e esforço e bom ar, os quaes todos sem nenhuma lisonja o conheciaõ por avantejado. Com este orgulho de animo em que elrei meditava, e ufanía em que se exercitava nas forças e destresas corporaes, ajuntou tambem o gosto de todo o genero de cassa e montaria, no qual se occupava e gastava a mor parte do tempo nas suas coutadas de Almeirim e Salvaterra em inverno, e Cintra no veraõ, nas quaes hera taõ curioso e fragueiro, que commummente se lhe reputava por vicio taõ continua occupaçaõ, e assim pela falta que fazia aos negocios publicos, como os evidentes perigos a que punha sua pessoa, e em traser os fidalgos e officiaes do serviço de sua casa mui cansados e inquietos sem nenhum repouso, e inda em tempos mui asperos e intractaveis de chuvas, frios e calmas; nos quaes exercicios elrei se mostrava mui soffredor de muitos trabalhos, e desprezador das delicias de homens mimosos, e não havia genero de aspereza que elle não tentasse, nem injurias de tempos que não esperasse com rosto alegre, ou quasi insensivel aos máos tractamentos, mostrando-se vencedor delles, e não somente fazia os taes exercicios nos asperos lugares da terra, mas muito mais pretendia assinalar-se nas difficuldades do mar, em as soffrer como pas-

satempo, e vencer com animo ousado todos  
 os perigos que os mareantes bem versados  
 nelles tinhaõ por temeridade esperar: ao  
 qual muitas vezes acontecco ir em galés  
 pelo mar em tempo de tempestades mui fu-  
 riosas, que entrando as ondas nas estancias  
 onde os fidalgos jaziaõ enjoados, e os ma-  
 reantes acovardados dos perigos representa-  
 dos, entaõ elrei, acodindo aos lugares das  
 galés mais arriscados, com riso e zombaria  
 dos em que enxergava medo, mostrava não  
 temer perigo algum dos presentes, com cu-  
 jas forças de corpo e grandeza de animo pa-  
 recia ameaçar todos os imigos, e convidar  
 todos os esforçados a se espertarem a gran-  
 des empresas. Na verdade não só era temi-  
 do dos seus vassallos, mas de todos onde  
 chegava a noticia de seu nome e grandeza  
 de animo; porque pelas partes que elle ti-  
 nha, e os exercicios que usava parecia todas  
 as forças se lhe renderem, sem esperança da  
 resistencia, e de tal maneira era sua con-  
 dição que huns o julgavaõ por difficuloso  
 nas ferocidades que mostrava, e outros por  
 bemaventurado nos feitos que promettia :  
 com esta diversidade de opiniões todos con-  
 cordavaõ em o temerem e reverenciarem com  
 hum acatamento digno de hum grande mo-  
 narcha.

*reportar e glorificar a sua*



*Como depois da morte delRei D. João, a Rainha governou os reinos de Portugal, a qual depois deixou o governo ao cardeal. Capitulo IV.*

Ao tempo da morte delrei dom Joam, que foi ao mez de Junho de mil e quinhentos e cincoenta e sete, vendo quaõ orfaõs ficavaõ os reinos de Portugal com um só herdeiro minino, o principe dom Sebastian, deixou declarado em seu testamento, e á rainha sua mulher rógado, tomasse em seu cargo a criaçam de seu neto (o qual foi alevantado por rei de Portugal aos de-saseis de Junho da mesma era, depois de feitas as ceremonias funeraes de seu avô, com os escudos quebrados e bandeira arras-tada) e o governo do reino, por a experien-cia sabida de sua prudencia e amor com que tratava os Portuguezes e virtude em louvar o divino e pacificar o humano. A Rainha, acccitado o governo, mais pela necessidade do povo que por interesse ou gosto ( antre tantas magoas como tinha sentido nas mortes dos filhos, que pouco tempo havia que lhe estalláraõ diante dos seus olhos no principio de sua felicidade ) convocados assim todos os senhores do reino, de cujo conse-lho se podesse ajudar, começou com muita suavidade a tratar os negocios sem faltar ponto, assi na administração da justiça, como nos apparatos de Africa e Indias



Orientaes, o que fazia com tanta prudencia e esforço de animo, que fez ventagem a muitos principes desejosos de alcançar famosos nomes, e não se mostrando avára nas mercês dos vassallos, nunca se descuidou de galardoar os serviços e merecimentos dinos de premio. Mas como a Rainha estivesse cansada dos negocios publicos e enfastiada dos tumultos da corte, e por sua larga idade desejasse o repouso da alma, e dar a Deos com quietação os derradeiros tempos empregados em seu serviço, tratando com os povos seu intento, dando-lhe em descarga sua idade e a quietação que pretendia, se desobrigou do governo dos reinos voluntariamente: mas porque elrei D. Sebastião seu neto era de mui pouca idade pera tomar o cetro, pediu ella ao cardeal infante D. Henrique, irmão delrei D. João seu marido (por obrigação que tinha ajudar os reinos assi por amor delrei D. Sebastião seu sobrinho, como não haver outro principe de mais auctoridade e experiencia) quizesse acceptar o reino. O cardeal, como fosse grande zelador do bem commum e de todo o genero de virtude, não engeitou os rogos da Rainha, nem despresou a necessidade do povo, com zello de cumprir com a obrigação delrei seu sobrinho menino, a quem desejava servir, e muito mais com a de Deos, a quem nisso entendia agradar. Taõ resolutu era o cardeal em todos os negocios publicos, e taõ contino nos despachos, com

hum animo soffredor de todos os trabalhos, que não perdendo ponto de acudir a todas as cousas notorias do reino, taõbem governava o Arcebispado d'Evora, onde era prelado, e attendia com muita deligencia á justiça e graças da legacia, que a elle como Nuncio era encarregada, e não menos ao essencial da quietação destes reinos como inquisidor mór, ajuntando a isso os negocios da abbadia de Alcobaça, que tambem tinha, e com estes cargos occupado todo em conservar a paz da republica temporal com administração da inteira justiça, alimpar a espiritual das zizanias, judaismo, heresias e máos costumes com grande zelo da fé catholica, a cousa em que mais se empregava com acceso fervor era no provimento dos religiosos e pregadores que enviava ás Indias Orientais, semear a doutrina evangelica entre as barbaras naçoens dos gentios, onde o nome de Cristo fosse conhecido. Nestes exercicios era o Cardeal tam contino e zeloso, que nenhum outro cuidado nem recreação buscava senão no serviço de Deos, e entender em seu governo: mas porque em tudo pudesse acertar (alem d'elle ser hum retrato de todas as virtudes) consultava com Deos os arduos negocios, e para com mais ajudas o poder obrigar, nenhuns homens chegava a si, senão os de que tinha muita confiança e provada experiencia de virtude: entre os quais tinha muita auctoridade diante d'elle o padre frei Luiz de Granada da ordem dos pregadores, a quem

era afeiçãoado por sua muita virtude acompanhada de rara prudencia e muitas letras. Sobre todos era o Cardeal afeiçãoado aos padres da companhia de Jesu, que neste tempo floreciam em todo o genero de virtudes, religiam e aceso zelo da salvaçaõ das almas, com exemplo assas digno de louvores; mas posto que geralmente a todos os padres desta religiam tivesse grande respeito, e alcançassem com elle grande graça e auctoridade, e em tudo se inclinar a seus conselhos e rogos, a quem com mais particular devaçam se comunicava era a Leão Anriques, o qual era fidalgo de geraçaõ, pequeno de corpo, mas muito grande nas letras e virtude adornada com huma pureza de espirito no qual Deos quiz mondar toda a zizania das más inclinações, que a natureza corrupta costuma brotar nos corações humanos. Acabados seis annos que o Cardeal governou com muita inteireza da justiça e zelo do culto divino, com assas murmuraçaõ de escandalosos, de ante quem as virtudes são havidas por imigas, sendo já elRei dom Sebastiam de idade de quatorze annos, e cujo entendimento estava amadurado com prudencia pera reger seus reinos e com exercicios de virtude pera se não temer delle cousas indignas de um rei de considerado conselho, lhe entregou o governo e ceptro publicamente, sendo a estes actos chamados todos os senhores e prelados, na qual entrega o Cardeal, em escrito e por palavra, se descargou de to-



das as cousas do governo, e dos serviços que fizera a elrei e a Deos: não que esperasse interesses ou louvores humanos, mas pera com isso edificar o povo com a boa administração, e dar exemplo a elrei (ainda que moço e sem experiencia) a o imitar na guarda da justiça e zelo da religião e emparo da paz da republica.

*Dos ministros mais chegados que elrei  
dom Sebastiam teve no tempo que  
governou seus reinos. Capitulo V.*

Da persuasão que elrei tinha concebido da guerra d'Africa andava enlevado neste pensamento, e a nenhuma outra coisa attendia com maior calor que ao modo de a poder effectuar, e em quanto esperava oportunidade e forças de a começar, parecia-lhe ser ensaio quasi verdadeiro occupar-se no exercício da cassa e cavalaria, como atraz fica dito; mas porque elrei se divertia muito com as inquietações de cassas, e algumas vezes discorria diversas partes do reino, e se descuidava muito dos negócios publicos depois de acceptar o ceptro; pareceo ao Cardeal não o desemparrar, mas antes lhe servir de hum freio que o fizesse parar nas obrigações de seu estado com conselho, e elrei como fôra criado na vontade, e nunca teve jugo de pai, nem de rei (pois o foi antes de ter uso de razão) não acodia muito aos avisos do

Cardeal nem da rainha sua avó, principalmente no que tocava a o tirarem da cassa e o inclinarem a se ocupar no governo da republica. O Cardeal como era muito devoto dos padres da companhia, a quem elrei tinha muito respeito, por seu mestre Luiz Gonçalves e Mauricio seu confessor serem da mesma religiam, tractou com elles e outros padres de muita auctoridade, como acudissem á necessidade do governo e provessem á falta delrei aos despachos, os quaes ordenarão metter nos negocios da fazenda a dom Martinho Pereira fidalgo muito virtuoso, o qual por conservar a limpeza da castidade nunca casou; ajuntando a esta excellente virtude todas as mais com hum ornamento de acesa devaçam das cousas divinas, ao qual elrei deo comprido poder pera dispor em tudo como lhe parecesse, pela confiança de sua consciencia e honra, e a Martim Gonçalves da Camara doctor em theologia e sacerdote de familia e casa nobre, irmão de Luiz Gonçalves mestre delrei, encarregaram de todas as cousas tocantes ao escrivam da puridade e presidente da meza da consciencia dos desembargadores do paço, com suprema juridição na administraçam da justiça. De tal maneira creceo a authoridade de Martim Gonçalves ante elrei, e o povo, pelo muito zelo da justiça que mostrava e deligencia com que respondia aos despachos das partes, que veo quasi em tudo a descarregar os cuidados nelle e ficar mais livre em

seus honestos passatempos. Martim Gonçalves como entendia o amor delrei e suas inclinações, acostando-se ao mestre seu irmão e a Mauricio seu confessor, com animo mui são e zeloso do serviço delrei e de Deos acodia a todos os negócios com muita igualdade, e sem se enxergar nelle acceptação de pessoas nem favor de parentes, senão daquellas pessoas que tinham partes pera lhes encarregar officios, e merecimentos pera lhes fazer mercês. Com esta confiança que elrei delle tinha se dava por melhor servido, e o seu reino por melhor ordenado que se elle administrasse por sua pessoa: mas com todos os descuidos, ou pera melhor dizer, confianças delrei em Martim Gonçalves ácerca do governo do reino, e occupações de seus continos exercicios corporaes, nunca perdeu o pensamento da guerra d'Africa, a qual trasia *maginada*; antes cada dia a praticava e gostava daquelles que mais lha louvavam e davão esperanças de a poder efectuar. Alguns homens zelosos do bem commum, vendo quão ocasionado a desastres era o intento delrei nesta jornada pelo perigo de sua pessoa e descredito da dinidade real e por as poucas forças de dinheiro e menos destresa da gente militar, receavão muito os maos successos, e secretamente divertião seu intento, por não ousarem contradizer-lhe claramente huma opiniam tam arreigada na fantasia. Outros menos considerados no devido, e pouco zelosos do bem da republica,



por se faserem gratos a elrei por meio de seus intentos e lijonjérias perjudiciaes, lhe promettiam grandes victorias e fazião grandes gabos de suas empresas, cujas palavras por serem conformes á sua opinião e se imprimirem nelle, como moço e desejoso de gloria, cada vez se encendia mais em seus começados dezejos, e descobrindo mais seu peito começou mandar ensaiar seus vassallos na arte militar, fazendo resenhas ensinadas per alguns soldados praticos, provendo de armas em todas as partes do reino como principio do apparatus de guerra, persuadindo-se ser obrigação de seu estado augmentar e dilatar os limites de seu imperio, principalmente na provincia de Africa, que lhe era devida per direito de armas, da qual conquista presumia receber muito proveito a seus vassallos, pelos commercios que poderiam ter e provimento de mantimentos de que o reino carece, e gloria a Deos na promulgação do sagrado evangelho, o qual naquella barbara gente e infiel se podia fazer, com outras rezoens que não faltavaõ, e que a seu desejo eraõ sobejamente bastantes de o fervorar em seu começado proposito, pera cujo effeito se procurava por todas as vias limitar os gastos, poupar dinheiro, exercitar as gentes, ajuntar armas, e chamar homens de diversas partes exercitados e ensinados na arte da milicia, e geralmente se praticava e pedia conselho no modo e processo da guerra, e se tomavaõ informações publicas e secretas dos

homens praticos das terras de Africa, trazendo a elrei descripções das cidades, montes, rios, e fontes, por onde podiaõ marchar os exercitos, não advertindo elrei nem os favorecedores de sua opiniam as poucas forças do reino em guerra tam grande, nem as difficuldades de subjeitar huma provincia tam espaçosa, esteril de muitas cousas necessarias, e fertil de muita gente poderosa em resistir ás forças portuguezas e defender sua propria patria, com pouco perigo das pessoas e menos despesa de guerra: quanto mais, inda que fôra vencida com armas dos Portuguezes ou vontade dos Africanos, em nenhuma maneira se poderia conservar em mêo de gente de pouca fé e lealdade, estando tam alongada do soccorro, assim de munições e mantimentos, como as forças portuguezas não terem mais vigor e espaço que té ás praias, as quaes as agoas do mar oceano banhaõ, que são os limites da potencia de seu largo imperio. Com estes propósitos dissimulavaõ seu mestre Luiz Gonçalves e Martim Gonçalves, parecendo-lhes que o tempo lhe apagaria aquelle fervor, ou ao menos mandaria fazer aquella guerra por seus capitães.

*Dos disfavores que elRei fazia á Rainha,  
e ás mais pessoas que estranhavão seus  
desejos da guerra. Capitulo VI.*

A tanto chegou o calor que elrei D. Sebastião trazia em seu peito de levar adian-

te o proposito da guerra africana, que em certa maneira aborrecia as pessoas que lhe não aprovavaõ seus desenhos e altos pensamentos da gloria juvenil. A rainha sua avó, como lhe desejava todos os bens, e por experiencia entendia quanto elle andava traz seu dano, e caminhava pera hum fim mortal, já no principio cheo de occasiões de perigos e males, nunca lhe louvou seus conselhos, antes os julgava por errados e mal considerados, e pouco zelosos do bem delrei os que nisto o mettiaõ com enganosas doçuras: a qual, quando via que com palavras cheas de amor não podia persuadir a-elrei o que tanto lhe relevava, ao menos com lagrimas e orações pedia a Deos remedio dos males ameaçadores de severo castigo em empreza tão duvidosa, a qual muitas vezes se tinha praticado em muitos concelhos sem lhe acharem entrada, inda em tempo que o reino estava prospêro de riquezas e florescia com victorias e abundancia de capitães velhos e experimentados, e a gente africana tinha menos uso d'armas. Elrei, ou fosse por algumas pessoas o perverterem, ou de sua propria vontade ( que he mais de crêr ) vêo a enfastiar-se muito da rainha, e ter por imigos seus conselhos e lagrimas, pagando-lhe os merecimentos de entranhavel amor com premio de aborrecimento e sinaes de escandalo, e notoriamente andava a desviar-se della, quasi fugindo de estar em Lisboa, onde ella tinha o seu



assento nos paços d'Enxobregas : e se algumas vezes vinha á cidade , pousava nos de Santos o velho na outra parte da cidade , afugentando-se da sua conversação quasi divina , ornada de sanctidade e prudencia , com pregação de supremo louvor entre todos os principes. Além disto andava mui inquieto , e todo seu passatempo era estar em Almeirim e Cintra por razão da cassa das coutadas , e andar por outras partes do reino mui distrahido , sem fazer morada vagarosa em algum lugar. A rainha sentia muito absentar-se elrei tanto della , com hum ingrato desconhecimento de seu amor e negação de sua vista , na qual ella se recreava como em hum retrato representador de todos seus filhos , com que esquecia as saudades delles todos mortos , e trocava a magoa com hum suave gosto da presença deste só neto , e parecendo-lhe nacer isto de Martim Gonçalves e do mestre , mostrando-se escandalisada delles , sem poder remediar nos principios os infelices fins pronosticados da gente de prudencia experimentada , determinou hir-se pera Castella , pera ao menos não ser testemunha das lamentaveis profecias que se havião de cumprir com tanta dor sua , e lá morar e morrer , e mais em tempos quando os mancebos e lijonjeiros tinhaõ voto e primeiro lugar ante hum rei moço , já começado a precipitar com conselhos mal afortunados. O povo portuguez e toda a nobresa , entendida muito bem a razão dos

queixumes da rainha, e o emparo das cousas divinas e humanas com sua presença, tomavaõ muito mal ser ella escandalisada delrei seu neto, e sentiaõ muito sua ausencia do reino; assim todos os prelados, senhores, cidades, e outras pessoas religiosas lhe pediraõ e rogáraõ com muita instancia e lagrimas quizesse desistir de sua determinação, taõ pouco merecida por amor que todo o povo lhe tinha, e de hum castigo taõ publico do bem commum, e da vingança de si mesma, em deixar hum só neto desmerecedor de sua vista e conselhos, em maõ de seu proprio erro, accrecentado com persuasões de máos zelos; antes entendesse sua alteza ser essa a maior desconsoação que podia dar a Portugal, entregue em mãos de hum rei moço e taõ distraido em pensamentos danosos a seu estado e republica, cujo arrependimento se esperava cedo, e certo, com o qual ella entaõ veria as satisfações delrei com amor, e lhe ajudaria a celebrar huns vergonhosos sentimentos com emenda, pera grandes gostos seus e proveito de toda a republica, e com sua presença, quando não em todo, ao menos em parte, elrei teria algum freio em sua condicão, e com sua ausencia os homens que traziaõ tomada posse de sua liberdade, e o meneavaõ com conselhos desusados em entendimentos maduros, e aparentes a huma idade teira de hum moço exalçado em grandesa de animo, e favoreciaõ suas vontades mal medidas pela re-

zam, ficariam entam com maior dominio pera hirem avante no que ella tanto estranhava e chorava, e á sua prudencia e christandade convinha em tempos taõ turbulentos ter maõ em tudo o que sentia necessario, posto que fosse com muita magoa sua; pois como avó e mãe delrei, e já não havia outra reliquia de todos seus filhos senaõ este, tinha obrigação de tomar á sua conta todos os desgostos por o não deixar hir por caminhos em cujos cabos poderia parar mal; quanto mais que como christã, e que com tanto exemplo de virtude tinha chea a christandade, escandalisaria o mundo se em sua velhice se dêsse por aggravada das cousas de hum rei moço seu neto, cujos erros ella devia com toda a deligencia e trabalho procurar de emendar, e quando não pudesse traze-lo aos bens que lhe desejava, ao menos lhe atalhasse os males que lhe temia. Com todas estas rezoens e outras propostas á rainha, e as lagrimas que abriam as portas dos intimos secretos do verdadeiro amor, que ellas significavaõ, as quaes a persuadiam mais que palavras, quanto devia conceder com seus rogos tam justos e amorosos, não avia abalarem-na de seu constante proposito, antes com toda a diligencia mandava aplicar as cousas necessárias ao caminho até não faltar cousa alguma. Vendo elrei a constancia da rainha sua avó, e cahindo na conta de elle ser a causa desta desconsoação de todo o povo, em querer aggravar huma

*cahir? me com tal etc..*



rainha de tantos merecimentos, e zelosa dos seus bens, e dos seus reinos, e elle com pouca consideraçam trazia toda a republica atormentada com as inquietações de sua pessoa, e os desenhos de seus intentos, ouve conselho de amimar a rainha, e desuadilla de sua ida, fazendo-lhe com isso algumas caricias, com as quaes a santa velha, avendo que ganhava mais em achar-se enganada em sua velhice com branduras, que desconfiar do amor da mocidade de seu neto, com hum peito cheo de respeitos reaes, e os olhos de lagrimas, se abrandou de maneira como quem não pertendia mais que todos os bens a um neto que criára pera alivio das mortes de tantos filhos, e gosto com cuja vista passasse a vida sem lembranças de magoas. Taõ isento de condigaõ era elrei, que tambem o cardeal teve algumas vezes semelhantes aggravos, os quaes como velho é sisudo bem dissimulava. Tambem o senhor D. Duarte, filho do infante D. Duarte, era muito desfavorecido delrei; o qual, por ser muito manso de condigaõ, e cheio de religiosas virtudes, mostrou-se sempre mui sofrido a tudo, ainda que o sentia tanto, que se crê dos desgostos dos disfavores delrei se lhe haver gerado a enfermidade de que morreo em Evora, onde depois da primeira vinda de Africa se recolhera. O senhor D. Antonio filho natural do infante D. Luiz, posto que tivesse menos aggravos d'elrei, alguns formou do cardeal seu tio, com mui-

tos queixumes mais apaixonados que justos, por tomar mal os avisos e reprehensões de alguns vícios companheiros de mancebos, mas contrarios a principes, com desejo de reformação de bons costumes, e taes quaes elle ensinava, pera ornamento e exemplo de prelado do arcebispado de Evora, e do cardealado por sua morte, pera o que o tinha já ordenado de ordens sacras. O senhor D. Antonio, aconselhado de alguns mancebos a que as virtudes não eraõ saborosas, nem os conselhos justos estimados, o inquietaraõ e descordaraõ de maneira com o cardeal seu tio, que o fizeraõ romper em queixumes publicos e hir-se de sua conversação e casa, onde o criava como filho, a Castella á corte delrei D. Philippe, o qual achando em sua magestade as honras e gasalhados que de taõ alto principe e taõ chegado em parentesco se esperavaõ, esteve alguns dias na corte, até que ou por mandado delrei D. Sebastiaõ, ou por assi lhe parecer bem, se foi a Tangere, lugar fronteiro de Africa, onde esteve muitos dias, em os quaes Cide Murça, homem de muita auctoridade e reputação entre os Mouros, por temor do Xarife Mulei Hamet se veio a Tangere fugido com mulheres e filhos, pôr-se debaixo de seu emparo, o qual dahi mandou a Portugal. O senhor D. Antonio, como andava já de todo desavindo com o cardeal seu tio, querendo-se deserdar dos benefírios que esperava, e fazer-se desmerecedor de seu amor,

ou Deos assim o permittir, impetrou do summo pontifice o dispensasse das ordens sacras e de suas obrigações, e pudesse andar em habito secular, como de feito alcançou, o qual tanto que veio ao reino foi bem recebido delrei; e por ter muitas dividas e ver que elrei não cessava do intento de passar á Africa, e de força se avia de aviar, perá o acompanhar, foi-se assentar em Almada, onde poupava algumas das muitas despesas que costumava fazer.

*Como tratáráo de casar a elrei. Capitulo VII.*

Naõ dispoem os fados os successos humanos subalternados ao livre alvedrio, como alguns gentios cuidavaõ, mas á divina providencia, por que são governadas todas as cousas inferiores, principalmente os corações dos reis, com os quaes Deos tem particular contá, pela dependencia que todo o povo tem de seu governo; por tanto a esta causa e vontade divina se deve reduzir não terem effeito os casamentos nomeados a elrei dom Sebastiam, pois elle tinha na sua eternamente dado outra traça alevantada e escondida ao humano engenho. Depois que morreo a rainha dona Maria, a francesa, filha delrei dom Henrique de França, o qual morreo em humas justas, e mulher delrei dom Philippe de Castella, mandou elrei de França, seu irmão, embaixador ao mesmo rei de Castella, pedindo-lhe que por se tornar



a soldar o parentesco e amizade, interrompido na morte da rainha dona Maria sua irmã, quizesse ajuntar-se em matrimonio com outra sua irmã Margarida. Elrei dom Philippe, como muito catholico e virtuoso pareceo-lhe não convir á sua grande honestidade e exemplo casar com a irmã de sua mulher de que tinha filhos, posto que a Sé apostolica os pudesse dispensar, e as republicas de Castella e França interessassem paz e amizade com outros bens temporaes, não veo nisto. Elrei de França desejoso de casar a irmã, posta debaixo de seu emparo como pai, quando vio que se não podia effectuar o casamento em Castella, tentou tratalo com elrei dom Sebastiam de Portugal. Martim Gonçalves da Camara e o mestre seu irmão Luiz Gonçalves da Camara, a cujos conselhos e disposiçaõ elrei estava entregue, pareceo-lhes convir muito ao reino de Portugal ter liança de parentesco com França, pera ser mais provido dos mantimentos de que muito carece, principalmente de pão. Com estas e outras considerações estava o negocio de acordo de se acceptar e dado esperanças de se concluir. Elrei dom Philippe de Castella, por ser tio delrei dom Sebastiam, e que zelava todo o seu bem e honra, lhe mandou pedir e á rainha e cardeal houvessem por bem que elle não acceptasse o casamento de França, nem desse palavra resolutoria sem elle o saber e intervir nisso. Elrei de Portugal e as pes-

soas acima nomeadas, que entrevinhão nestes negocios, vendo o zelo delrei de Castella ser muito justo, e dezejando comprazelo em tudo, lhe respondêram que assim o fariaõ e elles mettiaõ o negocio do casamento delrei na sua maõ, e acceptaria por mulher a que a elle lhe parecesse bem. Elrei de Castella como tambem era tio das filhas do emperador Maximiliano, lançando contas mais proveitosas á christandade e ás republicas temporais, assentou que elrei de França cazasse com dona Anna filha mais velha do emperador, e elrei de Portugal com a filha segunda. Dada esta conta a elrei de Portugal e á rainha sua avó e ao cardeal seu tio, pareceo-lhes bem, e assim ao mestre delrei e a Martim Gonçalves. Depois desta resolução elrei D. Philippe de Castella, mudando o parecer juntamente com a mudança dos tempos, tomou outro accordo differente do assentado, o qual foi que o mesmo rei de Castella casasse com dona Anna sua sobrinha, filha mais velha do emperador, e elrei de França com a segunda, como de feito ambos casaraõ, e elrei de Portugal com a irmã delrei de França, com que antes estava concertado, e elrei de Castella havia pedido se não effectuasse; e mandado o recado a elrei de Portugal da mudança e assento, e como elle havia de casar com a irmã delrei de França, algum tanto secretamente se aggravou elrei de Portugal, por agora novamente lhe querer fa-

zer acceptar a mulher que antes lhe impedira : por esta causa, por conselho de Martim Gonçalves e do mestre, não respondeo elrei ao recado de Castella ao primeiro corréo, nem ao segundo, nem terceiro, até o quarto, nos quaes se mandava pedir procuração pera se fazer o contrato em dia já pera isso aprasado, a qual não sómente não mandaram, mas resposta chêa de queixumes em querer tanto abusar de sua liberdade sometida a conselhos pouco proveitosos e menos honrosos, variados por voltas que viessem a fazer assento onde tinham começado; do qual elrei de Castella se mostrou tão aggravado em lhe quebrarem a palavra, que esteve em termos de quebrar com elrei de Portugal; mas como elrei de Castella entendia todas estas alterações nacerem de Martim Gonçalves, o qual tinha suprema valia com elrei, mostrando-se mui sentido de huma tão altiva insolencia o com pouco acatamento de sua dinidade real, mandou pelo seu embaixador dom João da Silva (que na corte delrei de Portugal andava) pedir a elrei dom Sebastião Martim Gonçalves da Camara não entendesse em seus negocios, porque lhe era suspeito. De maneira que pelo acima dito não houve effeito o casamento delrei de Portugal.



*Como elrei mandou o senhor dom Antonio  
a Tangere. Capitulo VIII.*

Parecendo a elrei dom Sebastiam ter já commodidade de commeter a conquista de Africa, em que trazia postos os intentos, e a memoria cada dia refrescada com suas lembranças e desejos, começou dar ordem a principios como se fizesse: o qual mandando chamar dom Diogo de Sousa, fidalgo velho e prudente, que morava em Evora, o fez governador do reino do Algarve, onde o mandou residir com certo regimento, mas o principal era pera dalli dar ordem á embarcaçam da gente que o havia de seguir, conforme a sua determinaçam. Dom Diogo, posto que como velho e experimentado não approvasse os desenhos delrei, por serem mais fundados em esforço que rezaõ, estribados sómente nos esforços de mancebo ajudados de maos conselhos, não ousou dizer-lhe seu parecer, mas com temor e obediencia foi fazer o que lhe elle mandava. Elrei querendo solidar mais o intento, no qual já declarava de passar á Africa contra parecer do seu concelho, mandou o senhor dom Antonio prior do Crato (o qual já então andava em habito secular) se fosse diante per Tangere; mas como elle não havia sido doctrinado na arte militar, nem tinha experiencia dos meneios de guerra, por haver gastado a mocidade nas letras humanas e

sagrada theologia, deo-lhe por conselheiros dom Duarte de Menezes, e dom Joam de Menezes, e dom Alvaro Coutinho, e dom Fernam de Mascarenhas e dom Gastaõ Coutinho, todos fidalgos muito nobres e praticos na milicia, principalmente na de Africa, onde alguns d'elles haviaõ sido capitães, e outros fronteiros; além dos quaes levou muitos fidalgos, assi criados seus, como outros mancebos desejosos de ganhar honra de hir servir a elrei nesta jornada, e mais hindo em companhia do senhor dom Antonio, principe benino e liberal em mercês e cortesias, com que obrigava a vontade de muitos, e levava traz si os olhos e amor de todos, com o qual tambem obrigava as vontades. Com elle tambem foraõ muitos homens honrados e alguns cavalleiros de Africa, que andavaõ na corte em requerimentos, aos quaes elrei mandou dar cavallo, que com os de Tangere se fizeraõ oitocentas lanças. Partido o senhor dom Antonio de Lisboa em agosto de sessenta e quatro, com huma armada de galés e galeões, chegou a Tangere, onde foi recebido de todos os fronteiros e soldados com incrivel contentamento pelo conhecimento de suas grandes e affabilidade, assi do reino como do tempo que lá estivera, como atraz fica dito. Posta a gente em ordem segundo regimento que levava delrei, algumas vezes lhe corrêraõ os mouros até ás tranqueiras como communmente costumavaõ; aos quaes rebates o se-

nhor dom Antonio sahia com a gente de pé e cavallo, mostrando estremado esforço no commetter, e singular prudencia no mandar: mas como dom Duarte de Menezes tinha pretensão na capitania de Tangere, por haver sido de seu pai e avós, e lá não haver de presente capitão, em todas as saídas dos rebates o senhor dom Antonio, usando de sua beninidade e confiança de principe, com palavras de muita cortesia e brandura, lhe dizia que mandasse a gente e a ordenasse, que elle não era alli senão seu soldado. Desta maneira estava o senhor dom Antonio em Tangere sem passar seu regimento, esperando cada dia que elrei chegasse com o resto do exercito e mais frota. O Xarife Mulei Hamet, tendo já noticia dos intentos delrei passar á Africa, quando soube que o senhor dom Antonio estava em Tangere, entendeu claramente ser elle o denunciador da guerra esperada, a quem elrei avia de seguir nas costas, ao qual os mouros deram facil credito ensinados de hum espantoso medo, já de muito tempo arreçado á custa das rotas que cada dia recebiaõ dos portuguezes fronteiros, com perdas das vidas e fazendas; e quando viram este aparelho, o temêraõ muito mais: pela qual causa o Xarife começou a fazer grande gente e as mais munições, fortificando-se com maior cuidado; e tanto foi o temor dos mouros de entenderem que elrei não tardaria muitos dias, que presumindo que entra-



ria pela terra dentro (como na verdade determinava) como o senhor dom Antonio chegou a Tangere, logo os Alarves começarão a recolher seus aduares, e metter-se pela terra dentro com a gente e gados.

*Como elrei passou á Africa Capitulo IX.*

Quando Luiz Gonçalves da Camara, mestre delrei, e Martim Gonçalves seu irmão entenderam quão determinado elrei estava de passar á Africa, sem defferir aos conselhos e persuasões que lhe tinham dado, e quão pouco poder e aparato tinha pera poder sahir com empresa de louvor, antes temendo o discredito da honra em não levar ao cabo o que começava, e o perigo de sua pessoa se nisso persistisse, como homens muito validos com elle, procuravão com todas as forças dessuadi-lo da jornada; mas como elrei estava influido neste fatal parecer, e obstinado em huma vontade tão errada, nem bastarão conselhos do mestre, nem rogos de Martim Gonçalves pera o fazer desandar de sua obstinada tençam. O mestre delrei, ou porque quando era minino o tinha metido nesta maginaçam, ou nos principios o não tirou d'ella, agonisado em o ver tomar caminho sem sahida, e temer grandes desastres, andava mui descontente, chorando mil lagrimas de sentimento; o qual não sómente não se abalava a fazer mudança alguma de sua opiniam, mas com

acceso fervor desejava já por-se ao caminho, e pera que o pudesse fazer mêo escondido de todo o povo, o qual geralmente clamava e condenava hum desenho tam cheo de perigos, e tam mal acertado sem fundamento, ordenado por seu parecer sem experiencia da milicia, e com engenho inquieto e desejoso de alcançar fama per cavallarias maginadas com fervor juvenil, determinava hir-se aquelle verão a Cintra, e com isso dissimular a hida, e tirar o povo de seus temores; mas como elle tomava isto por mêo de melhor poder effectuar sua jornada sem lha estorvarem, mandou aviso a dom Fernam d'Alvares de Noronha, capitão mor das gallés, estivesse prestes no porto de Cascaes, lançando fama que queria hir ao Algarve sómente. Os fidalgos e gente prudente, entendendo como as cousas serão já inclinadas com ruínas de errados conselhos, ameaçando grande precipicio, não se asseguráram com a fama publicada, entendendo este negocio, debaixo do qual facilmente se enxergava outro mais dos desenhos errados delrei, e medindo estes movimentos do appetite de hum só mancebo sem experiencia pela rezam de muitos velhos e experimentados, vendo em como elrei não mandava fazer prestes gente, nem munigoens, nem outras machinas de guerra, confusos com o furor que lhe temiaão e o descuido dos aparatos essenciaes, estavaão preplexos em extremos tão contrarios, com que não se determinavão, entendendo os

avisados bem como nenhuma providência humana não pudesse anticipar a conselhos contingentes, e fora de ordem, andavão suspensos vigiando com mais prudencia onde os negocios caminhavão, e esperavão o fim delles quasi a caso, com temor de outro mais certo de males. Sabendo pois elrei como as galés estavão em Cascaes (duas legoas de Cintra) se foi lá, e sem mais provimento nem aparelhos se embarcou nellas, que erão tres, nas quaes hiam por capitães dom Fernam d'Alvares de Noronha general dellas, Jorge d'Albuquerque Coelho, Bernardim Ribeiro, e mandou a Simão da Veiga, que andava guardando a Costa com hum galeam e cinco caravellas, o seguisse, sem mais outra frota nem aparato. O senhor dom Duarte, o duque d'Aveiro, o conde do Vimioso, com os mais fidalgos que o acompanharam, admirados da subita determinação e conselho tão temerario e alheio de rezam, em querer alcançar fins sem os mêos, e victorias mui honrosas de grandes povos e espaçosas provincias de gente bellicosa e de antigo odio, sem armas nem forças, sem terem recado nem tempo de se proverem somente pera o caminho, se embarcaram da mesma maneira e com os vestidos de côrte, sem mais provisão. Alguns que inda cuidavam aquelle abalo ser somente ao Algarve, não se determinaram no que havião de fazer, esperando onde a determinação parava. Chegado elrei ao cabo de Sam Vicente este-



ve ahí alguns dias; e logo por correos despedio cartas pelo reino ás cidades, e villas, e senhores fidalgos e outros homens de nome, como elle passava a fazer guerra á Africa, e lhes rogava o seguissem, cada hum segundo sua possibilidade, as quaes cartas já hião feitas de Cintra, e se affirma serem oito mil, parecendo a elrei que com esta manha sahia com seu intento, fazendo os homens as despesas á sua custa propria; pois o impedimento que lhe punhão de a não começar era a falta de dinheiro, de que o reino carecia. Os fidalgos e mais gente a que as cartas foram dadas, como se desenganaram do caminho delrei, fazendo-se cada hum prestes com a mais pressa possivel por o acompanhar e achar-se presentes com elle, mais pera lhe serem companheiros no perigo que por tirarem proveito da jornada, começarão por mar e terra a segui-lo, deixando atraz os provimentos necessarios, os quaes com as presenças de suas pessoas comprissem com a obrigação de obediencia, e com hi-rem offerecidos aos perigos que a jornada promettia se mostrassem leais vassallos, e dando nisto a ordem do governo inferior mostra de quanta força tem a vontade dos principes, ainda que cega e sem rezam, pera aballar tantas gentes a empresas notoriamente conhecidas por danosas e prejudiciais, sem poderem resistir aos principios dos males que forçadamente vão buscar.

*De como o Cardeal ficou governando o reino,  
em quanto elrei esteve em Africa.*

*Capitulo X.*

Tanta era a privança de Martim Gonçalves com elrei dom Sebastiam, e autoridade que tinha alcançado no povo, que cuidou ou tratou ficar governando o reino em ausencia delrei; mas porque era devido fazer-se primeiro este ofrecimento de governo ao cardeal dom Henrique, não teve effeito o intento de Martim Gonçalves por o cardeal acceptar o cargo, condoendo-se do desemparrado povo, quasi metido em hum mortal perigo; o qual aposentado em Lisboa nas casas de dom Martinho de Castel-Branco, junto ao limoeiro, começou a entender nos negocios e despachos publicos, com todos os officiaes assim da justiça como dos mais tribunaes, dando audiencia a todas as partes com maravilhosa prudencia e inteireza de justiça, enchendo aquelle lugar com grandezas e virtudes reaes. Martim Gonçalves, segundo se entendeo, tomado do cardeal se atravessar na sua pretensão, ou por sua autoridade, parecendo-lhe ser menos estima de sua honra sujeitar-se a elle, estando costumado mandar com imperio absoluto e com liberdade quasi real, absentou-se da cidade e foi-se aposentar no mosteiro de Bemfica da ordem dos pregadores, mēa lingua de Lisboa. O cardeal, sentindo muito

o intento de Martim Gonçalves e altivos pensamentos com que medía e queria igualar a diversidade das pessoas tão distinctas nas dinidades e calidades, dissimulou com animo grave e prudente, e lá no interior concebeo tal desprazer d'elle que nunca mais o gostou, assim em quanto elrei dom Sebastião viveo, como depois que elle reinou; o que claramente se vio, que nunca o occupou em cousa alguma em quanto foi rei, nem lhe mostrou algum sinal de contentamento, nem esperanças de se servir d'elle. Neste tempo, quando elrei estava em Africa, e do principio de sua partida, vendo o cardeal e todo o povo quaõ metidas estavaõ todas as cousas publicas em humas esperanças cheas de males, postos em grande agonia e tribulaçam, foi nos pulpitos encomendado aos religiosos e mais povo se convertessem a Deos com lagrimas, e lhe pedissem remedio dos males que ameaçavaõ o reino por tam inconsiderada determinaçam delrei, e inspirasse em seu coração e lhe alumiasse o entendimento pera tornar atraz do seu caminho mal começado, com temor de ter peor fim. E logo foi ordenado pelo cardeal e dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, de dia e de noite estivesse o Santissimo Sacramento fora do Sacrario, alternadamente em todos os mosteiros e igrejas da cidade, onde os devotos concorressem a pedir-lhe favor, pera que vendo a tribulaçaõ de hum povo affligido e arriscado a graves perigos por os appe-



tites, de hum rei moço, se apiedasse delles, fazendo-lhe alem disto muitas preces e ladainhas com tanta devação, quanta era a necessidade presente em pedir do ceo remedio, que humanamente se não esperava. A rainha dona Caterina, a quem sempre pareceo mais prejudicial esta jornada, e mais temerario o conselho delrei, com o coração partido em differentes pensamentos, não tinha repouso na alma, como aquella a quem cabia maior parte destes sobresaltos e temores, pondo os olhos em Deos, lhe pedia puzesse em sua guarda e debaixo de seu emparo hum rei moço enganado na obra, mas não no zelo e vontade de o servir. Com estas e outras considerações revolvia em seu peito muitos cuidados, huns dos perigos delrei, outros da desconsolaçam do povo, e sobre tud' se humilhava diante de Deos, pedindo-lhe seus peccados não fossem verdugo do neto inocente, nem do povo que o não merecêra, rogando-lhe que não desse ousadia nem esforço aos barbaros africanos pera com abatimento da fé catholica, executarem seu furor no exercito christam, quasi perdido e descaminhado como gado sem pastor; pois tam prejudicial governo seria motivo pera os esquadroens, sem resistencia, cruzarem as mãos e estenderem os pescocos aos golpes do imigo. Nestas e outras tristes consideraçõens gastava a santa velha os dias e noites, sentindo mil sobresaltos cada hora em seu coração, que lhe tiravam o repouso e

somno, com grandes perturbaçoens do entendimento e inquietaçoens d'alma.

*De como elrei tornou a Tangere, e foi aconselhado se tornasse pera Portugal.*

*Capitulo XI.*

O zelo delrei dom Sebastiam em passar á Africa como não era fuadado em rezam que tivesse mêos nem fins proveitosos, senão em hum appetite de mancebo, profetisado com mal afortunado successo, o qual não se podia enfrear com conselhos sãos, então os senhores e fidalgos velhos de seu conselho o acompanhavaõ com maior cuidado, ao menos pera lhe poderem atalhar os males que suas desordens prometiaõ. Chegado elrei a Tangere e os principaes do reino, huns que logo se embarcaraõ com elle nas galés, outros que com grande pressa o seguiraõ, não tratavaõ de guerra, de que se esperava manifesto dano, senão em impedir por todas as vias os principios della: desta maneira em conselho todos juntos muitas vezes pediraõ a elrei que se quizesse tornar a Portugal, porque a sua hida fôra sem ordem, e não se podia tirar della fruito, antes muita quebra de sua honra e notorios danos de seus vassallos, os quaes como zelavaõ mais a honra de sua pessoa real que as proprias vidas, tinhaõ obrigaçam de o avisar como a guerra emprendida levava os principios errados, com manifestos indicios de

mal afortunados fins, e não davaõ outra maior prova de sua alteza crer o que lhe aconselhavaõ com amor, senão ver que com tanta mais vòntade todos o seguiaõ, quanto mais entendiaõ arriscarem as vidas em seu serviço. Elrei, a quem todos estes avisos pareciaõ covardias de quem os dava, zombava delles como de rezoens frivolas pera desmanchar seu acertado intento, e por se mostrar mais desprezador dos perigos tantas vezes pintados, algumas vezes sahio ao campo montar, duas legoas da cidade, com tanta segurança como se andasse nas coutadas d'Almeirim. Posto que a gente de pouco entendimentó ornasse com muitos louvores estes esforços delrei, em se fazer desprezador dos imigos, e passar com animo ousado por suas terras, sem haver quem lho impedisse, e cuidassem serem estas cousas já huns principios da posse daquellas espaçosas provincias, os velhos todavia, que com prudencia e maduro juizo viaõ aquellas temeridades tão cheas de perigos, entã choravaõ mais os infortunios de que viaõ andar cercado o mancebo enganado com vans fantesias, os quaes quanto mais sentiaõ o perigo, tanto mais instavaõ em seu requerimento, assim em secreto como em publico, té os pregadores o dizerem nos pulpitos: mas quiz Deos que a experiencia desse a elrei o desengano, a quem as resoens não persuadiaõ; por que mandando o Xarife correr-lhe a Tãgere, com muita gente de cavalo, o alcaide



Cid-Hamu-Benanza, visorrei de Mequines, esforçado e destro capitão, quando elrei viu este rebato, afervorado em desejo de pelejar, mais guiado de hum fervor juvenil que de valor de capitão experimentado, se sahio ao campo com toda a gente da cidade, parecendo-lhe que já a sua boa dita lhe trazia meter os inimigos nas mãos, e fazer offerta das vitorias que tão meditadas trazia no appetite, sem ficar lugar á resão de tomar parte dellas. Sahindo pois elrei fora no rebelim, e vendo como a cantidade dos mouros excedia no numero aos cristãos, e cometiaõ com esforço denodado diante de sua pessoa, com maiores algasarras que feridas, onde houve alguns recontros de pouco momento, mandando fazer resenha de sua gente, achou novecentos e quinze cavalos d'armas e ligeiros; o qual desenganado quaõ pouco tempo tinha já do veram (que era em outubro) pera poder fazer guerra, e quanto vagar haviaõ mister em a gente chegar de Portugal, por estar tam desaparecida, por o tempo quando lhe foi dado o aviso ser muito tarde e a jornada muito comprida, começou entaõ dar entrada ás rezoens alegadas, o que parece Deos nelle obrou pelas muitas orações feitas em Portugal, que o alumiasse em seus conselhos. Com isto vendo-se atalhado em suas pretensões, enxergando outro caminho mais seguro e certo, determinou tornar-se em Portugal: mas parecendo-lhe poder cobrir o erro já publi-

cado por todo o mundo, tornou a rescrever ás pessoas a que tinha escrito, se entretivessem e não passassem á Africa, porque seu intento não fôra mais que visitar Tangere e Ceita, e tornar-se, como de feito já estava de caminho. Com esta determinação foi elrei nas galés a Ceita, onde estava por capitam o marquez de Villa-Real, e vendo-a se tornou a Tangere pera dahi se embarcar pera Portugal, como fez.

*Como elrei dom Sebastiam se tornou de  
Africa pera Portugal. Capitulo  
XII.*

Com esta determinação delrei, mais chea de proveito que honra, se alegrarão todos os portuguezes presentes, tendo por bem empregadas as despesas já feitas, havendo que alcançavão maior victoria deste appetite cego que dos imigos, ficando preservados dos evidentes perigos e danos, com temor de mor abatimento do nome portuguez, muito antes temido entre todas as barbaras nações, pois com huma sisuda desculpa do entendimento delrei moço, e de espiritos altivos em cometer empresas arduas, com desejo de igualar sua fama e gloria com a dos mais esclarecidos capitaens, ficava este errado acometimento perdoado dos prudentes e velhos capitaens, e antes louvados, assi elrei em mostrar tanta grandesa de animo, como seus vassallos em o seguirem nos perigos e

lhós atalharem com conselhos ; porque quanto mais a juvenil idade se anticipa com animo esforçado , tanto mais merece ser louvada , e maior esperança dá d'imortal gloria ; e em não ser guiada por rezão não perde o resplendor nem os premios dos louvores ; pois o tempo nem a experiencia costumão informar os engenhos humanos senão quando estão maduros de dias , e chãos de largos discursos. Juntas pois em Tangere as galés e galeoens e outras muitas embarcaçoens, que já a este tempo erão chegadas , derão ordem pera se embarcar, com assas trabalho e confusão , por não haver embarcação pera tanta gente , fato , e cavalos. E faltando a muitos embarcação pera virem por mar , se passáráõ a Cales e a Gibraltar , e dahi se vieraõ por terrã atravessando Andaluzia. Elrei-se embarcou em hum galeam muito formoso , em cuja companhia vinha o duque d'Aveiro e outros muitos senhores , e o senhor dom Duarte vinha em outro , onde tambem o acompanhavaõ muitos fidalgos , como coube á sorte ou foi vontade de cada hum : o senhor dom Antonio se veo por terra com sua gente. Com esta ordem pouco concertada se partio elrei de Tangere no mez de outubro de sessenta e quatro. Dando toda a armada á vela , seguindo o farol delrei , como fôrão empegados no mar alto , sobreveo huma tormenta de nordeste , tam grande que espalhou toda a frota , correndo toda a embarcaçam como os ventos e os ma-



res lhe davão lugar, perdendo todos em pouco tempo o galeam delrei de vista, sem aver mais cuidado em cada hum que em salvar as proprias vidas da impetuosa furia das agoas, contra as quaes não havia força nem rezão, pera ao menos serem companheiros a elrei na sorte e perigo. O galeam do senhor dom Duarte succedeo-lhe melhor viagem: vêo ter ao porto de Cascaes, cinco legoas de Lisboa, onde achando não aver novas do galeam delrei, como principe prudente, e a que não faltava consideraçam de vida, tendo muito pezar com sobresaltos de lhe acontecer algum desastre, não se quiz desembarcar nem sahir em terra até elle não vir. O galeam delrei constrangido dos temporais, (por assim ser necessario) o piloto e mareantes se meterão em o mar largo, e se fôrão na altura da ilha da Madeira, a qual de cidade de Lisboa está cento e cincoenta legoas, e dahi, amainando a tormenta e abonangando os mares, começaram a fazer viagem pera o reino com tempo mais socegado. Elrei como de sua condiçam era sofredor de trabalhos, e quasi espreitador de perigos em os buscar, nunca em este temporal, com assas perigõ de sua pessoa, mostrou sentimento de medo, antes parecia achar nisto todo o contentamento, porque lhe parecia que era obrigação de seu esforço vencer todos os trabalhos chãos de perigos, e em tal tempo lhe parecia que satisfaria a si mesmo a empreza da guerra que

lhe o tempo e fortuna tiráraõ, onde dezejava empregar a virtude de seu animo e força do braço. A rainha, cardeal e toda a cidade, postos em grande cuidado e confusão por não haver nova delrei, e saberem quaõ arriscado elle andava, e quaõ pouco receava os perigos, pois os buscava, não achando remedio humano onde se acolhessem, buscáraõ-no mais certo, que foi o divino, abraçando-se com Deos com lagrimas e oragoens, pedindo-lhe provesse onde as forças humanas não podiaõ, e o que as necessidades do povo pediaõ. Estando todos, como fica dito, nesta agonia d'alma, acrescentando-se a tristeza com a tardança das novas delrei, tudo estava chèo de esperanças das nõvas de cada momento, com assas confusão. Nisto aprouve a nosso Senhor, de improvizo vir nova como elrei era chegado ao cabo de São Vicente, com a qual se tirou huma nuvem dos coragoens dos homens, ocupados com hum profundo nojo e quebrantados de golpes de sobresaltos e receos, e deraõ logo muitas graças a nosso Senhor com publica alegria, mandando repicar os sinos, em sinal da mercê que Deos fazia a todo o reino, nos males grangeados por sua vontade ou peccados do povo. Como o galeam foi surto e lançáraõ anchora debaixo da fortaleza de Sagres, se sahio elrei em terra, e mudando-se de hum perigo a outro, se embarcou nas galés que ali eraõ chegadas, e com tempo sudoeste (que naquella costa he mais

furioso de todos os ventos, e faz empolar o mar com toda a braveza de altas e profundas ondas) por mêo daquelles montes e concavidades marinhas deo á vela, sem receo seu, e com incrível medo de todos que o seguião; mas posto que o vento fosse em popa pera Lisboa, e a viagem se fizesse com grande velocidade em hum dia e huma noite, foi tam importuno o furor do mar, que parecia sorver as galês, porque levantando-as humas vezes, e outras abaixando-as aos abismos, as enchia a miudo d'agoa, com ameaças de as subverter, de maneira que todas vinhaõ alagadas. Tanto eraõ estas viagens da arte delrei, que aquella tormenta era a frescura que o refrescava, e os mares agoas cheirosas com que os mimosos se borrifavaõ. Tanto este esforço e perda de todo o medo punha espanto geralmente em todos os homens, com admiracão de sua grandeza de animo, tanto mais era tido por temerario dos prudentes, e chorado dos amigos, com receo dos males que depois lhe succedêrão; porque não he de animo ousado desviar-se da razão nas cousas onde não vale esforço, nem he prudente ser prodigo da vida, principalmente quando o perigo não he forgado, ou com elle não se esperão evitar grandes males. O senhor dom Duarte, que ainda estava no mar em Cascaes, quando vio elrei vir nas galês em tempo tão trabalhoso, não temendo perigo algum (o qual como esclarecido principe amava) se foi logo a elle,



e se meteo na sua galé, e com tormenta e chuva que os seguia entrou elrei á vella pelos cachopos, a dous de novembro de setenta e quatro, e dahi passando defronte da cidade, com assas concurso de gente que na praia e janellas sahia a ver, como cousa dada por Deos e resgate de infelices successos, passou adiante e foi desembarcar a Enxobregas, onde a rainha sua avó pousava e onde aquelle dia jantou, a qual então e todo o povo o recebêrão com lagrimas d'alegria, conferindo este dia com o do seu nascimento, não julgando hum por mais ditoso que outro, nem de desigual obrigação de louvar a Deos em o dar pera emparo do povo, ou o tirar do fatal appetite de se entregar a hum imortal e infeliz perigo.

*Como o senhor dom Duarte se foi pera Evora aggravado delrei, onde morreo. Capitulo XIII.*

Como a improvisa partida delrei pera Africa tomasse todos os homens que se embarcárão com elle despercebidos das cousas necessarias, e outros logo nas suas costas partirão, por se mostrarem zelosos nas cousas de seu serviço, e comprirem com as leis de primor e lealdade, em negocio onde cada hum mais se movia a hir salvar a vida delrei que tratar de lhe alcançar victorias, e não tiverão tempo de se prover, passarão em Tangere muitas necessidades, assi de man-

timentos, como de dinheiro, antes que os provimentos de cada hum chegassem. O senhor dom Duarte, que por seus ministros teve melhor providencia, com muita diligencia foi socorrido a Tangere de todas as cousas em muita abundancia, como convinha á sua grandeza; o qual vendo como muitos fidalgos não tinhaõ ainda recado dos seus provimeutos, parece que se alegrava em vêr occasiam em que pudesse empregar sua magnificencia e liberalidade; por que dando meza geralmente a todos os fidalgos que a queriaõ acceptar, e acudindo com dinheiro a todos os que o haviaõ mister, e com vestidos e mantimentos a homens honrados, não se enxergava nelle pezo em fazer taõ grandes despezas, senaõ pezar dos que as não hiaõ receber; além disto, pera mostrar sua condigam real (até entaõ não mostrada em publico) fazia evidentes demonstraçoens de amor a todo o homem, com muita afabilidade e cortesia, e dava de si estar offerecido a todos os favores delle esperados, e com a beninidade de seu aspeito estava convidando a todos, e chamando-os a receberem delle mercês, e com agradecimento lhe pagarem o gosto que tinha em amar a todos e ser amado de muitos. Com esta brandura, que o senhor dom Duarte usava por serviço delrei, em parte cobrir algumas faltas notorias no mais provimento da jornada, adquirio a si os animos e vontades dos homens, com admiração da grandeza di-

na de amor, e louvor de principe esclárecido, pera ornamento das mais virtudes crecidas com sua idade, do que cuidou se fez troca do senhor dom Duarte com o senhor dom Antonio, que sendo antes muito amado por sua afabilidade, e nas mercês e cortesias mui liberal, nesta jornada perdeu muito do louvor antigo, e em certa maneira declinou em ser aborrecido, assi por algum aspero tratamento de palavras que fazia aos homens, como por alguns descuidos que no tal tempo teve de não usar da sua antiga liberalidade. Com os excessivos gastos que o senhor dom Duarte fez nesta jornada, ficando muito individado, e nunca em elrei achar favor nem mercê, e vir pouco sabroso delle, de o não tratar com as cortezas devidas á sua pessoa nem iguaes a seus merecimentos, ajuntando novos agravos aos já passados, dissimulando huns e outros com encoberto sentimento, fingindo ir visitar a dona Izabel sua mãe, que estava em Villa Viçosa, separtio da corte com licença delrei, assim pera fugir aos máos tratamentos que lhe elle fazia, como pera se desindividar das despesas que tinha feitas. O cardeal seu tio (que então era arcebispo de Evora, e o havia sido outra vez da mesma cidade antes de o renunciar em dom Joam de Melo, por acceptar o de Lisboa quando governava o reino, o qual depois renunciou em dom Jorge de Almeida, e também o avia sido de Braga sendo ainda mancebo) vendo o desgosto do



senhor dom Duarte e sua necessidade, o recolheo a si como pai, com muito amor e amizade, recreando-se em sua vista, e alegrando-se com as muitas virtudes que nelle avia, a quem acodia com muito dinheiro pera os gastos de sua pessoa e casa, tendo mui a meude com elle muitas praticas e frequente conversação, aliviando-o da dor que lhe faziam as lembranças das semrezoens delrei. Estando pois o senhor dom Duarte quasi de assento em Evora, sem intenção de tornar á corte, vêo a enfiar de terçãs, com relaxamento e intensas dores de estamago, e crescendo o mal pouco a pouco, cahio em cama com enfermidade mortal, da qual acabou com claros protestos da fé e da devaçam dos sacramentos, que recebeo, mostrando com inflamado peito o desprezo da vida mortal e entranhavel saudade da gloria, fazendo infinitos colloquios com Deos lhe perdoasse suas culpas, e não temendo o espantoso aspecto da morte corporal, não pedia a Deos senão a presença da sua pessoa em seu juizo benino e de misericordia. Finalmente com todos os sinais manifestos da predestinaçam da sua alma, o qual exemplo edificava a todos a bem viver, e com doutrina a bem morrer, falleceo o senhor dom Duarte em Evora, nas casas do marquez de Ferreira, aos seis dias do mez de outubro de mil e quinhentos e setenta e cinco; e por que o cardeal fez em Evora hum sumptuo-

so mosteiro dos frades da companhia, onde fundou universidade de humanidades, artes e theologia, fez em elle huma fermosa igreja, onde pôs sua sepultura. O senhor dom Duarte, dezejando não se apartar na morte do cardeal seu tio, que tanto o amou na vida, deixou em seu testamento pedido com muitos rogos o enterrassem ao pé da sua sepultura, como se fez: mas como o cardeal, depois da morte delrei dom Sebastiam, succedeu nos reinos com titulo de rei, mudando com a fortuna a sepultura ao convento de Belem, onde está o jazigo dos reis de Portugal, mandou que o senhor dom Duarte fôsse tresladado á sepultura, a qual elle antes tinha feito pera si, na qual agora jaz o esclarecido principe o senhor dom Duarte, filho do infante dom Duarte, claro em o sangue dos reis de Portugal, e muito mais pelas virtudes, com as quais fez sua alma moradora da eterna gloria, e deixou no mundo fama de principe illustre, e exemplo de vida honesta e religiosa, com assas magõa do povo portuguez por sua morte e saudade de sua vida.

*Como em Africa se alevantáraõ os Xarifes, e que homens eram. Capitulo XIV.*

Pera mais clara noticia das guerras civis, nacidas em Berberia no anno de setenta e cinco, entre Mulei-Maluco e Mulei-Hamet Xarifes, donde dom Sebastiam rei de Por-

tugal tomou occasiam de passar segunda vez á Africa com mal afortunado successo, he necessario tocar a historia mais de atraz, e saber de raiz a sua origem. Depois que o imperio dos reis de Berberia foi quebrado de suas antigas forças pelas armas cristaãs, o qual dantes comprehendia os réinos de Argel, Tunes, Carthago, excepto os que ora possue, e se estendia até Espanha, vieram alguns senhores a apoderar-se das principais provincias, a que puzeraõ nome reinos, e elles se chamáraõ reis; as quais como eraõ pequenas, e inda em cada huma dellas havia outros alcaides proprietarios de certas cidades e campos, com razão se podiaõ chamar regulos pequenos, e não reis poderosos: os quaes como todos eraõ mouros imitadores da septa de Mafamede, e costumasse cada hum usar mais de poder e força que da equidade da justiça, nunca entre elles ouve paz firme, nem se contentava cada hum estar recolhido dentro dos termos de seus senhorios, mas trabalhava por todas as vias ocupar as terras de seus vesinhos, talhando os campos, roubando os gados, e finalmente fazendo-se continuas guerras. Como estes costumes eraõ taõ usados entre estes reis, nem os moradores viviaõ seguros dos assaltos dos vesinhos, nem as cidades dos golpes da fortuna, a qual cada dia se inclinava de huma parte á outra, fazendo mil mudanças com os tempos. Com estas alteraçoes viviaõ estes reis pou-



co pacíficos e menos seguros, mais ao modo de tyranos que querião antes seus pro-  
 veitos particulares, que como reis antepor o  
 bem comum: mas como nesse tempo e oca-  
 sioens se levantaram os Xarifes em Berberia  
 em grande poder e estado, com fama de vale-  
 rosos e bem afortunados successos, primeira-  
 mente nomearei os reis e reinos que elles  
 pozêraõ debaixo de seu ceptro, que trate  
 da origem de suas pessoas e fortunas, os  
 quaes foraõ seis: sc. o reino de Fés, cujo rei  
 se chamava Hamet Almerini, o de Marro-  
 cos o qual possuia Mahomet Bocenchut, o  
 de Tafilet, de que era rei Araarben-Abdel-  
 melecht, o de Tremecem, de que o era Be-  
 roeren; avia mais os reinos de Sus e Darã,  
 os quaes no tempo dos Xarifes eraõ ocupa-  
 dos e partidos em senhorios particulares de  
 alcaides Alarves, que viviam sem obediên-  
 cia de reis como senhores livres, dominan-  
 do cada hum em seus aduares e cabildas,  
 com pouco poder de vasallos e menos de ri-  
 quezas que lhes dessem nome de grandes.  
 Ouve neste tempo dous mancebos irmãos  
 naturais do reino de Dara, nacidos de pobre  
 geraçaõ, e depois naõ conhecidos por feitos  
 de guerra ou ornados de riquezas, inda que  
 trãziaõ sua origem de Mafamede, de cuja  
 nobreza se prezavaõ: o mais velho se cha-  
 mava Mulei-Hamet Xarife, manco de hu-  
 ma perna, e o segundo Mulei-Mahomet  
 Xeque: estes irmãos como fossem pobres  
 dos bens temporais, e dotados de altos es-

piritos e agudos engenhos, vieraõ á cidade de Fés, onde em huma universidade que ahi ha se deraõ ás letras humanas, e ás tocantes á sua septa que expõem o alcoraõ, os quaes como muita curiosidade aproveitáraõ nellas notoriamente, e com grande abillidade e engenho vieraõ em breve tempo a ser avidos por doctos e virtuosos, com observancia da lei de Mafamede, e guarda das tradiçoens de seu alcoraõ. Com este zelo e abillidade se deraõ os dous irmaõs a conhecer por homens de muita conta, e alcançando reputaçam no povo, chegou seu nome ao rei de Fés Hamet Almerini, o qual ouvida a fama de suas letras, e suficiencia de suas pessoas, juntamente com o zelo do alcoraõ, naõ os desprezava por serem pobres, antes os estimava como homens dignos de honrosos premios. Os Xarifes, como alem das abillidades que nelles eraõ conhecidas em publico, tivessem no interior escondidos altos espiritos pera cometerem grandes feitos e esforço pera os executar, naõ deixavaõ de revolver em seu peito o que as occasioens a seus animos lhes prometiaõ, e vendo os tempos prenhados de quaisquer novidades, e os principes descuidados dos danos que estavaõ pendendo sobre suas cabeças, e das minas de seus tronos, tiveraõ maneira e valias em alcançar delrei huma bandeira e tambor (modo que em Berberia se custuma de alevantar capitaõ) e com gente que os seguisse fossem ao reino de

Sus (que confinava com o reino de Dara sua patria) onde pudessem prégar a lei de Mafamede, reformar os pouco honestos costumes, castigar os insultos, e pôr em ordem e todo o bom governo as cousas da republica temporal, juntamente com as da sua septa. Com esta doutrina e poder vieraõ os Xarifes, que andavaõ ambos juntos, a crescer em grande auctoridade e reputaçã com o povo, e serem mui temidos por seu poder e forças, e adquirindo a si muitos povos, huns atemorizados por ameaças, outros convidados com mercês, que são as forças com que os animos inconstantes do vulgo sem difficuldade se dobraõ, viéraõ ambos de hum parecer e comum consentimento a levantar-se com o reino de Sus, o qual elrei lhes mandou reformar na era de mil e quinhentos e dez. Elrei de Fés vendo-se enganado das primeiras palavras dos Xarifes vestidas de zelo da sua septa, commutadas em tyranicas rebellioens, com alevantamento do reino de Sus, e por se temer de irem em maior crescimento suas fortunas e receber maior perda, começou queixar-se delles como tredores, e com publica desavença d'allos por imigos do bem comum, com animo e ameaças de os castigar. Os Xarifes, que inda estavaõ unidos nas vontades e forças, parecendo-lhes o tempo benino a seus intentos, e mui dispostos a se aproveitarem das boas occasioens pera crescerem em maiores estados, pera que pudessem conservar os que



com seu esforço e animo forte tinhaõ ganhado (que já eraõ grandes) cometeram immediatamente o reino de Dara, visinho do de Sus, e donde elles eraõ naturais, e o reino de Tafilet, os quais logo se lhe renderaõ com pouca resistencia, assim pelo muito poder que levavaõ e esforço com que eraõ conhecidos e temidos, como per serem naturais da terra, onde tinhaõ muitos de sua voz e parcialidade, os quais de huma parte os ajudavaõ a pôr em execuçaõ sua empreza, e da outra, com'divisaõ, quebravaõ as forças dos que queriaõ defender sua entrada. Com estes tres reinos e dobradas armas, mais esclarecidos com vitorias que tingidos com sangue, começáraõ os Xarifes a pôr espanto em todos os reinos e reis de Africa, tirando-lhes as esperanças de se poderem defender de seus acometimentos, segundo viaõ os Xarifes pôr os olhos em toda a Berberia, com desejo de a ocupar e animo de a cometer, nem tinhaõ outros conselhos senaõ de sobresaltos e temores, sem nelles acharem alguma porta de segurança; como que huns aparelhavaõ modo de resistir, e outros cuidavaõ nos caminhos por onde haviaõ de fugir; por que na determinação que viaõ em homens alevantados da fortuna em breve tempo de infimo estado a grande poder, não tinhaõ que confiar em respeitos de equidade, senaõ em tyrania impetuosa de mais dilatar os limites de seus estados, com acesa ambição. Com estas novas e altera-

goens tão violentas tudo estava cheo de temor e espanto, com penosos cuidados de achar algum remedio menos custoso do que os animos profetisavaõ, ensinados nos exemplos de seus visinhos, huns derribados de seus antigos assentos com jugo de cativeiro, e outros de todo consumidos com mais infelice sorte de mortal fado.

*De como os Xarifes tomaraõ o Reino de Marrocos, e o rei de Fés os foi cercar.*

*Capitulo XV.*

A este tempo Enchecha era rei de Marrocos, grande em imperio e poderoso em riquezas, e vendo os imigos tão vesinhos crescer muito com os reinos alheos, não se dava por seguro nem isento de semelhantes assaltos. Os Xarifes, que tinhaõ já postos os olhos em Marrocos, com animo de o occupar, não encobriã em muito tempo seu proposito. antes, publicada sua tenção, alçãrã bandeira, e lançãrã pregaõ, denunciando guerra contra Marrocos e dirigindo pera lá seus exercitos. Os filhos de Anram, postos em suas terras (nos caminhos por onde os Xarifes aviaõ de passar) não tendo sua sorte por mais segura que a de seus vesinhos, e sendo amigos de Enchecha rei de Marrocos, quizerã provar sua fortuna em hum ponto de batalha, em pôr a risco suas pessoas, antes que com vergonhosa fugida

largar suas terras aos tyranos, o que não podiaõ fazer sem grande perda das fazendas e abatimento das honras. Ajuntando pois elles todas suas forças, unidas com justo quêixume e comum odio dos perturbadores da paz e roubadores do alheo; se puzeraõ ao encontro dos Xarifes, e lhes representáraõ guerra e batalha, com animos determinados e obstinada constancia de morrer ou vencer, na qual fóraõ vencidos os filhos de Anram. Vendo os Xarifes como as cousas lhes socediam prosperamente, e hiam metendo todas as provincias debaixo de sua obediencia, com animos mais confiados determináraõ de cometer todas as empresas que a fortuna lhes offerecessê, passando adiante com seu exercito vencedor contra Marrocos. Quando elrei Enchecha se vio muito inferior nas forças e na fortuna, não se atrevendo a resistir ao poder dos Xarifes, ja temidos por esforçados e venturosos, fugio e deixou a cidade, a qual rendida e com as portas abertas, entregáraõ os moradores della as chaves e as vontades aos Xarifes, lançando as armas a seus pés, e com animos pacíficos, humilhados os recebéraõ sem contradicção, antes com sinacs de alegria celebráraõ seu triumpho. Mas como ja neste tempo os Xarifes estivessem tanto avante no poder, e os estados tivessem necessidade de ser conservados, e com as presenças de suas pessoas se quietarem alteraçoens tão novas e improvisas, com parecer



e conformidade de ambos os irmãos, foi assentado que Mulei-Hamet, Xarife mais velho, ficasse em Marrocos com titulo de rei e dos mais reinos ganhados, e o outro irmão fosse viso-rei de Sus, com titulo de príncipe herdeiro e successor nos reinos por morte do Xarife seu irmão. Com esta ordem e conformidade que os irmãos guardavaõ entre si, sem desconfiança hum do outro, governavaõ, e pacificáraõ brevemente os estados que por sua força tinhaõ ganhados. Hamet-Almerini rei de Fés, cheo de furor e inveja, e juntamente de medo do poder dos dous irmãos ir em tanto crescimento, determinou aventurar a pessoa e reino, com determinação de os ir cercar a Marrocos, com esperanças de o povo, pouco antes trasido por força a senhorio alheio, fazer alguns movimentos que pudessem enfraquecer as armas e as auctoridades dos Xarifes, os quais, como devagar e com prudencia procediam em seus negocios, não vendo tempo de se aproveitar da guerra que lhes fazia o rei de Fés, defendendo-se dos muros a dentro, sem arriscarem suas pessoas e exercitos em batalhas campais, o quebrantárão em maneira, que enfadado do cerco, ou desesperado de seu trabalho e esperança ter effecto, se tornou a seu reino; o qual parecendo-lhe que encerrarem-se os Xarifes dos muros de Marrocos a dentro, sem acceitarem a batalha que elle lhes apresentava nas portas da sua cidade, procedia de medo que delle tivessem,

tomando mais animo que conselho, com desprezo de seu poder, se armou o anno seguinte contra Marrocos a dar batalha aos Xarifes, os quaes alegres com a occasiam, e confiados na esperanza da victoria, o vieraõ esperar ao caminho. Postos os campos á vista hum do outro no rio Oadalabir ( que quer dizer rio negro ) deraõ batalha em hum valle chamado Boagebar, em o qual foi desbaratado e fogido o rei de Féz, e os Xarifes ficáraõ senhores do campo. Mas posto que fosse muita gente de cada parte, ouve muito poucos mortos, por que esta guerra mais se fazia com grita que com armas, e mais estrondo que sangue; por que naquelle tempo eraõ os mouros pouco exercitados na arte militar, e careciaõ tanto de armas, que nem tinhaõ instrumentos pera muitas mortes, nem esforço pera se arriscarem a ellas. Com a victoria dos Xarifes nesta batalha ficáraõ elles com tanto nome em Berberia, e autoridade entre os mouros, que ja todas as provincias principais, cheas de medo sem esperanças de defensão, se lhes vinhaõ render com partido de paz, antes que elles as fossem cometer com aparatos de guerra. Desta maneira creceo a reputação e poder, com muita concordia que os irmãos entre si tinham, subjectando-se o mais moço ao mais velho, sem entre elles aver cousa que em igual imperio os podesse dividir, nem metter receos, nem presunção de suspeitosas traçoens, as quaes em duas cabeças de hum

corpo são mui certas, e as fazem não permanecer na fé e lealdade, com ambição de hum não sofrer igual. Recolhido o despojo, e quietos os Xarifes da insolencia do rei de Féz, se tornaraõ o Xarife a Marrocos, e o Xequê a Sus, onde tinhaõ suas cortes.

*De como os irmãos Xarifes se desaviáraõ, e da batalha que tiveraõ. Capitulo XVI.*

Mulei-Hamet Xequê, viso-rei de Sus e irmão do Xarife de Marrocos, como fosse esforçado, e desejoso de alcãçar maior gloria, com que fizesse seu nome mais celebrado no mundo por seus feitos particulares, apartado do commum louvor de seu irmão e seu companheiro do imperio e victorias, e com igual fortuna, não receou commetter o cabo de Guè, fortaleza fronteira dos reis de Portugal, na qual estava por capitão dom Guterres de Monroi. O Xequê ajuntando suas forças, e provendo-se de munições e petrechos necessarios pera o cerco do cabo de Guè, marchando pera lá com grande multidão de gente de pé e de cavallo, se alojou ao longo dos muros da cidade, e com igual constancia começou de a bater por todas as partes, dando-lhe assaltos por muitos dias. O capitão dom Guterres, vendo no principio do cerco menos perigo do que depois enxergou, mandou avisar a el-rei de Portugal não curasse mandar soccorro, porque elle estava prompto de muni-



ções e gente bastante pera se defender dos barbaros, mais confiados em seus successos que esforço; mas depois experimentando o valor do Xeque e a constancia em seus combates (posto que lhe tivesse morta muita gente) vendo como não se podia defender de tamanho poder, o qual cada dia se refazia de qualquer dano recebido, tendo elle ja muito pouco; e o perigo em que estava muito grande, mandou ao reino a elrei dom João terceiro, com muita pressa o socorresse com gente e munigoens, e não dilatasse este fervor, porque as armas dos inimigos e continuo trabalho dos cercados, com mortes de cada dia, lhe consumiaõ as forças, tendo ja muito pouco emparo nos muros arrasados em muitas partes; e pois a saude dos cercados e a defensão da cidade não tinha outra resistencia senão huns animos leais e determinados a morrer com os peitos postos em barreira dos barbaros, apressasse o socorro com mais frescas forças que alevantasse os cercados postos em hum mortal perigo; por que, segundo o imigo dava pressa aos combates, e minas que fazia sem cessar, com hum animo obstinado em vencer, e muito mais com indinação do estrago que cada dia via nos séus, não soffria o negocio vagar. O Xeque, como capitão experto, sabendo como na boa diligencia estava a occasião de fazer o effeito a que vinha, e se viesse socorro lhe ficaria em vão, ou por ventura em dano, seu trabalho, tanto apertou

com o cerco por todas as vias, que entrou a cidade, e meteo á espada muita gente e a saqueou de grande despojo, onde o capitão foi cativo com outros muitos fidalgos, e hum sua filha muito fermosa, chamada dona Micia, a qual o Xequê tomou por mulher, e hum filho moço chamado Luiz Guterres. Com esta victoria de tanto louvor e riqueza avida do Xequê, e tão bem recebida dos mouros, por ser com perda dos cristãos, creceo sua reputação em toda a Berberia, com nome de esforçado capitão. O Xarife seu irmão rei de Marrocos, estimulado com a inveja deste bom successo, e por hum grande não soffrer outro igual, nem hum rei companheiro em o dominio, dando entrada ao mal que faz estes abalos, começou a gerar odio no coração contra seu irmão, ajuntando-se a isto as mulheres e filhos, começárao-se a picar huns com os outros com desavenças e odios particulares e comuns, huns dos bons successos do Xequê, e outros com os desejos de reinar. Com esta emulação entre duas cabeças em hum republica, as quaes não podem muito tempo ser conformes, começárao os dous irmãos ter receios hum do outro, com perda de conformidade fraternal e uniaõ até a quelle tempo conservada; de maneira que tanto viêraõ a crescer as desavenças, que sendo com publico odio trasidos a manifesta inimizade, começárao cada hum a fazer gente e pregoar guerra. Ajuntados os campos d'ambas as

partes, pertendendo cada hum ser universal senhor e rei dos reinos, que ambos igualmente ganharaõ e repartidamente possuirãõ, se viêraõ hum contra o outro, até juntarem suas bandeiras imigas nos Montes-Claros, entre Marrocos e Sus; e postos seus exercitos em ordem de cometer (onde o rei de Marrocos trazia deseseis mil de cavalo, e o Xeque quatro mil) deraõ batalha em hum lugar chamado Mozerotam, onde pelejavaõ com mortal odio das invejas, e muito mais pela honra da victoria e premio do imperio, em o qual foi desbaratada o Xarife rei de Marrocos, e elle preso. O Xeque, alegre do seu felice successo e captiveiro do Xarife seu irmão, se tornou a Sus vencedor, com o despojo e gloria da victoria, e com solemne triumpho de suas boas andanças entrou em Trudante metropole do reino e assento de sua corte, onde teve prezo o Xarife sete mezes. O Xarife, vendo-se com afronta do cativeiro, derrubado de sua prosperidade, e sem esperanças de liberdade nem clemencia em seu irmão, determinou pôr sua pessoa em resgate, e commutar a infelicidade presente com a parte dos estados prosperamente ganhados; e vindo a concerto, concluirãõ o Xarife de Marrocos largasse os reinos de Dara e Tafilet, com os quais já o Xeque ficava mui poderoso juntamente com o de Sus. O rei de Marrocos como deo os dous reinos desmembrados da coroa de seu imperio, e posto em dezejo da liberdade, se tor-



nou á cidade de Marrocos, onde com grande abatimento de honra e reputação, e com sua antiga gloria escurecida, entrou envergonhado e estimulado da consciencia de seus males, com cuja lembrança se achava merecedor do presente infortunio, e temia outro maior e mais severo, soffrendo com animo constante as inconstancias da fortuna e mudanças das infelicidades humanas, companheiras principalmente dos reis, os quais não são isentos de sua juridicção, nem estão seguros dos golpes com que derrubão huns, e incertos da força com que levantaão outros.

*Como o Xequê ouve o reino de Marrocos e o de Tremecem. Capitulo XVII.*

Naõ repousava o animo do Xarife, nem podia pacificar as discordias de suas paixoens, que lhe batiam o espirito, pouco antes levantado em pensamentos reais, e mais altos que o engenho humano bem podia alcançar, quando se via em hum vil e infame discredito de vencido, preso e abatido da honra, gloria, estado e riqueza: o qual revolvendo em seu peito estas considerações fortes, a que não podia resistir, levado do odio de seu irmão e inveja de suas felicidades, entã se encendia em maior desejo de vingança, sentindo por maior mal viver em esta magoa da gloria alhea, que soffrer a morte propria: e assi depois de elle sêr

resgatado do cativoiro de seu irmão o Xeque, como atraz fica dito, indinado de seu desastre e desejoso de vingar sua injuria e perda, determinou de tornar a tentar a fortuna, varia de sua condicão, com fazer guerra a seu irmão, e refazendo-se de gente e armas em Tafilet, junto de Marrocos, com impeto furioso e quasi alheo da rezaõ, indo-se traz seu dano dar fim ás molestias do coraçãõ, que o affligiaõ com vergonhosos cuidados, ou com morte torpe, ou premio de todo o imperio e gloria, se foi buscar o irmão pera lhe dar batalha O Xeque que não era nada covarde de animo, nem descuidado da disciplina da guerra, provendo-se do necessario pera sustentar os encontros do inimigo desejoso de vingança, não esperou que o Xarife o viesse buscar, nem o achasse despercebido; mas sahindo-lhe ao caminho, com igual ferocidade e tençaõ, se ajuntáraõ os exercitos inflamados com cruel odio, huns em vingar a injuria dada pelo vencedor, outros em vingar a rebelliaõ cometida dos vencidos, e a escaramuça com bandeiras despregadas veio crescer até batalha formada, na qual, como o Xarife ja andasse descahido com a volta da roda fatal, não podendo prevalecer contra seus revezes, foi aqui segundariamente desbaratado de seu irmão o Xeque, e deixando o campo e victoria ao vencedor, se salvou com vergonhosa fugida, não levando comsigo senão algumas reliquias de seu destroço pera testemunhas de sua

abatida sorte e acusadores de sua obstinada porfia; e assim andou algum tempo absente e escondido com temor, até o Xequé o chamar com segurança de o não offender, antes de que usaria com elle de toda a clemencia. O Xarife vindo diante do Xequé seu irmão, com a humildade de que os vencidos se vestem quando estão desesperados de outro remedio feroz, elle o tratou com muita beninidade e brandura, e pera o quietar lhe deo o reino de Tafilet, onde morasse com suas mulheres e filhos, e com elle sustentasse a dinidade real ja abatida de sua antiga pompa, assim por usar com elle de equidade fraternal, como por temer de se ajuntar com o rei de Féz, se andasse seguido e escandalizado. O Xarife respeitando as mudanças do tempo e a pouca firmeza das prosperidades humanas, contentou-se com a mercê que o Xequé seu irmão lhe fazia, pondo de traz das costas seus infortunios, com os odios particulares, e dando sepultura ás esperanças da vingança, com esquecimento d'outro tempo mais favoravel. Desta maneira o Xarife se foi pera o reino de Tafilet, e o Xequé entrou em Marrocos e tomou posse d'elle; com cuja prosperidade crescêraõ as invejas delrei de Fez, procurando por todas as vias abater o Xequé de suas felicidades, e ajuntando muita gente armada vêo de mandar o Xequé com grande impeto e furia. Juntos os exercitos no rio Morbe, que quer dizer pai de herva, deraõ batalha no valle



d'Ermam, na qual Hamet Almerini rei de Fez foi vencido e preso. Como em Fez se soube o desbarate e prisaõ delrei, logo com muita pressa alevantáraõ por rei seu filho Mahamet Alcari. O Xequê alegre com a prisaõ do rei seu imigo, e parecendo-lhe com elle, como isca, pescaria o reino de Fez, começou a marchar com campo vencedor pera lá, e posto á vista e fala dos muros, lhe mostrava o rei se o quizessem vivo lhe entregassem a cidade e o reino. Alcari, filho do preso, que estava em Fez, teve tal constancia na retençaõ do reino, que mostrou não ser parte a compaixaõ de seu pai nem o temor do povo batido de sobresaltos de adversos successos, pera o largar ao tyrano. O Xequê desenganado de seu desenho, e como nem com ameaços nem bravosidades podia dobrar o animo do rei, se tornou a Sus com o rei de Fez, o qual por elle pretendia. Depois de alguns dias tornande-se a tratar do resgate de rei de Fez, respeitand-o o filho as obrigaçoens paternaes, com sentimento do affrontoso e aspero cativeiro de seu pai, se inclinou a o tirar, por o qual deo ao Xequê a cidade e provincia de Mequinez, que he doze legoas de Fez. O rei Xequê que ja se não quietava se não com ter toda Berberia debaixo de seu ceptro, e elle levantar seu imperiõ com dominio de todos os reisdella, e fazer seu trono crescer e igualar-se com os grandes monarchas, o anno seguinte mandou dous filhos seus (dos

quais hum se chamava Arram e outro Abducader) a conquistar o reino de Fez, os quais começando a guerra pelos confins do reino, com felices agouros e esperanças de mais felices fins, tomáraõ Alcacere-Quibir, Tetuam, e outros muitos lugares, até porrêr cerco em Fez. Atemorisado ja o rei do poder do Xeque e da furia de seus filhos mancebos, os quais com desejos de gloria juvenil, não aviaõ de afrouxar dos combates até não arrasar os muros, e por força ou partido render a cidade, já enferma na resistencia e muito mais na lealdade, não tendo forças pera vencer os inimigos taõ poderosos e vencedores, os quais já lhe tinhaõ occupado o resto do reino, tratou dar a cidade a partido das vidas. Os filhos do Xeque, contentando-se com o successo, chêo de proveito e honra, não duvidáraõ guardar a fé dada aos vencidos, e dando conta a seu pai da sua prospera fortuna, mandou Hamet-Almerini fôsse levado a Marrocos, onde esteve prezo em quanto viveo, e o filho Mahamet Alcari a Sus, onde morreo. A estes dons e ditosos premios da fortuna do Xeque, alcançados por força d'armas, lhe succedeo largar-lhe elrei dom João terceiro de Portugal, por vontade, Azamor, Çafim, Alcacere-Ceguer e Arzila. O Xeque vendo a fortuna armada pera lhe haver as victorias, e mette-lo pela mão de posse de todos os reinos de Berberia, não quiz engeitar seus favores

em quanto a via benina, e antes que virasse o rosto a outras partes, como outras vezes de improviso costuma fazer com sua inconstancia, sem aver cousa que a isso a movesse, e por não perder tempo, mandou outra vez os dous filhos (os quaes eraõ já homens) e com elles o quarto, Abdalá, que era muito moço, pera que nestas empresas começasse a exercitar o animo, o esforço e o corpo na destresa das armas, e nellas se criar capitão experimentado, pera ajuda do emparo de seus estados: os quaes entrando com muita gente de pé e de cavallo no reino de Tremecem, com bandeiras tyranas e injustas, contra o direito das armas e leis da milicia, e ameagadoras de occupar o alheio, não podendo elrei Benaseim com os naturais resistir, huns por não confiarem nas forças, outros com medo ou traigão se fazem parciais do Xeque, como communmente acontece em todas as guerras dos reinos vizinhos, ouveraõ os filhos do Xeque de entrar pacificamente e occupar todo o reino, tomando posse delle.

*De como os Turcos tomáraõ ao Xeque o reino de Tremecem. Capitulo XVIII.*

Com esta victoria celebrada de contentamento dos vencedores, e dos vencidos com lastimosas lagrimas, dissimulando sua dor verdadeira, e sendo-lhes forçado troca-la com alegria fingida no triumpho dos princi-



pes estrangeiros, se humilhavaõ a seus mandados, obedecendo á fortuna que de presente lhes apertava os nós de hum certo cativoiro; mas com encobertas esperanças esperavaõ outro tempo mais benino que lhes soltasse a liberdade posta em prizoens. Depois que o Xeque, por mêo de seus filhos, rendeo o reino de Tremecem, e o pacificou de algumas alteraçõens nacidas em semelhantes guerras, e posto em ordem o governo, mandou que ficasse por governador delle Abdalá seu quarto filho, o qual por ser moço, a rezaõ não tinha tanto vigor de lhe enfrear os appetites, quanto poderosos saõ os estímulos que os de semelhante idade fazem desviar pelos caminhos mal acertados, sendo mais afeigoados aos pareceres proprios que aos conselhos dos velhos, começou a brotar fructos pestilenciais e pouco proveitosos á sua pessoa, e muito danosos á republica, e levando os negocios contra pêllo, dando indulgencias por castigo e rigores pela misericórdia, de tal maneira errava a junta a todas as cousas necessarias, que em tudo faltava prudencia e sobejava escandalo: com isto andava o povo assas inquieto pelas insolencias de Abdalá; o qual posto lhe desculpas-se em parte as paixõens da idade desacompanhadas de maduro juiso, não soffriaõ bem a malicia de alguns velhos, executada com o poder e força do mancebo. Os mouros naturais do reino, tendo por grave o jugo desta sujeiçaõ em que estavaõ ao rei tyrano e

estrangeiro, com dominio do imperio conservado dos seus antepassados, fazia-lho mais pesados serem governados de hum mancebo sem prudencia, prodigo da auctoridade real em vicios, com a liberdade entregue a alguns executores de males; os quaes queixando-se publicamente das offensas recebidas sem serem ouvidos, começáraõ secretamente em os animos molestados procurar o remedio do jugo pesado, com vehemente rebellião e aceso odio de vingança contra os perturbadores de sua liberdade: e com todo o segredo mandáraõ ao rei de Argel (visinho do reino de Tremecem, cujos limites confrontaõ) manifestar as insolencias de Abdalá, e os maos tratamentos que os naturais padeciaõ e prejudicial governo da Republica, com muitas affrontas feitas a particulares, e com isto não podendo soffrer jugo taõ pezado, lhe pediaõ o viesse tirar, com a obrigação de se sujeitarem ao ceptro e obedecerem ás leis do graõ Turco, cujo vassalo o rei de Argel era. O rei de Argel, parte compadecendo-se dos mouros de Tremecem em taõ grave afflicção, parte por se aproveitar da occasiaõ presente e offerecimento do reino, não engeitou a offerta, antes lhes mandou tres mil turcos, os quaes juntos com os cincoenta mil dos naturais de Tremecem, se rebellaraõ contra o Xeque, e cercáraõ Abdalá seu filho e governador, a quem tinhaõ capital odio. O mancebo animoso nos perigos e ousado em esperar os

encontros da fortuna, com animo assas forte se aparelhou pera o cerco, e esperar os derradeiros fins d'elle, ou de honrosa victoria ou cruel morte; mas vendo que sem socorro de seu pai não podia perseverar na defensão da cidade, cercada de imigos de fóra, que a batiaõ, e mui arriscada dos moradores de dentro, que a entregariaõ com traigaõ, mandou com muita pressa a Marrocos dar conta ao Xequê seu pai do estado presente, e receo mortal de infamia, se logo o não socorresse. O pai posto em cuidado pelo perigo do filho, e indignação do povo rebelde offerecido a outro senhorio, com toda a diligencia mandou ajuntar gente e munigoens, e fazendo capitão della a seu filho Abducader, o mandou socorrer Abdalá. Os turcos cercadores, sabendo com Abducader se vinha com grande pressa chegando com seu exercito embravecido com justas causas de vingança, temendo ficar cercados em mêm de dous valerosos irmãos, ávido concelho, alevantáraõ o cerco e se retiráraõ a Argel sem effeito algum, corridos do pouco esforço que tiveraõ em cometer e muito medo em fugir. Acambei, natural de Argel, homem dotado de autoridade e esforço, afrontando-se do nenhum effeito dos turcos em Tremecem, onde aviaõ diminuida muita da reputação ottomana, escurecendo-lhe o seu nome temido em todas as partes do mundo com illustres victorias, ajuntou tres mil turcos pera tornar novamente á empre-



sa que os turcos vergonhosamente deixáráõ, pera restituir esta quebra, e aventurar-se a aver o reino de Tremecem, que estava com as portas abertas; o qual entrando pelo reino com favor de muitos dos naturais, fazendo corpo de grande exercito, foi dar batalha a Abducader e Abdalá, filhos delrei Xequé, a qual foi taõ perfiada pelo valor dos capitaens e odio comum e particular dos soldados, que ouve de ambas as partes hum mortal estrago de corpos, com assas esparzimento de sangue, onde tambem foi morto Abducader, e sua cabeça levada a Argel. Abdalá encomendando a saude de sua pessoa á ligeireza do seu cavalo, com alguns poucos que o seguiráõ até Féz, escapou fugindo, e o seu campo ficou desbaratado, a victoria nas mãos dos turcos e de seu capitão Acambeí. Com esta rota dos filhos do rei Xequé, e com a morte de Abducader esforçado capitão, tomáraõ os turcos posse do reino de Tremecem, donde nunca mais foram lançados, o qual até hoje pacificamente possuem. O Xequé sentindo muito a perda do reino e muito mais a perda do filho, em cujo esforço sómente avía esperanças de o recuperar, acabou de todo de perde-las de o tentar, sobrevivendo a morte do outro filho Arram, o qual dahi a quatro mezes morreo de enfermidade natural, e a confiança de sua vida, antes posta em tres filhos que a defendiaõ, ficou sómente em Abdalá inda mancebo, por os mais filhos serem mininos.

*Como Boachum senhor de Beles foi me-  
tido de posse do reino de Fez, e o  
Xeque desapossado delle. Capi-  
tulo XIX.*

Porque o Xeque, como tomou o reino de Fez, desterrou o rei pera Marrocos e o filho pera Sus, onde acabárão com infame morte de cativeiro; como atraz fica dito, e cortou a cabeça a alguns alcaides por aquietar as alterações alevantadas, Boachum senhor da cidade de Beles (o qual imprópriamente se nomeou rei della, por ser parente e da casa do rei de Fez) temendo que a tirania que o Xeque tinha usado com os outros, a experimentaria tambem nelle, com muita brevidade fugindo se passou a Espanha, e sabendo como o emperador Carlos quinto, a cujo emparo se acolhia, estava em Alemanha, se foi a elle pedir-lhe ajuda e favor pera lançar o Xeque fóra do reino de Fez, que o havia tomado por força contra o direito das armas, o qual elle pertendia por ser parente mais chegado dos reis de Fez. O emperador como naquelle tempo andava occupado com guerra dos Luteranos, e estava á vista da dos Turcos, com assas afflicção das republicas, temporal e espirital, com a incerteza do successo das armas dos inimigos, não lhe deo esperança alguma de sua pertença. Elrei de Beles, vendo-se desenganado do Emperador com tão justa re-

zam, parecendo-lhe que em Portugal acharia o remedio desejado, veio-se com a mesma petição a elrei dom Joam o terceiro; e depois de lhe dar extensa conta dos negocios de Africa, e poder do Xequé, como hia alevantando-se sobre todos os reinos de Berberia, e segundo crecia na prosperidade com felice successo das armas, se esperava de cedo render toda a Africa, e depois alevantar a cabeça sobre Espanha, começando pelas fortalezas fronteiras de Portugal, cujas forças aos reis d'elle ignalmente relevava abater, por tanto lhe pedia favor pera sua empresa, por ser a necessidade commum a ambos. Elrei advertindo a tão ardua empreza, como era tirar o reino de Fez ao Xequé, já tão poderoso e sobre tudo venturoso, escusou-se do principal, mas não em todo; e parecendo-lhe ser decente á dinidade real dar o favor possivel aos estrangeiros, que se vinhão pôr debaixo do seu emparo, e não o negar ainda aos barbaros, em outras guerras imigos, mandou armar alguns navios que o levassem á sua cidade de Beles. Boachum (o qual era torto de hum olho) como tivesse muita ambição em dezejar maiores estados, e animo esforcado em os cometter, como esteve em Beles foi a Argel, na era de 1553, tentar o rei d'elle com offerecimentos de grande copia de dinheiro e ventagem das pagas dos soldados, se o ajudasse a metter de posse do reino de Fez, que lhe era devido por direito de herança. Sale-Arraiz rei



de Argel (o qual havia sido creado de Barbarossa, o mais velho, que primeiro foi rei de Argel) movido com o interesse que Boachum lhe promettia, e por o caso esperado, se tivesse victoria, de os naturaes do reino de Fez lho pedirem, deo palavra e contrahou com Boachum de o hir ajudar e metter de posse. E fazendo logo a gente necessaria a esta empreza, posto em campo começou elle mesmo em pessoa a marchar pera Fez, levando em sua companhia elrei de Beles. O Xequé que nunca consentio buscarem-no em sua casa, por não deixar entrar os Turcos dentro nos reinos de Fez, onde os naturaes lhe podião fazer alguma treição, os veio esperar aos confins do reino, onde se vinhão chegando. Os quaes pondo-se com seus exercitos armados huns á vista dos outros, junto da cidade de Teça, despregadas as bandeiras e tocados os tambores, não querendo cada hum dilatar a gloria da victoria esperada do imigo, remetterão os exercitos com altas gritas, e travando-se a batalha com igual odio e cruel estrago de ambas as partes, houve a victoria de inclinar-se á parte dos Turcos, e o campo do Xequé ficar desbaratado e elle fugido. O Xequé ou Xarife (como daqui em diante lhe quizerem chamar, por o Xarife seu irmão estar abatido de sua dinidade) não tendo outro remedio mais acomodado á sua saude, metteo-se na cidade de Fez, aonde se fez forte, com a segurança da pessoa, e com grande brevidade e

grandeza de animo se refez de gente e armas, pera tornar a dar batalha aos Turcos, que vinhaõ em seu alcance e já estavaõ ás portas da cidade. O Xarife, como com os encontros das adversidades presentes (quasi companheiras dos grandes reis) não perdeu ponto de extremado capitaõ, como teve a gente em ordem logo sahio da cidade, e com animo ousado, inflamado de desejo de vingança, cometteo os Turcos victoriosos ás portas della. Travada a batalha e ferida de ambas as partes com igual ardor e pertinacia, durou algum espaço sem se conhecer ventagem de alguma parte, até que os Mouros naturais de Fez (os quais aborreciaõ o Xarife como tyrano, e amavaõ a Boachum como natural) descobríraõ a treição secreta, e se passáraõ publicamente á parte dos Turcos. O Xarife, vendo-se com esta mudança inferior nas forças com accrecentamento das do imigo, não podendo soffrer o pezo da batalha, deixou o campo, e fugindo com o filho Abdalá se retirou a Marrocos. Os Turcos, ficando com a victoria e despojo, houveraõ á mão o thesouro do Xarife (que era hum cento e meio de ouro) com outra muita riqueza que no campo ficára. E como todos os homens sejaõ inclinados a seguir novidades, e principalmente os africanos sejaõ menos constantes em guardar fé e lealdade, e facilmente se dobrem a tentar novas fortunas, logo alevantáraõ a Boachum, e lhe deraõ obediencia, como a rei na-

tural, e aos Turcos se pagou o dinheiro promettido, com outras muitas dadivas dos naturaes, por não saquearem a cidade; com o qual carregados de riquezas e tornáraõ a Argel, deixando a Boachum rei em posse e entregue do reino.

*Como o Xarife velho rebellou, e o Xarife seu irmão o reduzio, e tornou a tomar o reino de Fez. Capitulo XX.*

Em quanto estas cousas se inovavaõ em Berberia, com assas esperanças de novas mudanças, nas quais a fortuna tinha supremo poder pera abater ou alevantar a parte a que se inclinasse, sem seguir a ordem da razaõ ou justiça, estava o Xarife velho de palanque, vendo e esperando o successo das cousas, experimentadas ás custas alheas, e medindo suas infelicidades com a constancia do tempo; e tanto que vio o Xarife seu irmão desbaratado na batalha de Féz, e lançado fora do reino por Boachum com ajuda dos Turcos, e ja quebrado das forças e com outro novo imigo, parecendo-lhe tempo de descobrir o odio e inveja recosida em seu peito, determinou invocar a fortuna com rebelliaõ, e nella tentar algum favor que o tirasse das trevas, onde sua antiga prosperidade jazia sepultada e escurecida, e alevantando-se com o reino de Tafilet, o qual seu irmão lhe havia dado com piedade e clemencia, como atraz fica dito, não somente o



naõ quiz reconhecer com obediencia, mas tomar lhe com armas os outros que possuia. O Xarife Xequê naõ desanimado com as adversidades do tempo (que nas batalhas he mais bandeiro, e facilmente se torna a reconciliar em huma hora com o primeiro amigo) como prudente capitão determinou naõ deixar crescer as forças dos inimigos, mas com brevidade cauterisar-lhas; o qual ousadamente, como homem sem medo, que naõ houvesse perdido ponto de sua prosperidade e forças, ordenou logo dous campos, hum delles entregou a seu filho Abdalá, com regimento de hir sobre Féz reconhecer os desenhos do rei, e dividir as opinioens dos vassallos, com animos duvidosos e suspensos nos successos das cousas, e naõ comettesse a batalha, antes a andasse entretendo e differindo, até elle lhe dar aviso e mais forças. O mesmo Xarife se foi com outro exercito castigar a rebelliao do Xarife seu irmão, que estava alevantado com o reino de Tafilet, e entrando pelo reino com seu exercito ameaçador de vinganga, naõ se atrevendo o imigo a esperá-lo em campo, fez-se forte dentro na cidade, parecendo-lhe poder-se ali defender com o amparo dos muros. O Xarife Xequê cheo de animo esforçado, como sempre foi, e de indignação da injusta rebelliao de seu irmão, cercando a cidade lhe deo muitos assaltos, pelejando em os muros com muitos encontros de igual sorte por hum mez inteiro, até entrar a ci-

dade á espada, com sacco geral e prisaõ do rei Xarife, o qual comsigo trouxe prezo posto em estado mui baixõ e vergonhoso, com que acabou seu imperio e gloria, emprestado por pouco tempo da mãõ da fortuna, a qual a modo de figura d'auto o vestio em pompa real, e lhe mostrou o cume das bemaventuranças humanas, pera com maior escarneo o despojar dos bens sem titulo, e o derrubar a mais baixo lugar que antes o alevantára, dando com esta inconstancia e zombaria exemplo e documento ao mundo quaõ pouca firmeza tem suas prosperidades, e quaõ pouco se haõ-de estimar suas glorias, por as quais os engenhos mais sublimados (naõ sei porque fados enganados e escurecidos) mais se disvelaõ e com inconstancia buscaõ, com comutaçaõ dos bens do ceo, dos quais facilmente se esquecem com lembrança e cuidado destes taõ enganosos, naõ temendo soffrer trabalhos, nem passar perigos do corpo, nem maculas da alma por os alcançar: e assi foi levado a Marrocos onde depois foi degollado com seus netos, do alcaide Ali-Ben-Bucar, como abaixo se dirá. Abdalá hindo com a ordem do Xarife seu pai correr a Féz, ou por passar seus mandamentos com temeridade de moço, ou por naõ fugir á sagacidade do rei velho, vieraõ a batalha, em a qual Abdalá foi desbaratado e se recolheo em Marrocos, e Boachum com victoria em Féz. Abdalá, mais acompanhado de esforço que venturo-

so nas armas, tornou a reformar seu campo em Marrocos, e com muita prestesa se foi ajuntar com o Xarife seu pai. Juntos o pai e o filho com os dous exercitos, vendo-se com bastantes forças pera pelejar com o rei de Féz, e evitarem as traçoens domesticas dos naturaes, lhe viéraõ talhar os campos, roubar os gados, queimar os paens, até o provocar a batalha, o qual como não era pusillanimo, não se espantava com a bravosidade do Xarife, nem do furor de suas vinganças, antes tendo-o em pouco pelas victorias alcançadas d'elle e do filho, alevantando em confiança e soberba de hir pelejar com dous capitaens, que tinhaõ assombrado Africa com armase ambos vencidos d'elle em differentes batalhas, não dilatando tempo, com animo feroz os cometteo. Começada a batalha com animos obstinados de morrer ou vencer, lidando cada hum pela vida e honra e reino, esforcavaõ aos seus soldados ora com palavras cheas de esperanças de victoria, ora com exemplos de esforço pera os animar a não afrouxarem, e ferindo-se com odio capital, vêo a victoria a inclinar-se pouco a pouco ao Xarife, ficando senhor do campo com desbarate do exercito e morte do rei de Féz, o qual acabou sete mezes depois de ser alevantado rei. O Xarife contente com a victoria, com a qual ganhára hum reino taõ opulento e honrado, e matára hum imigo taõ forte, com que ficava pacifico e livre dos temores, assim d'imigos



estrangeiros, como dos insultos dos naturais, entrou na cidade, mandando degollar alguns sediciosos e outros, que lhe haviaõ feito treigaõ na batalha, que antes tivera com o rei de Féz, quietou as alteraçoes e deixou seu filho Abdalá por governador e jurado principe herdeiro dos reinos de Berberia, e o Xarife se foi a Marrocos.

*De como o Xarife foi morto pelos Turcos.*  
*Capitulo XXI.*

Tais são as leis da fortuna, que não se obrigando por alguma a ter amizade com os estados, nem guardar lealdade ás pessoas, mas com inconstancia e variedades quasi a caso favorecer huns e perseguir outros, e a hum mesmo homem em differentes tempos mostrar-lhe humas vezes rosto benino e outras imigo, faz todas as suas prosperidades e glorias mudaveis, sem firmeza alguma, com infamia de caducas; porque favorecendo communmente ao Xequé, pera de leves principios chegar a grande imperio do senhorio de Berberia, ganhada com valor d'armas e esclarecidas victorias, e alcançando nome de famoso monarca, vir a ser senhor de grandes reinos, e pôr debaixo de seu ceptro sogigada toda Berberia, á força de armas e insignes victorias, como o pôz no cume da prosperidade humana, envejosa de sua bemaventurança lhe deu de mão com risinho escarneo, e o fez cahir no profundo das mi-

serias, com mortal fado, não se correndo de sua pouca verdade. Urdindo pois ella a infelice morte do Xarife, a ordenou por este modo: estando o Xarife na cidade de Marrocos, prospero com as suas boas andanças, e pacifico com as victorias havidas de seus inimigos, repousando dos trabalhos e gosando da gloria que possuia, sendo seu nome celebrado pelas grandezas de animo liberal, fazendo mercês a muitos com magnificencia real, móvido desta fama Alcaidacem, arrenegado que estava em Tremecem por capitaõ de huma bandeira de soldados turcos, se foi com elles a Marrocos a servir ao Xarife. O rei sabendo de sua vinda e determinação, e como vinhaõ convidados de sua fama e grandeza, os recebeo alegremente com muitas mercês e dadivas, assentando-lhe o soldo avantejado, servindo-se delles de sua guarda: outros Turcos derramados por differentes partes de Berberia, informados do honroso tratamento e favor que o Xarife fazia aos que se fôraõ a elle, ajuntando-se com Alcaidacem chégáraõ a fazer numero de oitocentos; mas como desta valia dos turcos nacesse grande inveja aos mouros naturais, por se verem preferidos nas honras e mercês dos estrangeiros, dando pouco a pou-entrada a este prejudicial veneno, fôraõ em breve tempo corrompidos de mortal odio, procurando semear zisanias de desconfianças entre elles, com que seus animos fo-sem divididos e a valia dos turcos affloxxasse, e

finalmente fechassem as portas a suas valias confiadas; e procurando fazer estas discórdias por todas as vias, esperavão tempo conveniente e occasião arresoadã como inimistassem o rei com os turcos, ou os turcos com o rei. Neste tempo, quando a inveja e odio andavaõ mais accesos entre hunos e outros barbaros, succedeo hir o Xarife visitar o reino de Sus, e com sua presença alimpar a republica de alguns insultos particulares, se os houvesse, e dar leis publicas de bom governo, e hindo acompanhado de dez mil mouros de cavallo, juntamente levava os turcos consigo, aos quaes era entregue como d'antes a guarda da pessoa real, com os favores e mercês acostumadas. Os mouros vendo o tempo aparelhado pera pôrem em effeito o que traziaõ meditado em seus peitos, lançáraõ manhosamente fama (sem darem auctor della) que o Xarife levava os turcos a Sus pera lá, com quebra de sua fé, os mandar matar por se temer delles, e por os assegurar com enganos os andava entretendo com caricias e honras, com animo sagaz e fingido; da qual novidade achando-se os turcos confuzos, por a consciencia de sua lealdade, sem acharem em sí merecimento de tal treigaõ, não despresando estes avisos, e discorrendo a fama em differentes partes, vendo algumas apparencias de poder ser pelo odio que os mouros lhes tinham, temerosos de esta voz ser presagio de seu dano, todavia começáraõ dar credito



às suspeitas, que com a fama crecião. Os  
 quais, avisando-se huns aos outros com ani-  
 mos duvidosos, como não devião ter em  
 pouco negocio de cujo remedio dependia a  
 sua saude e vida, houverão conselho do mo-  
 do que terião em se assegurar do perigo a  
 que estavaõ arriscados, e não achando outro  
 com que pudessem escapar, postos dentro no  
 coraçã de Berberia, donde a fugida era  
 impossivel, nem a verdade poderia em tais  
 rumores ser sabida, determináraõ commutar  
 suas vidas com a do rei e dos mouros, pera  
 o que assentaraõ de improviso saltar o Xa-  
 rife e mata-lo, e logo dar nos mouros des-  
 cuidados da treigaõ, e pôlos em desbarate;  
 os quais espiando occasiaõ e tempo, estando  
 o Xarife mui alheo da tengaõ que a falsa  
 fama publicava, e descuidado da treigaõ por os  
 turcos urdida, hindo caminhando pelo reino  
 de Sus, alojou-se hum dia de grande calma  
 em o campo junto de Alchera (lugar antes  
 de pouco nome, e agora pela morte do Xa-  
 rife de nome mui famoso) estando elle pela  
 sesta recolhido na sua tenda repousando,  
 com os turcos que lhe tinhaõ ordenado a  
 morte em sua guarda, e os mouros dormin-  
 do em differentes partes pelo campo, alheos  
 do castigo de sua malicia, com os cavallos  
 huns desenfreados, outros pascendo despeia-  
 dos das armas, foi dado aviso entre os tur-  
 cos como entãõ era o tempo que promettia  
 o effeito de sua barbara tengaõ, e tendo ja  
 entre si tratado do comettimento, ordenáraõ

dous soldados huma briga fingida, com queixumes publicos hum contra o outro dignos de castigo, e fingindo hirem-se queixar ao Xarife, que com authoridade determinasse a discordia entre os querelosos, caminháraõ pera a sua tenda com as espadas desembainhadas: os mouros tendo ja costume de ver entrar e sahir os turcos facilmente na tenda do Xarife, pelos favores costumados, e sua pessoa estar comettida na guarda delles, não houveraõ por novidade aquella maneira de entrada, nem se advirtiraõ na treigaõ. Os turcos como hiaõ ja apostados e conformes ao effeito que determinavaõ, em entrando pela porta sem pessoa alguma lho contradizer, com o impeto que levavaõ, sem darem lugar a desculpas nem resistencia, de improviso lhe deraõ cruel morte e lhe cortaraõ a cabeça, e levantando-a na ponta de huma espada por sinal dado aos outros turcos, ja postos em armas e determinados á mesma sorte, com subita grita e pressa não cuidada se derramáraõ pelo alojamento dos mouros, bem descuidados do perigo e treigaõ, e começáraõ a ferir e matar cruelmente, com tanto furor, que não havendo nos mouros acôrdo de se defender, nem aparelho, fizeraõ cruel estrago nelles com salvaçaõ de poucos, e logo com a mesma presteza com que matáraõ o Xarife e mouros, começáraõ marchar a Trudante, principal cidade do reino de Sus, e muito rica e forte, e chegados elles primeiro que a fa-

ma, fôraõ recolhidos dos naturais com animo pacifico e amigo, tendo-lhes a ignorancia do caso incoberto o seu perigo, e com o mesmo furor barbaro, e as espadas tingidas do fresco sangue, renovárão outro cruel estrago, pondo a cidade a espada e sacco até fartarem o acceso furor da vingança, ja mais como meio de salvar as proprias vidas, que com odio de tomar as alheas.

*Como Abdalá foi alevantado rei de Berberia por morte do Xarife seu pai, e os turcos que o haviaõ morto foraõ desbaratados. Capitulo XXII.*

Com estes novos tumultos e caso naõ cuidado, estendendo a fama suas veloces azas, e alevantando o som de suas sonoras vozes, foi ouvida de improviso dos lugares mais vizinhos, e accrecentando-a mais com seus vãos, em breve tempo encheo toda a redondeza da terra, com grande espanto do espectaculo que atraz deixava e hia denunciando: por onde Abdalá, que já estava jurado principe de Berberia, e era governador do reino de Fez, sendo informado da infelice morte do Xarife seu pai, logo foi alevantado rei de Berberia, e tomou posse do imperio com a mesma grandeza e estados que herdou. O qual como assocegou a republica, e pôz ordem no governo que não houvesse alguma alteraçã, se foi a Marrocos, pera com sua presença quietar os povos e



tomar posse do reino, recebendo também a devida obediencia, a qual lhe foi dada sem contradicção. E por que o Xarife teve oito filhos, o primeiro Mahamet-Arram, o segundo Abharranca, que fallecêraõ de enfermidade natural, o terceiro Abducader, que foi morto em Tremecem na batalha dos turcos, como atraz fica dito: estes tres morrerãõ em vida do xarife seu pai: o quarto foi Abdalá, o quinto Agximen, o sexto Abdelmumim, o septimo Mulei-Maluco, que deo batalha a elrei dom Sebastiaõ, o octavo Mulei-Hamet, que reina hoje em Africa e que succedeo a Mulei-Maluco seu irmão: e como Abdalá era filho mais velho dos que erãõ vivos, foi alevantado rei na era de 1556, o qual tomou por alcunha Xarife, assim elle como todos os reis seus antecessores, por rezaõ de seu tio e pai serem os primeiros reis de Berberia, e procederem por linha direita da parte dos Xarifes netos de Mafamede, do qual não ficou mais que Fatima sua filha, que casou com Alí primo-com-irmão do mesmo Mafamede, dos quais nascêraõ Acem e Ocem que se chamáraõ Xarifes, como vemos os emperadores romanos chamarem-se Cesares por Julio Cesar seu primeiro emperador, e os reis turcos ottomanos, por descenderem de Ottomano primeiro rei delles. Tanto que Abdalá foi alevantado por rei e obedecido dos povos, depois de enxugar as frescas lagrimas da infelice morte de seu pai, incendi-

do com grande furor de ira, não guardando pera outro tempo a vingança della, determinou logo de a mandar executar, e por elle estar occupado nos primeiros fundamentos de seu imperio, e por sua pessoa se não macular com o espargimento de sangue, inda que culpado, mandou seu irmão Agximen, que estava por senhor de Tudella, e a Ali-Ben-Bucar, mordomo-mór do Xarife seu pai, que fizessem gente e juntos em hum corpo fóssem a toda a pressa cercar os turcos homicidas, que estavam fortes em Trudante, e com cruel furia e mortal estrago lhes dessem o castigo do atrevimento e crime de Lesa-Majestade. Agximen, a quem tambem cabia igual magoa daquelle successo, não o soffrendo com animo saõ, mas estimulado d'appetite de vingança, applicou os exercitos com muito pressa, e entrando no reino de Sus, guiados a Trudante, onde os turcos se tinham feito fortes, em chegando logo cercáraõ a cidade batendo-a por muitas partes, ora com assaltos dos soldados escalando os muros, ora assestando nelles artilharia, e usando das mais maquinas, pera effeito da entrada e executar a furia com que hiaõ. Os turcos defendendo-se valerosamente, sem terem outra esperanza de vida senão as armas e peitos, quando os muros lhes faltassem, resistiraõ ao poder e odio dos mouros todo o possivel, apostados a venderem suas vidas por morte de muitos: mas em fim, ou por não poderem soffrer os combates continuos,

ou quererem antes provar a sorte em campo, que encerrados na cidade serem tomados ás mãos, sem se poderem ajudar de seus esforços e obstinação, sahiraõ fora das portas, onde se travou huma cruel e mortal batalha, com igual esforço, ajudado da furia de cada parte, porque os mouros acceses do furor da vingança da morte do Xarife e seus parentes, e os turcos desesperados d'outro remedio com que pudessem salvar as vidas, cada hum sem temor do perigo punha a salvação na victoria; pela qual causa a batalha foi grandemente perfiada, com cruel estrago de mortos: mas como os mouros tinhaõ maiores forças sem comparação, a quem ajudava a justa causa da vingança, e a dor de seus pais e filhos e principalmente de seu rei, apertando com os turcos, fôraõ carregando sóbre elles com furioso impeto, até a victoria se começar a inclinar á parte dos mouros. Os turcos cansados e faltos de socorro, diminuindo-se-lhes cada vez mais as forças, e nas dos mouros não se enxergando falta, começáraõ a enfraquecer nos corpos e faltar no numero, posto que té á morte vendérãõ caramente as vidas, de maneira que tanto chegou Agximen com a victoria ao cabo, que não se rendendo com misericordia dos vencidos, nem com crusarem as mãos, com as armas lançadas aos pés dos vencedores, os pôz á espada todos, sem ficar hum só, assim pelo odio que contra elles tinha, como por não poder algum ter remedio de fugida,



mettidos dentro no coração de Berberia, mui alongados dos limites do reino de Argel, onde podiaõ pôr suas esperanças. Com esta victoria e vingança ficou o Xarife Abdalá contente e quieto, assim pela execução do castigo dos turcos, como por não ter inimigos de que se temer.

*Como o rei de Argel vêo sobre Féz, e o Xarife matou dous irmãos, e Mulei-Maluco seu irmão fugio pera Argel. Capitulo XXIII.*

Começando o Xarife a gozar dos proveitos do seu novo imperio, e possuir com páz e repouso suas felicidades, sem perturbaçoens d'imigos o inquietarem, nem contradicção dos vassallos, antes passando os dias em passatempos e festas reaes, Ale-noradim, rei de Argel, filho de Barbaroxa e herdeiro do esforço e ferocidade militar de seu pai, avendo que era obrigação sua possuir os mesmos favores, que seu pai houve da mão da fortuna, pera fazer maior sua fama e estados, movido por odio ou inveja da prosperidade do Xarife, ajuntou hum exercito de turcos, com que foi sobre Féz, com intento de render a cidade e o reino. O Xarife, informado de sua determinação, armou-se com a mais gente que pôde, e trazenda seus irmãos em companhia, lhe sahio ao caminho com animo obstinado de se defender, e offender o imigo com todo o rigor de armas,

aventurando-se a mudanças e revezes da guerra; e encontrando-se os exercitos antes que chegassem a Féz, animando cada hum seus soldados, huns em defender o seu, outros em ganhar o alheio, viéraõ a batalha campal, em a qual, succedendo a elrei de Argel infelizmente seu comettimento, foi desbaratado, e com perda do campo e bagagem se retirou, e com perigo se recolheu às serras de Beles, onde se pôde salvar, e castigado de sua temeridade com desengano, certo que as victorias muitas vezes não se entregão aos mais fortes, nem ha sinal por onde se conheçaõ, se não pelo estrago dos vencidos, não curando de mais perfia, se voltou cheio de medo e vergonha a Argel, com perda do seu exercito: e não tendo Abdalá por seguro seu imperio em quanto houvesse animo capaz de tal grandeza, esquecido do amor fraternal e serviços recebidos de seu irmão Agximen, valerozo e esforçado capitão, com cujo braço fôra sempre Berberia conservada, e por seu esforço e outros dons naturaes, era digno d'outra maior monarchia, com incrível amor dos nobres e soldados, não havendo causa justa o mandou matar, e segundo se presumio, por inveja de o ver crescer em muita reputação, e ser muito acceito ao povo por sua affabilidade e outras virtudes. E por que o Xarife quiz tornar a Marrocos, onde fazia sua habitação e tinha a corte, pera não deixar o reino de Féz desamparado de quem o de-

fendesse com armas dos inimigos, e o conservasse em paz com os moradores de dentro; deixou por governador a seu irmão Abdelmumim, e em sua companhia Mulei-Maluco, ainda moço, pera que com authoridade das pessoas reaes a republica ficasse melhor emparada, e com sua presença os naturaes não fizessem algumas alteraçoes. Abdelmumim e Mulei-Maluco, posto que seu irmão os deixasse em hum cargo tão honrado, entendendo suas perversas inclinações, cheas de invejas, sem fé nem amor, não se fiando delle, temendo de os matar, como fizera a seu irmão Agximen, fugirão pera o reino de Tremecem, no qual havendo-se Abdelmumim por seguro de barbara e mortal furia do irmão, mandou seu irmão Mulei-Maluco a Argel e da hi a Constantinopla, haver do Solimaão, imperador dos turcos, cartas de favor pera seu irmão desistir do odio, que contra elles ambos tinha concebido; e lhes dar alguns estados onde vivessem conforme as calidades de suas pessoas: o qual fazendo sua viagem com prospero fim, mostrando-se Solimaão favoravel aos mancebos desterrados; e inclinado a seus rogos, com palavras brandas e cortezes escreveu ao Xarife, rogando-lhe quisesse desaggravar seus irmãos, e recebe-los ao seu amor, e dar-lhes do patrimonio real algum estado, com que se sustentassem, como filhos de seu pai. Abdalá tendo muito respeito aos rogos do Otomano, por virtude ou vergonha, deo aos



dous irmãos o reino de Tafilet, pera o qual logo fôraõ contentes e satisfeitos, sem esperança de outra mais alta fortuna; mas não se arreigando esta conformidade no animo inflamado e duvidoso do Xarife, buscando logo alguns motivos de discordias, com apparencias de alguns queixumes dos mancebos innocentes e agradecidos, vêo a quebrar amizade com elles, e tomando armas com pregaõ de guerra, foi contra elles com exercito ameaçador de morte; os quais não podendo resistir, nem acharem nelle entranhas de reconciliaçaõ, deixáraõ o reino, e se tornaraõ a Tremecem, onde Abdelmumim ficou, e Maluco se tornou a Constantinopla justificar sua innocencia ao Ottomano; mas o Xarife, manifestando mais o zelo que os irmãos receavaõ e de que fugiraõ, teve maneira, dahi a quatro annos, de atraçoadamente mandar matar em Tremecem Abdelmumim. Mulei-Maluco, vendo como o odio do Xarife seu irmão õhia ainda perseguindo em reinos estrangeiros, e Abdelmumim lhe não pudera escapar, não tendo sua sorte por mais segura, e que no mesmo perigo ficava sua pessoa, por se assegurar não tornou mais a Berberia; o qual como era moço de muitas esperanças, e dava claros sinais de grandes virtudes de animo real, acompanhadas de nobres e excellentes manhas, aprendidas por arte, e juntamente por sua suave conversaçãõ, chea de muita discriçaõ e afabilidade, foi mui bem tratado

por todas as partes por onde andava, e começando-se a metter no serviço do Graõ-Turco, dava-se muito a conhecer nos feitos das armas por sua pessoa, até seu nome chegar ao Ottomano, com estima de valor; o qual pera que ao diante pudesse justificar sua causa, e accrecentar os merecimentos da petição que pretendia com o Ottomano, metteo com muito zelo desoitto annos em seu serviço, em muitas armadas e batalhas, entre as quais se achou na naval, que perdeu Ali-Bachá e ganhou dom Joam d'Austria, onde hia por capitão de huma galera, em companhia de Alichia, visorei de Argel, e por a mesma maneira se achou soldado na tomada da Goleta. Neste tempo em que o Maluco andou na conversação dos turcos e corte de Constantinopla, discorrendo por outras partes, onde havia homens de todas as naçoens, por sua curiosidade e grande habilidade procurou assinalar-se em todas as manhas dinas de excellente principe: o qual, adestrando-se em todo o genero d'armas, as executava de maneira em as batalhas publicas e brigas particulares, que nada lhe faltava de valeroso soldado. Alem disto, sabia fazer espingardas e bombardas, e carrega-las tão bem como qualquer official mecanico, que o muito usasse, apontando com ellas, e assestando-as com melhor ordem e arte que todos os bombardeiros, e era Mulei-Maluco de tanto engenho, que aprendeo a lingua Turcesca, Latina, Italiana,

Franceza e Espanhola, lendo e sabendo muitas historias nellas escritas, em que aprendeo muita discriçaõ e primor-de palavras e cortezias, dinas de hum principe mui cortesaõ; mas por que lhe não ficasse alguma manha que não tentasse aprender, deosse á poésia, e em as linguas que tinha sabido fazia muitos versos e sonetos de muita suavidade de palavras e gravidade de sentenças, acrescentando a isto ser muito musico, dançador, tangedor de tecla, de viola e alaúde, com outros instrumentos que os christãos usam, fazendo-o com tanta arte e melodia, que punha espanto a toda Berberia, por nisso fazer ventagem a todos os mouros, pouco acostumados a estas artes. E por que não pareça que por o odio que este principe mercede á nação Portugueza, por o dano que lhe tem feito, e ja de seus antepassados naceo, por a disparidade das religioens, lhe quero calar os louvores de sua pessoa, não deixarei, alem do dito, de dizer o que delle se sabe; que era por extremo avisado, affabil na conversação com os homens de todas as nações, principalmente com os cristãos, por achar nelles os entendimentos mais claros e a conversação mais primorosa: cujas partes naturaes se podem com olhos cristãos chorar, derramando lagrimas de compaixão, em poder tanto a cegueira do entendimento desamparado do lume da fé divina, que não pudesse conhecer os erros tão danosos á alma, nem as tre-



vas tão escuras do error de seus costumes, com que o misero homem, ornado de tantos dotes naturais, carecesse dos espirituaes, pera eterna condenação; quanto mais que alem dos erros do entendimento, não careceo de outros horrendos vicios, que lhe escurecêraõ toda a glória de suas habilidades; por que alem de ser sugeito ao vicio nefando de sodomia, o era tanto ao vinho, que muitas vezes perdia o juizo, usando neste tempo de mil crueldades; mas como era de branda condigaõ, sabendo quão prejudicial era nelle a torvaçaõ do vinho, mandou a seus officiaes que no tempo que elle estivesse alienado, se não executasse cousa que elle mandasse.

*Como Mulei-Maluco houve do Graõ-Turco ajuda pera se metter de posse de Berberia, nos reinos de seu pai. Capitulo XXIV.*

Neste genero de desterro, em que Mulei-Maluco andava, cobrindo os espiritos reaes com a fortuna de hum soldado raso, nunca tirou as lembranças das injustiças e tyrantias de seu irmão o Xarife contra seus irmãos, e a perseguição com que o desterrára da patria onde nasceo, fóra dos reinos de seu pai, despojando-o do patrimonio devido de direito; e assi de continuo andava accrecentando merecimentos, e buscando valias pera haver ajuda e favor do Ottomano, a quem

servia, pera effectuar seu intento de occupar os reinos de Berberia: e por que a substancia dos bons despachos dos principes communmente depende dos privados e validos, a cujas petições facilmente se inclinaõ, havendo que he grandeza real comprazer com mercês aos nobres, grangeava elle com muito cuidado a Alichiali-Bachá, por ter grande authoridade e valia com o Ottomano: e pera o mais obrigar, todas as vezes que se offerecia, era seu soldado, e o acompanhava e servia por o fazer seu acceito, e se ajudar de seu favor, até vir a alcançar com elle graça e amisade intima e particular, e lhe dar attenta audiencia a seus requerimentos, com grandes esperanças de favor. Neste tempo morrendo o Xarife Abdalá em idade chea de annos e prosperidades, com paz e socego de seus reinos, deixou por herdeiro Mulei-Hamet, seu filho mais velho, bastardo, nascido de huma escrava preta. Mulei-Hamet, o ultimo irmão de Mulei-Maluco e filho do Xequé, como vio Abdalá morto; que era de muito-esforço e authoridade, e alevantado rei a Mulei-Hamet seu filho, homem de poucas esperanças, e não muito acceito ao povo, por seus fracos espiritos e muitas tyrannias e crueldades que usava com o povo, degollando muitos alcades, e por outras razões, temendo-se tambem de o mandar matar, com temor de favorecer as partes de Mulei-Maluco seu irmão, de quem o Xarife se temia, nego-

ciando, da melhor maneira que pôde, seu dinheiro (que foraõ seiscentos mil cruzados) se acolheo secretamente a Argel. Mulei-Maluco (a quem o irmão mandou novas de sua vinda e da morte do Xarife Abdalá, e do novo rei seu filho Mulei-Hamet) se alegrou em grande maneira por as occasiões que se lhe offereciaõ, assim do pouco esforço do novo Xarife, como do dinheiro que seu irmão lhe offerecia, com o qual poderia facilmente ser ouvido em seus requerimentos e favorecido em suas pertençaõs, pera quebrar as fechaduras do reino africano; do qual intento e estado das cousas dando conta a seu amigo Alichiali (principe do mar por morte de Ali-Bachá, na batalha naval em que dom João d'Austria foi vencedor) privado do turco, lhe pedia com muita instancia o favorecesse em lhe darem ajuda de gente e armas pera ser restituído em os reinos de Berberia, que pretendia haver por direito de herança, e com isto, peitando largamente ao Alichiali e outros validos, do dinheiro que o irmão Mulei-Hamet havia trazido, vêo a ser ouvido e alcançar graça com o Ottomano e mais Bachás, e lhe outorgáraõ a ajuda que pedia, com certas condições honrosas, as quais eraõ, que o Maluco ficasse tributario ao Turco em cento e cincoenta mil cruzados cada anno, e as moedas que se batessem fossem cunhadas com as armas do Turco, e lhe desse Larache e os mais portos de mar que elle qui-



zesse fortificar, e os cacises nas mesquitas, nas colletas que costumão fazer pelos seus reis, nomeassem o Ottomano como principal rei e senhor de Berberia: das quais condições o Alichiali ficou fiador, pela muita amizade que tinha com Mulei-Maluco. Feito o contrato, assinado com as mais solenidades necessarias, passou o turco provisoens a Abrandan-Bachá visorei de Argel, que logo fôsse com Mulei-Maluco, e o mettesse de posse, com paz ou com guerra. Mulei-Maluco, que não dormia na negociação e industria destas pretensões, como houve as provisoens se vêo a Argel, e apresentando-as ao visorei, o começou de grangear e peitar e aos mais capitaens, pera fazer seu negocio melhor, e os ter mais favôraveis e promptos na jornada, e sollicitando os mandados do Ottomano, e espertando o visorei, pedia com instancia accelerasse a viagem, e escolhesse e assinasse os soldados pera sua entrada em Africa. Na mesma jornada vinha tambem Chaiá, alcaide andaluz, que fôra por embaixador dos Mouros de Granada, quando se alevantáraõ, a pedir socorro ao graõ Turco: mas por que, no tempo que Chaiá andava em Constantinopla em seu requerimento, teve nova de os mouros serem entrados e rendidos, com morte e cativoiro geral, havendo por escusado seu requerimento e não ousando tornar a Granada, teve estreita amizade com Mulei-Maluco, e o seguiu na jornada por seu mordomo-mor, em

cujo officio parmaneeo em quanto Mulei-Maluco viveo.

*Como o viso-rei de Argel vêo com o Maluco a ometter de posse de Berberia Capitulo XXXV.*

Naõ se occupava Mulei-Maluco em Argel em outro negocio mais que em applicar a gente e armas que esperava levar a Africa, e com todo o calor e diligencia grangeava este favor, em que tinha todas suas esperanças: por tanto Abrandan rei de Argel, tanto que lhe foraõ dadas as provisoes de Amurate Ottomano, obedecendo a ellas sem contradicção e com boa negociacção do Mulei-Maluco, mandou tocar caixa e alevantar bandeira, e com muita diligencia ajuntou hum exercito de cinco mil genisaros, com os quais e as munigoens necessarias e alguns tiros de campo, se foi marchando direito a Fez, em cuja companhia hia o Maluco, em cujo servico aquelle exercito hia. Sabendo Mulei-Hamet Xarife a determinacção dos turcos, e pretencção do Mulei-Maluco, ajuntando outro exercito maior em numero de gente, se pôz em campo, esperando os inimigos, a lhe impedir o caminho e conselho com lhe dar batalha: e antes que partisse de Marrocos deixou por guarda e viso-rei della o alcaide Zecherim, homem de muita confiança pera conservar a cidade em paz e guerra. A ordem que o Xarife teve na sua gente foi fazer dous campos, hum de quinze mil de cavallo da gente de Marrocos,

onde elle vinha, outro, em que o Xequê seu filho, menino de seis annos, hia, com trinta e cinco mil de cavallo do reino de Fez, os quaes, por ser gente de muita opinão, não soffrem ser capitaneados se não de pessoa real. Com o Xequê filho delrei estavaõ Cidabdelcherim, filho de Bentude, com tres mil e quinhentos de cavallo, Xequê Maluco com tres mil e quinhentos, Abdelcherim, filho de Abdelum, com tres mil e quinhentos, Elmerhem com tres mil e quinhentos, Alimoxecra com tres mil e quinhentos, todos estes eraõ de cavallo, vassallos dos mesmos capitaens: alem destes havia doze mil soldados de pé, todos espingardeiros e soldados vellos, entre os quaes tambem estava Cidhamubenanza viso-rei de Mequinez: de todo este campo era general Alimoxecra sogro de Cidabdelcherim, filho de Bentude, por ser capitão esforçado e homem de muita authoridade em Berberia, por sua prudencia, idade e estado, o qual cargo o Xarife lhe deo, e poz a Mulei-Xequê seu filho de baixo de seu emparo e bandeira, por ser menino, a quem as forças e idade não soffriaõ tão importante cargo. Com esta gente assentou Alimoxecra seu campo diante dos turcos. O Xarife ficou atraz hum quarto de legoa com os quinze mil de cavallo de Marrocos, que o acompanhavaõ, por não aventurar sua pessoa na batalha, e esperar o successo della. Com os turcos vinhaõ cinco mil Alarves de cavallo pera saquear o cam-



po, comô tem por costume, e ordenados seus esquadroens assentáraõ seu campo. E como os turcos eraõ todos de infantaria e haviaõ de pelejar a pé, deraõ os cavalloes em que caminhavaõ a seus criados. Tocadas as trombetas e pifaros de ambas as partes e despregadas as bandeiras, puzéraõ seus exercitos á vista hum do outro, em som de dar batalha, e animando cada capitaõ seus soldados, o viso-rei de Argel começou assi:

“ Agora cuido, valerosos companheiros,  
 ” que a fortuna se lembra de nos honrar,  
 ” pois nos offerece occasiaõ de taõ ditosa em-  
 ” presa, de gente taõ lusida, como vedes no  
 ” campo dos inimigos, pera que nossa victoria  
 ” fique mais clara e o despojo mais rico. Naõ  
 ” posso deixar de me mostrar alegre e acela-  
 ” rado no rompimento desta batalha, em que  
 ” vejo em vós os mesmos effeitos, com mais  
 ” certa confiança da victoria. Pera outros sol-  
 ” dados, menos animosos e alvorogados em  
 ” dar a batalha, usára eu de prudente con-  
 ” selho se lhes persuadissem quão fraca gente  
 ” he a que vedes, e com quão pouco ani-  
 ” mo haõ-de esperar a furia turquesca, taõ  
 ” temida no mundo; mas cuido que vos ac-  
 ” cendo mais o furor em volos louvar por es-  
 ” forçados, pera que com mais impeto vos  
 ” acheis dignos de os cometter, pera que os  
 ” premios dos louvores sejaõ mais claros. Em  
 ” os vencer pouco se ganha; mas no serviço  
 ” de Amurate, faz a nossas honras plantar-  
 ” mos suas bandeiras no reino de Fez, e dar

» a conhecer o seu nome, e restituirmos hum  
 » principe aggravado em seus reinos, por  
 » mandado do nosso rei, que são as magnifi-  
 » cencias que acrecentaõ a gloria dos grandes  
 » principes. Este he o effeito da victoria que  
 » pretendemos, e o merecimento de nosso va-  
 » lor; pois o vencer outros mais fortes exer-  
 » citos do que vêdes, com menos gente do  
 » que somos, he isso ja ordinario nas arma-  
 » das dos turcos; mas ja que estes mouros  
 » temerariamente vem impedir nossos inten-  
 » tos, em nenhuma cousa nos fazem injuria  
 » digna de castigo, senaõ no pouco respeito  
 » com que aceitáraõ os mandados de Amu-  
 » rate, e em fim obedecem a hum rei entro-  
 » nizado contra o direito das leis: e pera que  
 » no principio achem o desengano de sua  
 » ousadia, e ao diante fiquem avisados de  
 » seus comettimentos, firamos e matemos  
 » nelles sem piedade, pera que, ensinados de  
 » seu dano, venhaõ com humildade buscar  
 » nossa clemencia, com o reconhecimento do  
 » nome de Amurate, debaixo de cujo em-  
 » paro aqui trazemos Mulei-Maluco. Quan-  
 » to mais, que cuido que elles naõ seraõ taõ  
 » prodigos de suas vidas, que quereraõ expe-  
 » rimentar nossa furia, mas que se vem met-  
 » ter debaixo de nossas bandeiras, huns por  
 » temor de nossas armas, outros com obe-  
 » diencia de Mulei-Maluco, cujos naturaes  
 » saõ, e vassallos querem ser, com lembran-  
 » ça que he filho do Xarife, a quem serví-  
 » raõ e obedecêraõ com amor paternal; por

» as quaes rezoens comettei confiados, pois  
 » o nosso esforço, o nome, as armas, e so-  
 » bretudo a justiça de Mulei-Maluco, nos  
 » favorecem pera mais confiadamente seguir-  
 » mos a empresa. » Feita esta pratica, co-  
 » meçou Abrandan a pôr os soldados em or-  
 » dem de cometter, e tocar as trombetas e  
 » tambores, com que a gente estivesse mais  
 » prompta e prestes pera acometter ao pri-  
 » meiro sinal. Alimoxecra, não se mostrando  
 » menos esforçado e practico na arte militar,  
 » tendo sua gente posta a pique, se voltou  
 » a elles, dizendo-lhes: « Não vos quero,  
 » esforçados cavalleiros, fazer outra lembran-  
 » ça pera cumprirdes com a obrigação de  
 » leaes vassallos, senão mostrar-vos com o  
 » dedo este minino, que aqui está ante nós,  
 » principe dos reinos de Berberia e filho do  
 » Xarife, que tendes nas costas, em vosso so-  
 » corro, de traz daquelles outeiros: e isto  
 » somente bastava pera vos accender os cora-  
 » çoes com zelo de honra, e sem temor de  
 » todos os perigos, perder a vida por vosso  
 » rei e por vossa patria; quanto mais que  
 » tendes justa causa de indignação em cas-  
 » tigaredes aquelle exercito de tiranos, que  
 » presentes vedes, cujo intento não he outro  
 » mais que como ladrões virem saltar  
 » nossas terras e fazendas, com inquietação  
 » da republica. Ja tendes experiencia dos in-  
 » sultos dos turcos, de outra vez que nós mes-  
 » mos os chamámos em nossa ajuda, pagan-  
 » do-lhes seus soldos, e fizemos outros tra-



„ tamentos dignos de amor , tal foi sua inso-  
 „ lencia , que nos pagáraõ estes beneficios  
 „ com as injurias publicas e secretas , de que  
 „ todos sois testemunhas e estais lembrados ;  
 „ pois ainda quẽ de sua entrada nestes reinos  
 „ não houvesse outro inconveniente , mais que  
 „ os que vos tenho dito , não sei que cousa  
 „ mais nos possa obrigar a arriscar as vidas ,  
 „ que defender o bem commum das profani-  
 „ dades destes barbaros , e o particular de  
 „ muitas injurias. Taõ salteado tenho o cora-  
 „ ção com estimulos de vingança , que estas  
 „ palavras com que vos persuado me-saõ pe-  
 „ nosas por me dilatarem o tempo da execu-  
 „ ção de seu castigo : por tanto não espereis  
 „ vos persuada mais com palavras , senaõ com  
 „ obras , pois haveis de ver a minha lança ,  
 „ primeiro que nenhum de vós , derramar o  
 „ sangue de-estes tyranos , os quaes sei mui de  
 „ certo não esperaraõ nosso furor com a ver-  
 „ gonha de seu atrevimento , antes volveraõ  
 „ as costas , como homens sem primor , que  
 „ não vem fazer guerra pera ganhar honra , s-  
 „ não saltear como ladroens. Aqui os temos  
 „ concluidos em meio de nossa terra , espan-  
 „ tados de ver este exercito taõ guerreiro , e  
 „ em ja de taõ perto enxergarem a ferocidade  
 „ com que estais determinados pera offender  
 „ seus esquadroens , e defender vosso rei , fi-  
 „ lhos , e mulheres. Na vossa maõ está ajus-  
 „ tiça , e na sua culpa : alçada tendes , por  
 „ direito das armas , de executar nelles a mor-  
 „ te com o despojo das armas , ja que não

» tem fazenda que perder, pois vem a ganhar  
 » as vossas, e tão merecedores de rigoroso cas-  
 » tigo de seu atrevimento, que enxergo essas  
 » pedras alevantarem-se pera elles, e aquelles  
 » montes inclinados pera os soverter, e a ter-  
 » ra pera os engulir; e tomando elles alli on-  
 » de estaõ experiencia do vosso valor, os tem  
 » penetrado o medo, com assas arrependimen-  
 » to de sua culpa; mas nem este nos deve  
 » mover á clemencia, porque em semelhantes  
 » casos a justiça não quer largar seu direito,  
 » nem dar lugar á misericordia, pera exemplo  
 » de outros; portanto tendes autoridade pu-  
 » blica, e o direito das armas, pera com mor-  
 » tal estrago destruides aquelles esquadroens,  
 » pera segurança de vossas casas e vidas. »

*Como se deo batalha entre os do Xa-  
 rife, e os do rei de Argel. Capi-  
 tulo XXVI.*

Estando os campos dos Turcos e Mouros  
 arrostrados hum com o outro, postos em or-  
 denança, com grande resplendor das armas,  
 fazendo com ellas meneos ameaçadores de  
 morte, batendo as armas nos escudos com  
 huma grande bravosidade d'espírito, em Our-  
 rochum, sete legoas de Fez dado signal em âm-  
 bas as partes, remettêraõ todos denodadamente  
 com igual animo e esforço. Começou-se a  
 batalha muito tarde já sol posto, e durou  
 até duas horas de noite, e animando os capi-  
 taens seus soldados, se começárão a ferir co-

mo mortais inimigos, havendo a cada passo montes de corpos mortos, ficando a terra humida com sangue que se derramava; o qual estrago quanto mais crecia, tanto hião mingando as forças do corpo, mas os espiritos não affrouxavão ponto do odio e furor, com desejo de victoria e vingança. Dogali, mourisco de Granada, em quem o Xarife muito confiava, sendo capitão de mil e quinhentos infantés, tendo já tratada a treição, como vio a briga travada, se passou com toda sua gente á parte dos turcos, com a qual mudança os mouros não ficarão quebrados nem alterados, e como se não acontecêra, continuárão com a batalha, a qual andando envolta com igual sorte por hum grande espaço, sem fazer declaração a alguma das partes, se perfia com igual desejo d'alcançar victoria. Todavia instando Alimoxecra, general do campo, e animando os mouros, lhes deo muito alento a carregarem sobre os turcos dizendo: » Ah! cavalleiros africanos, » estas empresas tão honrosas, e victoria tão » esclarecida vos sei eu metter nas mãos: minha he a grangearia, e vosso he o valor: não » se vos vá da mão a ditosa occasião, nem » vo-la escondão as trevas da noite: concluí, » concluí a victoria, que já rendem as armas » e os espiritos, e poem sua salvação na fugida, » e na sorte da noite ». Com isto carregáraõ sobre os turcos com mais continuos e pesados golpes, sem lhes darem alento a se defenderem: os quais como virão a determinação



dos mouros, com mais forte resistência e mais impetuoso cornettimento, do que esperavaõ, começarão a affrouxar de sua bizzaria e furor, e com isto começáraõ a retirar-se. Como os Alarves viraõ pender a victoria á parte dos mouros, e a fortuna virar as costas aos turcos, sem mais esperarem o successo da victoria, se pozerão em fugida, e apoz elles os criados dos turcos, que estavam com os cavallos dos senhores; os quaes, com o medo com que hião fugindo, entrárão em Tremecem, lançando fama como os turcos eraõ desbaratados. O visorei de Argel, como valeroso capitão, não perdendo o animo no meio daquelle perigo, acudindo a todas as partes, on le via necessidade socorria com maravilhosa destreza, e pondo-se diante dos que fugião, lhes disse. » Que vergonha he esta, soldados? Que costume taõ desusado, que » fugis da victoria e dos vencidos? Ou tornai a » traz, ou deixai-me morto diante de vós, » por não terdes vivo hum taõ severo acusador » de vossa cobardia. Não sois vós os genisaros » espanto do mundo: não sois vós os vingadores das offensas publicas; pois hides as- » sombrados das immundices de Berberia, com » vergonhosa fugida. Restaurai, com esses espiritos antigos, e com esses corpos feitos pedaçõs, a reputaçãõ humana, e não deis materia de riso a estes fracos inimigos. » Mas os turcos, tendo mais conta com a fugida que com a vergonha dos Mouros, que carregavaõ muito sobre elles, não puderaõ al fazer

senão largar e perder a bagagem e as bestas de carga, e por ser já muito de noite, e os mouros estarem muito cansados, não seguindo a victoria, que se lhes começava a metter nas mãos, tiverão os turcos tempo de tomar conselho, com o qual se resolvêrão se fizessem fortes com trincheiras, a que também as trevas da noite ajudavão a defender, até pela manhã ou se renderem, ou cometerem algum honesto partido, por terem perdido a esperança da saude. Os mouros, como homens que tinhaõ quebrado as azas dos inimigos, os quaes lhes não podiaõ fugir do meio, como em guarda delles, os tiverão toda a noite cercados, até a luz da manhã lhes mostrar a fermosura da victoria, que estava encoberta com as trevas da noite. Neste tempo, quando os mouros estavaõ mais contentes de seu bom successo, com a presa quasi nas unhas, correo nova, com azas de pennas falsas, e com muita ligeireza chegou ao Xarife, em que lhe significava em como o campo estava pelos turcos, por rezaõ da treição, que Dogali, e os outros muitos mouros de nome, fizeraõ em se passar ao rei de Argel; entre os quaes, lhe affirmáraõ ser hum delles Alimoxecra, general do campo, e com esta mudança os Turcos tinhaõ victoria. O Xarife, como era de espiritos fracos, espantado com esta nova, dando credito á falsa fama, sem nenhuma consideraçãõ, nem esperar outra informaçãõ, ou remedio de recuperar o que fingidamente lhe persuadiaõ ser

perdido, com affronta e quebra da real pessoa, se poz em fugida com quinze mil de cavallo, que foi principio de sua perdição. Os mouros, que tinham cercado os turcos, como fica dito, ao tempo de concluir a victoria, lhes vêo nova como o Xarife era fugido, com a qual desanimados, e os turcos quasi ressuscitados da morte a huma esperança de vida, nem huns cometerão, nem outros resistirão; mas suspensos ambos os exercitos, se estavam contemplando huns aos outros, postos em igual fortuna. Alimoxecra, quando lhe deraõ a nova do Xarife ser fugido, com persuasão que elle fôra o autor da treição, com animo assocegado, mas confuso e magoado, disse: » Fez o Xarife nisso como quem he: basta ser filho de negra. » Com isto desfazendo se o campo dos mouros, cada huns se derramavaõ por diversas partes, como gado sem pastor. Quando Alimoxecra vio que a victoria lhe fugia tão sem causa das mãos, onde elle tinha a maior parte da honra, e, sem culpa sua, tinha cobrado com o Xarife nome de tredor, em o ter por autor da treição não verdadeira, como desesperado de tal opinião, não quiz entrar em Fez; mas deixando as suas mulheres, filhos e fazenda, foi seguindo o Xarife, dizendo: » Quero-lhe mostrar quão leal sou a hir morrer com elle. » Os turcos como viraõ o diurnal progresso, ordenado por sua saude e felicidade de Mulei-Maluco, de que estavam ja desesperados, não



querendo mais tentar a fortuna, se fôraõ direitos a Fez, onde acháraõ as portas abertas, e os animos dos mouros carregados de medo, suspensos com a variedade dos successos, e sem contradicção alguma metterãõ dentro da cidade ao Maluco, com titulo e ceptro de rei, e sendo obedecido de todos, huus com amor, outros com medo, facilmente esqueciaõ outros respeitos, senaõ a presente fortuna do vencedor. Isto feito, como o viso-rei de Argel fosse homem de engenho quieto e condigaõ imiga de insolencias, por tirar as occasioens aos genisatos de fazerem aggravo aos mouros, com que os ex-candalisassem e elles fossem aborrecidos, alojou-se no campo fora dos muros, onde esteve tres mezes, e alli lhe mandava Mulei Maluco os mantimentos necessarios cada dia, e lhes fez outras muitas mercês, com que ficáãõ bem hospedados, não somente d'elle, mas dos mouros naturaes, os quaes, conhecendo quaõ domesticamente haviaõ usado com elles aquelles dias, lhes fizeraõ alguns servigos, com que os turcos a cabo de trez mezes, na era de 1575, se fôraõ alegres por o effeito de sua vinda, e contentes com os beneficios recebidos.

*De' como o Maluco fez viso-rei de Sus  
a seu irmão Mulei-Hamet. Capitulo XXVII.*

Em mção de alteraçõs tão novas e feridas tão frescas, importava muito a pressa

no provimento, e a confiança nas pessoas, a quem se haviaõ de entregar os magistrados e governo: por tanto, como Mulei-Maluco foi alevantado rei de Fez, e começou a pacificar a republica, adquirio com brandura de prudente capitão aos quietos, e espantando com temor do castigo aos sediciosos, em breve tempo foi geralmente obedecido. Mas porque o reino de Sus he de moradores Alarves, gente de grande opinião de nobreza e primor de discrição, fundados em toda a pontualidade de honra, mandou a seu irmão Mulei Hamet por visor-rei daquelle reino, pera que com a presença da pessoa real os Alarves se quietassem, e não houvesse entre elles alguma alteração em tempo tão turbulento, e quando a discordia dos dous Xarifes estava tão fresca. Neste lugar me pareceu dar huma breve relação verdadeira, e contraria á comum opinião do vulgo, ácerca dos Alarves, em os terem por homens barbaros e de pouco entendimento. Onde he necessario saber, que em Berberia ha dous generos de Nações, cujos costumes he viverem nos campos, sem cidade, nem policia de republica ordenada com leis, nem de homens deliciosos no comer e vestidos, com outras pompas, que o mundo chama ornamentos: huns são os barbaros que morão commummente nas serras dos Montes Claros, os quaes, posto que morem em casas particulares, todavia não chegaõ a juntar-se em cidade em forma de policia. Estes, co-

mo vivem apartados da corte e communicação da gente politica, tem pouco primor no seu tratamento das pessoas, e tambem nos entendimentos carecem das artes e discrição, que poem autoridade nos homens, e assim são havidos por agrestes e de pouco saber. Os Alarves, que tambem fazem sua habitação no campo, não usão de casas fixas, senão de tendas levadiças, pera se mudarem, cada vez que se lhes offerece, com suas fazendas e gados; tanto he seu costume morarem nos campos, que, alem de não edificarem cidades, destroem as ja feitas nas provincias onde habitão. Temos exemplo nos que occupáraõ o reino de Sus antes dos Xarifes; porque, sendo Trudante cidade populosa, com edificios sumptuosos, cercada de muros torreados com ameas, cabeça metropole do reino, a destruirão e arruináraõ, como cousa desnecessaria a sua habitação. São os Alarves gente de mui delicados engenhos pera tratarem todos os negocios de entendimento, eloquentes em palavras, sentenciosos em seus dictos, e muito lidos em todas as historias arabicas, fazendo delicadissimos versos e de mui elegante suavidade, com que fazem ventagem a todos os mouros africanos, e todos os cortezaõs lha reconhecem mui notavel. São tidos os Alarves por toda a Africa por a gente mais nobre della, e o tronco de que os mouros mais se honraõ, e guardaõ entre si tal maneira de conservação de sua geração, que em nenhum ca-



so consentem casar com outra gente, que não seja da mesma nação, ainda que por isso lhes crecessem muitos proveitos: mostram elles por obra a nobreza de que se gloriaõ em o primor que guardaõ; porque são homens de verdade, e por seus amigos ou por os que se acolhem a seu emparo, porraõ as vidas e fazendas, com estranho aborrecimento dos mouros, que não guardaõ as leis da nobreza; e na verdade nisto são tão singulares, que, jactando-se serem elles a gente mais apurada de Berberia, o fazem confessar aos que seguem a corte, e senhores de grandes estados. Mas posto que os Alarves sejaõ commummente gente pobre, e não vivam senaõ dos fructos dos campos e de seus gados, tambem ha ahi entre elles alcaides e senhores de muitos vassallos, a que obedecem e servem com o reconhecimento de rendas; e assim como são gente que vive no campo, curados dos tempos, são mais acostumados ao trabalho, e mais promptos a hum brado se ajuntarem a cavallo, a qualquer feito necessario, o que fazem com muita destreza, seguindo seu exercito, sustentando-se com poucas delicias de manjares e camas: gente propria pera fazer guerra com muita soltura.

*Como Mulei-Maluco e o Xarife se refizerão pera segunda batalha. Capitulo XXVIII.*

Em quanto Mulei-Maluco estava gosando do triumpho em Fez, e com premios e castigos hia estabelecendo seu imperio, novamente ganhado, Mulei-Hamet Xarife, que se tinha retirado a Marrocos, depois da primeira batalha dos Turcos, aos quais elle deo a victoria com sua fugida tão intempestiva, como atraz fica dito, corrido e confuso de seu damno, nacido mais da fama ligeira, que de inveja da fortuna, determinou metter todo o resto de seu poder, e ver se podia recuperar o perdido da reputação e estados; pera o qual mandou soltar a seu irmão Mulei-Nacaa, o qual havia dous annos que tinha preso em Sus, e antes muito tempo em Marrocos, e por respeito da necessidade presente, se reconciliou com elle, pedindo-lhe que, sem lembrança dos aggravos recebidos, não se esquecesse do estado em que o via, e o quizesse ajudar a defender os reinos de seu pai, e lançar fora delles ao Maluco, ja introduzido e apossado de parte delles, e quanto ao premio deste servizo, elle esperava dar-lho maior do que entendia serem as injurias até então recebidas delle, e que tomasse por pinhor desta obrigação a confissão que fazia chêa de arrependimento do passado, e a palavra

do futuro. Assim, ajuntando mais todos os que o haviaõ seguido da batalha, e as reliquias de outros que se acolhêraõ a elle, se refez com hum campo mui lustroso de trinta e cinco mil de cavallo e doze mil de pé, sendo elle o general do exercito, com intento de vir cometter Mulei-Maluco, parecendo-lhe o não ousaria esperar, por os Turcos serem já hidos para Argel, e os Mouros não estarem inda com elle bem vindos em amor. E para que Marrocos ficasse seguro de algumas alteraçõs, deixou-nelle por visorei o alcaide Cid-Hamu-Benanza, homem de muito esforgo e prudencia. Mulei-Maluco, como era mui experto capitão, chèo de espiritos altos e animo valeroso, não se acovardando a tanto aparato do Xarife, em mêo das alteraçõs, em as quais podia arrecear algumas treições, com ousadia, confiado em suas forças, não mostrando desconfiança nos Mouros que sentia duvidosos na lealdade, se armou com a maior diligencia possivel, para o que chamou seu irmão, visorei de Sus, e fez seu campo, no qual ajuntou vinte mil de cavallo, e cinco mil infantes, a quem elle, com muito ar e arte militar, capitaneava. Estando o reino desta maneira diviso em duas cabeças (indicio de sua destruição) com as forças repartidas, cada hum com esperanças de ajuntar todas a huma só coroa, começáraõ a marchar hum contra o outro, e pondo-se os campos á vista da cidade de Cele, começou cada



hum dar ordem á gente, e animá-la naquella batalha tão duvidosa, onde se promettia todo o imperio de Berberia ao vencedor, e grande infelicidade ao vencido; e quanto mais isto importava, tanto cada hum mais trabalhava esforçar os seus soldados, e solidá-los na amizade e lealdade, que são as cousas mais necessarias nas guerras civís; e assi o Mulei-Maluco se poz em parte onde fosse visto de sua gente, e com a eloquencia e discrição, que nelle eraõ companheiras de seu esforço, disse: » Nobres cavalleiros, se » esta batalha, pera que estais armados, com » as vidas offerecidas a todo o risco, fôra » contra cristãos, ou contra outros estrangei- » ros, corrêra-me muito usar do antigo costu- » me, que todos os capitaens tem de exercitar » e persuadir seus soldados a esforço pera pe- » lejar, porque o esforço que vos enxergo nes- » ses rostos confiados e chãos de furor, e nes- » ses ameaçadores braços, me fizêra parecer » desconfiado da victoria; mas por que esta » guerra, em que estamos embarçados, he ci- » vil, como sabeis, travada dentro dos limites » dos reinos, entre os reis e soldados parentes e » liados em consanguinidade e afinidade, me » pareceo avisar-vos ( como todos sabeis) que » não venho tiranicamente conquistar os rei- » nos alhãos, nem os de Mulei-Hamet, meu » sobrinho, mas venho a possuir os de meu » pai, a mim devidos por direito de herança; » e nesta entrada que me vistes fazer no reino » de Fez com ajuda dos turcos, e em que vós,

» como leais vassallos, me recolhestes com amor  
 » de irmãos e naturais, nunca me desviei da  
 » equidade natural, nem da obrigação de pa-  
 » rentesco, que devo ter com Mulei-Hamet  
 » meu sobrinho, que diante de vós vedes ar-  
 » mado contra mim, com aspecto fero de vin-  
 » gança. Eu sempre quiz, e hoje quererei aco-  
 » modar-me á razão de o agasalhar honrada-  
 » mente com algum estado da Berberia, e pe-  
 » nsa-me tanto, contra direito natural e das  
 » gentes, e contra justiça das armas, elle que-  
 » rer tentar força, que sei Deos e os homens  
 » lhe extranhaõ, que deve ser pera sua total  
 » perdigão; e assi tendo em vossos peitos esta  
 » minha justificação por honesta, não pertenc-  
 » do outra honra, outra victoria, outros reinos,  
 » senão ser rei de vossos corações chãos de  
 » amor, com obediencia de vossas vontades;  
 » e quando eu fosse tão moço, que vos não  
 » pudesse defender deste tirano, o qual no  
 » meio da paz de seu imperio e vossa obe-  
 » diencia, não podestes soffrer sua crueldade;  
 » estou mui certo dar-lhe Deos o castigo de  
 » sua temeridade, pois não deixa pacificar  
 » Berberia: por tanto vos rogo ponhais diante  
 » dos olhos agora mais o bem comum de vos-  
 » sa republica, e o particular de vossas mu-  
 » lheres e filhos e fazenda, que respeitos  
 » apaixonados, e continuei com a victoria;  
 » que vos está offerecida e já chamando; por  
 » que, alem de com isso cumprirdes com a  
 » obrigação de vossas honras, mais obrigareis  
 » a mim, a vos fazer mercês. Quanto mais,

» que me he forçado lembrar-vos o que vós  
 » sabeis, e eu quizera esquecer : Mulei-Hamet,  
 » que ali vedes, além de ser filho não legítimo  
 » de meu irmão Mulei-Abdalá, he demais  
 » de escuro sangue, e forçadamente seu nas-  
 » cimento põem macula no illustre sangue  
 » dos Xarifes de Berberia, que também re-  
 » sulta em afronta vossa e de vossos filhos, e  
 » eu sou filho legítimo do Xequé, ao qual  
 » todos muito deveis, pelo amor que teve a  
 » vossos pais, e aos que o alcançastes, e a  
 » honra que por suas victorias alcançou o no-  
 » me africano, a quem meu irmão Abdalá,  
 » contra todo o direito divino e humano, per-  
 » seguiu e desterrou fora de seus reinos, e  
 » matou a meus irmãos Agximen e Abdelmu-  
 » min, sendo tão amados de todos vós por suas  
 » singulares virtudes e esforço ; o que tudo meu  
 » irmão Abdalá fez tiranicamente, somente  
 » afim de não ter quem lhe fosse á mão em  
 » hum feito tão infame, como foi jurar por  
 » príncipe o filho de sua escrava, e deserdar a  
 » mim, filho de meu pai, a quem por direito  
 » de herança me cabem estes reinos, os quais  
 » atégora, juntamente e contra toda a equida-  
 » de, possuo o Xarife meu sobrinho, que ali  
 » vedes : e eu do que vos mereço grande amor,  
 » pois em mêo dos desterros de minha patria,  
 » e peregrinação em reinos tão estrangeiros,  
 » arriscado a tantos perigos, e soffrendo tan-  
 » tos trabalhos, nunca me esqueci de vos vir  
 » emparar, e tirar de casa dos reis de Berbe-  
 » ria o labeo de sangue baixo, com que Mu-



» lei-Hamet a tem maculado. Não me alar-  
 » go mais no que vos podia dizer; pois, além  
 » de vós o entenderdes bem, e sentirdes com  
 » zelo de honra, o tempo não dá lugar pa-  
 » ra alegar leis nem referir respeitos de hon-  
 » ra, que são practica de tempo de paz, se-  
 » não de aparelhar as armas para justificar  
 » todas estas causas. » Como Mulei-Maluco  
 acabou esta falla, com rosto alegre e confia-  
 do, posto sobre hum fermoso cavallo, ar-  
 mado com a lança nas mãos, começou a cor-  
 rer o arraial, e com riso de amor louvava  
 huns, e aspecto severo ordenava os outros  
 no modo que deviaõ ter no offender e def-  
 fender, e com ar de graça, que de si dava,  
 convertia a si os olhos de todos os mouros,  
 e juntamente os corações, com grande es-  
 perança de victoria, tendo-o por dino de  
 huma grande monarchia, e que viéra a  
 Africa pera honra dos reis della, e dar lustro  
 á policia e esforço dos passados, e com seu  
 valor e prudencia alargar os limites de seus  
 reinos, com força de armas. Com isto, reco-  
 lhendo-se o Maluco á sua principal estan-  
 cia, cercado de sua guarda, presentou bata-  
 lha a Mulei-Hamet.

*Da falla que o Xarife fez a seus sol-  
 dados, e da batalha que houve en-  
 tre elle e o Maluco. Capi-  
 tulo XXIX.*

Não se descuidava neste tempo o Xarife  
 Mulei-Hamet do officio de capitão, em

pôr em ordem os seus esquadroens, com ordem de cometter e resistir; e posto defronte do Maluco, com as bandeiras arvoradas e tambores tocados, de maneira que se viaõ e ouviaõ os exercitos hum ao outro, e os soldados batendo as armas com animos ferozes e desejo de se encontrarem, com odio capital, sem lembrança da naçaõ, parentesco, lingua e religiaõ, onde todos eraõ nascidos, o Mulei-Hamet, pera os mais anima, e induzir á compaixaõ do estado em que se via, lhes começou a fallar desta maneira: »Ho-

»je me he necessario, esforgados caval eiros fa-

»zer-vos huma falla por differente maneira e

»differente materia do que atégora se u-ou

»entre os grandes e illustres capitaens; por-

»que, como elles pera alcançar victorias per-

»tendidas, tivessem necessidade de esforgo em

»seus soldados, todas as palavras que busca-

»vaõ e os affectos que fingiaõ era mover huns

»a ferocidade e outros a perder o medo. Eu

»cuido naõ haver falta em vós destas cousas,

»segundo vejo pelos olhos; mas o que quero

»pedir-vos he a compaixaõ de hum rei mofi-

»no, pera me naõ desacompanhardes posto

»em estado infelice, privado de parte de

»meus reinos, e arriscado a os perder todos

»hoje neste dia; mas cómo minha prosperi-

»dade eu a tenha por comum a todos meus

»vassallos, e o que possuia era pera vos fa-

»zer mercês, com emparo de paternal justi-

»ça e zelo de paz, agora como em mim se

»ajuntassem todas as perdas dos bens possi-

„ veis com meu governo, e os trabalhos e  
 „ adversidades que se vos aparelhão com a  
 „ tirania de Mulei-Maluco, que alli vem,  
 „ me acho digno de toda a compaixão, não  
 „ por o que toca a meu estado, senão pelo  
 „ que releva a vossas pessoas, cujo dano  
 „ eu mais sinto; a qual porque cuido mere-  
 „ cer-vo-la, com o bom amor e zelo do bem  
 „ commum e particular vosso, não vos quero  
 „ a isso persuadir com palavras de homem  
 „ magoado, com que o coração agonisado  
 „ se dá a entender, mas com animo perple-  
 „ xo e duvidoso, faço queixume de minha  
 „ mofina, quando vejo a fortuna se ter mos-  
 „ trado com rosto irado contra mim, e in-  
 „ da hoje temo vos inimisteis comigo, por  
 „ se mais vingár de mim, em cujas lealda-  
 „ des tenho postas as esperanças de minha  
 „ saude; mas estou mui confiado na justi-  
 „ ça desta guerra, na qual eu defendo meus  
 „ reinos, e vós vossas vidas e fazendas, com  
 „ esperanças de Deos favorecer nossa parte,  
 „ e se indinar contra os que tiranicamente  
 „ nos querem perturbar. Mas como sinto  
 „ em vós zelo de castigardes injustiças tão  
 „ manifestas, cuido que nunca eu pudéra  
 „ ter mais justa causa de as condemnar, nem  
 „ vós menos razão de as perdoar, que agora:  
 „ por tanto, não vos digo que moveis as ar-  
 „ mas contra aquelles exercitos como inimigos,  
 „ senão como vassallos reveis, esquecidos da  
 „ obediencia de seu rei, e perturbadores da  
 „ propria republica. Bem creô que conhe-



» ceraõ todos sua culpa, e não esperaraõ ver  
 » minha presença, com temor de seu castigo,  
 » e vergonha de sua rebelliaõ. E porqué sa-  
 » beis que mais me mōvo a esta batalha co-  
 » mo zelador da justiça, que autor da guer-  
 » ra, sendo eu amador da paz, eu serei o  
 » primeiro que romperei aquelles esquadroens  
 » armados, e me arriscarei no corpo da bata-  
 » lha, onde me vereis diante de vós, não  
 » com a lança na mão pera matar meus vas-  
 » sallos, mas com vara os castigar. O poder,  
 » que agora tendes de os ferir e matar, não  
 » he por minha vontade; mas ocasionado  
 » por sua culpa, e durando sua pertinácia,  
 » não se pode escusar. Não cuideis que he  
 » de animo fraco pedir-vos compaixão de mim  
 » pois a qualquer parte destes exercitos que  
 » se a victoria inclinar, eu ficarei assas per-  
 » dido e yencido, pois, á força, huns e ou-  
 » tros são meus vassallos e filhos, que mui-  
 » to amo. Mulei-Maluco ficará vencedor,  
 » com o pouco amor dos que o seguem, e  
 » muito odio dos que o offendem.» Esta fal-  
 la acabada, o Xarife se virou com o rosto  
 pera o exercito de Mulei-Maluco, e mandou  
 dar sinal de cometter: e pondo-se diante de  
 todos, com animo determinado, remetteo  
 aos imigos, levando em sua companhia,  
 repartidos pelo corpo do exercito, Mulei Xe-  
 que e a seu irmaõ Mulei-Nacar. Travada  
 batalha a horas de meio-dia, se ateou de  
 maneira, que durou até á noite, cahindo a  
 cada passo mortos e feridos, com igual sorte

de ambos os exercitos, não cuidando nenhum resguardar o irmão e parente da outra parte; mas, julgando por inimigo capital o que era da outra banda, não se perdoavam huns aos outros, mas insistindo na victoria, se feriaõ cruelmente, e ajuntando se huns como outros á lança e espada, se mostravão vingadores dos odios publicos e particulares. Andando a batalha assim taõ incruentada, com o campo banhado de sangue fresco, e coberto de corpos sem alma, e entre elles Alimoxecra, (capitão geral que havia sido do Xarife Mulei-Hamet, no primeiro encontro, quando entrou Mulei-Maluco: ) e Mulei-Nacar, irmão delrei, foi ferido. O Maluco, como capitão experto, posto que tivesse menos gente; e o seu exercito menos forças, tinha maiores espiritos, e soffrendo a batalha duvidosa, com esperanças de fazer termo, reforçava seus soldados a não cessarem, até quando, ja de noite, o exercito do Xarife começou a dar mostras de enfraquecer. O Maluco, que isto esperava, entãõ com maiores gritas apregoava a victoria, mostrando com o dedo os mouros do Xarife hirem-se retirando com a sombra da noite; e carregando sobre elles com maior esforço e mais pezados golpes, começou o exercito do Xarife a se desordenar, e pôr em fugida. O Maluco, que sabia bem pelejar, e melhor vencer, quando viu os inimigos, mostrando-lhe as costas nuas de armas, e os rostos cobertos de vergonha, en-

tão com nova determinação, se pôz no alcance, matando e ferindo, por concluir a victoria, antes que lhe escapasse das mãos, e hia dizendo aos soldados: » reprimí, » reprimí, por amor de mim, o rigor das armas mas nesses vencidos, basta atardes-lhes as mãos fracas, e descobrires-lhes os rostos envergonhados de sua rebelião e fugida, que eu com minha grandeza acabarei de lhes render esses animos ingratos. » Vendo-se o Xarife desbaratado, com cincoenta de cavallo, que o seguirão, se recolheu a Marrocos; mas Mulei-Maluco, não lhe dando tempo de repousar, na mesma noite lhe mandou Mulei-Hamet, seu irmão, nas costas, que o seguisse até Marrocos. Cid-Hamu-Benanza visorei de Marrocos, tendo recado que o Xarife vinha desbaratado, di-simulando com prudencia, por não causar alguns motins na cidade, se assentou á porta da fortaleza a vigiar, e lançou fama que o Xarife houvera victoria, dando, com estas novas, mostras de alegria, pera confirmar mais o que dizia.

*Como Mulei-Hamet, irmão do Maluco, foi em alcance do Xarife até Marrocos, e o Xarife se foi á serra.*

### *Capitulo XXX.*

Hum dia pela manhã, ás oito horas do dia, chegou a Marrocos o Xarife fugido, e desbaratado da batalha; onde Cid-Hamu-Benanza, que ja sabia de sua rota, o reco-



lheo, com muita compaixão de seus mãos  
 successos, como seu amigo leal; mas como  
 o Xarife sabia, que Mulei-Maluco man-  
 dava seu irmão Mulei-Hamet em seu alcan-  
 ce, communicou com Cid-Hamu este nego-  
 cio, e tomou conselho com elle do que fa-  
 ria, tratando isto entre ambos, sem dar parte  
 a outra pessoa. Como o povo andava abala-  
 do com o rouco rumor do desbarato, e os  
 vencidos não tinhaõ que esperar do povo,  
 nem dos amigos, houvêraõ por mais acerta-  
 do hir-se o Xarife á serra dos montes-claros,  
 seis legoas de Marrocos, e levasse as mu-  
 lheres e dinheiro e mais fato possível;  
 para o qual, aquelle dia e noite seguin-  
 te, mandou o viso-rei Cid-Hamu chamar  
 muitos alfaiates, e não faziaõ outra cou-  
 sa mais que taleigos, onde se ensacasse  
 dinheiro e jóias, em os quais mettida  
 grande cantidade delle e de fato, se carregá-  
 raõ muitas bestas, e por ellas faltarem se dei-  
 xou muito, dando-se com grande pressa  
 aviamento á fugida do Xarife, com a maior  
 dissimulação que se pôde, por o povo se  
 não alterar mais. Mandou elrei soltar seus  
 cativos, que seriaõ seiscentos, e lhes man-  
 dou dar armas, e que viessem receber vesti-  
 dos e dinheiro, e mandou recado a dom  
 Antonio da Cunha, tambem cativo, que fos-  
 se capitão delles. Dom Antonio, escusando-se  
 de capitão, offereceo-se pera soldado somente;  
 mas, como pela confusão da pressa e pouca  
 lealdade dos mouros, os officiaes não qui-

zesses dar as armas aos cristãos, não se effectuou hirem com o Xarife mais de sete cristãos, dos quais era um dom Antonio da Cunha, e outro Diogo Dias, portuguez. O dia que o Xarife chegou a Marrocos, andando toda a cidade já revolta com diferentes opiniões, e elrei com as mulheres, fato, e dinheiro entrouxado pera carregar, vêo nova Mulei-Hamet ser chegado ao rio de Toancif, duas legoas de Marrocos, a horas de meio dia, e parar alli, por trazerem já os cavallos mortos, e não poderem passar adiante de caçados. E na verdade Mulei-Hamet se deteve alli, por se não atrever a commetter o Xarife na cidade, por elle não levar gente bastante, e hirem caçados, e tambem arreçar não lhe succeder bem entrar na cidade, tão amotinada com diferentes pareceres, e por isso se deteve no rio Tancif, por dar lugar ao Xarife para fugir, contentando-se com lhe ficar a cidade pacifica, sem feridas; mas, inda que o Xarife andava occupado na fugida, quando soube o estado em que Mulei-Hamet estava, como difficultosamente se poderia defender de qualquer pequena força, determinou de o hir commetter; mas como o povo andava amotinado e confuso, não teve effeito o seu intento; o qual desenganado quão pouco podia hum rei vencido, ainda em meio do seu povo, entendeo em sua partida com maior calôr, antes que alguém se desmandasse com injurias e descortesias.

publicas, e embaragou-se tanto com ella, que sabindo elle por uma porta, entrava Mulei-Hamet por outra; e posto em ordem, ja quasi em noite, começou a caminhar pela serra, com obra de quinhentos homens, levando a fardagem de fato e mulheres. Mulei-Nacar, irmão do Xarife, que hia em sua companhia, ensinado das leis da fortuna e esquecido das naturaes, procurando mais grangear favores do tempo, que compadecer-se da infelicidade de seu irmão, tornou aquella noite da serra lançar-se com Mulei-Hamet, e esperar alli Mulei-Malucco, para o obedecer e servir. O Xarife, caminhando de dia e de noite sem repousar, com temor de lhe não ficarem as costas seguras, foi a outro dia a huma Zouguia, cujo Morabito (que he o religioso della) se chamava Cid-Feres; o qual como hia cansado do corpo e afligido da alma, foi benignamente recebido do Morabito, compadecendo-se muito de seus infortunios, offerecendo-se a toda a ajuda, e agasalhando alli elrei e suas mulheres, o outro dia o acompanhou até outra Zouguia, de traz das serras, cujo Morabito se chamava Cid-Hamet-Bucademe; e dando-se já por seguro de traz da serra, longe de Marrocos, deixando alli as mulheres e dinheiro, foi fazer gente de soldo a Cicutana, onde ajuntou seis mil homens de pé e de cavallo, da nação dos Berberes, gente que vive no campo, como alarves e barbaros, mas homens de muito



entendimento e primor, juntamente com esforço de animo, e destreza de forças corporaes, em que são mui exercitados.

*Como o Xarife entrou pelo reino de Sus e Dara, e da resistencia que achou. Capitulo XXXI.*

Com o favor que o Xarife achou nos Morabitos da serra, mouros religiosos, a que elles chamão santos, e tem muitas rendas de suas Zouguias, com que se fazem estimados e ricos, com a gente que o seguio, e os Bereberes que tomou a soldo, se refêz o melhor que pôde, como o tempo e estado soffriaõ; e como antes de desbaratado tivesse hum filho no reino de Sus, onde de presente já estava retendo, determinou hir metter-se em posse d'elle, e tirar o filho, que estava na cidade de Trudante com o viso-rei, o qual, sabendo da vinda do Xarife, se metteo com o filho na fortaleza, onde se defendesse de qualquer cerco que sobreviesse. O Xarife, que hia com indignação de seus infortunios, e como leaõ dezejoso de dar liberdade ao filho em poder do inimigo, bateo dous dias a cidade, e achando forte resistencia, desistio do seu intento, e desconfiado de não poder entrar, nem tirar o filho, que muito dezejava, com a mesma gente que levava marchou pera o reino de Dara, com intento de o occupar, e fazer-se obedecer, e dahi se refazer com maiores forças com que

tornasse a tentar sua fortuna na pertença dos reinos. O alcaide Estoche, capitão e visorei de Dara, vendo-se inferior nas forças, e que não podia em campo esperar o Xarife, se fez forte na cidade de Tanhuli, onde com muita constancia e esforço se defendia. Naquelle tempo, desconfiado o Xarife de tomar a cidade por força nem rogos, e não estar em estado de fazer cercos vagarosos, estava já quasi resolute em alevantar o cerco, mas estando ainda batendo a cidade, já com menos furor, teve nova como o alcaide Bengriman vinha fugindo do Maluco lançar se com elle e servi-lo. Com esta vinda, não se atrevendo o alcaide Estoche defender a cidade, a entregou a partido, com a qual, e sojeição do reino, ajuntou o Xarife mais de seis mil homens de Sus e Dara, os quais com o conhecimento delrei, temor, ou interesse, o quizerão seguir. Já neste tempo Mulei-Maluco era em Marrocos, e vendo o Xarife andar-se refazendo nos reinos de Sus e Dara, por que com prestesa lhe atalhasse as forças, que hia creando, mandou seu irmão Mulei-Hamet ao reino de Sus (onde era visorei) pera o defender do Xarife, e o offender em tudo, fazendo-lhe cruel guerra, como logo fez; e mettendo-se na cidade de Trudante, metropole do reino, dava ordem no modo da guerra; mais vindo já o Xarife de Dara, com muita gente e campo formado, com algum pouco favor da victoria da tomada

de Tanhuli, deixou o Xequê seu filho com o alcaide Zecherim (homem em quem elle muito confiava, e havia sido visorei de Marrocos) sobre a cidade de Trudante, e tivessem cercado o Mulei-Hamet, pouco antes chegado, como fica dito. Mas por que Mulei-Maluco tambem mandou Dogali (alcaide andaluz do reino de Granada, que se havia passado do campo do Xarife ao de Mulei-Maluco na primeira batalha) com mil infantess impedir o socorro do Xarife, e conservar a gente de Sus e Dara, que se não levantasse, determinou o Xarife hir pelejar com elle e desbarata-lo. Dogali, esforçado e ardilozo capitão, não temendo o poder com que o Xarife o hia demandar, confiando mais no valor dos seus poucos, que na multidão dos imigos, o esperou: mas como o tempo era ja de o Xarife não negeitar algum perigo, lhe presentou batalha, com assas confiança, aventurando sua sorte a todos os lanços, nem se espantou da bravosidade de Dogali; mas travando com elle escaramuça, toda huma noite pelejáraõ, sem as trevas descobrirem cuja era a victoria: pela manhã, tornando-se a refrescar a batalha com mais calor de huma parte e da outra, houve o Dogali de romper o Xarife, e desbaratar-lhe o campo, matando-lhe muita gente, entre os quaes foraõ os alcaides seguintes: Mira-Hamet-Turci, Ali-Benerre, Hamu, Ageroli. Com este desbarate, recolheo o Xarife sua gente do melhor modo



que pôde, e mandou ao Xeque seu filho, que tinha em Trudante cercado a Mulei-Hamet, se viesse juntar com elle pera formar campo, por recear ser comettido, ou por Dogali victorioso, ou por Mulei-Hamet cercado, com dezejo de pelejar em campo raso; com o qual aviso Mulei-Xeque se vêo ao pai, e se refez do resto do seu exercito, com que tornou a formar campo.

*Da batalha que tiverão o Xarife e Mulei-Hamet. Capitulo XXVII.*

Com o alevantamento do cerco de Trudante ficou a cidade livre do perigo, e Mulei-Hamet com liberdade de poder dár socorro ao Dogali, de cujo desbarate temia acrescentar-se-lhe o perigo; mas quando soube que o Xarife vinha desbaratado d'elle, e o Mulei Xeque se fôra ajuntar com seu pai, determinou ajudar-se do tempo e occasião, e pelejar com elles, antes que se tornassem a refazer; mas entendendo o Xarife que toda a sua perdição estava em fugir ou em o desemparrar a sua gente, acabada qualquer rota logo entendia em se refazer, e com animo constante esperar os revezes da fortuna, com esperanças de algum recontro a ter favoravel, e esquecida de seu furor: por tanto, sabendo como o Mulei-Hamet o vinha cometter mais ousadamente, não se espantando já dos infelizes sucessos, o esperou no campo. Postos os campos imigos em

ordem de pelejar, dentro do reino de Sus,  
 em Buxoleia, despregadas as bandeiras, e  
 fazendo os mais sinaes sinificadores de bata-  
 lha, cada hum dos principes trabalhava  
 animar a sua gente pera com esforço pele-  
 jar; e começando o Xarife disse: «Nenhu-  
 » ma cousa me dá maior confiança de ven-  
 » cer esta batalha, que cuidar que está já  
 » cangada a fortuna de me perseguir, e en-  
 » fastiada dos triumphos imigos; e vós que  
 » tendes vistas minhas adversidades, deveis  
 » ser boas testemunhas não nacerem meus  
 » máos successos d'outra parte; pois em  
 » mim nunca faltou constancia pera pôr o  
 » rosto aos imigos, nem em vós esforço e  
 » lealdade de os cometterdes; mas cuido  
 » que até agora tem mais pelejado contra  
 » vós minha triste sorte, que sua boa andan-  
 » ça, e com estes escarneos, com que me  
 » tem a fortuna tão mal tratado, não deses-  
 » pero da victoria, pois ella como he im-  
 » portuna a perseguir huns, he inconstante  
 » a favorecer outros. Desgraças de vossos  
 » vencimentos sentira eu muito, se fôrão  
 » por alguma cobardia que de vós nacêra  
 » ou falta que eu vos fizesse; mas como vos  
 » vejo dignos de perpetua fama, pelo esforço  
 » com que pelejais, quero-vo-la consumir,  
 » com vos mostrar ao mundo, que mais  
 » honra ganhais em conservar hum rei ven-  
 » cido tantas vezes, que alcançar prosperas  
 » victorias de hum capitão venturoso: por-  
 » que quanto eu e toda a Berberia mais

„ entendemos minha estrella ser sinistra,  
 „ pera em todas as batalhas ser vencido,  
 „ tanto mais cresce vossa gloria em me con-  
 „ servardes com lealdade, e defenderdes o  
 „ exercito com valerozo animo: agora que  
 „ de vossa confiança e esforço a tenho eu  
 „ da victoria, e de minha infelicidade te-  
 „ mor de a perder, tentai a fortuna com  
 „ rōgos, pera que cance de vos encontrar,  
 „ pera que vós com ameaços espanteis aos  
 „ inimigos, que, sem minha infelicidade, não  
 „ poderiam esperar o rigor de vossas ar-  
 „ mas. „ Com estas palavras chēas de des-  
 „ confiança, que o Xarife tinha de sua mo-  
 „ fina, não temia dar a batalha, com espe-  
 „ rança da victoria por esforço dos soldados.  
 Mulei-Hamet, volvendo-se aos seus, não  
 lhes quiz faltar com outra materia de per-  
 suações, dizendo: « Senhores, já a felici-  
 „ cidade de Mulei-Maluco, meu irmão, e  
 „ a justiça com que Deos castiga a Mulei-  
 „ Hamet, que alli vedes, vos deve ter per-  
 „ suadido, quão certa tendes a victoria;  
 „ mas alem disto, attentai que a experiencia  
 „ vo-lo mostra muito mais, pois em todas  
 „ as batalhas, de que já andais enfastiados,  
 „ vos vedes sempre vencedores, e os exerci-  
 „ tos do Xarife fugidos. Não vos dou ou-  
 „ tra persuasão, senão a de vossas armas tin-  
 „ gidas no sangue de vossos inimigos, que já  
 „ vos compadeceis de seus máos sucessos;  
 „ mas pois vedes sua contumacia em serem  
 „ mais crueis pera si, que vós pera elles,



„ pois, sem conhecimento do seu erro, vós  
 „ provocão a ira, deveis de converter a pie-  
 „ dade em furor, por vos livrardes de tão  
 „ brutal importunação. Certo que vos con-  
 „ fesso de mim, que me espanto da cle-  
 „ mencia que tendes usado com aquelles  
 „ inimigos, pois tendes mil vezes de compai-  
 „ xão encolhido a mão de seu sangue: agó-  
 „ ra vos rogo vos desenganeis, pois; com  
 „ todos esses beneficios, não querem cessar  
 „ estes barbaros, até nos não beberem o nos-  
 „ so; por tanto, não me parece tempo de  
 „ vos persuadir a esforço contra gente  
 „ tantas vezes vencida, mas aconselhar-vos  
 „ que não he prudencia perdoar tantas igno-  
 „ rancias com perigo de nossas vidas. Ora  
 „ pois, com justo furor dai naquelles inimigos  
 „ sem piedade; lançai de vossas cabeças o  
 „ perigo, que vossa clemencia com elles,  
 „ e o seu odio contra vós podem causar. ”  
 Com estas fallas feitas, ambos os exercitos  
 se puzerão em ordem, e arremetendo hum  
 ao outro se travou a batalha, ferida cruel-  
 mente de cada parte, até que o Xarife co-  
 meçou a declinar nas forças, e o seu exer-  
 cito derramar-se e pôr-se em fugida. Mulei-  
 Hamet, usando da victoria no alcance do  
 inimigo, com desejo de matar ou prender  
 o Xarife, pera quietação das guerras de Ber-  
 beria, apertou tanto com elle, que lhe foi  
 forçado fugir até lhe cansar o cavallo, o  
 qual estancando-lhe de todo, se deceo, e a  
 pé se acolheo a huma serra, onde se salvou.

*Como o Xarife foi desbaratado em outra batalha por Mulei-Hamet. Capitulo XXXIII.*

Com o acontecimento de tão tristes successos, lançando o Xarife suas adversidades á conta de sua moína, soffria com paciencia estes contrastes, e com animo grave confiava que o tempo faria alguma mudança, por onde acaso pudesse ser favorecido, já que por rezaõ e esforço hia sempre de vencida. Com isto, não desconfiando de todo de suas cousas fazerem algum termo favoravel, com animo constante perseverava com esforço ou a perder a vida n'huma batalha, ou com victoria recuperar a corõa, posta debaixo dos pés de seus imigos: e não vendo no dia em que foi desbaratado (como no capitulo atraz fica dito) remedio de se poder restaurar de suas perdas, se foi a huma zougua, cujo morabito se chamava Cid-Hahete, pera alli ou se fazer forte, ou esperar algum remedio, que o tempo podia descobrir. Cid-Mahamet-Bocaden, que na sua zougua o havia agasalhado, dezejoso de o ajudar, ajuntou trinta mil homens, com os quais o viaha socorrer; mas chegou a tempo quando ja hia desbaratado. Quando o Xarife vio o socorro, alevantando com elle as esperanças, ja mui derrubadas, tornou a se refazer contra Mulei-Hamet, que estava ja em Trudante, com quem o Dogali estava

tambem : de maneira que, refeitos outra vez os exercitos , o do Xarife com o socorro de Cid-Mahamet-Bocaden , e o de Mulei-Hamet com o do Dogali , se armáraõ para outra mais dura batalha , na qual huns havião de pelejar com confiança de vencedores , outros com furor de desesperados , o que fazia os recontros de maior perigo. Tornando pois o Xarife atraz a buscar Mulei-Hamet , e elle sahindo de Trudante a o esperar, se encontráraõ em parte , onde postos os campos em ordem, e os soldados persuadidos com efficazes fallas , e huns e outros incendidos com dezejos de vingança , mostrando bravosidade nos aspectos , e ameaças nas palavras , com grandes alaridos e estrepito de armas, arremetêraõ huns aos outros, matando-se e ferindo-se com mortal odio. Mulei-Hamet e Dogali , que eraõ superiores ao Xarife na ousadia de vencedores , ajuntando com isto seus esforços , entraraõ rijamente pelo corpo da batalha, animando aos seus , e pondo espanto aos imigos, com confiança da victoria. O exercito do Xarife , havendo ja experimentado a ventura dos capitaens de Mulei-Maluco e a mofina do seu rei, a quem seguiaõ , não podendo soffrer o pezo da batalha , começou a retirar-se , onde se enxergou o rosto da victoria alegre pera Mulei-Hamet e Dogali , os quaes , conhecendo-a em seu favor, começáraõ a apertar mais com os imigos , até os desordenarem de todo , a quem já não ficava mais



remedio que o da fugida. E aproveitando-se della pera salvação da vida, sem esperanga de honra, se tornou á zouguia, donde tinha vindo, desbaratado. Mulei-Hamet, pondo-se em seu alcance, com zelo de tirar aquellas reliquias de Berberia, como semente de corrupçaõ, achou no caminho Mulei-Maluco seu irmão, que vinha de Marrocos a o ajudar, e ambos juntos feitos em hum corpo fôraõ queimar a zouguia, como colheita de reveis, e couto onde o Xarife se refazia, pera exemplo de outros lhe não darem favor nem o recolherem.

*Como o Xarife entrou em Marrócos e saqueou a judearia, e dahi se foi ao Pinhaõ. Capitulo XXXIV.*

Vendo-se o Xarife taõ quebrado das forças e enganado das esperanças, posto em final despreso da fôrta, vendo Mulei-Maluco, junto com seu irmão Mulei-Hamet, conspirados em o perseguirem até á morte, desenganou-se que não tinha esperanças de saude andando em Berberia, principalmente estando as suas forças já quasi acabadas, e as do Maluco de todo consumadas. Mas nunca todas estas adversidades forão bastantes a quebrar-lhe o animo, pera perder quaisquer occasioens de que se pudesse valer, nem as esperanças em que tinha seu remedio. Vendo pois como Mulei-Maluco era fóra de Marrocos, e andava occupado com seu irmão

no reino de Sus, passeando pelos campos de suas victorias, recolhendo as reliquias do despojo, quietando todas as cousas alteradas com tantas guerras, furtando-lhe a volta, com gente ligeira se vêo metter em Marrocos, com que pôz toda a cidade em temores e espantos, com os quais, não havendo em os mouros da cidade conselho em tão subita vinda, andando confusos e divisos em differentes pareceres, não houve quem ousasse resistir-lhe: o qual entrando na cidade com animo ousado, com gente e alcaides que o seguiaõ, deraõ logo sacco na judearia, onde houveraõ hum riquissimo thesouro de dinheiro e fato, com que a cidade ficou assas temorisada, e não ousou fazer alteraçã alguma. E dalli pond o o Xarife cerco a Al-caceva, a bateo oito dias com muita furia; mas defendeo-a valerosamente o alcaide Ruduaõ, viso-rei, arrenegado, que viêra com o Maluco de Argel. Com esta nova, que logo chegou ás orelhas do Maluco, sabendo como o Xarife estava em Marrocos, e os danos que fazia, apressou o passo por lhe vir soccorrer; com cuja vinda o Xarife alevantou o cerco, e não podendo esperar a furia do Maluco, se foi da cidade; e como em campo raso não tinha forças pera se defender, acolheo-se á serra de Dominete, onde não faltáraõ recontros, alguns de pouco momento, entre os quais e os passados os mouros contaõ vinte e quatro batalhas, entre o Xarife e Mulei-Maluco e seus capitaens.

O Xarife, não tendo já favor humano que esperar de parte alguma, provendo no remédio de sua pessoa e filhos, e mais gente que os seguia, não achou lugar seguro em Berberia, e com isto determinou acolher-se ao Pinhão de Belles, pera se salvar do furor do imigo, disposto a o seguir até á morte: o qual posto em caminho com seu filho Mulei-Xeque, e os alcaides Cid-Hamu-Benanza, Hamet-Benzolet, Mancor-Nabili, Ali, dous filhos do alcaide Zecherim, Cid-Hamet filho do Morabito Bocaden, Aluiali arrenegado, se partio pera o Pinhão, e passando por Fez (o que não podia escusar) lhe sahíraõ ao encontro alguns alcaides; entre os quais houve algumas escaramuças. Nestes trabalhos e adversidades, em que o Xarife se via taõ perseguido da fortuna, nunca perdeu a constancia de hum animo real, antes considerando com prudencia quaõ subjeitos os reis estão a semelhantes casos, procurava quanto podia vence-los com rosto alegre; sabendo que todas as cousas da vida estão dependentes destas inconstancias; esperando como em toda ella ha lugar de as rodas desandarem pera alevantar os cahidos ao cume mais alto, e derribar os alevantados ao profundo mais baixo. Com isto, mostrando a todos rosto de alegria, no intimo do espirito não podia, como humano, deixar de sentir o infelice estado em que se via, e fazer lamentagoens de sua moyna; o qual com dor de coração



soffria ver o Maluco enthronisado em seus reinos, e elle fugido e perseguido fora de sua patria, posto no emparo de reis estrangeiros e imigos. Com estas e outras considerações chegou o Xarife ao Pinhaõ, fortaleza subjeita aos estados de Castella, situada no mar, perto de terra, em huma ilheta de pedra viva, a quem a natureza fortificou de maneira, que nem forças, nem machinas bastão pera a entrar; e não se dando por seguro de Mulei-Maluco vir sobre elle, mandou pedir a elrei dom Philippe de Castella pera se recolher dentro na fortaleza: mas elrei, vendo o perigo da pessoa do Xarife posto em campo, a risco de ser salteado do imigo, posto que lhe desejasse dar remedio, não quiz com segurança alhêa aventurar a sua fortaleza, tão importante á cristandade; mas dando nisso mêo assas justo, mandou dizer ao Xarife, que se poderia recolher na fortaleza com dez homens somente, porque se fossem muitos estava certo o perigo de se alevantarem com ella. O Xarife, tendo em sua companhia muitos alcaides e pessoas de estima, aos quais estava muito obrigado pelos serviços que lhe tinham feito, e a lealdade com que o acompanhavaõ, posto em estado infelice, não quiz apartar-se delles, antes ser-lhes companheiro a toda a sorte, accrecentando mais, como elle não trazia já de toda a Berberia mais que aquellas reliquias, em quem confiava, que com ajuda de seu braço e favor que elles gran-

geariaõ de seus parentes e amigos, que ficavaõ com o Maluco, poderiaõ as cousas tornar-se a perturbar, e elle achar algum refugio; quanto mais que elle tinha escrito a elrei dom Sebastiam, e nisso postas as esperanças de ser restituído, e por meio dos alcaides presentes inquietaria toda a Africa, trazendo a si huns dos seus parentes e amigos, e outros faria deixar as armas contra elle; e por esta causa não quiz o Xarife recolher-se na fortaleza, porque estava certo logo hirem-se os alcaides e mais gente, e deixarem-no só, o que não somente era ficar privado do soccorro, mas com a hida destes alcaides, e bom tratamento que o Maluco por sua prudencia e sagacidade lhes faria, ficavaõ fechadas as portas de todas suas esperanças, pera não podem ter effecto.

*Como elrei dom Sebastiam mandou Pedro de Alcaçova a Castella tratar da guerra, e do casamento com a filha delrei. Capitulo XXXV.*

Em todo o tempo que Martim Gonçalves mandava o reino absolutamente, por elrei descarregar nelle todos seus cuidados, pera ficar mais solto em suas fragueirices, sempre o seguia e se não apartava delle; o qual nem o mestre consentiaõ affeição-se a outra pessoa, que o podesse perturbar da doutrina aprendida; por onde nenhum fi-

dalgo ousava murmurar de Martin Gonçalves diante delrei, assim por elrei o não consentir, e pela muita confiança que nelle tinha, como por temerem a sua muita valia. Mas quando elrei passou á Africa a primeira vez, tendo mais liberdade, e mostrando-se mais tratavel com os homens, começaram a privar com elle alguns mancebos fidalgos de sua criação, em diferentes tempos; mas os que mais entrada tiveram com elrei, e elle lhe mostrava verdadeira afeição, foram Luis da Silva, e Cristovão de Tavora. Estes como tomaram pé na privança, e acharam a porta aberta a seus intentos, os principaes golpes que tiraram para permanecer, foram contra Martin Gonçalves, persuadindo a elrei que não se entregasse tanto a elle, nem se deixasse levar de seu parecer o governo, pois mandava tão imperiosamente, que mais temido era e conhecido que elle mesmo, e já á sua idade não estava bem ser mandado d'elle, nem os nobres do reino o soffrião bem, nem os principes d'outros reinos o tinham a prudencia. Com estas e outras rescens começou elrei de se trastornar, e colher sua liberdade, e querer restringir o poder de Martin Gonçalves, com menos subjeição do que d'antes costumava: e porque Però d'Alcagova andava fora da corte desfavorecido delrei, sendo-lhe mandado não viesse a ella desde o tempo que Martin Gonçalves entrou na privança, e lhe servia o seu officio de escrivam da puridade, pare-



cendo a Luiz da Silva e a Cristovão de Tavora, que com meterem e acreditarém Pero d'Alcagova com elrei terião nelle bom terceiro, assim por Martin Gongalves o ter maltratado, como por elle ser homem de muita descripção, e experimentado nos negocios, de que elrei se o communicasse havia de gostar, tratáraõ fazer com elrei o mandasse chamar, como de feito chamou, e pera isto ficar mais firme, e elles mais ligados, casou Cristovão de Tavora huma irmã com Luiz da Silva, e outra com Luiz d'Alcagova, filho morgado de Pero d'Alcagova. Isto assi tratado, querendo elrei mandar á corte delrei de Castella dar-lhe conta como ainda estava em proposito de tornar á Africa, e effectuar a guerra que tentára e não começára, e juntamente fallar no casamento com a infante dona Clara, filha delrei, posto que lá estivesse por embaixador dom Duarte Castelbranco, meirinho môr, homem de muita descripção e negocio, assentáraõ fosse Pero d'Alcagova, por ser muito sufficiente, e mui versado em negocios taõ importantes. Despedido Pero d'Alcagova delrei, partio pera Castella no principio do anno de setenta e seis; o qual como chegou a Madrid onde elrei estava, havendo tempo e oportunidade, determinou fazer o negocio a que hia; e fazendo fundamento no ponto da guerra de Africa, que elrei dom Sebastian queria tornar a repetir, quiz justificar-lhe o intento ácerca della; porque alem de Por-

tugal poder ter muitos commercios proveitosos e mantimentos de Africa, e afastar de si huns inimigos tão visinhos e continuos, convinha nos principios atalhar os males esperados; e como Mulei-Maluco havia entrado em Berberia com muitos turcos, que lhe derão ajuda e o metterão de posse dos reinos, temia-se de elle fazer guerra a toda Hespanha, por ser capitão valeroso e de animo ousado e pensamentos altos pera grandes empresas; e quando elle engeitasse a tal conquista, ou por falta de forças, ou por se contentar com o repouso, estava certo nos turcos occuparem as fortalezas da ourela do mar e principalmente Larache, porto donde, se elles se apossassem, poderião destruir Portugal e Castella com suas galés. Mas como Pero d'Alcagova sobre esta justificação queria acarretar a tenção e benevolencia delrei de Castella pera dar ajuda a esta guerra, e juntamente fazer sinificaçoens de tocar no casamento da infante, não ousava declarar-se de todo, assim por elrei não aprovar a guerra de Africa, como o aggravo que tinha delrei de Portugal, em não querer casar com a irmã delrei de França, como elle tinha ordenado, e atrás fica dito. Pero d'Alcagova, como era eloquente e discreto, querendo tocar nestas materias, e começasse a florear com palavras mui avisadas, e trazer carretos a seu proposito, pera persuadir o duque d'Alba, com quem fallava, o duque que era outra aguia, e o entendia, lhe disse: » O' senhor

» Pero d'Alcagova, diga V. Mce. o que quer  
 » dizer: » Tendo-se sobre estes pontos ou-  
 tras sessoens, com resoens, e fundamentos  
 mui vivos de ambas as partes, em huus ap-  
 provar a guerra, e outros dissuadi-la, final-  
 mente não se tomou resolução em algum  
 delles. Quando Pero d'Alcagova vio não se  
 concluir seu intento, e sentindo em elrei  
 dom Philippe desejos de ver elrei dom Sebas-  
 tiam, parte ipera o avisar de algumas cou-  
 sas, parte pelo conceito que tinha de sua  
 grandeza de animo, assentou com elle se  
 vissem ambos os reis em nossa senhora de  
 Guadalupe, e ahi assentarem e tomarem  
 resolução nas materias praticadas da ajuda  
 da guerra, e casamento delrei dom Sebas-  
 tiam. Com isto se vêo Pero d'Alcagova a  
 Portugal.

*Como elrei dom Sebastiam foi a Cas-  
 tella, e se vio com elrei dom Philip-  
 pe. Capitulo XXXVI.*

Com a resposta que Pero d'Alcagova  
 trouxe de Castella, do assento com elrei  
 dom Philipe e elrei dom Sebastiam, de hi-  
 rem a nossa Senhora de Guádalupe, e se verem  
 ambos, se alegrou elrei dom Sebastiam muito,  
 assi por ver elrei seu tio e tratar pessoalmente  
 seus negocios, como por ver Castella por sua  
 curiosidade. Fazendo-se elrei prestes, com os  
 fidalgos que o haviaõ de acompanhar, ten-  
 do todos feito mui custosos vestidos e outros



atavios, vêo a nova de Maximiliano imperador, sogro delrei de Castella, ser morto, com a qual elrei se encerrou e tomou dó, e deixados os ornamentos de festa, mandou aos fidalgos que se vestissem de panno preto sem guarnição alguma, a modo de dó. Poucos dias depois de vir a nova do imperador, e elrei de Portugal estar já quasi de caminho, mandou a Cristovão de Távora (que já privava muito com elle) visitar elrei e a rainha de Castella da morte do imperador, e que de volta o viesse esperar a Guadalupe. Não tardou elrei muitos dias que não partisse de Lisboa pera Castella, com os senhores seguintes: sc. dom Jorge d'Alencastro duque d'Aveiro, dom Alvaro da Silva conde de Portalegre e mordomo mor, dom João Mascarenhas, Francisco de Sa, Luiz da Silva, dom Francisco Portugal, dom Vasco Coutinho, Francisco de Távora, dom Diogo Lopes de Lima, Francisco Barreto de Lima veador, Miguel de Moura secretario, Manoel Coresma, Pedro d'Alcagova, e todos os mais officiaes do serviço da pessoa delrei, excepto infinita gente, que hia disfarçada ver a vista dos reis, afastados diante ou detraz das jornadas delrei. E porque, se elrei fizesse caminho de vagar, e jornadas contadas, era necessario abalar e levar consigo toda a corte, com grande pompa e aparato, e com muitas despesas, ordenou elle e os fidalgos nomeados hirem pela posta, de maneira que

partio de Lisboa a quatro de dezembro de setenta e seis, e foi nas galés a Aldea Galega, a dormir, e dali por suas jornadas chegou a Elvas, aonde achou recado e posta que o corréo mor dom Almeida de Tarsis, por mandado delrei, lhe havia trazido. Entrando pois elrei em Badajoz, primeiro lugar de Castella, foi recebido com muita pompa e prazer do povo, e na sé o bispo e o cabido com pallio o viêraõ esperar á porta principal da sé. Aquizem Badajoz, e em todos os lugares de Castella por onde elrei havia de passar, tinha elrei dom Philippe mandado prover taõ excessivamente de mantimentos, assim pera gente, como pera cavalgaduras, que ordinariamente sobejavaõ, ainda que era muita mais a gente; os quaes praõ tantos e em tanta abastança, que a todo o estado de homens se dava graciosamente o que pediam; de qualquer maneira que fossem os mantimentos, com grandes penas aos vendedros nenhuma cousa dessem por dinheiro a homem portuguez, mas ou fossem tomá-lo dos ministros delrei, ou se lhos dessem, não tomassem dinheiros. Da mesma maneira estavaõ os lugares providos de pou-sadas, casas, e estrebarias. Tanta foi a abastança dos mantimentos á hida e vinda, e taõ cerrados estavaõ os portos aos Portuguezes poderem gastar hum vintem, que mandando Antonio Mourão, comprador delrei, homens diante á comprar mantimentos, não havia homem que lhos quizesse vender, nem



tomar dinheiro. Alem disto, tinha elrei mandado publicar em todos os lugares por onde elrei dom Sebastiam passasse, que elle pudesse mandar soltar quaisquer presos, abrir cadeias, perdoar delictos, e a todas as justças lhe obedecessem em tudo que elle mandasse: nas quaes cousas elrei dom Sebastiam teve tal modestia, que de nenhuma quiz usar; mas em casos de seus vassallos se mostrou neste caminho mui liberal, em perdoar muitos crimes de homens que andavão homisiados e estavam presos.

*De hum incendio que houve em Lisboa depois que elrei foi para Castella.*  
*Capitulo XXXVII.*

Ainda que seja interromper hum pouco o fio da historia com materia estrangeira, soffrê-lo-ha o curioso leitor, pôr a deste capitulo ser importante e proveitosa, e não ter outro lugar onde melhor, ou mênos mal, possa caber. No tempo que elrei partiô de Lisboa, aos quatro de Dezembro, como fica dito, pousava elle nos paços de Santos os velhos á Pámpulha, junto dos quaes, ao longo do mar, havia muitas taracenas, que servião de se alojar muito pão e todo genero de virtualhas e mercadorias das naós de Alemanha, Frandes, França, e Inglaterra, e outros reinos, pera commercio, sendo escala tão opulenta como he Lisboa: e com haver grande cantidade destas casas, todas



neste tempo estavaõ chêas de trigo, centêo,  
 farinhas, roupas, enxarcias, breus, e ou-  
 tras cousas semelhantes; entre as quais ha-  
 via huma casa em que estavaõ cento e qua-  
 renta e seis barris de polvora, que tinhaõ  
 vindo de Frandes pera se venderem em  
 Portugal. Não se sabe certo como succedeo  
 o caso, mas presume-se que huns mininos  
 acháraõ aberta a logea dos barris da polvora  
 e puzeraõ o fogo a hum delles, cuja simpli-  
 cidade e innocencia mostra a ignorancia do  
 perigo. Fosse de huma maneira ou d'outra, não  
 nos affirmando na causa, basta que o effecto  
 foi manifesto e espantoso, e nos deo materia  
 de escrever; porque, arrebrandando de im-  
 provisio aquella furia de todos os barris de  
 polvora (em cada hum dos quais havia tres  
 quintais) em hum momento foi arruinado  
 com terribel estrondo todo o lango das ca-  
 sas, que era de muito comprimento ao lon-  
 go da praia, e todas as mais do alto, á fa-  
 ce da rua que corre pera Alcantara. Foi es-  
 te incendio taõ impetuoso, na brevidade do  
 tempo que durou, quanta era a cantidade  
 que se acendeo, e a furia delle, com a  
 qual primeiramente fez taõ grande estrondo,  
 que se ouvio mui claramente em Santarem,  
 que são quatorze leguas, e ainda se sentio  
 em Badajoz, que são trinta e tres. Tal foi o  
 terremoto, que não houve igreja nem edifi-  
 cio grande na cidade, que não fosse gran-  
 demente abalado, com que a gente espan-  
 tada fugia fora delles. No mosteiro da Es-

perança lançou fora as trancas e ferrolhos da porta regal, e ficáraõ abertas: o ferrolho da casa do capitulo muito grosso, com o impeto que deo nas portas ficou todo torcido: no mosteiro da Annunciada lançou fora de seu lugar as grades do côro, muito fortes de ferro; finalmente fez outros mil effectos: que de tal força se esperavaõ, e entrando a chãma do fogo pelas casas onde elrei pousava, quebrou muitas portas e abalou paredes, e a madeira dos telhados foi logo arremegada pelos ares, até cahir no mar; e em muitas partes da cidade as pedras dos edificios foraõ semeadas em diversas partes, das quaes huma vêo matar huma mulher ao marco da Esperança, e outra ferio hum homem na calçada do Congro: finalmente ficáraõ mortos e queimados alguns mercadores e trabalhadores; que andavaõ nas taracenas! Miguel de Moura secretario do reino, que hia com elrei a castella, deixou sua mulher Beatriz da Costa aposentada em humas casas de Luiz César, provedor dos armazens, alli perto. Ao tempo do incendio (que foi a treze de Dezembro, dia de Santa Luzia) estava ella ornamentando com vestidos mui curiosos huma imagem de nossa Senhora com o seu Menino Jesu, e outra de S. José seu esposo e companheiro, pera o presepio do Natal do mosteiro de nossa Senhora da Madre de Deos de Lisboa, da ordem de Santa Clara dos capuchos: como o impeto do fogo achou aquellas casas

mais em alto, e estavaõ sobranceiras no mar, alli fez a força maior abalo, por as tomar em chèo, as quaes lógo em hum instante fôraõ todas arruinadas, fazendo voar os telhados e pedras grandes, e cahindo o sobrado, em que estava Beatriz da Costa em seu santo exercicio, se fundio todo com ella nas logeas debaixo, cahindo sobre ella grande cantidade de madeira, cal, terra, e pedra, levando consigo as imagens que tinha no estrado por companheiras, ficando logo morta uma sua dona, e feridas muito mal outras duas mulheres. Passada a fumaça, e estrondo taõ temeroso e espantoso a todo o homem, acodindo muita gente a casa de Miguel de Moura, e ao lugar onde estava sua mulher, tirandõ o entulho (debaixo do qual ficou enterrada) a acháraõ viva e sã e sem aleijaõ alguma, sem outro dano mais que o fogo lhe levar os toucados e os cabellos da cabeça: nas imagens acima ditas não houve macula alguma nas pessoas nem vestidos, senão huma quebra-dura de um pé de S. José, pequena, cousa certo que mostra misterio, em Deos guardar aquella senhora em perigo taõ grande (por sua muita virtude, e emparo da virgem nossa Senhora) e mais companheiras, pelo zelo com que entãõ os servia; por a qual causa Miguel de Moura e sua mulher, não tendo filhos, e sendo muito ricos de bens temporais, e muito mais de virtudes, ordenáraõ fundar hum devoto e sumptuoso mosteiro de



freiras da ordem das capuchas, em huma sua quinta em Sacavem, duas leguas de Lisboa, o qual está posto sobre o rio que corre pelo pé, e defronte do Tejo, que perto passa, com estremada e deleitosa vista d'elle, o qual neste tempo está feito com mui grão sumptuosidade de edificios, e riqueza de ornamentos e prata pera o culto divino, e bem parecem instrumentos convenientes de louvar a Deos, e dignos das virtudes das religiosas d'elle, as quais alem da nobreza das almas, ornadas com privanças e favores do ceo, tambem a tem do mundo, que ellas com assas desprezo e escarneo tem engeitado; porque a primeira abbadeça, soror Vicencia, he filha do Marquez de Villa-real, com outras de nobre geração: e por morte de Francisco de Sá, conde de Matosinhos, e camareiro mor de Sua Magestade, se recolheo nelle a condeça dona Caterina, sua mulher moça, que nunca houve filhos, onde hoje está professa, calcando com os pés todos os contentamentos da vida, dando de mão ás delicias do corpo, pisando os gostos da honra, finalmente distribuindo sua fazenda com os pobres, com largas esmolas, e outras obras pias, sem do mundo querer favor algum, pera ficar mais serva de Deos e discipula de Christo. No qual mosteiro Miguel de Moura, e sua mulher, tem por devoçam solemniçar no dia de santa Lusía sua festa, quando aconteceo este desastre da polvora, por a devoçam da Santa, e mercê que Deos aquelle dia lhes fizera.

*Como elrei dom Sebastiam chegou a  
Guadalupe, onde elrei dom Phi-  
lipe já o esperava. Capitu-  
lo XXXVIII.*

Continuando elrei dom Sebastiam seu caminho pela posta, com jornadas ja taxadas, elrei de Castella tambem se partio de Madrid com o duque d'Alba seu mordomo, e outros fidalgos, e chegou a Guadalupe primeiro alguns dias que elrei de Portugal: estando pois elrei de Castella esperando ao de Portugal, chegou elle hum dia antes de vespera de natal. Elrei de Castella, que tinha certos avisos das jornadas delrei dom Sebastiam, sabendo como se vinha acercando a Guadalupe, o foi esperar ao caminho, meia legoa antes, mettido em hum coche. Elrei dom Sebastiam, vindo correndo a posta, com a destreza em que era tão versado, como chegou perto do coche delrei Philipe, ambos em hum tempo se apeáraõ; os quaes, chegando-se hum ao outro com os chapeos na mão, com muita cortesia e amor se abraçaraõ; em que elrei dom Philipe, tio delrei dom Sebastiam, por sinaes e indicios sinificativos de grande alegria, se recreava em sua vista; o qual pondo os olhos muitas vezes nelle, que era mancebo formoso e muito bem disposto (cujo aspecto era grave, e de grande veneração) parece que se não fartava de o vêr,

e estava concebendo em seu peito o muito valor e merecimento de hum rei, que elle amava como filho. Com estes comprimentos se detiverão os reis algum espaço, até que o rei de Castella se virou para o duque d'Aveiro (mancebo e principe digno de todas as honras, por sua prudencia e grãvidade e ser amado do mundo; por sua nobreza e brandura de condicão, acompanhada de muitas grandezas de animo) e o abraçou com grande respeito; e assim fez muitas cortezias ao Conde de Portalegre, mordomo-mor del rei de Portugal, por ser velho veneravel em sua pessoa, e da mesma maneira a todos os outros fidalgos portuguezes: os quaes comprimentos acabados, elrei Philipe com muita cortezia pedia a elrei dom Sebastiam, que entrasse primeiro no coche, o qual com summa modestia, e acatamento del rei seu tio e velho, não acceitando aquella honra, aperfiava com elle entrasse primeiro. Nestas competencias de honra e cortezias, querendo cada hum ser o que a desse, e não o que a recebesse, houve elrei dom Sebastiam de acceitar o que elrei seu tio lhe offerencia, pois estava nos seus reinos, ao qual estava melhor e mais formoso dar a mão com todas as honras a hum rei seu hospede e sobrinho, a quem naquella breve vista ficava assás afeiçoado, e via nelle acatamento digno de todas as honras. Com isto entrou elrei dom Sebastiam primeiro no coche, e se assentou á mão direita: e da mesma maneira todo o tempo



que esteve em Castella (que foi do dia acima dito até depois do dia da epiphania) sempre elrei de Castella lhe deu a mão direita nas igrejas, casas, ruas, e finalmente em todas as vistas, mandando alem disto a todos os fidalgos, em tudo reconhecessem primeiro a elrei dom Sebastiam que a elle, e em certa maneira andava buscando todos os modos de venerar e honrar aquelle sobrinho; como cabeça digna de grandes coroas, e ser honrado de hum dignidade acima dos outros reis, e acata-lo com o acatamento que sua pessoa merecia: sobre tudo lhe desejava fazer todos os galhiados e procurar os gostos, mostrando-lhe entranhas de paternal amor, e magnificencia de animo real, nas grandesas de honras que lhe fazia, e no tratamento de todos os portuguezes, em todo o tempo que estiverão em nossa Senhora de Guadalupe. Andavaõ os ministros delrei de Castella com estrema abastança de mantimentos, com cargas pelas ruas e portas dos portuguezes, offerecendo a cada hum o que havia mister e queria, sem conto nem medida, dando as galinhas e perdizes e outras cousas a montes, e assim cevada e palha pera as cavalgadas. Como os reis se metterão no coche, começaram a caminhar, mesturando-se os fidalgos portuguezes na conversação e pratica dos castelhanos, com as cortesias de corte, offerecendo-se huns a fazer honras, e outros a não as aceitar, com altercações

íguaes, procurando cada hum preferir-se ao seu competidor em o servir, e mostrar-lhe maior acatamento; o que tudo eraõ leis de curial cortesia. Nesta ordem chegáõ os reis ao convento de nossa Senhora de Guadalupe, que he da ordem de S. Hieronimo, taõ nomeado em grandezas de edificios, como em evidencia de milagres; e á porta d'elle se apeáraõ, e fôraõ fazer oração; a qual acabada, se recolhêraõ a seus aposentos, e os fidalgos portuguezes foraõ esplendidamente agasalhados, em casas que elrei dom Philippe tinha mandado aparelhar a elles e á sua gente, cançados do largo caminho que traziaõ.

*Como os reis de Portugal, e Castella jantáraõ ambos juntos duas vezes, e pela mesma maneira outras duas vezes os fidalgos portuguezes e castelhanos. Capitulo XXXIX.*

Alem do gasalhado, que elrei de Castella fazia a elrei de Portugal, não soffria seu real animo descuidar-se algum momento de cuidar como lhe daria contentamento; e lhe mostrasse o amor nascido d'alma; pera mostrar do qual, elrei de Castella o convidou hum dia a jantar em sua casa; e elrei de Portugal fez outro dia o mesmo em seu aposento; nas quais comidas, de tanto contentamento de ambos, e representação das



pessoas, pareciaõ inflamados em amor, bebendo hum á afeição do outro, transformando-se os corações entre si; o delrei de Castella com alegria de ter á sua mesa hum sobrinho, rei de tão altos merecimentos, e o delrei de Portugal com summo acatamento de hum tio, rei tão poderoso em estados, e grandioso em magnificencias, a quem venerava como pai, e sentia entranhavel amor: com esta correspondencia não havia entre elles mais que hum continuo estudo como se agradariaõ hum ao outro, e se ajudariaõ a engrandecer os louvores que a ambos eraõ dados: as quais comidas foram com tantas pompas e apparatus reaes, quanto os discretos poderaõ entender por a grandeza de tais principes, e eu a não poderei declarar pela fraqueza de minhas palavras; mas porque os reis tambem se recreassem na communicação e amizade de seus vassallos, deo-se ordem como os senhores e fidalgos castelhanos dessem banquete aos senhores e fidalgos portuguezes, em dia de carne, e os portuguezes dessem outro aos castelhanos, em dia de pescado, o qual foi provido de Francisco Barreto veador de elrei de Portugal, e por ministerio de Antonio Mouraõ, comprador (homem de extrema providencia em semelhantes cousas, e maravilhoso engenho pera qualquer feito cortezaõ) foraõ de Portugal levados por postas de recoveiros, com continuas jornadas de dia e noite, toda a maneira de pescados e mariscos que



em Portugal ha em grande abundancia , e em Castella carecimento. Deixado já para isto recado em Portugal, antes que elrei partisse, em todos os portos do mar, não cessavaõ os recoveiros correr suas postas, e terem a jornada, e lugares onde elrei havia de pousar, providos de muitos pescados: mas chegado o dia em que se havia de dar o banquete aos senhores Castelhanos em Guadalupe, foi taõ grande a abundancia do pescado e marisco, e a diversidade delles, que não somente os Castelhanos se espantavaõ da formã que nunca viraõ, mas como hiaõ frescos, guisados em maravilhoso modo, com espanto diziaõ muitos, que os portuguezes traziaõ comsigo os mares, e os deixavaõ detraz daquelles montes, por em caminho taõ comprido, e em distancia taõ grande, estarem providos de tantas iguarias de pescados e marisco; as quais, contadas, fôraõ cento e noventa, entre assado, cozido, frito, empadas, e outros escabeches; e porque Portugal tambem tem grande abundancia de conservas, por resão da provincia do Brazil, Ilha da Madeira, S. Thomé, e Cabo Verde terem infinitos assucres, de que Castella algum tanto carece, não foraõ em menos cantidade as iguarias dos doces, por sua diversidade e delicadeza, que as dos pescados; no qual houve tanta abundancia em extremo, que era dado aviso aos portuguezes que serviaõ á mesa, nenhum sobejo das iguarias recolhessem á cozinha, nem a casa

outra, mas liberalmente as dessem a quaesquer pessoas castelhanas, que achassem; o que faziaõ com tanta deligencia, que chegando á porta, onde estava infinita gente, aos que primeiro chegavaõ despejavaõ os pratos, assim das iguarias dos pescados, como dos doces.

*Como os reis de Portugal e Castella se resolvêraõ na guerra de Africa e no casamento. Capitulo XL.*

A principal causa da vista dos reis foi pera entre si resolverem os dous pontos de Pedro d'Alcagova, e eraõ, que elrei de Castella dêsse ajuda a elrei de Portugal pera a guerra d'Africa, e elle casasse com a infante dona Clara sua filha: havendo entre elles algumas vistas e sessoens sobre estas materias, elrei de Castella houve por bem dar-lhe a filha em casamento, e pela satisfação que d'elle tinha, pouco fôra faze-lo senhor do mundo, enxergando nelle huma grandeza de animo real, digno de huma grande monarchia; porque em todas as cousas era elrei dom Sebastian tanto homem e rei, que nada lhe faltava para ser temido e reverenciado de todos os grandes principes, e com o animo e esforço que elrei de Castella lhe sentia, naõ julgava por temeridade de mancebo a jornada que antes tinha feito pera Africa, mas de animo invencivel chêo de todo o valor, e com resaçõ podia pôr espanto a todos os barbaros imigos do povo.



cristão, sendo a parte que elrei de Castella mais nelle estimava, por que como elle era emparo da igreja catolica, e principal defensor della, não tinha no mundo visto cousa que mais o alegrasse nem satisfizesse; que vêr hum rei mancebo zeloso de todos estes bens, e sobretudo estremado em esforço pera temor dos imigos, e aumento da igreja catholica. Com estas considerações, e desejos delrei de Castella em fazer todos os prazeres a elrei seu sobrinho e hospede, não houvera no mundo cousa possivel que lhe não concedesse: e tocando no ponto da guerra, a que elrei dom Sebastiam determinava tornar por recuperar a reputação da primeira jornada, em alguma maneira perdida, por haver sido ordenada com muito esforço, e pouco conselho, quiz justificar a segunda com tomar o parecer de seu tio, rei tão poderoso e prudente, e cercado de tão illustres capitaens e soldados, practicos em todas as cousas da milicia, que approvaria o acertado e reprovaria o mal tentado, principalmente do duque d'Alba, com que elrei dom Sebastiam praticou seus desenhos, e a quem pedio com muita instancia quizesse ser seu general, por a fama e experiencia de esclarecido capitão: ao qual elrei de Portugal deo as causas que o movião a atalhar os perigos esperados em toda Hespanha na entrada dos turcos em Berberia; porque se elles tomassem posse d'alguns portos de mar, principalmente o de Larache, colheita anti-



ga e segura de muitas galés, dalli poderiaõ fazer inevitaveis saltos, e prejudiciaes danos na costa do Algarve e Andaluzia, sobretudo cerrariaõ as portas do Estreito, pera nenhuns navegantes ousarem passar, com temor de serem a cada passo salteados dos barbaros turcos: e o que mais temia elrei de Portugal era, que de Larache teriaõ os turcos mais comodidade pera discorrerem pelo mar oceano, e chegar até á boca da barra de Lisboa, onde forçadamente entraõ e sahem todas as frotas de sua conquista, e commercio da India, Mina, Brazil, Guiné e mais Ilhas adjacentes, e as do soccorro dos lugares de Africa, onde as poderiaõ saltear e roubar: juntamente o mesmõ temor poderiaõ ter os estrangeiros de toda Europa, que navegaõ da da parte do norte, como Francezes, Eramen-gos, Ingrezes, Alemaens, não virem a Lisboa, escala principal, trazer as mercadorias, de que elrei teria grande perda, principalmente na falta de paõ e outros mantimentos, de que o reino tem grande necessidade; as quaes navegaçoens e commercios, se em Portugal faltassem, de todo se perderia: e o mesmo perigo ou maior corrião as frotas de Castella, quando vaõ ou vem das Indias occidentais, por o mar oceano, e as de levante, que vem pelo mediterraneo demandar o Estreito, por cahirem mais na boca destes inimigos: que por estas rezoens e exaltação da fé catholica, desejava empregar o seu talento e esforço contra

taõ prejudiciais inimigos. Tanto que elrei de Portugal praticou seu intento, zelo, e causas que o moviaõ a tentar a guerra de Africa, elrei de Castella e seus capitães lhe persuadiaõ muito a não fizesse por sua pessoa; mas, quando elrei de Castella vio o gosto de elrei de Portugal, approváraõ o essencial por lhe apprazer e dar gosto, mas não se resolvêraõ logo no modo della, por este ser vario, segundo os tempos e occasioens, de que cada hora depende, com mudanças improvisas, que se não podem atalhar; porém deixado este particular a outros tempos e conselhos, pediu elrei de Portugal a elrei seu tio o quizesse ajudar nella, pois os inconvenientes de a dilatar eraõ comuns a ambos os reinos; ás quaes petiçoens elrei de Castella por lhe comprazer se inclinou de liberal vontade, e prometteo a elrei seu sobrinho ajuda-lo no veraõ de setenta e sete com cincoenta galés e cinco mil homens, com o qual trato e offerecimento elrei dom Sebastiam ficou mui contente, dando disso as graças a elrei seu tio: e passado dia da epiphania se partio pera Portugal, na qual jornada no caminho achou o mesmo gasalhado, taõ provido de todas as cousas necessarias, como quando antes passára. Nesta jornada, posto que elrei de Castella fizesse todos os gastos dos mantimentos de tanta gente, não se escusavaõ outros muitos grandes delrei de Portugal, á hida e tornada, de grandes e grossas mercês que fez a mui-

tos fidalgos, e aos officiaes castelhanos que o servirão, assim de joias riquissimas, como de dinheiro de contado, do qual foi thesoureiro Antonio da Costa; o qual com muito applauso sempre em sua casa tinha sacos e mesas chêas de muito dinheiro, com homens que o contavaõ, pera se dar ás pessoas que elrei mandava; cujas liberalidades, alem das mais partes ditas, fôraõ mui louvadas a elrei, com que adquiria os coragoens dos homens, ainda estrangeiros, em o desejarem servir, e convertia em si os olhos de todos pera o amarem.

*De como elrei mandou Luiz da Silva a Castella applicar a ajuda que elrei havia de dar pera a guerra. Capitulo*  
*XLII.*

Os fados que guiavão a elrei dom Sebastian, pera sua perdigão, com total castigo da nobreza e riqueza de Portugal, o estimulavão a applicar os mêos da jornada de Africa (tão mal afortunada) com a diligencia possivel. E como nella tinha embebidos seus sentidos, suas ordinarias meditações ahi paravaõ, e não perdia ponto que não applicasse todos os mêos ao effeito della; por que, como elle cuidava começarem-se os negocios a encaminhar prosperamente com a discordia de Mulei-Maluco com Mulei-Hamet, e Berberia com guerras civís tinha quebradas as forças com batalhas, devisaens



e escandalos ainda frescos, principalmente por o Xarife Mulei-Hamet, que andava já desbaratado e fugido, lhe pedir socorro pera o restituir aos reinos occupados de Mulei-Maluco, offerecendo-se tambem ás ajudas possiveis, e com presença de sua pessoa atrahir assim muitos alcaides mouros a seu servigo, e inquietar todo o reino (dividido em dous reis) quando os coragoens dos vassallos não podiaõ permanecer em união em hum corpo, determinou mandar aplicar a ajuda das cincoenta galés e cinco mil homens, que elrei de Castella seu tio lhe havia promettido, ao que mandou lá Luiz da Silva, seu semilher, a quem era muito afieigado. Luiz da Silva como entrou na corte de Castella, poz-se em ordem de negociar, e aplicar a elrei mandasse vir de Italia as cincoenta galés, que havia de dar pera a jornada de Africa, ao qual e aos do conselho dava toda a pressa que elrei dom Sebastiam lhe encarregára. Elrei dom Philippe, que sabia em Portugal não haver dinheiro, nem munigoens necessarias pera a guerra de Africa, tão grande e custosa, e entendia bem não se poder effectuar naquelle anno de setenta e sete, andava entretenendo a Luiz da Silva com a resposta morosa, sem ultima resolução: mas elrei dom Sebastiam, ardendo em fervor de passar á Africa, por ver a guerra entre os mouros ateadá, e que cada vez se abriaõ mais as portas e offereciaõ novas occasioens de sahir com seu

intento, matava a Luiz da Silva com recados apressados, acabasse de concluir com elrei o a que fôra mandado. Luiz da Silva, que não podia fazer mais diligencias pera acabar com elrei de mandar vir as galés, fazia suas justificaçoens com elrei dom Sebastião, do calor de sua negociação, e frieza com que lhe respondiaõ, não sabendo o intento d'elrei de Castella, fundado em tão discreta consideração. Quando elrei dom Sebastião vio o pouco que Luiz da Silva fazia no negócio, parecendo-lhe que não se accelerar a vinda das galés era descuido seu, ou pouca diligencia, com sua costumada colera, determinou mandar vir Luiz da Silva, e enviar outro fidalgo mais caloroso pera aquelle effeito: e não deixara de o ter esta determinação violenta, se Christovão de Tavora, muito privado de elrei dom Sebastião, e cunhado de Luiz da Silva, e Fernão da Silva, seu irmão clérigo, o não dissuadirão de seu proposito, mostrando-lhe como Luiz da Silva não faltava ponto ao negocio que trazia entre mãos, pois solicitava com toda a diligencia possível, e como o effeito d'elle dependia da vontade de elrei de Castella e do conselho dos seus, não era em sua mão acaba-lo com pressa, senão com suavidade e vontade d'elrei. Instando pois Luiz da Silva em sua petição, e apertando muito a elrei de Castella deferisse a ella, vendo-se elrei obrigado, se vêo a declarar com elle, dizendo-lhe, que elle nunca

mudára a vontade nem parecer de cumprir  
 com a ajuda, offerecida a elrei seu sobri-  
 nho, das cincoenta galés e cinco mil homens;  
 mas que tinha sabido claramente não haver  
 em Portugal forças, nem aparelho de gen-  
 te, nem de muniçoens, pera elrei passar  
 aquelle anno a Africa, e esta era a cauza  
 de não mandar vir as galés, nem desem-  
 parar as partes de Italia, onde eraõ necessarias;  
 nem fazia as despezas, que sabia haviaõ de  
 ficar perdidas e em vão. Com esta resposta  
 avisou Luiz da Silva a elrei de Portugal,  
 de que ficou mui descontente, porque cui-  
 dava não ser aquella a causa, parecendo-lhe  
 ter todo o necessario. Este engano d'elrei  
 dom Sebastião, em não crer a elrei de Cas-  
 tella (que com mais cuidado e zelo procu-  
 rava suas cousas) se descobrio em breve tem-  
 po; por que entregando-se Arzila este anno,  
 como abaixo diremos, querendo elrei lá man-  
 dar provimento de armas e mantimentos (que  
 deviaõ ser poucos, pera lugar tão pequeno)  
 quando o quiz effectuar, não achou aviamen-  
 to, nem ordem, com o que se acabou de  
 desenganar de não passar aquelle anno a  
 Africa, e quão enganado o tinhaõ alguns  
 officiais, por quem estas cousas corriaõ, os  
 quaes de proposito e industria impossibilita-  
 vaõ mais os aparatos, pera com isso diver-  
 tirem a elrei de hum intentõ tão mal acer-  
 tado.



*Como Cid-Abdelcherim entregou Arzila a  
elrei de Portugal. Capitulo*

*XLI.*

Bentude, que por seu esforço e muitas batalhas que houve com os cristãos, capitaens dos lugares fronteires de Africa; alcançou grande authoridade entre os mouros, e deixou muito nome entre os cristãos, foi hum dos principaes de Berberia em estados e vasallos, que com elle andavaõ no campo fazendo guerra aos portuguezes. Este alcaide, senhor de Alcacere-quibir, Arzila, Larache, Taleg, Carife, Agéra, e outros muitos lugares comarcãos, e campos fertilissimos de pão e gado, tinha cento e cincoenta mil crusados de renda; por morte do qual, lhe succedeo no estado e auctoridade e esforço seu filho Cid-Abdelcherim, o qual eu ví nesta cidade, e com quem fallei, homem muito avisado e prudente, e de gravidade de hum grande senhor, ornado de primor cortesaõ. Este Cid-Abdelcherim, como foi sempre leal vasallo do Xarife Mulei-Hamet, por o ter jurado rei, posto que Mulei-Maluco o mandou chamar a Fes, onde com palavras brandas e de amor pertendeo grangear-lhe a vontade, vendo quaõ descahido o Xarife já andava das forças, e desapossado do reino, sem esperanza de remedio, não achando com que pudesse alevantar as esperanças de sua vida, e saude do Xa-

rife, apertado da necessidade, lançando mão de conselho mais sã; escreveu a elreidom Sebastiam, por Bento Lopo, portuguez que andava no negocio do resgate; o qual dando-lhe conta do estado em que o Xarife estava, e do seu, pelas alteraçoes de Berberia, se offerecia a lhe entregar Larache, sem resistencia alguma, se mandasse alguns navios e gente a quem a entregasse, e dalli faria entrada em Africa, da qual era informado trazia pensamentos, e debaixo de seu emparo elle ficaria seguro do temor de Mulei-Maluco, e Mulei-Hamet se obrigaria ao seu ceptro, com as obrigações justas e honestas, e com esta occasião ganharia Larache, cousa tão importante a Portugal, e abriria a porta de seus desejos, e finalmente poria o Xarife Mulei-Hamet e a Berberia debaixo de seu tributo. Em se dar esta carta a elrei, ou elle responder a ella, se passáram alguns mezes, mais do que a importancia do negocio requeria, e no cabo de seis mezes que Cid-Abdelcherim havia escrito, não tinha resposta della. A este tempo, tendo já Mulei-Maluco compostos os negocios principaes de Berberia, sendo obedecido de toda ella, quiz acabar de quietar e sojeitar quaisquer provincias e alcaides, de que se pudesse haver algum recêo; pelo que, sabendo que Cid-Abdelcherim ainda era devoto de Mulei-Hamet, e seu estado e vassallos estavam a lamira, e o não reconheciam por rei, deter-

minou trazê-lo á sua obediencia. Cid-Abdelcherim, estando em Alcacere-quibir, tendo posto a seu irmão Cid-Hazus por capitão de Arzila, e temendo Mulei-Maluco o prendesse ou matasse, se recolheu secretamente, com as mulheres, filhos e fazenda, a Arzila, onde o irmão estava, e não se dando por seguro na fortaleza, querendo-se encomendar ao emparo de elrei de Portugal, escreveu a dom Duarte de Menezes (que elrei dom Sebastião deixou por capitão de Tanger, quando de lá se vêo) que em hum dia certo viesse, e lhe entregaria Arzila. Dom Duarte de Menezes, que não desprezou a occasião, com toda a pressa fez cinco navios prestes, com a gente necessária, e chegou a Arzila no dia e hora aprazados, a quem Cid-Abdelcherim abriu pacificamente as portas; e os portuguezes entráram sem resistencia, nem contradição alguma, deixando hir os mouros livremente, e ficando ahí Cid-Abdelcherim com suas mulheres, filhos e fazenda. No mesmo dia, em que Arzila foi entregue, logo Cid-Abdelcherim e dom Duarte mandáram nova a elrei de Portugal do estado de Arzila, e vêo com ella Cid-Hazus irmão de Cid-Abdelcherim, que estava nella por capitão, o qual chegado a Lisboa, e dada a nova a elrei, este estremadamente se alegrou; e parecendo-lhe que já tinha aberta a porta da guerra de Africa, por onde havia de entrar, conquistando-a com mão armada, e trazê-la ao jugo de sua obediencia, fez, com



isto, muitas honras e mercês ao alcaide Cid-Hazus, e escreveu a Cid-Abdelcherim, dando-lhe o agradecimento do serviço que lhe fizera, com promessas de muitas mercês; e quanto ao da carta que lhe tinha escrito, sobre lhe entregar Larache, lhe respondeo elrei que elle em pessoa hiria lá a esse negocio. Passou esta entrega d'Arzila no anno de setenta e sete, em o qual elrei não podia passar, por não ter aviamento, como atraz fica dito. Dom Duarte de Menêzes, como tomou posse de Arzila, não se sahio della, até não ter recado de elrei; mas porque Tangere ficava sem capitão na ausencia de dom Duarte, ficando lá sua mulher e filhos, mandou elrei a Pero da Silva por capitão a Tangere, por ser cunhado de dom Duarte e irmão de dona Leonor da Silva, sua mulher; e como se esperava que o Xarife havia de vir a Tangere, e esperar ahi a elrei, mandou elle, a dom Duarte se tornasse a Tangere pera agasalhar ao Xarife, e a Pero da Silva por capitão de Arzila.

*Como o Xarife, do Pinhão, pedio socorro a elrei de Portugal, e se vêo a Ceita e Tangere. Capitulo XLIII.*

Naõ podendo o Xarife soffrer os continos recontros de Mulei-Maluco e seus capitaens, como atraz fica dito, buscando onde se poderia salvar, e procurar o remedio de que

se valesse em suas adversidades, occorreo-lhe o mais acomodado, que foi o Pinhaõ, onde se poderia acolher, e ser emparado dos Espanhoes, até ter recado de elrei de Portugal, de que procurava valer-se; o qual sendo acompanhado de obra de quinhentos mouros, que preserveraõ com elle na lealdade nos combates da serra, trazendo consigo dom Antonio da Cunha, portuguez que fôra seu cativo, se vêo alojar perto do Pinhaõ, pera que, se o Maluco mandasse gente sobre elle, se recolhesse debaixo do emparo e artilheria da fortaleza, como atraz fica dito; o qual, como já estava bem informado dos intentos de elrei dom Sebastiam passar á Africa, com desejos de lançar de lá os turcos e o Maluco, entendendo que não tinha outra mêo de ser restituído a seu reino, senaõ por elle, lhe enviou por embaixador a dom Antonio da Cunha, o qual com muita vontade acceptou o cargo, assim por se ver livre do cativeiro, como por grangear nisso os dous reis, ao Xarife pela necessidade do socorro, e a elrei dom Sebastiam por a vontade de semelhantes occasiões. O recado que dom Antonio trazia do Xarife era que se queria pôr debaixo do emparo delrei de Portugal, o qual segundo sua grandeza tinha obrigação de primor ajuda-lo em suas adversidades, sem lembrança das antigas inimizades de Portugal com Africa, e lhe pedia, por seus capitaens o quizesse mandar metter de posse de Berbe-

ria, que o Maluco lhe tinha injustamente occupado, e elle se poria debaixo de seu tributo, com as condicoens honestas, e ajudaria a lançar os Turcos fora de Berberia; e ainda que de presente estava quebrado e desbaratado, que, como tivesse ajuda, facilmente recuperaria Berberia, sabendo certo virem-se os mouros a elle, e outros não fazerem resistencia. Elrei dom Sebastiam, que com estas occasioens mais se acendia no fervor de seus pensamentos, lhe tornou por resposta, que elle havia de passar á Africa o verão seguinte de setenta e oito, e para isso o fosse esperar a Tangere, onde havia de desembarcar, e ahi se verião e tratarião o negocio pessoalmente, e que tivesse largas esperanças de o favorecer em sua pertença, e essa era sua principal tenção, na jornada que tinha determinado fazer; para a qual se ficava aparelhando. Com esta resposta pareceo ao Xarife já a fortuna se começava a apiedar d'elle, e alevantando o coração, occupado de huma profunda tristeza, quasi cahido em desesperação, sahindo-se donde estava acolhido debaixo da fortaleza e artilheria do Pinhão, se partio por mar a Ceita, em humas caravelas e bargantins, que o marquez de Villa real, capitão de Ceita, lhe mandou, e a sua gente foi por terra com seu filho Mulei-Xeque, passando á vista de Tetuam. O marquez, tendo recado da vinda do Xarife, o agasalhou em Castelejo mêm legua da cidade; o qual, ten-



do recado como Mulei-Maluco mandava gente sobre elle, se recolheu das tranqueiras a dentro, e ficou emparado da artelharia, onde esteve quatro mezes, nos quais o marquez lhe fez tantas visitagoens, cortesias e mimos, como á pessoa de elrei dom Sebastiam, se presente estivera; e um dia deo um banquete ao Xequê seu filho e aos alcaides, dentro na cidade, comendo o Xequê em mesa alta, e os alcaides no chaõ, como he seu costume: neste banquete fez o marquez tanta cortesia ao Xequê, que, alem de não comer com elle, sempre andou á mesa em pé, dando ordem a seu gasalhado. Tantas cortesias e mimos fazia o marquez ordinariamente ao Xarife e ao Xequê seu filho, que foi estranhado de muitos homens: huns quasi tomavaõ isto como escandalo, e outros o attribuiãõ a baixesa de espiritos: o qual, sendo avisado, pera satisfazer aos que isto lhe estranhavaõ, lhes mostrou uma carta delrei dom Sebastiam, em que lhe pedia e rogava agasalhasse e tratasse o Xarife como a sua propria pessoa. Dahi, querendo o Xarife passar a Tangere, mandou o filho com a sua gente por terra, e elle foi em uma caravela da armada, que servia na passagem do estreito, da qual era capitaõ Manoel Simoens. Dom Duarte de Menezes, estando já a este tempo em Tangere esperando o Xarife, o agasalhou dentro no rebelim, fora dos muros, onde esteve alojado com sua gente até elrei

lá chegar; ao qual dom Duarte fazia muitos serviços, e sua mulher dona Leonor da Silva muitos mimos, mandando-lhe cada dia muitas iguarias, e de noite dar guarda com huma bandeira de soldados. O Xarife estava em huma tenda servido dos seus com aparato real e musica de alaude, violas e outros músicos instrumentos. Nunca o Xarife em todo este tempo entrou na Cidade, mas o Xequê seu filho como era minino foi muitas vezes desenfadar-se em casa do capitão, e com os seus filhos, que tambem eraõ moços. Neste tempo estava Cid-Abdelcherim em Arzila, e sabendo o Xarife ser chegado, logo se foi pera elle, mostrando muito primor e lealdade com engeltar os offerecimentos de Mulei-Maluco, posto no cume da felicidade e obedecido por rei de toda Berberia, e seguir as partes do Xarife, depois de taõ derrubado e lançado fora de seus reinos, não interessando nisso Cid-Abdelcherim mais que honra, pois a prova disto assim ser se mostra em deixar suas terras e estado dos maiores de Berberia, por se fazer companheiro da fortuna do Xarife seu rei, a quem jurou guardar obediência.

*De como elrei dom Sebastião se começou fazer prestes pera passar á Africa, ajuntando dinheiro. Capitulo XLIV.*

— Ja a tempo da era de mil e quinhentos e setenta e oito, quando elrei passou a se-



gunda vez á Africa, era morto Luiz Gonçalves de Camara seu mestre, ao qual elle teve mui grande respeito e amor pela doutrina que lhe ensinara, a quem era devedor de igual acatamento de pai, o qual, por o muito sentimento que teve de elrei passar a primeira vez á Africa, cahio em huma mortal malenconia, e lhe sobrevierão tais enfermidades, com ver elrei ainda inquieto, que se affirma isso lhe haver causado a morte, a qual elrei tanto sentio, que, alem de em sua vida o hir visitar á cama ao collegio de santo Antão, onde estava, depois da morte foi huma madrugada visita-lo á sua sepultura com muitas lagrimas e mostras de sentimento. Sendo pois o mestre morto, e Martim Gonçalves fora de sua privança, os quaes enfreavaõ a elrei, induzido por Cristovão de Tavora e Luiz da Silva, seus grandes privados, e outros que aprovavaõ seus desenhos e lhos louvavaõ, não duvidou esse anno passar a segunda vez a Africa; mas como pera taõ grande aparato e despesa era necessario muito dinheiro, como nervo principal da guerra, usou elrei de todos os meios como o pudesse ajuntar; o qual como tinha justificado o seu zelo com o papa e príncipes christãos, com esta guerra querer lançar os turcos de Africa, por ser grande utilidade da igreja, ou pelo menos impedir-lhe huma grande perseguição, impetrou do summo pontifice Gregório treze a bulla da cruzada, com que se



tirou grande copia de dinheiro: assim impetrou elrei do papa as terças das igrejas, o qual subsidio como era mui pesado e escandaloso, em tempo de tantas perturbaçoens da igreja, e os prudentes e virtuosos não tinham por sufficiente remedio pera guerras tirar a sustentação dos eclesiasticos e religiosos, tendo exemplos de semelhantes ajudas communmente aproveitarem pouco e danarem muito, fez elrei composição com a igreja, e voluntariamente lhe derao cento e cincoenta mil cruzados: alem disto tomou elrei o trato do sal, e juntamente houve pedidos, lançados pelos povos e mercadores: aos prelados, e outros seculares ricos, mandava pedir emprestado dinheiro; com as quais cousas, e outras desta maneira, e boas diligencias de arrecadar e empenhar as rendas do reino e contratos, se ajuntou grande cantidade de dinheiro, com o qual elrei mandou fazer logo grandes provimentos de mantimentos e municoens, com outros petrechos, carros e bois necessarios de larga despeza, por a jornada ser ultramar, onde não tinham nenhuma ajuda, e tudo forçadamente havia de hir do reino, até a palha das cavalgaduras, e a lenha pera fazer de comer: a qual despeza, assim delrei, como dos fidalgos e outros homens honrados particulares, foi tão excessiva, que bastava pera muitos annos, se em terra fôra a guerra; pera o que toda a gente fidalga e honrada se proveo, á sua custa, de todo o

necessario, não esperando algum homem de primor delrei hum vintem, tendo por afrenta tomá-lo delle; dos quais muitos venderão muitas pegas e propriedades, e empenharão rendas e morgados, com muito gosto de o servirem e acompanharem. Tanto pôde a vontade de hum rei, que abala huma republica, aprovando os homens muitas vezes com palavras, e outras com obras, cousas que o entendimento condena, e gastando com liberalidade a fazenda, que com assas trabalho e industria grangearão. Digo isto, porque todo o homem portuguez reprovava o intento delrei, e profetisavaõ todos os danos que se seguirão á republica, e publicamente diziaõ que os levava a entregar aos Mouros, e com tudo isto andavaõ em competencias, quem mais gente e cavallos havia de levar, e agradar a elrei com seus gastos e vontade de o servir. Os veadores da fazenda, que neste tempo meneavaõ todo o peso dos mantimentos, eraõ Pero d'Alcagova, dom Francisco de Portugal, Manoel Quaresma, os quais, com muito aplauso e diligencia, davaõ ordem a todas as cousas, com que elrei folgava.

*Como elrei começou ajuntar gente pera a jornada de Africa, e fez coroneis.*

*Capitulo XLV.*

Pela experiencia, que elrei tinha de quão mal provido fôra de gente, da primeira jor-

nada, quando passou á Africa, quiz na segunda emendar com providencia o primeiro erro, e vendo que importava pera se fazer a guerra haver gente de paga e exercitada na arte militar, ordenou com muita diligencia mandá-la fazer no reino e fora d'elle, e assi mandou Sebastiam da Costa, seu escriptão da fazenda, a Alemanha buscar tres mil Tudescos, cujo general era Martim de Borgonha, homem principal e esforçado: tambem em Castella mandou tocár caixa, onde se fizeraõ dous mil soldados, de que foi general dom Alonso d'Aguilar, sargentos dom Luis Fernandes de Cordova, e o Aldana. Neste tempo crecendo a guerra dos Lutheranos Ingreses contra a Igreja Catolica, Thomaz Estucli, ingrez de nação, que muitos annos havia sido cossairo no mar oceano, alcançando nome de esforçado, com muita reputação dos soldados, que com zelo da fé catolica e emparo da igreja se oppôz a defende-la da pestifera seita que os herejes nella queriaõ semear, vendo-se com poucas forças pera resistir á furia dos inimigos, tão poderosos e que com tanta obstinação se punhaõ a derrubar os muros da igreja, não tendo outras esperanças de remedio, se occorreo ao summo Pontifice Gregorio treze (de baixo de cujo emparo aquella ilha está) como pastor das ovelhas que tem o character do baptismo, com o pasto da doutrina evangelica e sacramentos, lhe desse socorro de gente em favor desta guerra que



fazia. O papa mostrando-se a estas petições mui propicio, inclinado a dar o socorro tão necessario, lhe deo trezentos soldados italianos feitos em Roma, e a elle titulo de marquez de Lenster, os quais embarcados, navegando pelo mar mediterraneo passando o estreito de Gibaltar, demandando a costa de Portugal pera dahí demandarem a ilha de Ilhandra, situada na parte do norte, foi-lhes forçado com temporaes entrarem no porto de Lisboa; mas como elrei estava com esta empresa nas mãos fazendo gente, vendo os capitaens Italianos mal avindos com o marquez e por temer-se mais do dano que do proveito de sua viagem, metteo-se de por meo, e assentou que os Italianos o ajudassem na guerra de Africa, e ao marquez satisfez com promettimentos e esperanças de á vinda o ajudar, o que todas houvéraõ por bem, hindo o marquez por coronel dos Italianos: e pera ajuntar a gente do reino, ordenou elrei quatro coroneis, fidalgos principaes, os quais foraõ dom Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira, Diogo Lopes de Sequeira capitaõ mór das gales, aos quaes repartindo as comarcas do reino, por suas pessoas e outros capitaens foraõ a fazer gente de paga, que fôraõ nove mil homens bisonhos e de nenhuma experiencia, e sobretudo mal providos d'armas. Elrei mandando chamar todos os fidalgos e gente nobre residentes na corte, fez huma falla de-

clarando-lhes seu intento, e como se avia-  
 va pera passar á Africa, e que lhes agrade-  
 ceria acompanharem-no com a lealdade e  
 vontade, que nelles tinha mui certa: aos ab-  
 sentes escreveo o mesmo; mas porque o nu-  
 mero de muitos homens honrados e esforça-  
 dos crecesse mais, aos quais não convinha  
 a elrei, por sua auctoridade, pedir em par-  
 ticular o acompanhassem, nem elles, por  
 honra, se haviaõ de assentar a soldo, orde-  
 nou huma bandeira de aventureiros, onde  
 estes, e muitos fidalgos pobres, escusassem as  
 despesas de cavallos, e se assinalassem na  
 honra, por elles haverem de tomar sobre  
 si todo o peso da batalha: mas como Cris-  
 tovaõ de Tavora entaõ privava excessiva-  
 mente com elrei, fê-lo capitãõ delles, par-  
 te por affeição que lhe tinha, e lhe dár  
 essa honra, parte porque os homens com  
 muito gosto e zelo o seguiriaõ, por o terem  
 propicio, e obrigado pera os ajudar com elle  
 em seus requerimentos. Alferes desta ban-  
 deira foi Francisco Ferreira de Valdeveso,  
 e sargento Pero Lopes, que havia sido ca-  
 pitãõ da gente de pé em Tangere. Não se  
 enganou elrei neste intento; porque, com  
 muita brevidade se ajuntaram debaixo da  
 bandeira dos aventureiros mil soldados,  
 huns muito fidalgos, outros cavaleiros hon-  
 rados, e todos homens esforçados e luzidos,  
 dos quais os mais haviaõ sido capitaens e  
 soldados na India e em Africa: de maneira  
 que deste modo começou elrei a ajuntar gen-



te, e se fez numero de quatorze mil infantes: havia mais mil e quinhentos de cavallo, assi acubertados, como ligeiros, excepto mil e quinhentos gastadores, e outra gente de serviço, que fez numero mais de vinte e cinco mil homens, que pera jornada tão comprida, onde todas as cousas necessarias haviaõ de passar por mar, foi grande exercito. Alem di-to, ajuntou elrei a esta gente a maior parte da de Ceita e de Tangere, de pé e de cavallo; mas por que de todo naõ houvesse estado de gente sem parte neste castigo, mandou elrei chamar a dom Manoel de Menezes, bispo de Coimbra, pera hir por enfermeiro mor, tendo com elle igualmente o mesmo cargo Jorge d'Albuquerque, Aires da Silva bispo do Porto, dom Antonio de Menezes, da iam da capella, com alguns capellaens, e Fernão da Silva, e dom Affonso Castel-Branco, fidalgos deputados da mesa da consciencia, pregadores delrei, e sobre tudo muito seus aceitos: e assim fôraõ muitos religiosos pregadores doctos e famosos, de todas as ordens, assim pera pregar, como administrar os sacramentos a tanta gente, dos quais tambem alguns de muita caridade se occupavaõ de curar os enfermos, e outras obras pias. Foi tambem o padre Mauricio da companhia de Jesus, confessor delrei, e dom João da Silva, provincial da ordem dos pregadores, que morreo em Arzila, antes de o campo partir; os quais ajuntaraõ as rique-



zas profanas de riquíssimos ornamentos, os  
quais convinhaõ pera ministrar o culto di-  
vino entre os pagaõs, que, por inimizade e  
cegueira do entendimento, não tinhaõ noticia  
da solenidade, com que os cristaõs fazem  
suas ceremonias ensinadas pela summa ver-  
dade, e com isto afrontarem e apagarem a  
profanidade dos barbaros costumes, intro-  
duzidos na gente cega pelo demonio; entre  
os quais tambem levavaõ grandessissimas re-  
liquias, pera que com os merecimentos dos  
santos, cujas eraõ, Deos alumiasse os enten-  
dimentos daquella cega gente, e com o lu-  
me da fé lançasse fora as trevas de seus er-  
ros, e abominação de seus vicios. Mas, pos-  
to que com este aparato todos os fidalgos,  
da corte e fóra della, a toda a pressa se fize-  
raõ prestes, todavia, considerando elrei  
quanto importava ficarem alguns velhos no  
reino, pera que conservação da gente plebea,  
mandou a muitos, que havia mais por seu  
serviço ficarem no reino, e não segui-lo, co-  
mo fóraõ o conde de Tentugal, que man-  
dou a tres filhos com elrei, o conde de Sor-  
telha, que mandava dous, dom João Ma-  
noel, dom Philipe de Sousa, Hieronimo  
Corte-Real, Manoel Corte-Real, Luiz  
Gongalves de Taide, Fernam Telles de  
Santarem, dom Antonio d'Almeida, Lou-  
renço de Brito, e outros muitos.

*Das causas porque era reprovada a passagem delrei á Africa. Capitulo*

*XLVI.*

Tal era a necessidade de atalhar os males esperados a Portugal e Castella, e ainda a toda a cristandade, da entrada dos turcos em Africa, e apossarem-se dos lugares maritimos, principalmente Larache, porto capaz de muitas galés, que não houve príncipe cristão, nem pessoa que sentisse bem os inconvenientes, que não entendesse ser esta guerra digna de hum príncipe catolico, a emprender, pondo nisso todas suas forças, com esperanças de ganhar nella muita honra, e fazer nisso muito serviço a Deos; mas a commum e geral reprovação desta guerra não era na substancia faltar justa causa, mas no modo não haver ordem. Huma das causas de ella ser mal tomada dos fidalgos velhos, e outros homens prudentes, era vêr quão sem ordem elrei a queria commetter, sem ter capitaens expertos, nem soldados praticos pera pelejarem em campo, nem sitiarem fortalezas; pois os portuguezes communmente costumão pelear no mar, e nas poucas da terra, não guardarem a arte da milicia, mas com arremetidas impetuosas, cada hum por onde pode, fazem seus accommetimentos, o que, em Africa, se temia lhes causaria toda a perdição, pera a qual ainda lhes faltavaõ as machinas, car-



retas e outras cousas necessarias, que difficul-  
tosamente se podiaõ levar por mar, nem  
ainda em terra havia ordem dellas: quanto  
mais, como elrei não tratava claramente seus  
intentos com homens experimentados na  
milicia, antes andava a fogir de quem lhe  
podia dar objeigoens, fazia todas as cousas  
duvidosas e chêas de medo. O que ainda  
mais acrecentava os recêos de grandes males  
era saber a condicão de elrei ser arriscada a  
todos os perigos, e entendiaõ claramente el-  
le os buscaria muito grandes, sem procurar  
remedio, nem querer acceptar conselhos saõs,  
que, em negocio taõ importante, montaõ mui-  
tas vezes mais que grandes forças; e como  
elle havia de governar o exercito, e nenhum  
capitaõ ousava mandar cousa alguma sem  
seu preceito, viaõ-se claramente os inconve-  
nientes na cabeça, sem tratar de conservar  
os membros com conselho, antes aventurar  
todo o corpo onde os perigos estivessem  
mais certos; cousa de todo o homem pru-  
dente chorada, entendendo não somente hir  
hum exercito grande falto de todas as cou-  
sas necessarias, e sem ministros que o con-  
servassem, mas hir nelle hum rei mancebo  
sem experiencia nem medo, com dezejo de  
ganhar fama com a grandeza de esforço,  
esperava-se pôr todo o exercito a grande pe-  
rigo; e sobretudo os povos e senhores do  
reino com grandes clamores se queixavaõ de  
elrei hir, em pessoa, tomar huma empreza  
taõ duvidosa, a qual diminuia em algu-



ma maneira a auctoridade real; pois tinha capitães experimentados e de esforço, que podião fazer a guerra com mais conselho e utilidade; alem disso, que não tendo elrei filho algum, nem havendo outro herdeiro no reino, era cousa alhea de todo o conselho, e digna de ser reprovada, querer elle pôr o reino, e ainda toda a cristandade, em hum ponto de algum desastre da sua vida. Com estas desordens, que não tinhamão resposta, andava em todas as partes hum rumor lamentavel, no presagio destes males, e com haver este sentimento, se acrescentava mais, ao verem estas cousas sem remédio, não soffrêr elrei contrariar-lhe pessoa alguma seu intento, e ninguém ousava de lho dizer. Todas estas cousas e cada huma dellas, bem pensadas dos experimentados, como as cousas da guerra corrião, e e os perigos da republica se aparelhavaõ, não cessavaõ de gemer vêr hir tudo perdido com o parecer de hum mancebo, que como rei não podia ter reprehensão, e por estar persuadido em seus desenhos, não se esperava remédio. Quanta era a desconsolação de todo o povo, por as rezoens ditas, tanto maior fôra o gôsto de todos de seguir a guerra, se a mandára fazer por seus capitães, e com ordem de se poder esperar algum bom successo: e na verdade, a este fim inclinavaõ a elrei, no principio de sua criação a esta guerra, pera que sendo curioso della, o seguissem os soldados com maior

calor, e os inimigos mais o temessem, ficando resguardada sua pessoa de perigos, e a dignidade real de alguma quebra de sua grandeza, e na verdade, se assim fôra, os negocios houveraõ differentes successos, e a reputação do nome portuguez não ficára tão quebrada com o erro de hum só, que mais força teve pera abater os esforços dos portuguezes, que as armas dos inimigos.

*Como elrei por muitas vezes foi persuadido que não passasse á Africa. Capitulo XLVII.*

Por as resoens atraz ditas se tinha a jornada delrei á Africa por mal acertada, e quanto os recêos de algum desastre eraõ maiores, tanto mais as pessoas que disto se doiaõ, trabalhavaõ por tirar a elrei deste pensamento; porque a rainha sua avó, em quanto viveo, sempre o dissuadio não commettesse tal empresa, pois essa jornada fôra muitas vezes praticada diante della e delrei dom João, em muitos concelhos, sem nella se achar mais que inconvenientes dignos de não ser tentada. Depois da morte da rainha que foi a quatro de Fevereiro de 1578, começou elle com mais liberdade a aparelhar-se; mas o Cardeal, que tambem o amava muito e lhe temia qualquer dano, trabalhou quanto pôde a impedir-lhe seu intento, estando mal com aquelles que lho favoreciaõ, e a elrei persuadio muitas vezes quizesse



mandar fazer aquella guerra por seus capitães, e elle fosse ao Algarve, onde seguindo-o seus vassallos, e muitos estrangeiros, dahi proveria com municoens os exercitos, e com tal ajuda seria mui favorecido pera fazer cruel guerra á Africa. Quando o cardeal vio não aproveitarem suas persuasoens, com muita magoa se despedio delrei e se foi aposentar em Evora, donde era arcebispo; mas, antes que se fôsse, mandou chamar Fernam de Pina Marrêcos, vereador de Lisboa, e lhe disse avisasse aos outros vereadores, seus companheiros, dissessem a elrei o perigo a que punha sua pessoa com o reino, e desistisse da ida de Africa. Fernam de Pina, vendo quão errados eraõ os desenhos delrei, e quanta rezaõ o cardeal tinha, praticando com os outros vereadores o recado do cardeal, foi elle a elrei, e em nome do povo lhe representou o que sentia do negocio, fundando suas palavras, com grande modestia no amor de sua pessoa e perigo do reino. Elrei, como era de aspecto grave e temeroso, aceitou taõ mal o requerimento de Fernam de Pina, que lhe pôz espanto, ao que Fernam de Pina, com temor, se soltou a dizer como o cardeal lhe mandára fazer aquellas lembranças, com o qual accendendo-se elrei em maior colera, lhe mandou trazer papel e tinta, e fazer hum assinado como o cardeal lho mandára. Dado o assinado, escreveo elrei ao cardeal, com o escrito de Fernam de Pina, queixando-se de el-



le andar sollicitando o povo pera lhe impedir sua jornada. O cardeal, vendo como já o negocio não tinha remedio, remetteo-o a Deos, com assas desconsolação de sua alma. Também elrei dom Philipe de Castella, tio delrei dom Sebastiam, tendo o mesmo pensar de elle querer arriscar sua pessoa, sem nenhuma causa, podendo fazer a guerra por seus capitaens, com mais honra e menos inconvenientes, o avisou algumas vezes com cartas, como lhe não convinha aquella jornada, e o mesmo fez aos fidalgos de seu conselho. Quando elrei de Castella vio elrei dom Sebastiam não acodir a seus conselhos paternaes, que como tio lhe dava, com amor e temor de alguma desgraça, quando o mandou visitar da morte da rainha dona Caterina sua avó, pelo duque de Medina-Cæli, com mais claras palavras lhe tornou a fazer lembrança de quão mal aceitava passar elle em pessoa á Africa, por rezaõ da dinidade real se pôr a grande perigo, e não ter filho herdeiro e successor; porque, alem de o casamento com sua filha estar já tão proximo de se effectuar, não era rezaõ elle se fosse fazer guerra antes de o contrahir: alem disto tinha sabido serem os turcos já fora de Africa, e o Maluco estava muito fora de cumprir as condições ao Amurate, antes era imigo de turcos, e elle os havia de lançar fora de Berberia se lá tornassem; mas já que tinha feito os aparatos da guerra, a mandasse embora executar com alguma

capitão de confiança, e depois de casar, e haver filhos, lhe ficava tempo de empregar o seu esforço e talento em serviço da cristandade com os inimigos da igreja, ficando seus estados sem perigo de se perderem. Taõ catolica e houradamente se houve elrei de Castella nestes conselhos santos, que ainda que sabia, por morte de seu sobrinho, elle ser o legitimo successor de seus reinos, mais dor lhe dava a suspeita de sua morte, do que o gosto que podia ter com tal herança, o que bem mostrou depois de sua morte; pois sendo o legitimo herdeiro dos reinos de Portugal, claramente se sentio em sua magestade haver antes perdido alguma parte de seus estados proprios, que herdar o de seu sobrinho, com morte taõ cruel e lastimosa. Mas porque a elrei dom Philippe não ficasse remedio por applicar no mal que temia, tornou a mandar o conde de Andrada, filho do conde Lemos, fazer as mesmas lembranças a elrei seu sobrinho, denunciando-lhe já mais claramente quaõ errado lia, e quaõ apostado a perigos, e com isto tinha cumprido com a obrigação de rei catolico, e tio, que se doia de seus maos conselhos e piores successos. Mas como Deos tinha ordenado o castigo delrei e de toda a nobreza de Portugal, permittio elrei se obdurasse, como outro Pharaó, pera não enxergar os ameaços de seus males, nem os avisos de seu bem, e com seu conselho impetuoso e violento, com appetites de mance-



bo, foi-se por caminhos desconcertados, até se precipitar em fins tão danosos, como os em que acabou.

*Como Mulei Maluco mandou pedir pazes a elrei dom Sebastiam. Capitulo XLVIII.*

Acabo de tantos trabalhos, como o Maluco tinha passado em sua mocidade, e experimentado pobreza e abatimentos de príncipe, cansado já de guerras e peregrinações no serviço dos ottomanos, sc. Solimaão, Selim, e Amurate, onde gastou desoito annos, contentava-se gozar da paz e das pompas reaes com o imperio de Berberia: vendo porem que elrei dom Sebastiam o queria inquietar, com dar ajuda ao Xarife Hamet, lhe mandou recado pedindo-lhe pazes; que não entendia que zelo o movia a se querer fazer juiz entre elle e o Xarife, pois elles ambos eraõ mouros e sempre fôraõ seus inimigos, pera agora se inclinar mais á parte de hum que de outro, e se isto era zelo de justiça, em desaggravar o Xarife por aggravar a elle, que nisto a não seguia, nem tinha esta opiniaõ por cristãa, e quando elle a houvesse de zelar, que a d'elle Maluco era mais clara, pois era filho do Xarife, que ganhára aquelles reinos por armas, e o Xarife filho de Abdalá, o qual por odio, e deixar os reinos ao filho bastardo, matára seus irmãos Agximen e Abdelmumim, contra



direito divino e natural, e perseguirá e deterrará a elle: e alem da successão de Mulei-Hamet ser tiranicamente introduzida, como filho bastardo, devia sua Alteza de respeitar com que auctoridade o favorecia, pois o Xarife era filho de huma negra escrava de seu pai, e com tal nascimento punha labeo no sangue dos Xarifes, o que sua Alteza considerando, não devia favorecer a pessoa de Mulei-Hamet, pera macular a dignidade real dos Xarifes de Berberia: e se se movia a fazer este aggravo, com guerra tão injusta, por se segurar dos turcos, soubesse certo já elles serem fóra de Berberia, e elle os avorrecia, em igual gráo com elle e todos os principes cristãos, e lhe affirmava que não havia de cumprir as obrigaçoens, que contractou com Amütate por o mandar metter de posse do reino, mas estava apostado a fazer guerra aos turcos, se tentassem entrar em Berberia; e quanto a este ponto, podia elle ficar seguro do dano, que temia e em que se fundava; mas se elle movia guerra pera com isso as suas fortalezas de Africa ficarem mais desapressadas dos danos dos mouros em seus campos e novidades, e das corridas até os muros, com oppressão dos moradores e fronteiros, que elle nesta parte se queria justificar com huma firme paz, com a qual elle daria ás suas fortalezas campos bastantes, onde pudessem semear paens e crear gados, e com a firmeza de paz ficariaõ com liberdade pera gozar-se

suavemente de seus frutos, sem temor de algum perigo; mas isto havia de ser nos limites de boa amizade, sem esperanças de por isso lhe dar algum lugar dos que possuía, nem hum palmo de terra, nem huma amêa de qualquer fortaleza. Este recado mandou por André Corso a dom Duarte de Menezes, Capitão de Tangere, que o communicasse com elrei: mas dom Duarte respondendo com arrogancia a este recado, e pedindo muitas terras, respondeo o Maluco, que sobre hum ladrilho podre de Africa daria duas batalhas a elrei de Portugal; o qual, tendo posto o ponto em entronisar o Xarife em seus reinos, e vendo a confiança do Maluco, em tempo de tantas alterações mostrar grandeza de animo em não se querer render a algum partido de obediencia, não fez caso de seus offerecimentos, nem lhe concedeo a paz que pedia. O Mulei-Maluco, quando vio quão mal elrei dom Sebastião se aproveitava dos bons conselhos, e como se inclinava á parte do Xarife, contra resão, ordenou justificar-se com elrei de Castella, dando-lhe conta do que tinha passado com elrei de Portugal, e quão apostado elle estava em não consentir turcos em Berberia, nem a cumprir com a obrigação de Amurate, pelo odio que lhe tinha; e pedia a sua Magestade persuadissem a elrei de Portugal não perturbasse os negocios com guerra, pois com paz podiaõ os reis ambos de Castella e



Portugal tirar mais proveito; porque, como elle não havia de dar aos turcos lugar algum do sertão, nem marítimo, com isto ficavaõ os seus reinos seguros dos assaltos que temiaõ, e ainda tirariaõ fruto d estar a-la-mira, e deixarem-no a elle fazer guerra; porque não somente pertendia lança-los fora de Berberia, mas daria muito favor a sua Magestade lançar fora os de Argel, e o tomaria. Com estas resoens, que elrei de Castella tinha por mui verdadeiras, e sabia os turcos serem fora de Africa, e ao Maluco relevava impedir-lhes a entrada, se a tentassem, e de elle estar em paz com Hespanha volveria as armas contra elles, pareceo a elrei de Castella não convir a elrei dom Sebastiam seu sobrinho, seguir a empreza que tentava, sem esperanças de mais proveito que ajudar a hum rei mouro e imigo, de cuja amizade não havia segurança de os turcos tornarem sobre elle, e Portugal e Castella ficarem com os mesmos perigos, ou por ventura maiores; e do Maluco se esperava segurança na cristandade, e odio contra os imigos della; pois por não cumprir com as obrigaçoens do tributo, em que ficou com Amurate, como estava capitulado, de força se havia de tratar guerra entre elles, com que pela ventura, os turcos seriaõ molestados, sendo Maluco esperto capitão e experimentado nas mesmas armas, e em esta involta elrei de Castella teria occasião de fazer algum assalto em Argel, e tirar



hum visinho, tão danoso e prejudicial à Espanha e Italia; e esta foi a causa de se não effectuar o promettimento das cincoenta galé; e cinco mil homens, que elrei de Castella tinha promettido a elrei dom Sebastião, e mais por ellas estarem em Italia fronteiras ao turco, a quem resistião em guarda da cristandade, e seria perda desemparrar aonde ficavão mais acomodadas pera algum effeito de cometter Argel, ou dar nas costas aos turcos, se se travassem com Mulei-Maluco: o que tudo sua magestade fez com zelo mui justificado do bem commum, assim da cristandade, como do particular temporal de Castella e Portugal.

*Como elrei assentou ir tomar Larachê e meter de posse o Xarife em seus reinos, e fez capitão mór do mar, dos navios de alto bordo, a dom Diogo de Sousa. Capitulo XLIX.*

Quando elrei dom Sebastião se vio tão combatido com conselhos tão claros de pessoas calificadas e bem entendidas, que o servião com reprehensões graves, posto que não desistio de seu caminho, quiz em alguma maneira moderar-se, e pôr algum certo limite a seus intentos; porque como estivesse claro serem os turcos já fóra de Berberia, e o Maluco estava firme em os não recolher, menos havia de remediar em Africa; por tanto elrei assen-

tou comsigo ir tomar Larache, lugar importante, e fazer huma fortaleza pera guarda do rio, e daqui entrar a terra dentro com o Xarife, até lhe acudirem alguns Alcaldes, em que o Xarife tinha esperanças, e depois de ter gente bastante pera se defender e cometer, deixa-lo. Sabendo o Xarife como em Africa não havia turcos, pera que a ida delrei lá fosse necessaria, receando-se muito em elle querer passar com tão grande poder, presumindo não o meteria de posse, senão levá-lo comsigo, pera mais seguramente ocupar Africa pera si, por isso instava tambem da sua parte com elrei não passasse, que pera hum effeito e outro, de tomar Larache e ajudar a elle, bastava hum capitão com quatro mil homens. Elrei, tendo já passado por outras mais urgentes persuasoens e mais efficazes conselhos, sem obedecer a elles, não deo vento aos do Xarife, mais posto em ordem de partir, ordenou fazer capitaens do mar, tendo já feito coroneis da terra, como atraz fica dito: e logo fez capitão-mór dos navios de alto bordo a dom Diogo de Sousa, fidalgo velho e de muito conselho e experiencia, secundariamente mandou chamar a dom Luiz de Almeida, irmão do arcebispo de Lisboa, e a Cristovão de Moura, e dava a cada hum hum galeão de que fossem capitaens; os quaes escusando-se em lhes parecer ser menos-prezo de seus merecimentos hirem debaixo de outra bandeira, que não fosse a delrei, não



quizerão aceitar as capitánias. Elrei como era determinado e colerico, os mandou prender no castello, sem mais outras desculpas, provendo os mais navios de alto bordo de capitaens, e entendeo logo tambem prover as galés, de que era capitão mor Diogo Lopes de Siqueira. Neste tempo começando-se já a juntar gente em Lisboa, assim estrangeira como natural, era cousa muito ferosa a multidão e diversidade dos Soldados, que não cabião pelas ruas, e o porto cheio de náos, humas d'armada delrei, outras de fidalgos particulares, que fazião prestes pera suas pessoas, gente e mantimentos, outra grande cantidade de caravelas e barcos, pera cavallos, palha e lenha, excepto outras muitas embarcações que elrei tinha mandado aparelhar aos portos do Algarve, pera passar a gente d'Alemtejo, de que era coronel Francisco de Tavora, com outros muitos fidalgos e homens honrados, que lá mandavaõ aviar suas embarcações, por dali estarem mais acomodadas a seu modo. Da mesma maneira no porto de Aveiro, e outras partes do reino, estavaõ navios aviando-se com gente e munições, os quais se haviaõ de ajuntar em Africa debaixo da bandeira de dom Diogo de Sousa. Com estes aparatos parecia que ardia todo Portugal em armas, assim por mar como por terra, e em todo elle não se fallar nem tratar mais que no negocio da passagem d'Africa, em a qual jor-



nada os mancebos, que não viaõ os perigos, e se moviaõ pelos aparatos de fóra, ardiaõ com fervor da guerra, promettendo-se grandes victorias; mas os velhos, que enxergavaõ bem o errado caminho delrei, sem ordem da milicia (e os soldados mais occupados em vestidos e joias que em armas) com gemidos do coração suspiravaõ, pedindo a Deos que o mal que se esperava de tanta desordem, e os perigos promettiaõ, fossem moderados com misericordia e clemencia, e o agoute que viaõ armado não fosse com total destruição. Com esta confusão taõ contraira, entre alvoroços afervorados dos mancebos e gemidos melanconizados dos velhos, não havia conselho certo em huns nem outros.

*Como elrei fez governadores pera ficarem no reino, e dom Francisco da Costa pera o Algarve Capitulo L.*

Vendo elrei como em sua ausencia era necessario quem ficases no reino, assistindo aos negocios publicos, e supprisse suas vezes, determinou prover nisso conforme a necessidade do presente; o qual cometendo muitas vezes o cardeal dom Henrique, rogando-o quizesse aceitar o governo do reino, durante sua ausencia, nunca o pôde acabar com elle (\*), antes o cardeal como

---

( \*) O Cardeal me certificou, aqui em Alcobaca, que nunca lhe elrei seu Senhor fallára nisto, com

era de contrair a opinião da ida delrei, não somente nunca quiz dar ajuda, e se pudéra posera-lhe todos os impedimentos, mas como vio a instancia com que elrei lhe pedia acceitasse o governo, se foi pera Evora, por que não parecesse com sua presença favorecer o que tanto estranhava. Elrei quando se desenganou não poder acabar com o cardeal o que lhe rogava, e entendia o zelo com que o fazia, foi-lhe necessario buscar outros homens de confiança e experiencia, a que comettesse o governo do reino: mas como, tirando o cardeal, não havia príncipe a que se pudesse deixar este cargo, e a qualquer outro homem o povo mal obedeceria, se ficasse só nelle, e a muitos melhor tomaria, forão pera isto eleitos dom Jorge d'Almeida arcebispo de Lisboa, Pero d'Alcáçova veador da fazenda, Francisco de Sá, dom Joam Mascarenhas, e Miguel de Moura secretario do reino, aos quais elrei como elegeo, encarregou muito a obrigação de justica, mostrando a confiança de fiar delles negocio tão importante, deixando-lhes largos poderes (ainda que em algumas cousas limitados) assim na execução do castigo, como no fazer das mercês: os quais, como se elrei partio, tomando a seu cargo o negocio dos despachos do reino, se ajuntavaõ

---

as lagrimas nos olhos com sentimento, dizendo-me que o faria por suas indisposições, que eram muitas: e isto me disse aqui em Alcobaça, donde se vão meter, e daqui foi levado pera rei. *Nota do Apographa mais antigo.*



cada dia todos quatro no pago, e a huma mesa, a fazer negocio. Com esta ordem continuavaõ os governadores, ficando-lhes todos os officiaes dos tribunaes subjectos, como ao mesmo rei, com outros da pessoa, como porteiros, que servissem de seus ministros. Alem dos negocio do reino, em que os governadores se occupavaõ, tambem lhes ficava muito a seu cargo prover a elrei de cá com todo o necessario pera a execuçaõ da guerra, assim de gente como munigoens. E por que dom Diogo de Sousa, capitão-mor da armada d'alto bordo, era governador do reino do Algarve, proveo elrei no mesmo lugar a dom Francisco da Costa, estando aviado pera o acompanhar na jornada, por ser fidalgo de muita confiança pera a importancia daquelle governo, e principalmente em tempo taõ necessario pera provimento da guerra, e assim, como o Algarve era fronteiro da costa de Africa, dalli com mais facilidade e brevidade se podessem provêr as cousas necessarias, e comunicar os avisos.

*Como elrei foi benzer a bandeira á Sé e se embarcou na galé real. Capitulo LI.*

Dispostas já todas as cousas, e preparados os da partida, ordenou elrei, como he costume, hir benzer a bandeira real do exercito, pera que Deos lhe fosse propicio com o favor do ceo, escolhendo o dia mais aco-



modado aos quatorze de Junho de setenta e oito, ajuntando-se pela manhã toda a corte no paço, pera acompanhar a elrei: onde foi tão grande o concurso de gente de cavallo da nobreza de Portugal, que fez demonstração de hum exercito formado. Sahindo elrei do paço se pôz a cavallo, mui ricamente vestido de hum telilha entre parda e azul, com muitos troçais d'ouro, e ia tão feroso e airoso, que parecia prometer-lhe a fortuna o ceptro de todo o mundo; por que, alem de ir com muita graça, como elle tinha muita em todas as representações de sua pessoa, aquelle dia as mostrou todas juntas, e converteo os olhos de todo o povo em si, e se enxergava nelle hum aspecto terrivel pera os imigos, e promettedor a seus vassallos de insignes victorias: e com lagrimas, nascidas de alegria, lhe rogava todo o povo a altas vozes prospero successo, e felice gloria de sua empreza: e a ordem que levava era hir diante d'elle o alferes mor dom Luiz de Menezes, com o guiaõ grande de damasco cramesim enrolado, com Cristo crucificado broslado na bandeira, insignia em que elrei sempre trazia os olhos fixados, e que tinha por ajuda de seus estados e por honra de sua fé catolica, cujo professor elle era, pera defender com armas a santa igreja dos insultos dos barbaros africanos, e augmenta-la nas partes orientais com doutrina evangelica, semeada pelos ministros do evangelho sagrado, que elle a

essas partes com muito cuidado mandava; e acompanhado de grande concurso de gente nobre, todos erão em competencia de quem mais gentil, loução e galante appareceria, com mais fermosos ginetes, arreos, custosas roupas e outros atavios de infinito prego: e de verdade, não se pode estimar em tanto as riquezas, vestidos e jaezes daquelle dia, e outras peças e joias, que tudo não seja verdade, porque como os fidalgos virão elrei tão gostoso nesta viagem, e elle se vestia com muitas louçainhas, todo seu cuidado puzerão em cada hum fazer em vestidos de sedas, e peças de ouro, e joias de pedras e perolas, mui largas despezas, por o contentarem: tal era o amor de todos de desejarem servir elrei, e o gosto de o agradarem, que não havia quem sentisse gastos e custos pera este fim, não somente nos atavios da pessoa, mas em todo o mais serviço de camas, mezas, e outros ministerios, em que se fizerão excessivos gastos; assim que parece que quiz Deos despojar a Portugal de toda a riqueza de ouro, prata e sedas, e outras ricas peças, e enriquecer a Berberia, como fizerão os Egipcios aos Hebreos: e bem considerados estes processos, he de crer permittio Deos o castigo, que os Portuguezes mereciaão, e elle já não podia dissimular, por seus pecados, fosse tão geral que tocasse nas pessoas e honra e fazendas, com pobreza de Portugal, e grande prosperidade de Berberia. Deixada esta materia,

da qual havia muito que dizer e meditar ácerca dos divinos juizos, e nos peccados dos homens, tornando ao fio da historia, partito elrei do pago na maneira dita; o qual, subindo pela padaria acima, foi á Sé, onde disse missa cantada em pontifical o arcebispo de Lisboa, e acabada, foi por elle a bandeira benzida com as ceremonias acostumadas. Tornando elrei da Sé, com a ordem que levára, e com bandeira despregada diante, logo se foi embarcar á galé, onde jantou; o que fez a fim de aplicar os homens a se negociarem e embarcarem com brevidade, vendo como elle já estava no mar; com o que os fidalgos se expertáraõ com muita diligencia, havendo grandissimo trafego nas embarcaçoens de tanta gente, muniçoens e outras cousas; e assim de dia nem de noite cessava o rumor da gente, que de huma parte e da outra discorria por todas as partes da cidade, sem cessar. Elrei, como naquellê dia se meteo na galé, nunca della mais se sahio; onde esteve até de todo sahir fora da barra; o qual alli era visitado communmente dos fidalgos e senhores, onde comia e dormia; mas por mais diligencia que se fazia no embarcar, e elrei applicar com sua estancia no mar, não puderaõ acabar até dia de sam João vinte e quatro do mesmo mez.



*De humas palavras que o senhor dom Antonio lee com Cristovão de Tavora, e como o duque de Barchança adoeceo, e não foi com elrei. Capitulo LII.*

Tanta era a privança de Cristovão de Tavora com elrei, fazendo-lhe muitas mercês e honras publicas, em que se enxergava quanto o amava, que todo o homem cuidava que alcançava muito em o servir, por as esperanças de bons despachos com seu favor. Aconteceo que tendo o senhor dom Antonio, prior do Crato e filho do Infante dom Luis, hum criado, que por morte da Infanta dona Maria sua tia (cujo fôra) lhe pedira o tomasse por seu, parecendo-lhe a este homem que servindo Cristovão de Tavora alcançaria mais facilmente remedio de vida e honra, sem dar conta ao senhor dom Antonio, se foi a viver com elle. O senhor dom Antonio, tomado do pouco primor do criado sem sua licença deixar a elle, pera servir a outra pessoa, dissimulando o aggravo de Cristovão de Tavora em o recolher sem ter comprimento com elle, não se dava por achado de huma cousa nem outra. O criado autor desta rapasia, muito contente de lhe ser dissimulada, estando o senhor dom Antonio em Almada, teve taõ pouco pejo que lhe foi fallar e tocar na sua mudança, ainda com algumas palavras ingratas. O senhor dom Antonio, não podendo sofrer seu

despejo (estando por a sésta deitado em hum catre) lançou mão de hum páo da varanda d'elle, e começou de o espancar, o qual fugindo se lançou de huma janella abaixo, onde se tratou mal. Divulgada a causa porque o senhor dom Antonio o espancára, e por o homem se queixar, vêo isto ter a Cristovão de Tavora, o qual como andava tão altivo e enlevado em sua privança, determinou mostrar-se queixoso do senhor dom Antonio, e aggravá-lo no que se offerecesse, com favor delrei. Vindo pois o senhor dom Antonio visitar elrei á galé, quando entrou todos os fidalgos, como tinhaõ de costume, se levantáraõ e se desbarretáraõ, fazendo-lhe a cortezia devida. Cristovão de Tavora, que estava na companhia, não se levantou nem desbarretou: o senhor dom Antonio estranhando aquella novidade, sendo antes muito amigos, lhe disse: *» Cristovão de Tavora por-  
» que me não fallais? »* Respondeo: *« Eu  
» não fallo a quem faz o que vossa excellen-  
» cia fez. »* O senhor dom Antonio, tomado muito deste atrevimento e resposta, logo se foi á pôpa da galé, onde elrei estava, e agastado lhe foi fazer queixume de Cristovão de Tavora. Elrei como tinha toda sua afeição posta em Cristovão de Tavora, e não podia ouvir queixume d'elle, antes se creio o favorecia neste caso, respondeo ao senhor dom Antonio: *« Vós tereis feito cousa  
» por onde elle fizesse isso: »* O senhor dom

Antonio, achando em elrei outro maior aggravo, se sahio logo mui irado, dizendo muitas palavras de homem agastado, entre as quaes, que era melhor hir servir o turco. O duque de Aveiro, como ahi estava, e era hum principe cheio de todo o primor e magnificencia, quando ouvio o senhor dom Antonio taõ queixoso, se foi a elle com muitos offerecimentos, a o tirar da colera que tinha, e se foi com elle á não, onde já estava embarcado: o qual, como chegou a ella, mandou tirar as bandeiras, e despir-se das roupas de seda muito custosas, e vestir-se de preto elle e os seus, mostrando-se em extremo anojado e aggravado. O duque de Aveiro, desejando temperar estas discórdias, de que se esperavaõ muitos enfadamentos, nunca se apartou do senhor dom Antonio, por o tirar deste sentimento, e procurar alguma reconciliação com elrei. O Cardeal, que naquelles dias viera de Evora despedir-se de elrei, foi-se pera Cintra pera o mosteiro de Penha-longa, da ordem dos Hieronimos: o senhor dom Antonio posto que este tempo se não corria com o Cardeal seu tio, todavia no tempo do trabalho e afronta não teve com quem desabafar seus queixumes senão com elle; e sahindo da não, se foi ter com elle dar-lhe conta do successo, mostrando-se mui sentido do que elrei lhe dissera. O Cardeal, posto que sentio muito aquelle aggravo, assim de Cristovaõ de Tavora, como d'elrei o consentir,



feito ao filho do infante dom Luiz seu irmão, o consolou e aconselhou como velho santo e prudente, tirando-lhe da imaginação o sentimento que disso tinha, com resoens bastantes pera o aquietar, tomando elle á sua conta seus aggravos e se queixár a elrei, pedindo-lhe não fizesse com isso alteração, nem desistisse de acompanhar elrei na jornada. O senhor dom Antonio com isto se tornou á não, a quem o duque de Aveiro tornou a acompanhar. Elrei cahindo no erro que fizera, e segundo dizem, persuadido por rogos do mesmo Cristovão de Tavora e sua mãe, e outros parentes, se foi huma tarde a bordo da não do senhor dom Antonio, e lhe fallou com muita brandura, e mandou tocar as charamelas, e o levou comsigo no bargantim. O senhor dom Antonio como estava tão aggravado, posto que com palavras cortezes e avisadas, encobridoras de seu sentimento, agradecesse a elrei a mercê e honra que lhe fazia naquella salva, não foi isto parte de elle fazer alguma mudança do nojo em que estava assentado. Ao duque de Barchança dom João, que tambem estava na corte aviado com suas náos, gente de pé e cavallo, pera acompanhar elrei, sobrevêo-lhe huma grande enfermidade de febres mui grandes, já em vesporas da partida, e elrei estar embarcado; o qual como se viu neste estado, com assás desgosto desta enfermidade lhe impedir a hida, logo com muita pressa

mandou chamar seu filho dom Theodosio duque de Barcellos, pera ir em seu lugar na companhia delrei, e por capitão de sua gente: o qual embarcado em huma não da carreira da India muito grande, com todos os fidalgos de seu pai, foi com elrei, sendo elle muito moço de idade de doze ou treze annos. Desta maneira houve nosso senhor por bem de livrar o duque de Borgança do perigo a que estava já aparelhado, e como depois aconteceu a todos os que lá foraõ.

*Como elrei partio de Lisboa pera Africa, e estere alguns dias em Cales.*

*Capitulo LIII.*

Havendo já dez dias que elrei dom Sebastiam estava embarcado, sollicitando grandemente a cada hum fazer o mesmo, sendo já tudo a ponto aviado, se partio de Lisboa a vinte e quatro de Junho de setenta e oito, em huma grossa armada de galés galeoens e náos, entre as quais iaõ cinco galés, cujo capitão mor era Diogo Lopes de Sequeira. Nas galés iaõ os capitaens seguintes: da galé real onde elrei ia, era Pera Peixoto da Silva, Diogo Lopes de Sequeira, Antonio de Abreu, Joam Mendes de Menezes, Antonio de Mello do Algarve. Dos navios de alto bordo era capitão mor dom Diogo de Sousa, entre os quais iaõ seis galeoens muito grandes armados. Dom Diogo ia no

de Sam Matheus: nos outros iaõ, Manoel de Misquita no de Sam Martinho (que ia aparelhado pera elrei se passar a elle) e dom Francisco de Sousa, Martim Affonso de Mello, Manoel de Mello da Cunha, o do olho, Luiz Alvares da Cunha: toda a gente ia repartida pelas galés e náos de alto bordo, cada hum como lhe cabia a sorte; a qual frota era taõ grande, de toda a maneira de vellas, que parecia cobrir o mar, e punha espanto a toda a Africa: porque entre as galés e galeoens e náos armadas, e navios mancos de toda a sorte, chegou a frota a numero de oitocentas velas, com as que tambem partiraõ de outras partes do reino. O senhor dom Antonio como estava taõ aggravado, como fica contado, ficando o duque de Aveiro com elle na sua não (pera o acompanhar naquelle desgosto, por serem muito amigos) partiraõ dois dias depois de elrei sahir fora da barra. Elrei vendo-se no tempo taõ dezejado, alegrava-se em extremo ver o alvoroço de todos em o servir, e o grande poder que levava, e com a multidão das vellas entendia pôr espanto a toda a Africa; o qual foi com tempo prospero ter ao Algarve á cidade de Lagos, e dahi a Cales, cidade de Espanha. Elrei chegando alli com toda a frota a vinte e nove de Junho, se fez surto, por esperarem o resto da gente que não tinha chegado, principalmente Francisco de Tavora, coronel da gente d'Alentejo, que havia de em-



barcar nos portos do Algarve com seu terço, e outros muitos fidalgos que tambem alli, e em outros portos, tinhaõ suas embarcações. Vendo os soldados como elrei se não havia de partir de Cales até lhe não chegar o resto da frota que esperava, sahio-se a maior parte da gente em terra, assim fidalgos, como outros de toda a sorte, onde de-raõ vista a Espanha ( por de muitas partes virem muitos fidalgos castelhanos a verem-os) da riqueza e ornamento daquelle exercito, e vestidos, joias, e outros ornatos de pessoas e serviço, com que fez demonstração da mais luzida gente do mundo; e os que os viaõ com tanto esforço e ufania, com hum tal confiança, lhes prometiaõ render-se Africa sem resistencia, ajuntando a isto o muito poder que elrei levava, e sobre tudo a grandeza de animo e gravidade da pessoa, que se enxergava nelle, mancebo esforçado, dotado de todas as boas partes corporaes, e muito mais das virtudes da alma dignas de hum grande monarca, em quem resplandecia o zelo e confiança de libertar a igreja catolica das opressões dos barbaros inimigos, com dano de toda a Africa. O duque de Medina-Sidonia, senhor de grandes estados, e de maiores virtudes e grandezas, por elrei dom Sebastiam estar alli naquella cidade sua, se vêo a visita-lo com muito amor, offerecendo-se-lhe a todos os serviços, e procurando dar-lhe todos os contentamentos; o qual desejando festejar a elrei,

Ihe mandou correr touros, a que todo aquelle exercito se achou presente, posto que elrei não fosse a elles (ainda que alguns dizem foi disfargado) nem sahio em terra mais de huma vez, a ouvir missa a huma ermida fóra da cidade. Gastando elrei neste porto sete dias, como teve nova que se vinha chegando o resto da gente e a frota, se foi a Tangere, sua cidade fronteira em Africa, da outra parte do Estreito, desoito leguas de distancia. Elrei chegando á mêm noite na sua galé a Tangere, mandou recado a dom Diogo de Sousa, capitão mór da armada de alto bordo, fôsse ancorar com toda a frota a Almodrava, porto seguro duas leguas de Arzila, onde esteve surta até elrei se fazer á vella pera Arzila, onde se toda a frota e gente ajuntou, e desembarcou.

*Como elrei chegou a Tangere, e foi visitado do Xarife e do Xequê seu filho.*

*Capitulo LIV.*

O Xarife, que estava em Tangere, com os olhos e esperanças postas na vinda delrei dom Sebastiam, como autor de sua honra, e mêm de ser restituído á posse de seus reinos, sabendo estar tão perto em Cales, como em atalaia, esperava cada hora sua vinda. Partindo elrei de Cales nas galés, apartando-se da frota d'alto bordo, chegou a Tangere á meia noite, a seis dias de Julho. O Xarife tendo vigias pera ser avisado



da chegada delrei, logo na mesma hora mandou seu filho Mulei-Xeque visita-lo: elrei como soube da vinda do principe, o foi receber ao meio da galé, tratando-o com cortezia, e o levou á popa, onde recebeu a visitaçãõ de Mulei-Xeque em pé, e á despedida o tornou elrei a acompanhar até sahir da galé. O Xarife, tanto que amanheceo, tendo aviso estar elrei alevantado, o foi visitar, levando consigo Cid-Abdelcherim e os mais alcaides, e outros mouros honrados, até o numero de quinze. Elrei vendo o Xarife chegar á galé, o foi receber á entrada della com o chapéo na mão, e o Xarife com inclinações o beijou no hombro, conforme ao costume dos mouros, e se abraçaraõ com muitas cortezias e gasalhados, e dahi hindo-se pera á popa se assentáraõ ainbos, e Cid-Abdelcherim com elles, onde perguntou o Xarife a elrei como vinha do caminlio, e se estava bem disposto, acrescentando a isso quanto se alegrava com sua vinda, pois com vêr sua pessoa se lhe certificavaõ as esperanças de por elle ser alevantado da queda que a fortuna lhe tinha dado, e ser restituído á honra e estados que elle tinha perdido. Elrei lhe respondeo com alegre semblante, chèo de huma magnificencia real, dizendo que elle tinha por mui bem empregado o trabalho da pessoa e despezas do exercito e vassallos, pera com tudo o favorecer e ajudar a recuperar o perdido, e o não móvia outro interesse senaõ cumprir



com a divida, que os principes cristãos tem de ajudar e favorecer os reis descahidos de suas prosperidades, e ainda aos mouros e imigos, quanto mais que tendo-o por amigo esperava lançar fóra de Berberia os turcos, e fechar-lhes as portas pera nunca mais entrarem nella, por assim convir a seus reinos e estados: com a qual resposta ficou o Xarife tão alegre, como se já tivesse chegado a suas esperanças, e com estas palavras, tão dinas de serem cridas, por a magnificencia e gravidade com que elrei as certificava, ficou livre dos temores e desconfianças que havia tido, em elrei não pertender com este aparato tanto sua restituição, como no mção de alterações confusas e guerras civis, com divisaõ dos alcaides, ter menos resistencia pera se fazer senhor de Berberia. Praticando hum pedaço nestas cousas e outras, se despedio o Xarife, e elrei o tornou a acompanhar até á sahida da galé, como á vinda, com todos os senhores e fidalgos que com elle estavaõ na galé: do qual, por a grandeza de seu animo e aspecto da pessoa, juntamente com a gentileza dos fidalgos, e pompa dos ornamentos, ficáraõ o Xarife e mais mouros em grande maneira admirados daquella magnificencia d'estado; e fallando eu nesta cidade de Lisboa com Cid-Abdelcherim, homem em extremo avisado e grave, me disse que lhe puzera espanto a magestade delrei, acompanhado de tão bizzarra e luzida gente: com

a qual vista os mouros concebêraõ elrei ser dino de todos os imigos se sujeitarem a elle, com o reconhecimento de vassalagem. Elrei mais de dia desembarcou, e foi apozentar-se na cidade, com grande alvoroço de todo o povo; mas como elle era incançavel em seus exercicios, antes o repouso lhe era prizaõ, não o soffrendo, ao dia seguinte cavalgou, e sahio ao campo acompanhado de muitos senhores, todos com lanças nas mãos (senão o duque de Aveiro com hum montante) e com elle o Xarife com obra de trinta mouros de cavallo. Elrei não tendo outras meditações mais gostosas que as da guerra, e os ensaios della, mostrou que desejava vêr como os mouros se desenvolviaõ em suas escaramuças, pera as quaes começando alguns sahir ao campo, quiz o Xarife também dar gosto a elrei e festeja-lo, sahindo de volta com os outros mouros também escaramuçar, os quais elrei muito folgou de vêr, e o Xarife ficou mui contente em vêr elrei satisfeito daquelle bom exercicio: isto acabado elrei se recolheo á cidade aquelle dia, e depois sahio duas vezes ao campo montar, tendo postas atalaias, que o segurassem de alguma improvisa corrida de mouros, ou ciladas, como elles tem por costume. Com esta confiança e animo com que elrei dom Sebastiam entrava em Africa, com tanto poder, estando ella taõ dividida nas forças, e se esperava dividir mais, punha esperanças, assim aos mouros como

cristãos de próspero successo, e mais estando Mulei-Maluco chêo de temores e duvidas de se defender, nem tendo forças pera resistir.

*Como Mulei-Maluco foi avisado da vinda delrei dom Sebastiam á Africa e da gente que trouxe. Capitulo LV.*

Tende Mulei-Maluco avisos dos tractos do Xarife com elrei dom Sebastiam, e espias dos aparatos de guerra que se faziaõ em Portugal, provendo-se com muito cuidado pera resistir a elrei e conservação dos seus estados, mandou fazer gente e atalhar que não houvessem alguns alevantados em favor do Xarife; e porque mais se temia dos imigos domesticos dissimulados que dos portuguezes armados contra elle, sabendo como o Xarife estava em Ceita, já á sombra delrei de Portugal, e se começava a espargir a semente da guerra, mandou a seu irmão Mulei-Hamet ao campo de Alcá-cere recolhesse ahí a gente de Fés e daquellas comarcas visinhas, e os tivesse prestes com avisos de acudirem quando fossem chamados, dos quais ajuntou quinze mil de cavallo, e Achahiac, alcaide granadil seu mordomo, mandou com dous mil infantes espingardeiros á comarca de Tetuam, pola muita confiança que nelle tinha, por amor e conversação com que de Constantinopola se tratavam. Todos estes provimentos de gen-



te nestes lugares eraõ com prudencia ordenados, assi pera os cristãos entenderem ter já o inimigo á porta, com que haviaõ de pelear, como os mouros que lhe ficassem nas costas se não atreverem a fazerem alguma alteraçã, ou hirem-se ao Xarife a Ceita. Tendo neste tempo Mulei-Maluco tão bem providas as portas de Berberia, e por pessoas de tanta confiança, ficou-se em Marrocos, provendo de vagar do resto do exercito, e compondo as alteraçoes inda frescas de revoltas passadas, (principalmente nos reinos de Sus, Dara e Serras dos Montes Claros, onde o sangue das batalhas civís estava ainda fumegando, com odio e escandalo de huns naturaes e parentes contra outros. Tanto que Mulei-Hamet e Achahiac souberão da chegada delrei a Tangere, com fama de grande poder, e certa sciencia de seu esforço e animo bellicoso, não se deraõ por seguros cada hum em seu districto: os quaes avisando-se hum ao outro com assás temores das cousas dos cristãos terem tão prosperos fins como promettião nos principios, foi-se Achahiac ajuntar com Mulei-Hamet, pera tomarem conselho no que deviaõ fazer. Com esta nova da chegada delrei a Tangere, mandou Mulei-Hamet recado a seu irmão por a posta, dando-lhe conta do estado das cousas, principalmente da poderosa frota de Portugal, que cobria o mar e espantava a Berberia. A este tempo estava Mulei-Maluco na serra, em hum lugar chamado Ache-

ra, pacificando aquelles povos, a huns com rigor de castigo, a outros com liberaes mercês. Mulei-Hamet, tomado conselho com Achahiac e outros alcaides, sobre humana novidade de tanto perigo, assentou hir-se a Larache em modo de o defender, sabendo alli haver de ser a força da guerra; o qual sendo avisado como elrei havia partido de Tangere pera Arzila, tornou-se do caminho que levava, e mandou Achahiac com quinhentos espingardeiros de cavallo dar socorro a Larache. Chegando perto de Mulei-Maluco, que cada hora esperava recado da vinda delrei, como foi avisado de seu irmão, se partio a grande pressa pera Marrocos, onde esteve dous dias somente, e logo se pôz a caminho, com demonstração de defender a Larache, e resistir a elrei de Portugal com a gente que tinha feito, mandando recado a todas as partes do reino se apellessem e o seguissem; mas pera que Marrocos ficasse emparado de quaisquer movimentos de dentro ou de fora, deixou por visorei a Reduaõ, arrenegado portuguez, homem de muito esforço e prudencia nas cousas de guerra, e muito mais ignorancia nas da fé divina. Marchando o Maluco com o seu campo, e vindo já muito enfermo, cada hora o exercito crescia mais com nova gente, assim de paga, como de serviço, e outra que acudia ao despojo, ajuntando-se de todas as partes. Com esta ordem trazia tambem o Maluco vinte e

quatro peças d'artilheria de campo; o qual se ajuntou duas leguas de Alcacere-quibir com seu irmão Mulei-Hamet, sem intento de entaõ dar batalha a elrei; nem defender Larache, por naõ confiar na sua gente e temer se passase ao Xarife. No numero da gente achei varias informações em mouros: huns o punhaõ em trinta mil de cavallo e seis mil infantes, outros acrecentaõ mais infantaria e diminuem os de cavallo; mas como affirmáraõ muitos alcaides e outros mouros em Africa, a gente de paga toda assentada eraõ quarenta e tres mil de cavallo, e quatorze mil de pé, afóra infinidade de outra que seguia o exercito, assim de pé como de cavallo, a que muitos mouros e cristãos puzeraõ o numero de cento e cincoenta mil pessoas, em todas, e he a mais comum opiniaõ: entre os quaes trazia dous mil escopeteiros azuagos, gente de soldo, chamados jurados, os quaes juraõ naõ tornar atraz, mas sustentar o peso da batalha até morrer, como os amoucos da India. O Dogali e o Achahiac, alcaides andaluzes do reino de Granada, vendo o poder e authoridade que já tinhaõ alcançado em Berberia, concebendo em seu peito opiniaõ de reinar, vieraõ secretamente a urdir hum modo de conjuraçaõ, que ao meio das revoltas de Africa entre os Xarifes, se levantassem com os reinos, e partissem a pressa, de maneira que o Achahiac ficasse com o reino de Fes, e o Dogali com o de Mar-



rocos. Buscando pois estes dous alcaides occasião, quando mais a seu salvo pudessem pôr em obra seu intento, tiveraõ muitos mouros por certo, darem elles pegonha a Mulei-Maluco de que adoceo e morreo; mas quando viraõ a pegonha não obrar taõ depressa como elles queriaõ, esperáraõ occasião nos fins das guerras, a que elrei de Portugal vinha dar principio, cuidando elles abrir porta, por onde os conjurados pudessem pôr em obra seu danado proposito. O Dogali que andava no reino de Sus, por mandado de Mulei-Maluco, sojeitando os reveis, como vio a revolta de Africa tornar-se a acender com a entrada delrei dom Sebastiam, manhosamente se deixou ficar sem vir á batalha, e o Achahiac acompanhou o Maluco, porque se vissem tempo de executar a conjuração, o Dogali estivesse perto de Marrocos, que lhe havia de caber em sorte, e o Achahiac de Fes, que era a sua parte.

*Como elrei partio de Tangere pera Arzila,  
e mandou Martim Correa da Silva  
com Mulei-Xeque a Mazagaõ.*

*Capitulo LVI.*

O porto a onde elrei trazia posta a proa, pera dahi dar principio ao cometimento de Larache, era a fortaleza de Arzila, por estar muito perto della. Estando pois elrei em Tangere, como vio junta a frota, e

Francisco de Tavora vindo com seu terço, embarcou-se logo na sua galé real, e o Xarife na capitaina com Diogo Lopes de Sequeira, e fôraõ lançar anchora no porto de Arzila: o resto da frota que estava em Almodrava, tendo aviso da partida delrei, tambem deo á vela, e o Xeque filho do Xarife foi por terra com os seus mouros e gente de cavallo; mas pera que as forças de Africa fossem mais quebradas, com muitas cabeças que as dividissem, mandou elrei a Martim Correa da Silva (antes que partisse de Lisboa) fosse diante a Tangere, a tratar com o Xarife, como seria acertado mandar com elle o Xeque seu filho a Mazagaõ, pera ahi recolherem os mouros que se viessem lançar com elle, e tivessem a sua voz. Chegando elrei a Arzila, tendo já assentado com o Xarife fosse Mulei-Xeque com Martim Correa, entendêraõ logo na partida com muita brevidade e diligencia, pera o que foraõ dados a Martim Correa seiscentos soldados, os quais com elle se embarcáraõ em Arzila, e Mulei-Xeque em sua companhia: o qual como era menino, e o Xarife seu pai sentisse aparta-lo de si, vêo a descangar dos cuidados que essa ausencia lhe dava, vendo quaõ encarregado d'elle hia Martim Correa da Silva, e o bom tratamento que lhe fazia, e esperava fazer, por ser homem de muita prudencia e brandura; mas como se passou muito pouco tempo da chegada de Martim da Sil-

va a Mazagaão, até vir nova do desbarate delrei, não houve effecto o seu intento, nem lugar aos mouros virem lançar-se com o Xequê : com o qual recado da triste nova da perdição delrei e do exercito, se vêo Martim Correa ao reino, com Mulei Xequê, e os soldados e náos que levara. O Cardeal, como já era alevantado rei, quando Martim Correa chegou a Lisboa, lhe mandou recolhesse em sua casa a Mulei-Xequê, até ser aposentado com os mouros que com elle vinhaão, como de feito fez. Martim Correa, no caminhó e em sua casa, quando via o sentimento de Mulei-Xequê, minino, da morte de seu pai, que morreo na batalhá, e se ver desterrado de seus reinos e naturais, com muito amor e mimos o consolava e tratava como filho, tirando-lhe do pensamento as rezoens de se entristecer; e sua mulher dona Joana, compadecendo-se com mais brandura do moço orfaão estrangeiro, com entranhas de muito amor o tratava, mostrando-lho com lagrimas de compaixaão e obras de mãi, em que o minino tomava alivio da sua infelicidade.

*Como elrei tinha determinado cometter Larrache por mar, e depois houve conselho commette-lo por terra. Capitulo. LVII.*

Antes que elrei partisse de Portugal tinha assentado em muitos conselhos comet-



ter Larache por mar, porque como elle levava as galés, galeoens, e outras náos grossas armadas com muita artelheria, munições, e outros petrechos necesarios pera desembarcar, e redificar a fortaleza, que era muito fraca, pareceo que com entrar a frota pelo rio, e a gente desembarcar em terra, se forrava o trabalho, e carga dos mantimentos e munições necessarias, e fugiaõ de alguns perigos, que, marchando, lhes podiaõ soceder em meio dos imigos: e conforme a isto, estava dada ordem do modo que se havia de ter a saltar em terra, e dado regimento a cada capitaõ do lugar e modo de desembarcar. Com este aviso divulgado em Tangere, começou cada hum a apparellar-se de embarcaçaõ e mais cousas necessarias pera sahir da terra na ordem já dada; mas como as mudanças dos conselhos dependem comummente da variedade dos tempos, e de se enxergarem proveitos ou inconvenientes contrairos aos d'antes meditados, não sei porque fado se tornou em Tangere a praticar cessasse o comettimento de Larache por mar, e se tentasse por terra, formando-se nisso rezões, e objeições bastantes em se haver o tal conselho por acertado; porque se considerou que hindo o exercito marchando por terra, era mostrar não temerem os mouros, e hirem já abrindo caminho ao Xarife pera entrar em seus reinos, e se daria animo a muitos mouros passarem-se a elle, e se quebrariaõ as forças do Ma-

luco, e poriaõ o negocio em maior confusão. Tambem, como a entrada do rio de Larache era taõ estreita, que não podiaõ caber mais de duas galés a par, podia-se temer acontecesse á entrada alguma galé ou navio, com algum tiro, ser mettida no fundo, e com isto impediria a passagem á mais frota que ficasse atraz, e a sahida aos de diante, com o qual caso se podia esperar algum desar, assim de não haver effeito a tomada da fortaleza, como de correr grande perigo a frota, dividida em partes, não se poder ajudar huma da outra, antes ambas as partes serem offendidas com muito dano: além disto, como o porto assinado pera desembarcar, em Castil-Genovezes, era supereminente á praia do rio, não sómente a desembarcação das munições seria trabalhosa e com vagar (o que o tempo não soffria), mas de cima podiaõ os soldados padecer dano dos imigos, que defendessem a desembarcação, pois os tiros e pedras podiaõ metter as embarcações do rio no fundo, e oprimir a gente que estivesse em terra, com muito dano dos nossos e pouco perigo dos seus: juntamente com isto havia outro maior inconveniente, que como de Castil-Genovezes (onde haviaõ de desembarcar) era mais de mēa legoa a Larache, teriaõ mui grande trabalho levar a artelheria por terra, e o exercito hia arriscado a ser salteado dos imigos, e principalmente porque toda a gente, cavallos e artelheria

não podia desembarcar em hum só dia, e desta maneira ficava o exercito quebrado, hum pedaço em terra e outro no mar, que se não podia ajudar hum ao outro. Com estas considerações, que tinham muitas fallencias, se moveo elrei mudar o primeiro conselho, ao qual se não pôde com rezaõ attribuir a desventura do successo que delle nasceo; pois as cousas humanas entaõ são mais desculpadas dos erros, e mais justificadas com louvor, quando vão medidas pela rezaõ; mas os nossos peccados, com que Deos estava ofendido, o provocáraõ a furor contra nós, e permittir se cegassem os entendimentos dos que aconselhavaõ, e não enxergarem os outros maiores inconvenientes (donde procedeo todo o mal), que se tomavaõ por refugio da saude de todo o exercito: mas como a Deos não se pôde pedir conta de seus juizos, nem aos homens dar segurança de seus conselhos, não ha mais que louvara Deos em assim dispor suas cousas, que com rezaõ merecem todas ser louvadas; pois elle faz mercês a huns, e permite males a outros por secretos de sua divina justiça, que não pode faltar de justa igualdade; cuja causa ainda que não conhecamos, devemos aprovar os effeitos. Com isto mandou elrei dar aviso sobreestivessem no modo do desembarcar, até terem o ultimo que se esperava.



*Como Larache está situado. Capitulo  
LVIII.*

Por que a perdição dos portuguezes em Africa com elrei dom Sebastiam, na pertença da tomada de Larache, o fez famoso no nome, he necessario dar alguma relação delle, conforme ao estado em que então estava, e agora está. Era Larache hum lugar pequeno, de pouco lustro nos edificios, e menos na fortaleza dos muros: tinha hum castello pequeno, onde os alcaides moraõ, com mui fracos muros e nenhuma guarnição, cujos moradores nem tem muitas riquezas, nem muitas forças. Está situado na costa do mar oceano, onde se mette o rio Lucus, que vem correndo ao longo dos muros de Alcacere-Quibir, e com suas enchentes muitas vezes alaga as casas delle, por o qual sobe a maré quatro legoas até hum lugar chamado Guillemes, do qual sahe hum esteiro pequeno para dentro do campo. Está Larache cinco legoas de Arzila, da outra parte do rio, ao poente della, em terra muito alta e montuosa: posto que o rio na boca da barra seja estreito, dentro faz huma enseada capaz de muitas galés, onde seguramente podem invernar, e a todo o tempo recolher-se, cujas partes fazem este porto ser ladroeira e colheita de cossaios mouros e turcos, donde fazem manifesto dano, com seus

improvisos assaltos, a toda a costa de Andalusia e Algarve. Mas porque a villa de Larache e seu castello não tinhaõ, antes de elrei se perder, senaõ huns fracos muros de taipa, onde se não podiaõ defender de dentro, he novamente dos mouros feito hum forte grande em a ponta da barra, que he hum angulo de rocha de pedra viva, que toma o mar e rio, o qual está agora guarnecido com muita artelharia, que os mouros houveraõ do desbarate delrei, com gente de guarnição, em fórmula de se defender com muita resistencia. Da parte de Arzila corre outro rio de menos nome e agua, que se chama Huadmachacim, e vai metter-se no rio Lucas, onde ambos perdem os nomes que antes tinhaõ, e dahi pera baixo se chama o rio de Larache. Sobe a maré pelo rio Huadmachacim obra de duas leguas, e dahi pera cima se secca no veraõ; mas por que no inverno traz muita agua, e os campos são apaúlados, tem este rio huma ponte, que responde ao caminho de Arzila pera Alcacere-Quibir, como tudo constará da descripção seguinte.

*Como elrei desembarcou em Arzila, e o exercito se alojou, e dos rebates que houve. Capitulo LIX.*

Quando elrei chegou a Arzila, como ainda não tinha de todo assentado, mas somente praticado, commetter Larache por

terra, não deo licença a desembarcarem-se mantimentos, e armas, nem assentar as tendas; mas como ahi mudou conselho, mandou que a gente se desembarcasse, a qual, logo nos primeiros dias, se recolhia na cidade. Começando o campo de se formar e armarem as tendas, em breve tempo se fez fóra dos muros hum arraial mui soberbo, em forma de huma populosa cidade, chêo de gente, armas e cavallo, e todas as municações. Elrei mandou tambem logo armar sua tenda, e se passou a ella, pera alli mais facilmente vigiar e discorrer o arraial, como muitas vezes fazia. O senhor dom Antonio como hia aggravado delrei, alojou-se no cabo do exercito da parte do facho, pera mostrar a elrei que pera o servir tomava o lugar mais perigoso. Assentado o campo com suas atalaias e sentinellas se vigiava de dia e noite, com menos cuidado do que convinha á boa ordem da milicia, por estar em terra dos imigos, que em qualquer descuido poderia facilmente ser salteado, e sendo tomado de improviso e não apercebido, temer-se-hia sua total destruição, o que a experiencia bem mostrou por as correrias dos mouros até á vista do arraial: a primeira vez Habraem Sufiani, alcaide de Alcacere-Quibir com dous mil de cavallo, por mandado de Mulei-Hamet irmão do Maluco, ao qual elrei com muita presteza acodio, posto que lhe foi estranhado do seu conselho, e todos os prudentes:



o segundo rebate deo Saer-bên-hesi, general de cavallaria do Maluco, com cinco mil de cavallo, que vinha a descobrir o campo. Os mouros de Mulei-Hamet, que acodirão primeiro ao facho, vendo-os, lhes sahíraõ com impeto inimigo, e travada a esearamuça foraõ feridos e mortos alguns de cada parte, entre os quaes foraõ mortos Beheca irmão de Cid-Hamubenanza, e Chir-ben-mar-sor genro de Cid-Abdelcherim, alcaides do Xarife Mulei-Hamet, que estava no campo cristaõ. Dom Duarte de Menezes, com quem logo se ajuntáraõ os cavalleiros de Tangere, foi no alcance, o qual por não ter licença de elrei, não se mesturou com os mouros, que iaõ fugindo. Elrei dom Sebastiam, como nestes exercicios o animo de juvenil esforço o fazia esquecer da autoridade real, não o puderaõ ter que não sahisse tambem ao rebate, e por sahir já mais tarde, nunca pôde alcançar os mouros, que levavaõ já grandes distancias de ventagem, de maneira que iaõ tres ordens de nossa gente; os mouros do Xarife dianteiros nas costas dos imigos, escaramuçando com elles, mas não se travando, por serem muito poucos, e os que fugiaõ muitos mais; atraz ia dom Duarte com os cavalleiros de Tangere; elrei que vinha atraz, desêjozo de ser o primeiro que os cometesse e pelejasse, soffregos desta empresa, nunca consentio que dom Duarte de Menezes travasse delles, no qual alcance elrei com os mais que o seguiaõ, e

iaõ] diante, fôraõ tres leguas e mêa, não podendo já os cavalloõs dar passo, assim dos mouros que fugiaõ, com dos que lhes hiaõ no alcance, onde elrei mostrou sobejo atrevimento, mas mal tomado de todo o exercito, em vêr taõ pouca conta com o respeito e guarda de sua real pessoa, e tendo isto tentado, teve-se por desacertado não dar elle licença a dom Duarte de travar escaramuça com os inimigos; pois, além do dano que se esperava fazer-lhes, ao menos pudera-os entreter até elrei os poder alcançar, com cuja presença, junto o corpo de toda a gente de cavallo, que ia em tres esquadroens, se tem por muito certo serem os mouros desbaratados, o qual desbarate, se houvera effeito, era prospero principio á guerra, e quasi te-la concluida, assim em tirar taõ grande terço, e a principal força dos inimigos, como pelo temor que os mais poderiaõ receber com o seu máo successo; dos quais elrei deixou cahir a victoria das mãos, levado em hum appetite pouco ordenado, querendo ser o primeiro que experimentasse o perigo, devendo com rezaõ ser o derradeiro, que o cuidasse: mas Deos que tinha na sua divina mente dado outra ordem, não permittio que acabasse o instrumento do cruel castigo que depois havia de succeder, antes elrei os poupasse pera executores da sua perdigaõ. Com estas fraqueirices delrei no comettimento dos rebates, havia muito descuido nas espias do

campo, e nos avisos da vinda do Maluco; pois nunca elle teve aviso certo, senão por via do Xarife e outros mouros e judeos, e não se fiando delles, não lhes dava credito, o que foi causa de estar tantos dias em Arzila, nos quais Mulei-Maluco teve tempo de formar seu campo, e mandar espiar o dos cristãos: com cujas desordens, pouco governo, e muitas delicias, riquezas, e pompas, em que punhaõ o exercito, se animou o inimigo, com desengano quaõ pouco tinha que temer hum exercito grande, chèo de joias e falto de armas, e sobre tudo dependente de hum rei sem experiencia, sobejamente confiado em seu esforço, e descuidado do provimento da arte militar, com que o Maluco teve tempo de chegar, antes que elrei estivesse alojado em parte onde se pudesse deffender.

*Na forma em que o arraial começou de marchar pera Larache* Capitulo LX.

Posto que já de Portugal fossem nomeados os officiaes e capitaens pera menearem o exercito, em Arzila os mandou elrei pôr em suas ordenanças, declarando mestre do campo a dom Duarte de Menezes, capitão de Tangere. Com isto, manifestamente se dispozeraõ os capitaens nesta ordem: capitão dos aventureiros era Cristovaõ de Tavora, em cujo lugar ia seu genro Alvaro Pires de Tavora, e Joaõ da Silva, que igualmente



capitaneavaõ a gente : os coroneis da infantaria portugueza eraõ dom Miguel de Noronha, Francisco de Tavora, Vasco da Silveira ; mas porque Diogo Lopes de Sequeira adoeceo em Arzila, foi o seu terço entregue a Pero de Sequeira, debaixo da coronelaria de Vasco da Silveira : do terço dos Castelhanos era coronel dom Alonso de Aguilar, e sargentos dom Luis Fernandes de Cordova, e o Aldana ; entre os quaes no dia da batalha houve grande desavença sobre quem havia de sargentar, em fim mandou elrei que o Aldana precedesse a dom Luis Fernandes, com muito aggravo seu : dos Tudescos era coronel Martim de Borghonha : dos Italianos o marquez Ibernio : capitão da artelharia era Pero de Mesquita, bailio commendador da ordem de S. Joaõ, homem velho experimentado na arte militar : dos gastadores era capitão Manoel de Quadros, provedor das vallas das leziras de Santarem, e por adoeecer em Arzila, foi em seu lugar Gonçalo Ribeiro Pinto : sargentos móres eram o capitão Gama, o qual já cansado de seguir a milicia, estava recolhido em huma ermida com vida e habito de ermitão, e frei Estevaõ Pinheiro, frade do Carmo, até chegar o capitão Aldana castelhano, que o duque de Alba mandou a elrei pera ordenar o campo, que servio tambem de sargento-mór : da cavallaria não havia capitão, por elrei hir nella : justiça-mór era o regedor Lourenço da Silva, com

o qual ião Belchior do Amaral e Francisco Casado, corregedores da corte, e Marcos Lopes Carraçaõ, alcaide: pera sitiadores do campo hiaõ Philipe Estercio italiano, e Nicolao de Frias, grandes architectos: provedor mór do campo era Luis Cesar, provedor dos almazens do reino. Formado o exercito com estes ministros, mandou elrei que a gente se provesse de mantimentos pera cinco dias, porque nestes esperava chegar a Larache, onde tinha mandado esperar a frota, donde o exercito entaõ era provido. Alevantado o arraial a vinte e nove de Julho, dia de santa Martha, começou a marchar na ordem seguinte: primeiramente hia diante a artilharia, e logo toda a infantaria, alternando-se os terços, huns na vanguarda hum dia, na retaguarda outros: a cavallaria hia por os lados, elrei com hum parte della, o duque de Aveiro com outra, em que entrava o Xarife e os africanos fronteiros: diante de cada terço da cavallaria iaõ dous tiros de campo: a bagagem e carruagem iaõ detraz com alguns de cavallo, que a guardavaõ. Nesta ordem marchava o campo até ás horas de se alojar. Quando se tornava a armar e formar, como de dia, hia com suas vigias e atalaías ordinarias. Não faltáraõ em todõ este caminho importunos assaltos de mouros, que em quadrilhas appareciaõ ao exercito muitas vezes, chegando-se a elle, alanceando os enfermos e outros que ficavaõ atraz, com pou-

co dano e menos perigo do exercito; por que como elles não comettião senão as partes desemparadas, eraõ suas arremetteduras tanto de caminho, que não paravaõ hum ponto. Ao dia seguinte que o exercito partio de Arzila, chegou o capitão Aldana com mil soldados castelhanos, e o alcançou no caminho, antes da batalha.

*Como elrei chegou ao rio Huadmachacim, e o Maluco ao rio Lucas Capitulo LXI.*

Na forma acima dita partio elrei de Arzila, e continuou seu caminho direito a Larache, sem ter aviso certo do exercito de Mulei-Maluco, nem dos seus desenhos nem forças, havendo em diligencias danosas muitos, e nas necessarias todos faltavaõ, pera que aquelle taõ lustroso arraial fosse mais depressa caminhando pera a morte e total destruição. Com esta maneira de descuido caminhou seis dias, até os dous de agosto chegar ao rio Huadmachacim, hindo carregando á mão esquerda tomar a ponte, e dahi fazia conta tambem rodear por cima de Guildemes o rio Lucas, onde a maré não chegasse, e passar da outra parte, e tomar Larache pela parte da terra; mas Deos que tinha posto limites ao exercito cristaõ até donde não podia passar, ordenou outra cousa por sua divina providencia, a quem os conselhos humanos estão subalternados. Chegando pois elrei perto do rio Huadma-



chácim (em hum chaõ de muitas covas, onde se recolhe trigo) antes de o passar teve recado certo que Mulei-Maluco se vinha chegando, e estava perto, com hum poderoso campo de gente de pé e cavallo, pera fazer as defensoens ou resistencias que o tempo e lugar lhe ensinassem, tendo a este tempo tres mil de cavallo a defender a ponte. Elrei não se torvou de cousa alguma com o expectaculo da muita gente que lhe pintavaõ, nem da ferocidade dos imigos senhores do campo: todavia pela importancia do negocio o pedir, quiz tomar conselho no modo que teriaõ na defensão ou acometimento dos inimigos; e chamados a isso capitães e homens practicos na milicia e no sitio da terra (entre os quaes vieraõ o Xarife e seus alcaides) houve entre os cristãos e mouros grandes altercaçoens e pareceres no modo de caminhar; porque huns foraõ de parecer que o exercito cristaõ não passasse o rio Huadmachacim, e se fosse por elle abaixo, até chegar á borda do mar, á boca do rio Lucus, da outra parte de Larache, onde a frota estava com munigoens e mantimentos, de que o exercito já hia falto, com cujo favor se fariaõ fortes, e se a necessidade os obrigasse, se embarcariaõ: outros de contrairro parecer achavaõ neste caminho muitos inconvenientes; o primeiro era pôr medo no exercito, e se arriscavaõ a se desordenar com titulo de fugida, e lhes faria maior espanto, principalmente vendo aos imigos nas

costas, e aos mouros dariaõ grande animo com a mui má opiniaõ de fugida, sobretudo se perdia a reputaçã do esforço portu- guez, acompanhado de hum rei já taõ te- mido por grandeza de seu animo: segunda- riamente, que estava nesta volta certa a perdiçã; por que, como dalli pera baixo a terra ao longo do rio he aspera e montuo- sa, não podia o exercito passar com arte- lharia e carruagem, sem manifesto dano, cercado de todas as partes de imigo taõ po- deroso, e taõ senhoreado das comodidades dos lugares, em fazerem seus assaltos, com pouco perigo seu e muito dano nosso. Com esta resposta cessou a determinaçã de se retirarem, e se assentou fossem avante e passassem o rio, e se alojassem aquella noi- te entre o rio Huadmachacim, que tinhaõ diante, e o esteiro que sahe do rio Lucus; mas como no caminho que elrei levava, o passar por cima de Guildemes, onde a ma- ré não chegava, era hir-se meter na boca dos imigos, houve outro parecer de alli car- regarem sobre a mão direita por o rio abai- xo, e tomarem hum vão do rio Lucus, abai- xo de Guildemes, que se chama Malchus, por onde já em outro tempo passára dom Manoel Mascarenhas a saquear Hod. Este conselho, ainda que differia pouco do passa- do na semelhança de se retirar, todavia man- dou elrei ver o vão, e achou-se ter muita lama, e pera tantos cavalloos e carruagem se faria atoleiro, que se não pudesse passar,

e com este impedimento se ajuntaria o da maré subir a tempo, antes de todo o exercito ser passado, e desta maneira cortaria e dividiria as forças, e mais facilmente seria salteado dos inimigos, e sem resistencia desbaratado em ambas as partes. Com estes inconvenientes e conselhos se assentou, com commum consentimento de todos, que não havia outro remedio senão passar pelo passo onde o Maluco estava alojado, assás receoso de dar batalha por a enfermidade que o apertava, e muito mais pela desconfiança dos seus, temendo deixarem-no e passarem-se ao Xarife: ainda se soube certo, que quando o Maluco entendeu que elrei queria desviar-se d'elle, e carregar abaixo e passar o váo, que não teve intento de lhe atalhar o passo, nem fazer resistencia nem defender Larache; antes disse: « Já Larache não tem remedio. » Mas como Deos tinha assentado dar grande castigo ao povo portuguez, com seu rei e nobreza, dispoz as cousas de maneira, com que não pudessem fugir á sua ira. Com o ultimo conselho, em que se resolveo, elrei passou o rio, e foi alojar-se aquella noite entre os rios e esteiro acima dito, ficando o exercito alli mais seguro, cercado a maior parte de agoa, pera que não fosse salteado de improvisado inimigo, tão visinho e poderoso.



*Como os exercitos se aparelhárao pera o outro dia dar batalha. Capitulo LXII.*

Mulei-Maluco, estando a-la-mira da determinação do exercito portuguez, e do caminho que levaria, não fazia mais que medir seus conselhos pelos delrei dom Sebastiam; o qual sabendo como elle determinava hir a diante demandar a passagem do rio, e não se desviar a parte alguma (quasi desesperado, por estar encerrado entre os dous rios) e não tinha mais remedio que vencer, sem esperança de outro mêo, ordenou esperá-lo em campo, com outros semelhantes recêos se se retirasse desanimassem os mouros, e haveria entre elles divisaão, e se passariao ao Xarife, o que elle mais temia, e em tempo quando se não podia alevantar de enfermo, e com falta de sua presença os mouros teriao menos pejo de o fazer. Com esta determinação, corroborada com outros respeitos accessorios, mandou o Maluco ao seu exercito passasse o rio Lucas, e se puzesse em ordem de pelejar, apresentando a batalha aos cristaos pera o outro dia. Elrei dom Sebastiam, não engeitando tal offerecimento, começou a dar ordem como o seu campo melhor se fortificasse, por a multidão dos imigos de que se via cercado, e logo mandou a bagagem, com as carretas e bestas de carga, cingisse ao exercito, a modo de muro, que não fosse salteado pelas cos-

tas ou lados, e toda a força achasse diante; mas como o tempo era já breve, e o inimigo estava á vista, em som de dar batalha, com as bandeiras despregadas, fazendo grandes alaridos, como tem de costume, e a multidão da gente que parecia diante, detraz, e nos lados, se acrescentava, não houve tempo nem effeito o com que o campo se determinava fortificar. Posto hum exercito á vista do outro, aos quatro de agosto de setenta e oito, entrou elrei em conselho a que tempo daria a batalha, se commetteria, ou esperaria ser commettido: neste conselho foraõ o Xarife e seus alcaïdes de voto mui constante não desse elrei aquelle dia a batalha, assim por terem certas esperanças de muitos mouros se lançarem aquella noite da parte do Xarife, como já o dia atraz tinhaõ vindo alguns, e outros fugirem do exercito onde vinhaõ forçados, como tambem por serem avisados que Mulai-Maluco vinha mui enfermo, posto no ultimo da vida, e se esperava morresse aquelle dia (como morreo) com que o campo dos mouros todos se desfaria, e elrei alcançaria a victoria sem arrancar espada, e havendo de ter resistencia, seria menor o dia seguinte. Alguns cristaõs que foraõ de parecer se desse a batalha no mesmo dia, se fundáraõ em o exercito portuguez estar muito falto de mantimentos; porque de Arzila não partiraõ com mais que pera cinco dias, e eraõ já sete, e não tinhaõ os solda-

dos, nem os cavallos que comer, e quanto mais differissem a batalha, tanto mais enfraqueceriaõ, e cahiriaõ em desesperaçãõ de poder pelejar; e como a fome era hum inimigo mais forte que o armado, era necessario atalhá-lo, antes de ligar as forças aos soldados desejosos de pelejar: a esta objeigão respondiaõ os de contrairo parecer, dizendo, que posto que assim fosse, que a tal necessidade estivesse em seu vigor, tinha isso facil remedio; pois pera aquelle dia havia multos bois das carretas, se a fome os obrigasse, e quando estes não bastassem, haviaõ as bestas de carga, em tais tempos proprias iguarias de gente militar; quanto mais, que não era tanta a necessidade dos mantimentos, que se não soffresse aquelle dia, pois ainda não havia clamor no exercito de fome. O Xarife e os de parecer se prorogasse a batalha ao dia seguinte, quando se víraõ vencidos nos votos, e se assentava que no mesmo dia se desse batalha, querendo temperar o rigor da opiniaõ, que elles tinhaõ por errada, disseraõ, pois assim lhes parecêra bem, a quizessem differir pera a tarde, pois os dias atraz haviaõ sido de grandissimas e insoffríveis calmas, e o presente mostrava ser maior, e toda a força dellas, naquellas partes, era até ao meio dia, que por mais diligencia que se fizesse em pela manhã alevantar o arraial, se não podia dar a batalha senão no maior fervor da calma, que mataria a gente com sede e



com cansaço, e como quasi toda a do exercito cristão era infantaria a pé, em breve tempo não poderia dar passo de cansada, e a dos inimigos a maior parte era de cavallo, que poderiaõ melhor soffer a sede e calma, sem nenhum trabalho de cansaço da pessoa, com manifesta ventagem em tudo da infantaria; mas que, dando-se a batalha á tarde, ficavaõ fóra dos inconvenientes taõ manifestos, e com a frescura da viração tomaria a gente alento pera com maiores forças e animo pelejar, e tinhaõ por certo que sobrevindò a noite, muitos, mouros com o emparo das trevas haviaõ de fugir, deixado o campo, e desemparrando as bandeiras, como tem de costume: tambem neste tempo, ficava lugar aos cristãos aproveitar-se da noite, se lhes não succedesse bem o negocio de dia. Com estas rezoes, provaveis a todos, estava elrei persuadido a deixar batalha pera a tarde; mas como Deos, por seus divinos juizos, tinha dado sentença, pera castigo daquelle exercito cristão, não faltou hum instrumento que perturbasse a elrei do conselho acertado, e tomasse outro reprovado com taõ efficazes rezoes, e que foi causa de todo o dano; o qual, estando já descuidado de dar a batalha pela manhã, pelos mouros não applicarem, nem fazerem movimento de seus alojamentos, sem mostrarem maneira de cometimento, senão de defensão, assás duvidosos do successo em verem o exercito cristão

ante si taõ determinado a pelear, com hum rei já temido delles, se chegou á tenda delrei o capitão Aldana castelhano, e com efficazes brados lhe dizia, que se perdia se não desse logo a batalha, e o que lhe faltava de rezoens pera o persuadir suppria com effeitos de bravosidades, mordendo nas mãos, e dando punhadas nos peitos. Elrei, que estava já acelerado por ser vêr travado com os mouros, com grandes esperanças de victorias, houve-se de mover a dar batalha, que começou ás dez horas da manhã, no principio de todo o fervor de calma.

*Como os campos foraõ formados pera dar batalha. Capitulo LXIII.*

Aos quatro de agosto de 1578, em o dia que se deo a batalha, antes de os reis fazerem a falla a seus capitaens, mandou cada hum dar ordem aos seus batalhoens pera se encontrarem. Dos africanos, que com a sua multidaõ já tinhaõ cercado o exercito cristaõ por todas as partes, toda a força da gente de peleja se pôz fronteira, a modo de meia lua, lançando huma cinta de toda a infantaria diante dos cavallo, com tres mangas de arcabuzeiros azuágos, sahidos do corpo da batalha pera o campo, trazendo diante de toda a gente vinte e quatro tiros de campo; os quaes, como víraõ o exercito delrei hir-se chegando, logo começaram a abalar-se das pontas, e fazer lua

que cercasse os nossos, não faltando outra muita gente detraz, que os tinhaõ cercados, e os vinhaõ seguindo com alaridas. Elrei que via já o campo dos mouros ordenado, e elle cercado em mēo delles, ordenou seus esquadroens na maneira seguinte: levava a artilharia diante do exercito, em que hiaõ trinta e seis peças, a cuja volta hiaõ os gastadores com Gonçalo Ribeiro Pinto, seu capitaõ: hiaõ na vanguarda, na primeira ordem, tres batalhoens, dos quais o do meio era dos aventureiros, cujos capitães eraõ Alvaro Pires de Tavora e João da Silva, e de cada lado levava huma manga de soldados de Tangere: á mão direita destes hiaõ o terço dos Tudescos, ajuntando os Italianos: á mão esquerda dos aventureiros estava em outro batalhaõ o terço dos Castelhanos: na retaguarda dos aventureiros ficou o terço de Diogo Lopes de Sequeira, na dos Tudescos o de Vasco da Silveira, na dos Castelhanos ficou huma praça vaga, que Francisco de Tavora e dom Miguel de Noronha houveraõ de occupar, que por não haver tempo se não ordenáraõ, mas fizéraõ outra ordem de batalha, que foi a terceira, em que dom Miguel ficou na retaguarda de Diogo Lopes de Sequeira, e Francisco de Tavora na dos castelhanos, ficando a praça vaga entre huns e outros: de traz de Vasco da Silveira ficou a bagagem: ainda nas costas desta terceira ordem se lançárãõ outras duas mangas



de arcabuzeiros: por os soldados deste corpo dos esquadroens de infantaria foi repartida a gente de cavallo, desta maneira: na ponta esquerda, ao lado dos castelhanos, na vanguarda, hia elrei: detraz delle o duque de Barcellos com a sua gente, e outra mais que lhe elrei mandou: no corno direito, na vanguarda, ficou o duque de Aveiro com obra de duzentos de cavallo: detraz delle dom Duarte de Menezes, mestre do campo, com a cavallaria de Tangere, em cuja retaguarda ficava o Xarife com os mouros de cavallo: ainda os lados da cavallaria da parte de fóra hiaõ cingidos com mangas de arcabuzeiros, que ficavaõ murando todo o corpo da batalha. Posto que estivesse ordenado, todo o exercito fosse cercado das carretas e bagagem, foi taõ pouco o tempo, e tanta a pressa de se dar a batalha, pola virem carregando os mouros pelas costas e lados, que naõ teve effeito este desenho. Nesta fórma foraõ formados os exercitos, os quais mais claramente se veraõ na seguinte descripçaõ.

*De hum fallla que elrei fez aos seos,  
antes da batalha. Capitulo  
LXIV.*

No tempo em que os esquadroens se formavaõ por os sargentos e mais officiaes da milícia, andava elrei discorrendo de hum parte á outra, querendo que por sua pessoa

fosse governado o exercito, e taõ enlevado no desejo de dar batalha (que foi o fim pera que alli trouxera aquelle exercito) que querendo alguns fidalgos comprazelo e contenta-lo naquella hora, com demostraçoens e vontade de o servir, fez algumas cousas de muito escandalo, dando com a lança a huns, e dizendo palavras más a outros; os quais como entenderaõ, que por suas desordens e appetites, eraõ alli vindos a morrer, mais facilmente davaõ desculpa destas palavras, por verem o pouco fundamento que tinhaõ, e elles estarem já taõ perto da morte. Mas porque elle disse humas palavras asperas a dom Fernando de Noronha, conde de Linhares, somente por lhe dizer, « Espero em Deos que » hoje havemos de pôr o guiaõ de Vossa » Alteza na grimpá da tenda do Maluco: » disse dom Fernando com muito siso, como prudente — « Bonito he isso pera tal tempo: ora prometto de naquelles mouros tomar vingança dessas palavras»: com isto se pôs no lugar dos primeiros que arremettessem. Antes que elrei abalasse o seu exercito pera o inimigo, (que estava á vista) vestido de ponto em branco, com humas armas azuladas, posto em hum cavallo mui fermoso acobertado, com a lança na mão com o conto no chaõ, e o elmo alevantado, mandou chamar o mestre de campo e os coroneis, aos quais e aos senhores e fidalgos, que alli estavaõ com elle, lhes disse: « Ainda » que eu estou confiado na victoria, que ho-

„ je espero em Deos haver destes barbaros  
 „ imigos, assim por nosso esforço o pro-  
 „ metter, como o seu medo mo certificar,  
 „ não deixo de cuidar estarem os successos da  
 „ guerra mui sujeitos a mudanças improvi-  
 „ sas, com que muitas vezes de pequenos  
 „ erros nace mui grandes desastres: eu  
 „ não sinto agora outro maior, e de que mais  
 „ me tema, que da multidão de imigos, que  
 „ com alaridos se querem mostrar fero-  
 „ ces, causar algum espanto nesta gen-  
 „ te bisonha, e possam desordenar os solda-  
 „ dos velhos tão esforçados, como aqui vem,  
 „ os quais de semelhantes algasarras se estão  
 „ rindo: agora vos rogo neste ponto tenhais  
 „ muito cuidado em vigiar e conservar a boa  
 „ ordenança nos esquadroens; porque eu  
 „ com esta gente de cavallo cometterei os  
 „ imigos, e espero rompê-los de manei-  
 „ ra, que vos abra a porta da victoria, e não  
 „ seja necessario mais que os soldados velhos  
 „ concluirem-na, com seus acostumados es-  
 „ forços, e os bisonhos seguirem-na com o  
 „ recolhimento dos despojos: tambem vos  
 „ lembro que estou mui alvorçado pera vos  
 „ ver hoje pelejar, e gozar da opiniaõ que  
 „ tenho ouvido das vossas façanhas, pelas  
 „ quais, mais celebrado he o meu nome no  
 „ mundo, em ser rei de tão valerosos caval-  
 „ leiros (que mais se podem chamar esqua-  
 „ droens de capitaens, que exercito de sol-  
 „ dados) que ser senhor de grandes reinos e  
 „ estados: e pois estes mouros vos sabem o



» nome a muitos dos que aqui estais, pelas  
 » victorias que delles tendes havido, e os  
 » castigos que lhes tendes dado, e sabem  
 » os déstes a outros nas partes da India, de  
 » cujo valor se tem tantas vezes espantado,  
 » agora que sabem eu vos venho ver pele-  
 » jar, e folgareis de me agradar, estou mui  
 » certo que mui depressa nos haõde voltar  
 » as costas. Bem sabeis a antiga condiçaõ  
 » dos mouros he naõ esperar a quem os comet-  
 » te com animo ousado, e seguir com grande  
 » impeto a quem se lhes acobarda; por isso  
 » tenho entendido que Deos me quer dar  
 » a victoria; pois me offereceo esta batalha  
 » em tal sitio, onde o rio, que nos fica  
 » nas costas, e o imigo que temos no  
 » rosto, nos ameçaõ total perdiçaõ, se tor-  
 » narmos atraz, e nos obrigaõ hir adiante,  
 » pondo toda a esperanza da nossa saude na  
 » victoria, e sei mui bem, entre muitos in-  
 » dicios que tem pera hoje serem desbara-  
 » tados, estaõ mui temerosos de nossa de-  
 » terminaçaõ, e por estarmos em parte e  
 » em lugar, onde, como gente desesperada de  
 » poder escapar com fugida, naõ temos ou-  
 » tro remedio senaõ desbarata-los, pera se-  
 » gurarmos nossas vidas, e ganharmos suas  
 » terras: e por que sei quaõ persuadidos es-  
 » tais dos pregadores e religiosos que entre  
 » vós andaõ, do merecimento da alma,  
 » que em empreza da honra de Deos e exal-  
 » taçaõ de sua santa fé, ganharão os que  
 » morrerem nesta batalha, naõ vo-lo quero

„ eu mais lembrar, senão as mercês que  
 „ eu espero fazer aos que ficarem vivos, e  
 „ o gasalhado e favor que acharão em mim  
 „ os filhos e mulheres dos mortos; pois em  
 „ empreza onde os mortos tem certa a glo-  
 „ ria, e os vivos haõ-de alcançar eterna fa-  
 „ ma, tivera-vos eu muita inveja, se nesta  
 „ hora não fôra vosso companheiro no peri-  
 „ e na honra, pera prova do qual, nesta  
 „ forma em que me vedes armado, espero  
 „ ser-vos igual na sorte, e avantejado na ale-  
 „ gria do comettimento: e certifico-vos que  
 „ se me buscardes, vos hei-de apparecer dian-  
 „ te de todos os esquadroens, e se me não  
 „ achardes, entendei que andarei entre os  
 „ imigos; por isso, tende-me por compa-  
 „ nheiro fiel, que tanto hei-de aventurar  
 „ minha pessoa na conservaçã das vossas  
 „ vidas, como por honra da victoria. Se eu  
 „ morrer nesta batalha, tende-me por dito-  
 „ zo, pelo premio da alma que meu zelo  
 „ merece, e a fama que espero deixar em  
 „ maõ de barbaros infieis por honra da cruz:  
 „ huma só cousa podeis sentir de minha  
 „ morte, que será perderdes hum rei ami-  
 „ go, obrigado a vos fazer mercês e honras  
 „ por o amor com que me seguistes, e  
 „ alegria com que estais offerecidos a mor-  
 „ rer por amor de Deos e meu. A Deos pe-  
 „ go, com os olhos no ceo, nesta ultima ho-  
 „ ra de morrer, vos pague a todos esse zelo;  
 „ porque, se eu vencer, todos no premio  
 „ das mercês sentireis em mim o muito que

» vos amo; e pois neste estado vos não pos-  
 » so mostrar a vontade com obras, ao me-  
 » nos com estas palavras vo-lo quero sini-  
 » ficar, porque tenhais por bem emprega-  
 » dos os serviços que me fazeis ». Com isto,  
 mandou elrei cada coronel á sua estanc-  
 cia, e percorrendo pelos esquadroens, com o  
 rosto alegre e confiado, dava animo aos sol-  
 dados. Vendo elle como o campo dos mou-  
 ros estava a-la-mira, sem fazer movimento  
 pera parte alguma, determinou comette-los,  
 e dar Santiago; pera o qual mandou mar-  
 char o seu campo direito aos mouros, e se  
 metteo em hum coche, hindo na dianteira do  
 exercito, onde antes de dar a batalha pedio  
 de comer.

*Da falla que o Maluco fez aos seus. Capitulo LXV.*

Estando Mulei-Maluco muito mal da  
 enfermidade que trazia, deitado em hum  
 coche, no qual se enxergavaõ já alguns si-  
 nais deennunciadores da morte, chegando-se  
 de redor d'elle seu irmão Mulei-Hamet e os  
 principaes alcaides de seu campo (assás des-  
 consolados de verem o seu rei em tal esta-  
 do e em tal tempo, de cuja morte se espe-  
 rava total perdição do exercito) o começá-  
 raõ a despertar, pedindo-lhe licença pera or-  
 denarem as hostes; porque elrei dom Sebas-  
 tiam tinha já tocado á arma, e estava apa-  
 relhado pera cometter batalha. Mulei-Ma-



luco, ainda que lhe faltavaõ os espiritos vi-  
 tais, naõ lhe faltava o esforço, e com voz  
 mui fraca, e palavras mui baixas e inter-  
 rompidas com hum grande suspiro disse:  
 « Bem entendo que naõ esperais de mim  
 » nesta hora vos dê ordem de-entrardes em  
 » huma batalha de taõ valerosos e duros  
 » imigos, como os presentes, pois sabeis te-  
 » nho entrado no conflicto da morte, na  
 » qual me he mais necessario tratar do ne-  
 » gocio de minha alma, que da esperanza  
 » da victoria; mas o que mais me tem ma-  
 » goado, e levo atravessado desta vida, he  
 » deixar-vos em hum perigo taõ manifesto  
 » das vidas, das fazendas, e ainda da nos-  
 » sa seita, a qual com a victoria dos cris-  
 » tãos será profanada, e os mouros, debai-  
 » xo de seu poder, seraõ com persuasoens ou  
 » mãos tratamentos obrigados a apostatar.  
 » Muita parte da injuria de nossa religiaõ  
 » entendo que será Mulei-Hamet, o Xari-  
 » fe, pois contra as leis do nosso profeta  
 » Mafamede, e preceitos de seu alcoraõ,  
 » vem em favor dos cristãos fazer a guerra  
 » aos mouros, á patria, e lei, contra todo  
 » o direito divino e humano: por onde de-  
 » veis ter muita presumpçaõ ser tornado  
 » cristaõ, elle e os mais alcaides e soldados  
 » que comsigo traz, pois com tal odio nos  
 » vem a perturbar a republica temporal e  
 » espiritual. Ainda que nesta hora ultima  
 » me convem lançar de mim todo o rancor,  
 » e dar perdaõ a todas as injurias de mi-

„ nha pessoa, offensa de meus vassallos, e  
 „ perda de meus reinos, pera que Deos me  
 „ perdoe, por o que toca á nossa lei e á  
 „ honra do nosso profeta, com zelo mais  
 „ aceso, do que minhas forças neste tempo  
 „ podem, vos rogo muito (pois eu não  
 „ posso) vos animeis pera vingardes tão  
 „ grande injuria, e apostasia da nossa reli-  
 „ gião, ao que os verdadeiros mouros de-  
 „ vem offerecer a vida, e passar por os fins,  
 „ até chegar a dar o castigo de hum tão  
 „ grande crime, o qual, crêo, Deos não  
 „ estranhará menos nos mouros que se tor-  
 „ nárao cristãos, que aos cristãos, que nos  
 „ querem trazer a sua fé, e pôr debaixo de  
 „ seu ceptro, com jugo de grave tributo, e  
 „ aspero cativoiro, de que a morte visinha  
 „ me assegura a liberdade. Pera defensão  
 „ da nossa seita, folgára agora que Deos  
 „ me espaçára a vida por hum breve tem-  
 „ po, e achára-me por bemaventurado mor-  
 „ rer logo mil mortes em tal empreza;  
 „ pois, com tal zelo, a alma ganhára aglo-  
 „ ria que Mafamede nos promette, e a fa-  
 „ ma ficára eterna na memoria dos homens.  
 „ Sabei certo, ainda que eu nesta hora ti-  
 „ véra de vós todas as desconfianças, ou  
 „ por nossa fraqueza, ou por meus pecados,  
 „ sem esperança de vencerdes, como chego  
 „ a cuidar que vos moveis a esta batalha com  
 „ zelo da vossa religião, não tenho que du-  
 „ vidar da victoria, onde todos ficardes esten-  
 „ didos no campo, com os corpos banhados em

» o proprio sangue, e as almas salvas, com  
 » premio conforme a vossa fé. Já a morte  
 » me não dá espaço pera alguma destas  
 » cousas, das quaes não sei qual he mais  
 » gloriosa, se a victoria de fortes inimigos, se  
 » a morte com zelo da nossa lei; pois pri  
 » meiro me ha-de acabar esta magoa de vo  
 » não acompanhar, que a vós a espada do  
 » inimigos; por tanto, meus amigos, vos des  
 » pedi de mim nesta vida; acodi ao que  
 » muito vos importa, e eu vos encomendo  
 » e o nosso profeta favorecerá vossos zelos  
 » vossas forças em guerra tão justa, e em  
 » hirdes defender as vidas, as fazendas, as  
 » honras, os filhos, as mulheres, a patria  
 » e sobretudo vossa seita, prégada e ensi  
 » nada ha tantos annos por elle, e seu  
 » Cacizes. Lembro-vos não vos espante  
 » grandeza de animo daquelle rei mancebo  
 » e esforcado, nem dos seus valerosos sol  
 » dados; porque, posto que venhaõ com  
 » muito animo, trazem pouca ordem, per  
 » se perderem de todo: e tende por certo  
 » que a sua muita confiança da victoria se  
 » rá causa de toda a sua perdigaõ; porque  
 » nenhuma cousa he mais prejudicial na  
 » guerra que o animo acelerado, o qual  
 » quanto mais se acende em pelejar, tanto  
 » menos entaõ tem de providencia pera sa  
 » ber evitar os perigos, que de cada parte  
 » se alevantaõ. Seja este o derradeiro con  
 » selho que de mim toméis, e vos peço  
 » guardeis, e com animo assocegado espe



» reis o impeto do mancebo enganado com  
 » seu valor; porque na confiança de seu  
 » comettimento sem ordem, está muito  
 » certa a occasião de sua ruina, como em  
 » vós houver animo de soffrerdes o primei-  
 » ro encontro, cuja furia como quebrar,  
 » fica-vos então lugar de carregar sobre el-  
 » le com o peso da batalha e com o corpo  
 » da gente, a qual elle mal poderá esperar,  
 » por o juvenil furor então o desemparrar,  
 » com temor de nosso exercito, que come-  
 » çará de refresco a feri-lo e empregar  
 » seus tiros, quando o mancebo ousado es-  
 » tiver cansado de fazer acomettimentos  
 » em vão, e achar seus esquadroens derra-  
 » mados por sua desordem. Ora, Deos vos  
 » guie, e vos favoreça em vossa empreza: e  
 » ainda que não posso acompanhar os vi-  
 » vos nesta hora, pelos mortos esperarei,  
 » e lhes serei companheiro: destes quero ser  
 » capitão, e dos vivos serei intercessor com  
 » Deos. Vou consolado, que com meu  
 » corpo sem alma haveis de vencer a bata-  
 » lha, pera que entendais que nunca vos  
 » desemparei nos perigos, na vida nem na  
 » morte ». Esta falla acabada, os alcaides,  
 com os olhos banhados em lagrimas, se sa-  
 hiram da presença do Maluco, com muitos  
 salugos dizendo: » Já que não pode ser  
 » nosso capitão, nós lhe traremos a victoria á  
 » cama, com a cabeça do rei cristão, e a do  
 » Xarife inimigo de sua lei e patria ». Com  
 estas palavras se acendeo todo o exercito

em mais ira, com entenderem os alcaides o justo odio do Xarife, lançando fama no exercito que se tornára cristaõ, pera mais exercitar os mouros a odio e vingança, e que elrei de Portugal mandára lançar pregaõ, que se não desse vida a arrênegado algum, pera que assim elles como os mouros pelejassem com mais aceso odio. Com isto dando ordem aos seus esquadroens, postos em ala, tendo a infantaria repartida em mangas antre a cavallaria, e escopeteiros de cavallo nas pontas das alas, postos os mouros nesta ordem, não fizeraõ movimento, e constantes esperáraõ, até elrei dom Sebastian os cometter.

*Como se deo a batalha entre elrei dom Sebastian e Mulei-Maluco. Capitulo LXVI.*

O alojamento, que o campo dos cristaõs tinha tomado o dia antes da batalha, era, como atraz fica dito, entre o rio Huadmachacim e o esteiro que sahe do rio Lucas. O Xarife e seus alcaides, vendo o perigo dos cristaõs, postos entre tantos imigos, cercados por todas as partes, persuadiaõ a elrei não desemparrasse o seu alojamento, e esperasse nelle a batalha; porque, como Mulei-Maluco lhe ficava já superior nas forças, com muita ventagem de gente, haviã de ser de força cercado no mêo, com evidente perigo, e pera o haver de evitar,

se deixasse estar antre os rios, hum de hum lado, o esteiro do outro, e o rio Lucas nas costas, e desta maneira não seria saltado por detraz, com a guarda dos rios, e sómente achariaõ diante a resistencia, pera o que os cristaõs teriaõ bastantes forças, pera romper com menos perigo. Por este conselho não ter effeito, tomou elrei outro com que se levantasse de antre os rios, onde estava entranqueirado de agoa, e se sahisse ao campo, que era mui raso, digno de taõ insigne batalha. Os mouros, que estavaõ á vista do campo cristaõ, sem fazer movimento, como víraõ que elrei abalava pera elles, e hia já perto, começáraõ a estender as pontas da lua, com que vieraõ cercando os portuguezes, até lhes ficarem no mêo. Os cristaõs, em cujo esforço e determinação já estava serem os agressores da batalha, quando víraõ que a dianteira dos mouros se não abalava, se fôraõ chegando a elles, levando a artelharia diante sem nenhuma guarda de soldados, mais que sómente o capitão Pero de Mesquita, bailio, com os officiaes. Os mouros, que já tinhaõ entendido a pouca ordem que os cristaõs levavaõ em tudo, tendo a sua artelharia em certos postos, ainda que bem apercebida, não se abalavaõ por estar em guarda della, e pera depois de disparada (com que esperavaõ desordenar o campo cristaõ) arremeterem por todas as partes, por onde já o tinhaõ cercado, e vendo tempo aco-



modado perá com sua artilharia fazerem maior dano no nosso campo, começáraõ a jogar com ella por a frontaria, do lado de hum milharal, aonde a tinhaõ escondida, com que fizeraõ muito dano. A artilharia dos Portuguezes, querendo tambem responder, com a revolta e confusão que se via em todas as partes, naõ puderaõ, nem atináraõ a lhe pôr o fogo; com que nenhum effeito fez, antes de todo a desemparáraõ; com a primeira carga de artilharia que os mouros déraõ. Acabada a fumaça, ficou elrei ainda indeterminado no cometter: Jorge de Albuquerque, que estava na primeira fileira, perto delrei, começou a altas vozes a dizer-lhe que desse Santiago; antes que os mouros dessem outra carga, o que tambem fez Pero Peixoto, que andava solto, percorrendo pelo campo, dando recados. Elrei estava no corno esquerdo, diante dos esquadroens de cavallo, com Cristovão de Tavora, Luiz da Silva, o Conde do Vimioso, e João Gomes Cabral, capitão da guarda, o qual antes de elrei dar Santiago, hindo antreter huma manga de arcabuzeiros castelhanos, que se começava a retirar de pressa dos mosqueteiros dos mouros, foi o primeiro de cavallo que cahio morto. Elrei desejoso de cometter os inimigos, com estes avisos se expertou mais, e dizendo Santiago, acometteraõ com elle o conde da Vidigueira, dom Francisco Portugal, filho do conde do Vimioso, o Ba-

rao de Alvito, dom Fernando Mascarenhas, Fernam da Silva clérigo, Luiz de Brito, Jorge de Albuquerque, e outros que estavam na primeira fileira. O duque de Aveiro, que estava no corno direito, esperando o sinal de elrei dar Santiago, como o vio abalar, logo arremeteo com a sua gente com muito esforgo. Com o impeto que levavaõ, elrei e o duque rompêraõ pelos esquadroens da infantaria dos mouros, e matando nelles, entráraõ por mêo dos esquadroens da cavallaria, os quais naõ podendo esperar a furia da nossa, começáraõ a abrir largas ruas, com grande espanto, recuando huns aos outros, e cahindo aos lados, fazendo caminho á cavallaria. Tanto entráraõ os de cavallo pelos esquadroens dos mouros, que Antonio Mendes, criado do mestre de campo, sahio do mêo delles com huma bandeira ganhada. Os aventureiros, vendo a batalha travada, e os arcabuzeiros dos mouros disparar com a primeira carga, arremetteraõ ás fileiras da bandeira por diante, que eraõ piqueiros, e cerrando com os barbaros, o primeiro que empregou sua alabarda com a morte de hum mouro, que vinha pera elle com hum arcabuz, foi João de Mendonça Furtado; os quais aventureiros, que se tinhaõ encontrado com os mouros, fazendo e recebendo cruel estrago, levavaõ tambem os Africanos de vencida á lança e espada: mas porque os imigos todos eraõ mosqueteiros, que ao perto e ao longe fa-

ziaõ muito dano, os aventureiros o recebê-  
 raõ maior, por se meterem muito pelõs es-  
 quadroens contrairos, cabindo muitos mor-  
 tos. Os Castelhanos, Tudescos, e Italianos  
 visinhos dos lados dos aventureiros, com os  
 soldados de Tangere, que estavaõ em man-  
 gas, animados com igual esforço, arreme-  
 têraõ juntamente, com espanto dos inimigos,  
 em que, com notavel ventagem dos cris-  
 taõs e cruel estrago dos mouros, começáraõ  
 os africanos a retirar-se, com evidentes si-  
 nais de victoria dos cristaõs. Elrei e o du-  
 que de Aveiro, que por as suas partes hiaõ  
 mui de vencida, e a quem já os mouros  
 de cavallo começavaõ de virar as costas,  
 não podendo esperar o peso dos golpes, não  
 sei porque fados, não sabendo seguir a vic-  
 toria, tornáraõ a virar, dizendo: volta, volta.  
 Sebastiam de Sá, irmão do conde de Ma-  
 tosinhos, ouvindo esta voz taõ alhêa de tal  
 tempo, disse: o meu cavallo não se sabe vol-  
 tar: e hindo por diante não appareceo mais.  
 Os mouros (como tem de costume) logo  
 voltáraõ nas costas dos nossos, com sua  
 costumada desenvoltura, e animo cobrado  
 de se verem fora do aperto e perigo em  
 que estavaõ. Elrei e o duque, volvendo se-  
 gundariamente aos mouros, tornáraõ a fa-  
 zer outra entrada por elles, não com menos  
 dano dos mouros que a primeira. Neste  
 tempo, em que a infantaria da vanguarda  
 pelejava valerosamente com a gente de pé  
 dos mouros, que resistiaõ com animo in-



vencivel, hindo elles já dando as costas, deo huma bala de hum tiro de campo (que vinha em chapeletas) em huma perna a Alvaro Pires de Tavora, capitão dos aventureiros, de que cahio, posto que não morto. Quando Pero Lopes, seu sargento mor, vio o capitão cahido, e os aventureiros das fileiras por diante hir seguindo a victoria com furia mais que humana, começou com altas vozes a dizer: volta, volta. Esta voz, formada não sei porque espirito, correo de maneira pelas orelhas dos cristaãos, que parando huns, e tornando atraz outros, começáraõ os mouros novamente a cobrar animo, e os cristaãos a perdê-lo. Com este movimento tão subito e cego, ficou tudo chêo de confusão e pavor, sem verem a causa que os atrazasse de seu determinado esforço, e se recuperassem as forças dos imigos, que hiaõ já cahidos. Nesta volta que os mouros fizeraõ sobre os cristaãos, começáraõ a desordenar-se os esquadroens com a gente de cavallo, assim dos cristaãos como mouros, que se mettia por elles: a este tempo fez o duque de Aveiro terceira entrada, em que já hia com huma mão cahida, e depois desta entrada o não víraõ mais sahir, posto que hum mouro de Cid-Abdelcherim o conheceo no campo, morto de muitas lançadas, com cujo sangue ficou o campo da batalha enobrecido, pelo esforço com que valerosamente pelejou, e a fama que ficará imortal na memo-

ria dos homens, pela grandeza de seu animo ornado de todas as virtudes, e a honra que neste dia alcançou de insigne cavalleiro; cujo companheiro na vida e na morte foi João de Mendonça, o qual naquelle dia por suas mãos fez façanhas, que bem respondêraõ ao nome que elle tinha deixado na India, onde foi governador; porque na primeira entrada que elle, e o duque de Aveiro, fez nos mouros, nos primeiros encontros quebrou a lança, ficando o pedaço no corpo de hum mouro, e virando pera os companheiros, e rindo, disse: eu não sou mais obrigado: e tomando outra lança, tornou a seguir a batalha. Elrei, que já estava desordenado, não podendo fazer outra entrada pelos imigos de cavallo, dobrando pera a mão direita sobre a infantaria dos azuagos, que se defendiaõ valerosamente, e já faziaõ retirar os Tudescos, com grande estrago de mortos e feridos, deo nelles com impeto taõ denodado, que de dous mil mouros não ficáraõ mais de desasete. Em todo este tempo o estendarte real appareceo nas mãos do alferes mor, e o guiaõ na de dom Jorge Tello, que com elle na esquerda, e a espada na direita, pelejou com animo ousado, e com destreza mais exercitada do que a sua idade florente promettia, mostrando aquelle dia espiritos invenciveis e animo sem medo; porque nunca faltou a elrei com o guiaõ arvorado no mêm dos mais perigosos encontros, antes em todas as



entradas elle fixava o guiaõ entre os imigos, muitas vezes mais avante do que elrei queria, cujo esforço e animo acordado sempre lhe durou até o cabo da batalha, sem perder o guiaõ da mão, nem a elrei de vista, com que deixou imortal fama, e espanto de seus altos espiritos, com esperanças de insigne capitaõ, se a fortuna invejosa de sua gloria lhe não encurtará os dias com a morte natural em o cativeiro, a quem a furia da batalha não pôde com violencia dobrar; cuja morte foi tanto sentida dos que viraõ seu valor, quanto sua honra he louvada, com admiração de seu esforço. A infantaria, que ficava na retaguarda dos aventureiros, Castelhanos, Italianos, e Tudescos, da qual a mor parte era de picaria, por ser gente bisonha e de nenhuma experiencia da guerra, não somente não seguia a vanguarda, em os encontros que travavaõ com os imigos, mas desordenando-se com o pavor da artilharia, e o recontro primeiro, alguns deixáraõ as armas, outros não hiaõ por diante seguindo os principios da victoria, antes, por não darem ajuda aos dianteiros que pelejavaõ, começou a batalha a enclinar-se com ventagem dos mouros; com cuja confusão as cousas começaram a perder a ordem e força dos esquadroens. Elrei, que já neste tempo não seguia bandeira, nem procurava metter em ordem a sua gente, chèo de sua costumada ousadia, com quaisquer que o seguiaõ, de pé



ou de cavallo, sem fazer differença de poucos ou muitos, se mettia por mēo dos inimigos, fazendo taes feitos por sua pessoa, á lança, e depois á espada, que se a dinidade real, mettida em tão temeraria empresa, o não condemnára, os feitos daquelle dia lhe podéraõ celebrar o nome, com eterna gloria de hum assinalado cavalleiro, por façanhas feitas com seu forte braço: mas estas lembranças que lastimaõ as almas de quem o vio, e sabe como pelejou, fazem de pouco gosto seus louvores; pois, esquecendo-se do principal cargo de governador, e de animar os seus soldados, sem resguardo de sua pessoa, quiz pôr a perigo todo o seu exercito, com hum cego furor de seu esforço, pondo espanto em todos os seus pela falta de sua presença, os quaes não curando de offender aos inimigos, nem defender as pessoas proprias, toda a desordem e perdição se seguia em cada hum capitão e fidalgo andar buscando pelo campo elrei: o qual, andando já no fim da batalha, e o cavallo muito ferido e cansado, que não podia hir adiante pera continuar o exercicio da peleja em que mais se occupou aquelle dia, que em dar ordem ao exercito no principio, e animá-lo no fim, encontrou com Jorge de Albuquerque Coelho, muito chêo de feridas, de que ficou depois aleijado em muletas, em hum cavallo russo queimado muito poderoso, e lhe disse: «Dai-me esse vosso cavallo, se ainda está bom e são; porque

» este em que venho já não pôde dar pas-  
 » sada comigo ». Jorge de Albuquerque,  
 vendo a necessidade em que elrei estava,  
 lho offereceo logo; o qual por se não poder  
 menear das feridas, nem se poder firmar  
 nos estribos, pera se descer, chamou huns  
 soldados que o ajudassem a tirar da sella,  
 o qual como foi no chaõ disse a elrei:  
 « Tome vossa alteza esse cavallo, que he  
 » bom: salve-se nelle, porque eu quero  
 » aventurar minha vida pera salvar a de  
 » vossa alteza; pois na minha se aventura  
 » pouco, e na de vossa alteza muito. »  
 Desta maneira ficou Jorge de Albuquerque  
 estendido no campo, sem se poder bolir,  
 passando por cima d'elle muita gente: hum  
 padre da companhia com outros soldados o  
 pozeraõ em huma carreta, aonde lhe arre-  
 messáraõ muitas lanças e muitas arcabusa-  
 das, sem lhe acertarem, o qual Deos guar-  
 dou por obra de tanta cristandade e leal-  
 dade, como tinha usado com elrei. Elrei ac-  
 ceitando este offerecimento com mostras de  
 sentimento, em deixar Jorge d'Albuquerque  
 em tal estado, se lançou fóra do cavallo  
 em que vinha, com a espada na mão, e de  
 improviso cavalgou no outro, com tanta  
 desenvoltura, que em pondo o pé no estri-  
 bo e a mão esquerda no arçaõ, com o bra-  
 ço direito da espada com grande força em-  
 puxou o cavallo de que se apeava, e logo  
 se poz na sella do que novamente tomava;  
 o qual sem mais esperar se foi metter entre

os inimigos, com esforço não de soldado já desbaratado, mas de capitão victorioso em seguimento da victoria, cujas aventuras e façanhas fôraõ causa de toda a perdição da batalha. O coronel Vasco da Silveira, havendo licença de elrei pera aquelle dia pelejar com elle a cavallo, depois de deixar o seu terço provido de capitaens de confiança, fez muitas cousas dinas de si mesmo, com assás admiração de quem o vio, com muito esforço e ar, encontrar-se com muitos mouros, os quais mortos deixava estendidos em terra. João da Cunha, cavalleiro de Malta, fazendo entrada pelos mouros com huma lançada por hum olho, dizendo-lhe alguns que se recolhesse respondeu: » Nesses inimigos quero eu recolher a minha lança: » onde acabou.

*Prosegue a historia. Capitulo  
LXVII.*

Como o exercito cristão se começou a desordenar, como fica dito, todo o peso dos mouros se esforcou com dobrado animo a carregar sobre elle, de maneira que de cada vez se desordenava mais, e cortavaõ qualquer esquadrão, que trabalhava formar-se pera se defender. Não somente os mouros que estavaõ no campo da batalha hiaõ gosando da victoria, com mortos, cativos, e despojos dos vencidos, mas outros que ficavaõ afastados pera ver o successo da bata-



Iha, com animo ousado e alaridos que chegavaõ ao ceo, como de homens vencedores, recreciaõ cada vez mais: entre os quais deceo ao campo da batalha grande multidão de barbaros das comarcas de Tetuaõ, e Xexuaõ e os da serra de Farrobo e outras muitas partes, que chegáraõ aquelle dia, e se puzeraõ a-la-mira sobre huns montes, em quanto não viraõ inclinar a victoria. Com este peso tão innumeravel dos imigos, que cada hora mais crescera com ousadia de vencedores, ficava o exercito cristaõ cada vez mais oprimido, com mortes, e sem ordem de resistir, cercados dos imigos, postos em mção, a quem os mouros, como a touros encerrados em cõrro, arremessavaõ tiros a cada parte com arcabuzaria, que era muita, assim de gente de pé como de cavallo, cujo perigo os cristaõs não podiaõ evitar, pela maior parte de sua infantaria ser de picaria, e muito poucos de arcabuzaria, posto que não faltou o esforço nem destreza a muitos esforçados cavalleiros e soldados pera por suas pessoas particulares fazerem neste dia cousas dinas de eterna memoria: mas como o successo foi tão infelice, com perda de tanta nobreza e reputação, peralouvor dos barbaros africanos, com morte de elrei, que a todos magoou, não tem nenhum homem por honrosos seus feitos, dinos de immortal gloria, nem eu por justo de os contar antre infortunios de tão severo castigo de Deos; ainda que se não pode calar a

formosura de André Gonçalves, alcaide mor de Cintra, que com huma seta pregada no rosto, de que lhe não apparecia mais que as pennas, andava como leão bravo estimulado da ferida, fazendo por sua mão grande estrago nos inimigos por vingança da morte. Tornando ao fio da historia, andando a batalha em estado que já mostrava claramente a perdição dos portuguezes, sem haver capitaõ que podesse ter os soldados, nem terem certesa da pessoa delrei, por sempre andar misturado com os barbaros por todas as partes que se offerecia, sem nunca fazer rosto atraz, nem ter lembrança de procurar algum remedio de salvaçaõ, mais que a ponta da lança, andavaõ os soldados que se encontravaõ a caso, perguntando huns aos outros por elrei, como gado desgarrado sem pastor, com assás lastima de todos, sentindo mais o dano commum na pessoa delrei, que os perigos proprios a que andavaõ offerecidos, não pondo tanto cuidado em suas saudes, como na vida delrei pera o salvarem, sem esperanças de outro refugio. Nesta confusaõ, taõ chêa de desconfianças de recuperar o que haviaõ perdido, e com temor de perder o todo, desejosos os membros de se exporem pera salvaçaõ da cabeça, mostravaõ bem os portuguezes, que ainda que a fortuna os tinha oprimido nas forças corporaes, lhes não podia abater os esforços do animo, e a lealdade do rei, a quem pertendiaõ salvar em tanto perigo, e a quem

com tão alegre rosto até alli haviaõ seguido, com evidentes indícios do presente successo. Os terços de Diogo Lopes de Sequeira, Vasco da Silveira, dom Miguel de Noronha, que ficavaõ em a retaguarda dos aventureiros, espanhoes, italianos, e tudescos, quando os viraõ desbaratados, quasi com total estrago de todos, com mortos e feridos, com pouca resistencia fôraõ facilmente entrados, com similhante sorte dos dianteiros, a quem podêraõ dar ajuda nas costas. O esquadrão de Francisco de Tavora, vendo os espanhoes, que tinhaõ defronte, pelejar e morrer como valerosos defensores da vida, e offensores dos imigos, cerrando-se com estremada ordem, foi commettido dos barbaros com impeto furioso, como de homens determinados, sem trazer temor, nem acharem resistencia. Francisco de Tavora, que da gente bisonha tinha a de Alemtejo e Algarve, que saõ homens de muito esforço, fez com elles rosto e corpo de se defender, o que fez com tanto dano dos imigos, que, quando já o capitão e soldados daquelle terço foraõ rendidos, havia em os mouros que o comettêraõ pouco que render, se nas costas lhes não viêra novo soccorro de grande multidaõ de imigos desencançados; na qual ordem de pelejar, offendendo aos imigos e deffendendo a si, nunca pôde ser entrado nem roto, senão depois da morte do capitão, e do campo todo rendido. Com tanto esforço e acordo pelejou Fran-



cisco de Tavora aquelle dia, que, alem de fazer muito dano nos imigos, vendo hum alferes seu, que, com animo vil e chèo de medo, tentou buscar a salvaçaõ nos imigos, por comutaçaõ de hum baixo offerecimento da bandeira, que lhes hia entregar, arremettendo o coronel Francisco de Tavora com elle, dando-lhe muitas feridas com a espada que trazia na mãõ, o deixou estendido no campo, e lhe tomou a bandeira, e adeo a outro soldado, que melhor a deffendesse. Depois do corpo da batalha ser desordenado, ficáraõ de tal maneira os esquadroens quebrados, e os cristaõs postos em pequenos magotes, que a cada passo eraõ cercados dos imigos; os quais postos neste tempo em defensaõ das vidas, trabalhavaõ entaõ com novos espiritos deffender-se com valor: e prouvera a nosso senhor que tivéraõ os portuguezes o desengano e animo no principio da batalha, quando os esquadroens estavaõ inteiros, que tiveraõ no fim, quando já de todo estavaõ rotos e desordenados; pois o esforço com que acabáraõ de ser rendidos, lhes promettia a victoria, se nelle começáram; porque de tal maneira resistiraõ alguns poucos, quando se viaõ salteados de muitos, que endurecidos na pertinacia da defensaõ da pessoa, e da vingança dos imigos, faziaõ façanhas mais que de homens; porque mais duros foraõ alguns magotes de pouca gente de render, com mortes e cativoiro, do que foi serem desordenados, quan-

do o corpo da batalha estava todo inteiro : mas , posto que logo no começo cahissem muitos mortos de cada parte , quando os mouros cuidavaõ que tinhaõ concluido a victoria dos poucos cristaõs vivos , e os muitos mouros que recresciaõ com seguro de suas vidas , entaõ foi certo o maior estrago dos seus , com a defensão dos nossos . Mas Deos , que tinha já em sua mente divina ordenado este castigo , permittio o povo cristaõ ser prostrado dos barbaros pagaõs , e seus corpos banhados em seu proprio sangue , e o campo coberto de cavalleiros armados , os quaes debaixo das armas em que estavaõ vestidos , rendêraõ os espiritos a Deos : em cujo estrago , o povo pagaõ , com odio antigo de nossa fé e insolencia do vencimento dos cristaõs , naõ fartava o barbaro peito com o sangue derramado , mas com affrontosas injurias maltratavaõ aquelles a quem a furia militar havia comutado a liberdade das vidas com a subjeiçaõ do cativo : os quaes gozando da victoria , sem nenhuma maneira de clemencia , nem compaixãõ dos vencidos , entaõ em mais acesa inimizade mostravaõ as entranhas danadas , chêas de zelo de vingança . Com isto apascentando os pagaõs o cruel appetite , com a morte de tantos e taõ valerosos capitaens , e esforçados cavalleiros e soldados , ajuntáraõ o cativo do resto do exercito . E com taõ grande multidaõ o tinhaõ de maneira murado no mêo daquelle taõ espantoso e

igual campo, que não podiaõ escapar sem que lhes cahissem nas mãos. Decrepitando a batalha já de maneira que o campo ia mui de vencida, pelo calor ser mui grande, mandou o senhor dom Antonio lhe tirassem as armas, em que se afogava de calma, o qual, tendo já o cavallo muito ferido que se não podia bolir, vio perto de si passar el-rei, e lhe disse: » Ah! senhor, não estou » em estado de poder seguir a vossa alteza, » que me falta o cavallo ». A isto lhe não respondeo elrei: entãõ lhe disse o senhor dom Antonio, mostrandolhe com o dedo huma abertura de poucos mouros e pouco perigo, procurasse de se salvar: dahi a muito pouco espaço passou Cristovaõ de Tavora, o qual quando vio o senhor dom Antonio, a quem em Portugal antes da partida tinha aggravado, se foi a elle com muita cortesia, e inclinando-se muito lhe pedio perdaõ, e se abraçaraõ.

*Como Luiz de Brito alevantou o estendarte Real. Capitulo LXVIII.*

Antes que a victoria fosse de todo alcançada dos barbaros e o campo rendido, julgando-se os vivos por de peor sorte que os mortos, pera que acabassem sem infamia com todo o cuidado buscavaõ occasiaõ em que inorressem, com bom emprego de seu esforço; mas porque nenhum achavaõ mais honroso, que os livrasse da magoa que sen-



tiao em seus peitos , senão morrer na defensão da pessoa delrei , ou ao menos serem-lhe companheiros na sorte , andavaõ os fidalgos , e outros homens honrados , com muito cuidado buscando-o pelo campo ; mas porque o campo andava já de todo desordenado , nem se viaõ bandeiras , nem os soldados acodiaõ a ellas , andava toda a gente errada , sem saber o caminho que havia de seguir , nem a que esquadraõ se havia de acostar , principalmente por o estendarte real não apparecer , por dom Luiz de Menezes , alferes mór , haver perdido o cavallo , em que o trazia arvo-rado ; mas , posto que cahisse entre muitos imigos , antre os quaes estava cercado , e a que não podia resistir , abraçado com o estendartê , com brados chãos de zelo da honra das insignias reaes , dizia a altas vozes : « Defendei , senhores , a bandeira delrei. » Repetindo muitas vezes estas palavras , Gonçalo Ribeiro Pinto , capitão dos gastadores , que alli se achou , com animo aceso de esforço se poz diante do alferes mór com espada e rodela , a defende-lo valerosamente até ser oprimido dos imigos. Luiz de Brito , que andava buscando elrei , passando este por alli acaso , quando vio o estendarte abatido , e o seu alferes em perigo de o perder com a vida , rompendo com a espada na mão por mção dos imigos , em o quarto cavallo ( que , depois dos outros mortos , havia cobrado ) com dezejo de o salvar , bem descuidado de pôr cobro na pro-

pria vida, remetteo ao estendarte, e lançando-se fora da sella, o alevantou, e posto logo com muita ligeireza a cavallo, o arvorou, fazendo-lhe lugar os barbaros que o pertendiaõ haver: com isto, atravessando por mêo do campo com esta insignia, mais seguido foi dos mouros, a fim de lho tirarem das mãos, que dos cristãos, pera com elle fazerem corpo; pera o que fizeraõ tanta força pera o tomar, e Luiz de Brito resistencia pera o salvar, que não podendo mais, o enristou debaixo do braço, donde os barbaros lhe levarão a hastea. Luiz de Brito, que mais cuidado tinha em salvar a bandeira real que a propria vida, cingindo-a comsigo, enrolando parte delle no braço esquerdo, determinou não a largar senão com o corpo espedaçado. Nesta forma chegando Luiz de Brito onde elrei estava com poucos do cavallo, perguntou elrei: «Trazeis o estendarte?» respondeo elle que trazia, e o mostrou envolto em si. Elrei, que não punha as esperanças mais que na memória de sua morte, lhe disse: «Abraçai-vos com elle, e morramos sobre elle.» Cristovaõ de Tavora, que mnitas vezes tinha persuadido a elrei que sem resistencia se deixasse cativar, nesta hora com muita instancia lho tornou a pedir com efficazes rogos e palavras, dizendo que attentasse sua altesa que o esforço, com que queria tornar a entrar em batalha, se devia ter por suspeito e inimigo do bem comum; pois esse animo invenci-

vel não promettia victoria, antes ameaça-  
 va a morte de sua pessoa, sem remédio nem  
 esperança da saúde do exercito, que já via  
 prostrado por terra, ficando os inimigos se-  
 nhores do campo; que posto que era he-  
 roico feito de hum cavalleiro particular  
 morrer antes por mão de seus inimigos,  
 que ficar sem liberdade cativo em seu po-  
 der, que este louvor não se contava nas  
 pessoas dos reis; porque estes deviaõ ter  
 mais conta com a saúde propria pera pro-  
 veito comum, que a da gloria particular,  
 ainda que enchesse o mundo com sua fa-  
 ma: que pedia e rogava a sua alteza como  
 leal vasallo e particular amigo, por cujos  
 respeitoos lho pedia, em nome de todo o po-  
 vo portuguez, quizesse antes deixar-se cati-  
 var, que querer assolar tudo com sua mor-  
 te; pois com sua vida as perdas tinhaõ re-  
 medio, e a honra se podia recuperar, com  
 outro rosto mais propicio da fortuna, e os  
 povos, que com sua morte ficavaõ orfãos,  
 e os cativos sem esperança de liberdade,  
 que com sua vida, ainda que posta em ca-  
 tiveiro, todas as cousas terião esperança de  
 resuscitar, com mudanças de outro mais  
 prospero tempo: e que além da rezaõ e o  
 estado isto pedirem, que o exemplo de  
 muitos reis, a quem acontecêraõ semelhan-  
 tes infelicidades, lhe faziaõ esta lembrança  
 ficar sem infamia, antes como acertado  
 conselho. Elrei, que estava fóra de seguir este  
 parecer, quasi aggravado de Cristovaõ de



Tavora por o persuadir, lhe virou as costas. Cristovão de Tavora, que tanto desejava este effeito, ainda que elrei se persuadia mal, determinou procura-lo por o bem comum: por tanto, vendo que huns elches capeavaõ pera elrei se dêsse (os quaes por ventura o não conheciaõ) atou hum lenço na ponta da espada, e como bandeira se foi a elles, dizendo: « Sultaõ, Sultaõ»: que quer dizer, rei, rei, pera com estas palavras os persuadir a cativarem elrei, que lhe elle queria mostrar, o qual os mouros recolhêraõ, por cuidarem que era elrei, ou por lhe não darem credito: do qual se diz, que caminhando pera Fez o vira seu irmão; depois nunca mais foi visto, ainda que houve indicios que morrera em Fez, em huma estrebearia, das feridas. Elrei, que não esperou por Cristovão de Tavora, acompanhado de Luiz de Brito, com outros poucos de cavallo, se metteo por hum tropel de mouros de cavallo, os quaes arremettendo a elrei com grande impeto, o cercáraõ de todas as partes, e apegaraõ delle e do braço da espada, sem lha poderem tirar da mão. Luiz de Britto, que mais desejava que elrei se deixasse cativar, que com resistencia ser morto, chegando-se aos imigos, com desejo de ser companheiro da sorte delrei, metteo a espada na bainha; mas resistindo elrei com muita força por se desavir dos barbaros, que o tinhaõ liado, quando Luiz de Brito vio que o mal tratavaõ, levou da espada, e ti-

rando alguns golpes fez afastar os inimigos, e soltar elrei de suas mãos: aonde parece que se cumprio o pronostico, que o mesmo rei muitas vezes zombando dizia que tinha, que havia de ser cativo por hum breve espaço. Elrei, tanto que se vio livre das mãos daquelles pagãos, deo a andar pera detraz, e se foi sahindo do campo e da batalha. Luiz de Brito, que então ficou preso pelos inimigos, sendo cercado de muitos, lhe pegárao do estendarte que trazia cingido, e pera lho acabarem de tirar, foi forçado estender o braço em que o levava enrolado; o qual depois foi comprado em Fez pelos Portuguezes da mão de hum mouro, que o andava vendendo, e vêo ter ao tesouro delrei, onde está. Luiz de Brito voltando os olhos pera o caminho que elrei tomára, o vio hir hum pedaço desviado, já sem haver mouro algum que o seguisse, nem apparecerem outros diante, que tão prestes o pudessem encontrar, pera lhe impedir o caminho que levava, que era mui distante do lugar, aonde depois dizião que o acharaõ morto.

*Como Mulei-Maluco morreo da enfermidade, e o Xarife foi afogado no rio, e elrei dom Sebastiam foi achado morto. Capitulo LXIX.*

Quando a batalha se começou a travar, estando Mulei-Maluco muito mal da en-

fermidade que trazia, vendo que dos primeiros encontros que os cristãos tiveraõ, com que começáraõ a romper o exercito dos inimigos, os mouros com medo muito grande, huns cahiaõ prostrados, outros volta-vaõ as costas, naõ podendo esperar o impeto da gente de cavallo, posto em grande coragem, se levantou do coche onde estava e cavalgou em hum cavallo, pon-do-se diante dos que se retiravaõ, com a espada na maõ, querendo os animar que tornassem á batalha, de que fallecêraõ nelle as forças, que naõ podendo ter-se a cavallo com os accidentes mortaes que o saltea-vaõ, cahio em terra, aonde com a queda e outros encontros, que lhe recreceraõ, da gente que fugia, ficou morto, ainda que alguns dizem que morreo de huma arcabuzada. Hamet-Taba, arrenegado genovez, que se achou perto, vendo o Maluco morto, e que se sua morte fosse divulgada, desanimariaõ os Mouros de maneira, que de improviso ficariaõ vencidos com total destruição do campo, com muita diligencia e sagacidade o tomou nos braços, e o metteo no coche, coberto com huma colcha, e fingindo que era accidente, quietamente dissimulou sua morte. Meamim, moço de pouca idade, filho do alcaide Alizarçaõ, arrenegado portuguez, como vio o Maluco cahido, cavalgou no seu cavallo, e com palavras e feitos chãos de esforço, começou a animar a gente que tornasse a voltar aos



cristãos, parecendo-lhes a todos que era o mesmo rei. Não pôde a morte de Maluco tanto occultar-se, que não fôsse em breve logo divulgada no campo dos cristãos; mas foi a tempo que o exercito hia desordenado, de maneira que com quanto se começou a acclamar a morte de Maluco, não puderaõ os Portuguezes formar os esquadroens. O Xarife com trezentos mouros de cavallo e quatrocentos de pé, de que estava acompanhado, ajudáram da sua parte a pelejar, como homens que, além de deffenderem as vidas, pertendiaõ serem reduzidos á honra e patria, de que andavaõ desterrados: mas como elles eraõ membros daquelle corpo da batalha, no estrago e desordem fôraõ companheiros, e nos successos iguais aos cristãos. Sendo pois muitos mortos e feridos, quando foraõ desesperados do remedio de sua saude, cada hum procurava salvar a vida com fugida. O Xarife, que não temia menos cahir nas mãos dos mouros que os cristãos, attendendo qualquer maneira de salvaçaõ, não achou outra senaõ passar-se além do rio: o qual, sahindo-se da batalha com alguns mouros seus que o seguiãõ (entre os quaes vinha dom João Coutinho, que depois foi Conde de Redondo) lhe sahiraõ ao encontro os imigos. Os alcaides Cid-Abdelchirim e Cid-Hamu, que foraõ sempre seus amigos, lhe disseraõ que fosse sempre ao longo do rio, até o vão, que elles entrete-

riaõ os imigos com recontro de peleja, como fizeraõ: o Xarife, que arreceou ir pelo rio acima demandar o váo, com temor de de ser salteado de outros imigos, endireitou com a passagem mais perto. Os alcaides, que já se sentiaõ desenvoltos, se foraõ seguindo o Xarife pera o empararem e acompanharem em sua fortuna, e achando-o á bordo do rio, duvidoso de sua passagem, pela difficuldade das agoas, e temeroso pelo seguimento dos imigos, quando se vio taõ perplexo, atreveo-se antes lançar-se á agoa, que esperar que os barbáros lhe derramassem o sangue: o qual lançando-se ao rio, começou o cavallo a atolar no lamaraõ, e mettendo huma mão pela redea, se virou com elle; e por a maré decer com impeto, se despedio o cavallo delle, lançando-o fóra da sella, aonde se afogou á vista dos seus alcaides, que lhe não pudéraõ valer, e que com assás magoa soffrêraõ hum espectaculo taõ lastimoso pera elles, em que se lhes cerrou a porta da esperanza de serem restituídos a suas terras; os quaes, passado o rio sem perigo, se puzeraõ em salvo, por saberem a terra e lingua, e que no traje poderiaõ passar como naturaes, sem serem conhecidos por amigos dos cristaõs; por que as insignias que os mouros do Xarife tomáraõ naquelle dia, pera na batalha serem conhecidos, foraõ chapeos que traziaõ nas cabeças, que facilmente se podiaõ lançar fóra pera ficarem com igual trajo.

Hum mouro criado do Xarife, seu pagem de campainha, que com amor e lealdade o seguiu até o conflicto da morte, como o vio afogado, foi correndo pedir alviçaras da morte do Xarife a Mulei-Hamet, irmão de Mulei-Maluco e sucessor do reino, pera que ficasse sem arrecêos de alterações, que com sua vida ainda se podiaõ temer: Tal he a sorte dos vencedores, que em breve tempo reconciliaõ os animos dos vencidos, que de improviso fazem mudança com os sucessos da fortuna. Elrei dom Sebastiam, que não procurou remedio de se salvar, senão depois de toda a batalha perdida, o vio Luiz de Brito caminhar pera o rio, no cabo do campo da batalha, onde depois foi achado morto; mas por não haver quem soubesse do genero de sua morte, presumem alguns que foi cativo de Alarves, e por desavença de quem o levaria o vieraõ a matar: outros presumem que em o querendo despir, resistio defendendo-se até á morte, por conservar a natural honestidade, que sempre teve, sem consentir que criado algum seu, por familiar que fosse, lhe visse os pés, e elle por sua mão ordinariamente tirava as servilhas e meias calças. Este fim tiveraõ hum dia, em menos de duas horas, tres reis taõ poderosos, em taõ breve distancia, que se podiaõ em suas mortes vêr huns aos outros. Caso por certo poucas vezes visto, nem ainda pensado, em que se mostrou a crueldade da batalha,



naõ sómente na morte de muitos esclarecidos capitaens e illustres senhores, mas ainda de tantos reis, taõ poderosos, cujo estrago o sol aquelle dia quiz prantear, mostrando-se triste, que foi visto mais vermelho do acostumado; o que claramente entendiaõ os que o viaõ que era indício do sangue que se derramou, pela cõr de que vinha banhado. Naõ tiveraõ os portuguezes menos rezaõ de prantear seus mortos neste campo, que os profetas Hieremias e David os filhos de Israel, que ficavaõ prostrados por maõ de seus imigos, banhados em seu proprio sangue, feitas suas carnes manjares de ayes e de feros animaes, e os ossos sem sepultura: cujo pranto o excellente poeta Diogo Bernardes, em suave e doloroso verso o tem cantado com lagrimas e gemidos, que fazem o sentimento mais lamentavel, e as lagrimas mais frescas.

*Dos senhores e fidalgos que morrêraõ na  
batalha. Capitulo LXX.*

Por que os aventureiros e a gente de cavallo, onde hia elrei e toda a nobreza de Portugal, foraõ os primeiros que comettêraõ o campo da batalha, estes recebêraõ o maior dano, assim no recontro primeiro, como por até o fim pelejarem sem cessar: por tanto, quiz nomear algumas pessoas principais e fidalgos, por ser impossivel tratar de todos os capitaens e homens honrados que

aqui acabáraõ. O primeiro que cometteo, e o derradeiro que acabou, foi elrei dom Sebastiam de gloriosa memoria, cujas façanhas, feitas com sua mão, foraõ taes que em certa maneira ficáraõ viciadas, por se vêr claramente que nenhum fim elle tivera naquella temeraria batalha, senaõ concluiu-a com a força de seu braço, com o qual até a morte não cessou de pelejar, deixando magoa aos cristaõs de se perder tal esforço por máos conselhos, e espanto aos mouros pelo estrago que nelles aquelle dia fez. O duque de Aveiro, principe esclarecido, posto que acabou no principio da batalha, taes foraõ seus feitos que a fama delles ficará viva até o fim do mundo. Dom Jorge de Alencastre seu primo. Dom Jemes irmão do duque de Bragança. Dom Diogo de Mello, filho maior do conde de Tentugal, o qual acabando de beber hum pouca de agoa, cahio de hum pelouro que lhe entrou pela boca. Dom Alvaro de Mello, seu primo, que morreo de hum bombardada. Dom Affonso, conde do Vimioso. Dom Manoel, seu filho. O conde da Vidigueira. O conde do Redondo. O conde de Mira. Dom Jorge de Faro, seu primo. O barão d'Alvito. Lourenço da Silva, regedor. Jorge da Silva, seu tio. Thomé da Silva. Bartolomeu da Silva. Francisco de Tavora, coronel. Cristovaõ de Tavora. Luiz Alvares de Tavora, senhor do Mogadouro. Pero de Mesquita, bailio, capitão de artelharía.

Luiz de Alcaçova e Cristovão de Alcaçova, filhos de Pero da Alcaçova. Conde das Idanhas. Dom Martinho Castello-branco, senhor de Villa Nova, e dom Diogo seu irmão. Manoel de Sousa, aposentador-mór. Dom Diogo Lopes de Lima. João de Mendonça, governador que foi da India. Dom Pedro, filho do conde de Linhares. Dom João da Silveira, filho maior do conde da Sortelha. Manoel Telles. Dom Vasco Coutinho. Manoel Coresma, veador da Fazenda, e João Coresma seu filho. João Carvalho Patalim, e Pero Carvalho seu filho. Pero Mascarenhas. Dom João Portugal, filho de D. Manoel Portugal. D. João Portugal, filho de dom Francisco Portugal. Dom Luiz de Almeida, irmão do arcebispo de Lisboa. João Mendes, morgado de Oliveira. Dom Gongalo Castel-branco. Agostinho Pereira. Dom Alvaro de Castro, o romanisco. João Comes Cabral, capitão da guarda. Ambrosio da Costa, cunhado de Miguel de Moura. João da Silva, filho de Lopo Furtado de Mendonça. Anrique Anriques de Miranda do Duque. Antonio Carvalho de Setubal. Andre de Albuquerque. Manoel de Miranda, camareiro mór do senhor dom Antonio. Manoel Corte Real. Dom Luiz de Menezes e dom Francisco de Menezes, filhos de dom Fernando da Pampulha. Dom Henrique de Menezes o roxo, e dom Simão de Menezes seu irmão. Dom Antonio de Cantanhede. Dom Simão de Mene-



zes, filho de dom Rodrigo de Menezes, veador da rainha. Dom Francisco de Moura. Antonio de Moura, filho de Alvaro Gonçalves de Moura. Gôngalo Nunes Barreto, e Francisco Barreto seu irmão. O capitão Alexandre. Dom Manoel de Menezes, bispo de Coimbra. Dom Aires da Silva, bispo do Porto. O padre Mauricio, da companhia de Jesus, confessor de elrei. Dom Antonio de Vasconcellos. Dom Antonio de Menezes, filho da camareira mór da infante dona Maria. Dom Antonio da Costa, filho de dom Gileanes. André Gonçalves, alcaide mór de Cintra. Alvaro Pires de Tavora, filho de Rui Lourenço de Tavora. Antonio de Sousa, filho do governador André Salema. André Pires, filho de Alvaro Pires, escrivão da Fazenda. Alonso Peres. Anrique Corrêa da Silva, filho de Ambrosio Corrêa. Dom Antonio de Sousa. Antonio de Vasconcellos. Alvaro Paes Souto-Maior. Anrique Moniz, sobrinho de Antonio Moniz governador da India. Affonso Serraõ e Diogo Serraõ, cunhados de Rui de Sousa. Aires de Miranda do Duque. Antonio Lobo, alcaide mór de Monsarás, e hum seu filho. Dom Alonso de Aguilar, coronel dos Espanhoes. Antonio Pires de Andrade, filho de Alvaro Pires de Andrade. Antonio Jaques. Cristovaõ de Bobadilha. Cristovaõ de Tavora, filho de Bernardim de Tavora. Dom Diogo, e dom Francisco seu filho. Duarte Dias de Menezes, secre-

tario. Diogo da Fonseca Coutinho. Duarte de Mello. Diogo Lopes de França de Tangere. Dom Fernando Mascarenhas. Dom Francisco Coutinho Marialva. Dom Francisco, filho de dom Pero de Villa-verde. Francisco Casado, corregedor da corte. Francisco de Mello, e Garcia de Mello, filhos de Simão de Mello. Dom Francisco Pereira. Lopo Mendes de Bairos, herdeiro de Jorge da Silva. Fernão Martins Mascarenhas. Fernão Barreto, filho de Belchior Barreto. Francisco Sodré. Dom Gonzalo Chacaõ, castelhano. Gregorio Sarnache, do Porto. Gaspar Nunes, manteiro delrei. Gomes Freire de Bobadella. Dom Garcia de Menezes de Evora. Gomes de Souto-Maior. Dom João de Castro e dom Luiz seu irmão, filhos de dom Alvaro de Castro. João Alvares da Cunha. Jorge de Mello da Cunha. João da Silveira, filho do Craveiro. Dom João de Almeida, filho de dom Duarte de Almeida. Jorge da Silva da Gama. João da Cunha, comendador de Malta. Jorge da Costa, escriptaõ da Fazenda. João da Silveira. Hieronimo Telles, filho de Fernão Telles de Santarem. Dom João de Abrantes. Dom João Pereira, filho de Francisco Pereira. João da Silva, filho do regedor. Dom Jorge de Mello de Portalegre. Dom João Mascarenhas, filho de dom Vasco Mascarenhas. Jorge de Mello Coutinho, de Santarem. Dom João de Sá, filho de dom Duarte de Sá. Dom

Hieronimo, o pintor, filho de dom Antonio de Mafra. Leonel de Lima, filho de Jorge de Lima, e Lourenço de Lima seu irmão. Lourenço Guedes. Dom Lopo de Alarcão. Lucas de Andrade, guarda-roupa delrei. Lopo Vaz de Sequeira. Dom Luiz Coutinho, cunhado de dom Miguel de Noronha. Pero Lopes de Sousa, e Martim de Sousa seu filho. Dom Manoel Rollim. Dom Manoel de Noronha, filho de dom Gomes. Martim Gonçalves da Camara. Manoel de Mendonça, filho de Manoel de Mendonça Caçaõ. Dom Manoel de Sousa. Martim Affonso de Sousa, o da India. Manoel Corrêa Bárem. Manoel de Sousa, filho de André de Sousa. Matheus de Brito, filho de Lourenço de Brito. Miguel Cabral, escriptaõ do mordomo-mór. Miguel de Abreu, irmão de Lopo de Abreu, da casa da India. Braz de Lucena, filho de Bastiaõ de Lucena. Dom Nuno. Manoel Fadrique. Nuno Freire, filho de Gomes Freire. Hieronimo de Saldanha, filho de Luiz de Saldanha. O surgiaõ-mór e amo delrei. O capitão Gama, sargento mór. O capitão Alexandre de Mello, filho de Garcia de Mello. Duarte de Miranda. Garcia Affonso de Beja. Francisco Domingues de Beja, filho de Rodrigo Affonso de Beja, manteeiro que foi do infante dom Luiz. Martim de Borgonha, coronel dos Tudescos. Dom Pedro Mascarenhas, irmão de dom Joaõ Mascarenhas. Dom Pedro da Silva de Elvas.



Pero Moniz, filho de Bernardo Moniz.  
Dom Pedro de Villa-verde.

*Como os Mouros ficáraõ senhores do campo e alevantáraõ por rei Mulei-Hamet, irmão delrei Maluco, e os corpos dos reis foraõ achados. Capitulo LXXI.*

Depois que os cristaõs fôraõ de todo rendidos, com morte de hunos e cativeiro de outros, sem escaparem daquella batalha mais que cincoenta homens, pouco mais ou menos (entre os quais fôraõ estes fidalgos: dom Rodrigo, pagem do arremessaõ delrei, dom Diogo de Mello, filho de dom Antonio de Mello, hum filho de Lopes Vas de Mello, Duarte de Castro dos Rios, Thomé da Silva, filho de João Pereira Dantas, e Gaspar de Sousa Lobo) se occupáraõ os barbaros em roubar os despojos, e despir os mortos, onde houveraõ innumeravel riqueza de peças, joias, roupas, e armas, deixando o campo chêo de mortal estrago de toda a nobreza de Portugal: mas como os mouros, que se alli ajuntáraõ, eraõ de differentes partes de Berberia, em breve tempo desaparecêraõ os cativos, por cada hum levar os seus pera suas casas, não sabendo o pai do filho, nem o irmão do irmão, o que causou entranhavel magoa em os coraçõens de cada hum, alem da afflicçaõ do cativeiro das proprias pessoas, e estrago geral de todo o campo. Mulei-Hamet, como ficou senhor do campo, mandando recolher o des-

pojo da victoria, foi aquella tarde celebrar as exequias de Mulei-Maluco seu irmão, com muito sentimento de todo o exercito: o qual acto acabado, logo Mulei-Hamet, com igual consentimento de todos os mouros, foi aleyantado rei e obedecido dos alcaides, os quais aclamando, *real, real*, hiaõ discorrendo por todo o campo, com mostras de alegria do novo rei, que succedia ao pouco antes morto. Em o qual dia, em pouco espago se víraõ em Africa tres reis vivos de huus mesmos reinos e estados. Ao outro dia pela manhã, cinco de agosto, mandou o Xarife trazer o corpo do Xarife que se afogou, o qual foi posto em huma esteira diante delle, e o mandou esfolar, pera chêo de palha o levar a Fez em triumpho de sua victoria. Neste tempo mandou chamar tambem alguns cristaõs, dos quais se informou muito particularmente da sorte delrei dom Sebastiam, se era morto, se vivo; os quais lhe disseraõ, que se salvára pela parte do rio. O Xarife replicou que morto era, que elle o sabia: Bastiaõ de Resende, seu moço da guarda roupa, que alli estava, antecipando-se ás mais respostas, e mostrando-se que sabia onde elrei jazia morto, se offereceo a o hir mostrar: o Xarife mandou-lhe dar huma azemala, com alguns mouros de cavallo que o acompanhassem, e se foraõ ao lugar, onde o acháraõ nu. Bastiaõ de Resende, vendo-o assim, despio a sua camisa e seroulas, e posto sobre a aze-

mala, o trouxeraõ diante do Xarife, e foi lançado na esteira, onde o outro Xarife morto estava, pera o que mandou chamar alguns fidalgos que o viessem reconhecer; e viêraõ a isso dom Duarte de Menezes, mestre do campo, dom Jorge de Menezes de Cantanhede, Antonio de Azevedo, Belchior do Amaral, dom Constantino, dom Nuno Mascarenhas, dom Antonio de Noronha, filho do conde de Mira, Joaõ Rodrigues de Sá, e outros fidalgos, que ahi se acháraõ. Domingos de Noronha, Luiz Cesar, e dom Fernando de Castro, posto que estavaõ ahi, não o quizerãõ vêr, por não renovarem as magoas com tão triste espectáculo. Tinha elrei cinco feridas na cabeça, das quais tres eraõ pequenas, e duas em huma ilharga, como arcabusadas ou zagunchadas. O Xarife, que estava gosando da victoria, triunfando dos vivos e mortos, alegre em ter a seus pés prostrados sem almas os corpos dos reis seus inimigos, com contentamento de gloria humana, mandou dizer aos fidalgos, que lhes daria o corpo delrei dom Sebastiaõ, se lhe dessem os lugares de Arzila e Mazagaõ, senaõ que o levaria a Fez. Os fidalgos lhe mandáraõ em resposta, que elles não eraõ senhores daquelles lugares, senaõ elrei de Portugal, o qual já havia de estar alevantado; que lhe mandasse elle aquelle recado, e elrei faria o que lhe parecesse; mas se elle de presente quizesse pôr em resgate honesto e



justo o corpo delrei, elles dariaõ de suas fazendas por elle dez mil cruzados, e quanto aos ameagos que dizia de o levar a Fez, não acertava nisso; porque o rei alevantado em Portugal o sentiria muito, e trabalharia vingar qualquer descortesia feita áquelle corpo real, ainda que morto, e o mesmo faria elrei dom Philippe de Castella, seu tio, que muito o amava, e igualmente receberia o aggravo como o rei de Portugal. Com isto mandou o Xarife se guardasse aquelle corpo, e o leváraõ a Alcacere-quibir, metido no fundo de humas andas sem capelladas, em que hia Jorge da Silva, fidalgo muito honrado, velho e doente, cuja morte fez desemparados e orfaõs os filhos de Lisboa, de cujas necessidades elle era geral provedor, por sua grande riqueza e virtuoso zelo. Acabadas estas cousas, se partio o Xarife pera Fez, a gozar da victoria e do titulo novo de rei: hindo pois já caminhando, á quinta feira logo seguinte, mandou a Belchior de Amaral que, em companhia do alcaide Hamet-Taba, tornasse a Alcacere, onde o corpo delrei estava, e o enterrasse. Tornando Belchior do Amaral, como lhe era mandado, o vêo ahi sepultar a huma logea do alcaide Habraem-Sufiani, que ficava alcaide em Alcacere; o qual á quarta feira, antes que elrei fosse enterrado, mandou buscar alguns cativos pera reconhecerem aquelle corpo, pera o qual buscaraõ a Fernão da Silva, que ahi esta-

va (posto que não conhecido dos mouros por fidalgo tão nobre e aceito a elrei), o qual, por estar muito ferido de huma arcabusada na maçã do rosto, que lhe sahio o pelouro por detraz da orelha, e huma grande cutilada em hum braço, não pôde vir vêr o corpo delrei; e chamando Martim do Castro dos Rios, filho morgado de João Diogo de Castro (o qual, por mercancia, chegou a ajuntar e deixar em a morte novecentos e tantos mil crusados) não sendo ainda conhecido, chegando ao corpo delrei, metido no fundo das andas, sendo já morto de tres dias, por estar inchado do rosto o desconheceo, e não se affirmou ser aquelle.

*Como o Xarife, acabada a batalha, tratou de cercar Arzila e Tangere, e mandou Belchior do Amaral a estes lugares.*

*Capitulo LXXII.*

Depois que o Xarife se vio senhor do campo, com honrosa victoria, rico despojo, e sobretudo rei pacifico de toda Berberia, determinou seguir a victoria, com a empreza dos lugares de Arzila e Tangere, por ficarem sem nenhuma maneira de guarnição, não havendo nelles mais que mulheres e gente fraca, todos cheos de medo e confusão, e ajuntando a concelho os alcaides, o dia seguinte da batalha, pera esse effeito se metteo em huma tenda, em roda da qual estavaõ muitos cativos fidalgos, entre

os quais se achou Gil Fernandes de Carvalho, capitão de Masagaõ, practico na lingua arabica, que ouvia e entendia o que se tratava no concelho. Os alcaides e o Xarife, votando sobre o que estava proposto, depois de haver resoens de cada parte, se resolvêraõ em não empreenderem o cerco de Arzila e Tangere. A causa principal que moveo ao Xarife a deixar esta empresa, taõ importante a seus estados e facil de concluir, parte foi por com sua presença hir atalhar algumas alterações esperadas; parte por gosar da victoria e felicidade, que a fortuna taõ de improviso lhe meteo na mão, do que Gil Fernandes avisou os fidalgos que com elle estavaõ. Caminhando pois o Xarife logo direito a Fes, depois de Belchior do Amoral o tornar a tomar no caminho da vinda de enterrar o corpo delrei, se tratou antre o Xarife e os fidalgos portuguezes, mandassem a Arzila e Tangere hum homem portuguez, que detivesse pera o resgate dos cativos o dinheiro que estivesse na armada. O Xarife como entrava novamente no governo do reino, e tinha necessidade de dinheiro pera fazer paga aos soldados, e outras despesas que não podia escusar, não engeitou a petição, antes acrescentou outros negociós que lhe réleva-vaõ; pera o qual foi eleito Belchior do Amoral, por ser homem de graõ prudencia e saber em importantes negocios. De maneira que, posto que os portuguezes fingissem



seu principal intento ser mandar Belchior do Amaral a entreter o dinheiro, esse foi o negocio menos cuidado delles; mas tomá-raõ-no por áchaque pera com elle abrirem caminho a outros que lhes mais relevavaõ, os quaes eraõ principalmente avisar ao cardeal, que succedeo no reino por morte delrei dom Sebastiam, do estado da batalha, da morte delrei, e dos mais particulares, e assim avisar os lugares fronteiros, de Arzila e Tangere, se naõ temessem do cerco, de que o Xarife já estava fóra; porque se temia que os cristãos, sómente com essa persuasão os despejariaõ, como de feito estavaõ buscando todos os mêos de embarcação pera se sahirem. Tambem levava Belchior do Amaral lembrança mandasse hum embaixador ao Xarife, a tratar do resgate dos cativos, porque entendiaõ delle folgaria, e seria isto mêo pera haver maior equidade e temperança em estes negocios, e outros muitos, que se moviaõ antre Africa e Portugal: e sobretudo mandasse resgatar o corpo delrei, que ficava em Alcacere, em acrescentamento de magoa dos cativos, que o viraõ e sabiaõ o modõ delle. O Xarife nesta licença que deo, querendo-se tambem ajudar dos negocios que lhe relevavaõ, pedio a Belchior do Amaral tratasse com Pero de Mesquita, capitão de Arzila, que prendesse a Mulei-Nacar, irmão do Xarife morto, que odia antes da batalha havia fugido do campo de Mulei-Ma-

luco pera Arzila, por quanto fôra trefor a seu rei: assim pedisse a elrei de Portugal, que fosse alevantado, lhe mandasse vir de Mazagaõ Mulei-Xeque, filho do Xarife, o qual Martim Correa da Silva lá tinha levado, por não haver com elle alguns alevantamentos ou alterações, que tornassem a inquietar a Berberia. Belchior do Amaral, depois de haver enterrado a elrei, tornou a seguir o Xarife, e do rio Gargos, nove legoas de Alcacere, se despedio pera tornar a Arzila e Tangere, como estava determinado: o qual partindo á segunda feira doze de Agosto, oito dias depois da batalha, vêo ter a Arzila a segunda feira seguinte pela manhã, ás oito horas do dia, onde achou toda a terra chêa de pavor do cerco que temiaõ, desejosos de acharem embarcação, e despejarem a terra; mas com sua vinda, e novas que lhe deu da segurança de não terem cerco, ficou o capitão Pero de Mesquita alevantado a novos espiritos, pela desconfiança que tinha de se poder defender, se vieraõ quaes quer poucos mouros sobre elle. Tratando Belchior do Amaral, do modo que se teria na prisão de Mulei-Nacar, com o capitão, como pudesse satisfazer a petição do Xarife, e não fosse aggravado Mulei-Nacar, por não haver nelle culpa, antes merecia favor por amizade dos portuguezes, derão hum talho, que sem Mulei-Nacar o entender, o entretivesse o capitão com cortezias e boas palavras, que não sahisse da for

taleza, e assim o Xarife cuidasse estar preso. Dalli partindo-se Belchior do Amaral o outro dia pera Tangere, achou que dom Diogo de Sousa, capitão-mór da armada de alto bordo, era partido pera o reino, e achou ahi dom Francisco de Sousa, seu sobrinho; com hum galiaõ e duas zavras em guarda daquelle costa. Belchior do Amaral esteve tres dias em Tangere fazendo seus negocios, donde escreveo ao reino largamente todos os avisos necessarios; o qual, como fez os negocios a que era vindo, sem fazer mais dilacão, se tornou a Fez meter em seu cativoiro, como homem que ia pera sua casa, por cumprir com a obrigação da verdade e confiança que o Xarife nelle tivera.

*Da pessoa delrei dom Sebastiam Capitulo  
LXXIII.*

A fortuna invejosa dos dons naturaes e gratuitos do bemaventurado rei dom Sebastiam, a quem com a morte quiz despojar delles, faz agora sua lembrança mais chorosa aos que o viraõ vivo na prosperidade de sua pessoa e idade, e a fama mais gloriosa na memoria de sua adversidade. Morreo elrei dom Sebastiam na batalha que houve com os africanos, no campo de Alcacere-quibir, aos quatro de agosto da era de 1578, quando elle tinha de idade vinte e quatro annos, sete mezes e quatorze dias, na força da juventude: mas por que do pro-



cesso da historia atraz começada do tempo de sua mocidade, se pode bem entender o modo de sua vida, e muita parte de seus costumes, agora particularisando as estremadas virtudes da alma e fórma do corpo, daremos remate á historia de sua vida e morte. Era elrei de sua natureza instruido por doutrina santa, mui zeloso da fé catolica, assim pera com seu zelo tratar as couzas da republica temporal e espirital com inteira jnstiga, aumento do culto divino e santos costumes, como com força de braço espantar os inimigos da igreja catolica, e não blasfemarem o nome cristaõ. A virtude que sobretudo se enxergou em elreidom Sebastiam, e elle com muita instancia pedia aos devotos religiosos alcangassem de Deos lha confirmasse, foi a pureza da castidade, que elle guardou até a morte, com limpeza virginal, em cuja guarda foi sempre taõ zeloso e acautelado de toda a communicacão, e ainda da vista ou falla de mulheres, que vieraõ os menos honestos a dizer delle, que não amava as mulheres por de sua natureza ser impotente. Foi taõ zeloso da justiga, que nem os bons ficavaõ sem premio de seus merecimentos, nem os máos sem castigo de seus erros: com o qual, sendo taõ mancebo, igualmente era temido do povo miudo e nobreza, e de todos juntamente amado e reverenciado. Foi elrei mui modesto no fallar e vestir, não usando das ufancias dos mancebos (a quem o mun-

do convida com sua gloria, pompa e atavios) e fazia ventagem a muitos velhos no desprezo e fastio dos faustos da vida. Taõ inimigo era de delicias, cheiros e outros perfumes, que entranhavelmente aborrecia alguns fidalgos, se delles usavaõ. Na reformaçaõ dos bons costumes e frequencia dos sacramentos dava singular exemplo ao povo, e os que o naõ podiaõ imitar com zelo puro, era-lhes necessario contrafazerem-se com hypocrisia, pera naõ serem aborrecidos delle. Foi elrei mui exercitado nas forças corporaes, e fez ventagem a todos os mancebõs fidalgos de seu tempo em todos os exercicios; porque além de ser destro nas armas, o era muito mais na desenvoltura dos membros, em tornear, jogar a pélla e saltar; e posto que nos exercicios de pé tivesse muita destreza, nos de cavallo naõ houve em seu tempo outro que lhe fosse igual; porque, além de elle ser em extremo grande cavalgador, e domador de ferozes cavallos, foi estremado monteador de porcos, jogador de canas e torneios, justador, e toureiro: nos quais exercicios era taõ fragueiro e soffredor de todos os trabalhos corporaes, que nem a violencia dos tempos de veraõ, nem inverno, o puderaõ vencer, nem as delicias dobrar a ter ou desejar algum repouso, com o que trazia taõ cansados e maltratados os fidalgos, que geralmente era notado, por sua fragueirice, de homem absterio. Nos perigos do mar e da terra foi assás arriscado,

e como homem sem medo, nenhum duvidava, antes os buscava com temeridade, e muitas vezes com jactancia perguntava que cousa era medo. Era elrei homem de boa estatura do corpo, não em demasia; de fortes membros, enxuto, bem disposto, sem defeito algum ou vicio corporal: era alvo das carnes, os cabellos da cabeça e os que lhe começavam a pungir da barba louros: tinha o rosto grave e severo, com o beijo de baixo algum tanto derrubado, cuja composição lhe dava muita graça e formosura: no andar a pé e a cavallo tinha tanta graça, ar e magestade, que bem representava a dinidade real, que nelle residia: o esforço de animo pera grandes feitos, e magnificencia pera grandes empresas, o fazião estimar em pouco seus estados, aspirando a grande monarca, de que se via dignissimo. Com estas e outras muitas partes, que seria muito largo contar, viveo dom Sebastiam gloriosamente, e com ellas acabou na força de sua florente idade, pera gloria da alma, e eterna memoria de sua imortal fama.

*Das pessoas dos Xarifes Mulei-Maluco  
e Mulei-Hamet. Capitulo  
LXXIV.*

Já atraz fica dito das partes e habilidades de Mulei-Maluco, juntamente com os vicios que lhe escureciaõ o louvor de seus



doens naturaes. A proporção do Maluco era de homem meão, ainda pequeno, mas bem feito, e de poucas carnes: era alvo do rosto; tinha a barba preta, olhos grandes, o nariz bem feito, o rosto redondo, os dentes dianteiros um sobre o outro: com esta composição era gentil homem do rosto, airoso do corpo, com aspecto grave e alegre. Foi soldado mui esforçado e capitão destro, e se achou em muitas batalhas campaes, e navaes, sem em alguma dellas ser ferido. Foi em extremo amigo dos cristaãos, a quem sempre fez mui bons tratamentos, com humanidade e equidade de homem primoroso; do qual se conta, que entrando hum dia na sagena dos cristaãos, e hindo cercado de arrenegados, tomou o hisope, e lhes lançou agoa benta, rindo pera elles, dando a entender que, ainda que professavaõ a lei de Mafamede, os tinha por cristaãos, e hindo adiante vio hum cristaão estar de giolhos, o qual vendo que o Maluco vinha se alevantou; o Maluco lhe perguntou que pedia a Deos: o cativo lhe respondeo que, liberdade: disse-lhe o Maluco que rezasse, que Deos o ouviria: dahi a poucos dias o mandou soltar, e dar dinheiro, que se fosse pera sua terra. A hum mancebo biscainho, por nome Bastiaão, seu mantieiro, que fôra cativo com seu pai velho, disse hum dia o Maluco, que dalli a hum anno o havia de libertar: o mancebo, fazendo pouco caso do promettimento do barbaro, julgando a

liberdade das palavras por excusa das obras, vêo a se esquecer delle. Chegado o anno, o chamou o Maluco, e lhe disse: » Lembra-te que he chegado o dia da tua liberdade? » Respondeo o cativo que sim: então lhe disse Mulei-Maluco: « Bem sabes que gosto muito do teu serviço, por tua boa diligencia, e com tua ausencia me farás muita falta: Seja pois assim: teu pai será libertado, e tu ficarás em meu serviço, sem sujeição de cativoiro: » Assim o fez, e lhe mandou o pai pera sua casa. Bastião, depois da morte do Maluco, com licença do Xarife seu irmão, se vêo a terra de cristaãos, e foi em companhia de Belchior do Amaral, quando vêo a Tangere. Morreo o Maluco o dia da batalha, como atraz fica dito, de sua enfermidade, ou como outros dizem, de huma espingarda, da de idade de trinta e seis annos. Mulei-Hamet Xarife, que tambem foi afogado no rio, o dia da batalha, era de idade de trinta e tres annos: foi infelice em seus cometimentos; porque em todas as batalhas (excepto na de Tanhuli) sempre foi desbaratado; as quaes foraõ vinte e quatro, e a em que acabou, vinte e cinco, excepto na do cerco de Mazagaõ, onde perdeu infinita gente, sem ter effeito seu intento. Era Mulei-Hamet homem de bom corpo, muito grosso, cor parda amulatado, tinha o nariz grande, pouca barba nas queixadas, no mêm junta: dizem alguns mouros, que

era pouco animoso, assim no castigo dos vasallos, como em fazer guerra aos inimigos. Não sei que razão haja na prova desta opinião; pois elle, nas batalhas que teve com Mulei-Maluco e seus capitaens, sempre se achou no corpo dellas, pelejando e animando os seus, até de todo ser roto; em todas as quebras que teve, com muita diligencia procurava reformar-se, e tornar a tentar a fortuna; mas parece que cobrou esta opinião de covardo da primeira batalha que lhe derão os turcos, quando elle fugio antes de tornar a ella, e os seus terem a victoria quasi havida; ou parece que medem seu esforço pela mofoa que teve em seus mãos successos, dos quaes, por ser sempre vencido, cobrou fama de pouco esforçado.

*Dos sinais que houve do infeliz successo delrei e do seu desbarate. Capitulo*

*LXXV.*

Que engenho tão errado em suas opiniões, e tão endurecido em seus erros, pôde haver, que accuse a divina justiça na severidade de seus castigos; pois, convidando de continuo os homens com occasiões de virtudes, mostrando-lhes os caminhos acértados, quando por ingratição ou pertinacia se elles fazem vasos de ira, então tocado de sua divina clemencia, procura apartar-nos do mal que seguimos, com sinais claros que nos avísem de seu castigo: mas posto que Deos tinha



determinado castigar o povo portuguez por seus pecados, muitas vezes antes os quiz denunciar com prodigios e sinais, bastantes pera aõssa emenda; porque no anno de 1577, aos nove de Dezembro, appareceo do Ponente hum cometa, taõ grande e espantoso, que bem mostrava em sua significação os males que pronosticava, e estendendo hum grande rabo ao meio-dia, estava demonstrando a região de Africa, aonde prometia fazer seus effeitos; e quanto foi de mais dura (que appareceo espaço de dous mezes) tanto mais continuos e maiores ameaçava que seriaõ seus effeitos. Tambem no mesmo anno, junto a Penamacor, foraõ vistos de muita gente, no ar, grandes exercitos de figuras, que não eraõ bem formadas, com similhanças humanas, e na ordem pareciaõ esquadroens que hiaõ marchando. O dia que elrei dom Sebastiam foi benzer a bandeira á Sé de Lisboa, antes de partir pera Africa, se vio publicamente, ao tempo que o arcebispo foi meter a bandeira na hastea, depois de a ter benzido, a pôz de maneira, que ficou a imagem de Cristo com a cabeça pera baixo, a qual metida na mão do alferes mór, embicou duas vezes com ella, e o tiveraõ não cahisse no chaõ. No dia da batalha, arvorando-a o alferes mór, nunca a pôde estender, nem desenrolar, ainda que muitos homens com força o pertendessem, nem dom Fernando Mascarenhas, que nisso pôz as forças, o pô-

de fazer: donde parece estar Deos offendido de maneira, que se não quiz mostrar ao povo, já bem merecedor de seu justo castigo. Quando elrei partio de Lisboa e foi ancorar a Lagos, quando ao surgir mandou alevantar a ancora, em os forçados começando de vogar, lhes appareceo hum homem morto, atravessado no esporão da galé, que era indício de temor. Outro cuja significação não se engeitou, foi, que hindo pelo mar Domingos Madeira, musico delrei, cantando-lhe, e tangendo em huma viola, começou de cantar hum romance: Ayer fuiste rey d'Espanã: hoy no tienes un castillo: tanto foi isto tomado em máo agouro, que logo Manoel Coresma lhe disse deixasse aquella cantiga triste, e cantasse outra mais alegre. Tambem se vio o dia que elrei partio com seu campo de Arzila pera Larache, ao tempo que os reposteiros estavaõ desarmando a tenda real pera a carregarem, viêraõ tres corvos a pousarem-se em cima della. No mesmõ dia se affirmáraõ muitos fidalgos, que viraõ no ar pelejar tres aguias, com mostras de grande odio e vingança. Muitos mouros, moradores em Alcacere, affirmáraõ muitas vezes, hum mez antes da batalha, haverem visto no campo, onde se ella deo, huma grande briga entre corvos e groues, e ferirem-se com cruel inimizade. No dia da batalha se vio o sol claramente taõ vermelho, que parecia sangue, com aspecto temeroso, mostrando presagio

da crueldade, ou compaixão (se deste vocabulo se póde usar) do estrago de mortes e efusão de sangue, que aquelle dia se fazia em tão dura e cruel batalha; no qual dia, affirmaõ muitos homens de Tangere chover algumas gotas de sangue na cidade. Assim mesmo se affirma, no mesmo dia, se ouvira em Tangere grande estrepito de armas, com tiros e golpes tão fortes, que se sentiaõ claramente; de maneira que muitos cuidáraõ, no mar perto de Tangere haver algum encontro de galés, e affirmavaõ e temiaõ Pedro da Silva, que de Arzila vinha por mar servir de capitão de Tangere, e acompanhar sua irmã dona Leonor da Silva, mulher de dom Duarte, capitão da mesma cidade, haver sido salteado de algumas galés naquella costa, e na defensão, que fazia aquelle estrepito de armas, que tão claramente se ouvia.

*Como e porque vias vêo recado ao reino do desbarate do exercito. Capitulo LXXVI.*

Tanto que o desbarate do campo cristão foi feito, com estrago de barbaro furor e envelhecido odio, logo a fama, que com semelhantes novas se antecipa a dennunciar os tristes successos, correo a Ceita, e dahi estendendo as azas de sua velocidade, de improviso passou o Estreito a Gibraltar, donde Antonio Manso, feitor delrei de Por-



tugal, mandou hum corrêo ao reino, e cartas aos governadores, nas quaes lhes relatava a fama que corria, ainda fresca e confusa, sem particularisar cousa alguma, senão o commum rumor do exército portuguez ser desbaratado. Os governadores facilmente derão crédito a estas novas, pelos recêos que elles e todo o povo tinhão de alguns grandes perigos; em a jornada delrei ir mal ordenada: mas, porque o povo não fizesse algumas alteraçoes em caso tão infelice, e para encobrirem huma dôr tão geral, que comprehendia a todo o estado, recolherão em huma casa o corrêo, por não ser visto, nem interrogado do successo das cousas perdidas, com que nova tão triste se pudesse divulgar. O povo, que sempre pera o mal he verdadeiro profeta, não somente se lhe não pôde esconder este corrêo, nem a confusão dos governadores, pera logo deixar de publicar recêos de máo successo, mas já antes disso andava um surdo rumor por Lisboa, que elrei era perdido, não havendo autor de tal nova, nem do modo do successo: e na verdade, não havia outro recado primeiro que este; mas porque, depois que elrei esteve em Africa, o cardeal o mandou visitar por Salvador de Medeiros, seu criado, e esta, por que ao tempo que chegou a Arzila, era partido elrei do outro dia, se metteo na companhia do Capitão Aldana, que também hia no alcance do exército com mil soldados, chegou Salvador de Medeiros a visitar el-

rei hum dia antes de se perder; o qual por não ter maneira de se tornar, se achou ao outro dia na batalha, de que escapou ferido, e vindo-se logo a Portugal, foi o segundo recado, mais certo e de vista, que houve da certeza do desbarate, sem ainda se saber delrei se era morto. Dom Diogo de Sousa, capitão mór da armada de alto bordo, estava em Larache esperando a hida delrei, e quando soube o infelice successo do desbarate, posto em grande confusão de nojo, e não se determinando no que havia de fazer, esperou alli hum dia, pera recolher alguns cristãos que viessem a demandar a frota; mas como os barbaros entenderão que a armada estava com este desenho, com grande diligencia tomaraõ os portos da terra, como que armavaõ rede, em que haviaõ de vir cahir forçadamente os que tinhaõ escapado da batalha. Dom Diogo de Sousa, que entendeu sua estada era pera maior dano dos fugidos, que pera emparo, ordenou de se hir a Arzila, pera dar animo á gente, que de todo estava chêa de pavor, o qual recolhendo alli os enfermos, e algumas outras pessoas e fato, deixou seu sobrinho dom Francisco de Sousa com hum galeão e duas zavras, em guarda da costa e lugares, até ver o intento do Xarife. Isto feito, deo o capitão á vela pera Portugal, onde já estava semeada a nova do desbarate; mas nem á sua chegada houve certeza da pessoa delrei ser morto, antes pelo vulgo discorreo

hum rumor, que elle vinha na frota, o qual durou tanto, que por muitos tempos se não pôde o vulgo despersuadir que elrei era vivo, e que andava pelo reino e outras partes escondido: á cerca do qual huns contavaõ visoes da sua pessoa, a que alguns davaõ credito, outros formavaõ considerações medidas pelo desejo que tinhaõ, o que deo assás confusão a muitos. Andava a duvida taõ altercada em todos os estados, que além de haver muitos que affirmavaõ ser elrei vivo, outros fizeraõ sobre isso grossas apostas. Por esta cousa andar tanto posta em opinioens, não tomou o cardeal o governo do reino mais que com titulo de curador, governador e defensor; mas por que Belchior do Amaral enterrára elrei em Alcacere, e fôra testemunha de vista, escreveo ao reino, dando verdadeira relação da morte delrei; a cujas cartas, que dom Francisco trouxe, se deo inteiro credito, pera o cardeal tomar logo o ceptro de rei, como abaixo mais largamente contaremos: com o qual nem ainda se pôde apagar a fama de elrei ser vivo, e durou esta opiniaõ até á morte do cardeal, e muito tempo depois.

*Como o Xarife mandou degollar o Achahiac e o Dogalí e outros alcaides. Capitulo LXXVII.*

Por a conjuraçaõ que o Dogalí e o Achahiac tinhaõ tratado em vida de Mulei-Ma-



luco, de tomarem e repartirem os reinos de maneira que o Achahiac haveria o de Fez, o Dogalí (que andava no reino de Sus) como soube a morte do Maluco, e o estado das cousas, parecendo-lhe que a occasião lhe abria a porta pera effectuar seu intento, logo com muita pressa se vêo com as bandeiras que trazia direito a Marrocos, com intenção de se apossar da cidade, fingindo que a vinha emparar. Reduaõ, que estava de guarda della, conjecturando ou sabendo o desenho do Dogalí, não lhe quiz abrir as portas, e o desenganou que não havia de entrar dentro nella. O Dogalí, que não podia levar o negocio por força, senão por manha, dissimulou o melhor que pôde aquelle desvio, e mostrou que o não sentia, marchando pera Fez, onde o Xarife estava, pera lá com Achahiac buscarem outra occasião em que com seu intento pudessem sahir. Reduaõ, como entendeu o Dogalí e soube seu desenho, escreveu huma carta em lingua espanhola a Hamet-taba, alcaide mui principal e amigo do Xarife, em que lhe descobria o que tinha alcançado do Dogalí e do Achahiac, avisando-o que visse o modo que se devia ter em atalhar hum tal desenho, e em guardar a pessoa do rei. Hamet-taba, que não sabia lêr a letra espanhola, tomou hum cativo seu portuguez, e deo-lhe a lêr a carta; o qual, como vio a importancia do negocio, com todos os ameaços poz silencio ao cativo, pera que se não viesse por via

alguma a romper. O Taba, tanto que teve este aviso, descobrio-o ao Xarife, e ambos o dissimularaõ, por aquelles dous homens terem alcançado muita reputaçã no povo, e serem mui principaes e poderosos, contra quem, em publico e por forga, se remediaría mal a traigaõ, antes perturbaria a republica em estado taõ inquieto, assim do novo rei, como de Africa estar chêa de cativos, que haviaõ sido tomados na batalha, e que em qualquer alteraçã as cousas poderião ficar duvidosas, e com perigo: portanto, dissimulando o Xarife com o aviso, correndo com a privança que o Achahiac, com elle tinha, como o Dogali chegou, secretamente lhe mandou dar peçonha. O Dogali, que entendeu donde lhe vinha o mal, dissimulando tambem com igual sagacidade, não somente não se mostrou queixoso da peçonha, que lhe o Xarife tinha dado, antes se fingio tolheito das pernas, por não ter occasiã de hir ao pago, nem a outras partes, onde tivesse occasioens de perigos. Neste tempo mandou o Xarife com graves penas por toda Berberia, que lhe trouxessem a Fez todos os fidalgos cativos, e juntos muitos em Fez, oitenta delles trataraõ com o Xarife, por meio do Achahiac, por onde este negocio corria, que os resgatasse todos juntos por hum certo preço. O Achahiac, neste negocio com muita diligencia e calor persuadia os fidalgos que se não desaviessem com elrei, e a elrei que se

concertasse com elles : isto a fim de o Xarife os não levar pera Marrocos , pera onde estava de caminho ; porque , como trazia pensando que havia ser rei de Fez , todo o seu cuidado era que os fidalgos ali ficassem , pera que havendo elle o reino , como determinava , lhe ficassem estes cativos , de que se esperava tão grosso resgate : finalmente , tanta diligencia fez pera effectuar seu intento , que concordou o Xarife com os fidalgos cativos em quatrocentos mil crusados pelos oitenta ; mas como o Achahiac , era muito privado do Xarife , e tinha com elle todas as entradas , cada hora que queria , principalmente no negocio do resgate dos oitenta fidalgos , nunca o Xarife lhe deo a entender o aviso que tinha de sua conjuraçãõ. Estando o Xarife já a este tempo de caminho pera Marrocos , determinando concluir a morte dos conjurados , sem alvoroço do povo , mandou toda a gente de guerra que fôsse diante espera-lo a duas leguas , entre os quaes ia o Dogali , que não se sahia da tenda , por se fingir aleijado das pernas. O Xarife , como vio os dous companheiros apartados , como o contraçto dos cativos foi concluido , indo o Achahiac , ao paço pera entrar , e com as confiançaes costumadas , não lhe deo o porteiro entrada como soia , mandando-o esperar , que o Xarife estava occupado. O Achahiac , achando novidade nesta resposta , perplexo em seus pensamentos , e alhêo da conjuraçãõ ser descoberta , discorria pelo en-



tendimento a causa daquella mudança, e esperando que o Xarife o mandasse entrar, lhe foi dado recado que entrasse, o qual entrado, foi mandado levar a hum jardim, onde já o estavaõ esperando os que o haviaõ de degollar, como logo degollaraõ; mas por que a fama deste feito não fosse ter ás orelhas do Dogali, pera que pudesse fugir, ou fazer alguma alteraçãõ, mandou o Xarife logo a Hamet-taba com muita pressa ao lugar aonde estava, e dentro no ataúde e cama, em que jazia aquella noite, lhe cortou a cabeça, com que ficou atalhada a conjuraçãõ, e todos os alcaides com espanto e temor da severidade do castigo e modo delles: mas porque de todo o Xarife ficasse fóra de semelhantes sobresaltos e temores, deo ordem com que fossem degollados todos os alcaides andaluzes, que andavaõ na companhia do Dogali e Achahiac, e outros de que se temia, os quaes foraõ Gorrim-Mahomet, sobrinho do Dogali, e Reduaõ, portuguez. Quando os mouros que seguiaõ a parte do Xarife, e escaparaõ da batalha, viraõ as tiranias que o novo Xarife usava com os alcaides, que ajudaraõ a ganhar o reino a Mulei-Maluco seu irmão, desesperados de alcançarem clemencia nelle, pera lhes perdoar a parcialidade que tiveraõ com Mulei-Hamet Xarife, pera lhe resistir, ordenaraõ virem-se pera o reino de Portugal; por o qual, havendo licenca delrei dom Henrique, como amigos que eraõ dos Portugue-

zes, e se haviaõ perdido na batalha, se vié-  
raõ pera o reino Mulei-Xeque, filho do Xa-  
rife, e Mulei-Nacar seu tio, irmão do Xari-  
fe. Viéraõ tambem Cid-Abdelcherim, que  
entregou Arzila, Cid-Hamubenanza, visorrei  
de Mequinez, com outros mouros honra-  
dos, os quaes elrei dom Henrique mandou  
agasalhar, e dár acostamento pera susten-  
taçaõ, conforme a calidade de seus estados :  
mas posto que logo de principio pousassem  
na cidade, depois houveraõ por bem apo-  
sentar-se em Alvalade com toda a sua gen-  
te. Mas por que Cid-Abdelcherim trouxe  
comsigo as mulheres, filhos e toda a sua  
casa, teve sempre distincto aposento na  
cidade.

*Como o cardeal infante dom Henrique vêo  
de Alcobaça pera Lisboa; e como houve  
nova do desbarate delrei dom Sebastiam.  
Capitulo LXXVIII.*

Com a triste e infelice nova do desbara-  
te do exercito portuguez se perturbáraõ em  
grande maneira os governadores, assim pe-  
la destruiçaõ da gente, como com o temor  
da morte delrei dom Sebastiam, que ainda  
se não sabia. Postos os governadores em  
huma confusaõ chêa de dor, quasi alhêos  
de conselho, como poderiaõ entreter o po-  
vo lastimado e alvorogado pelo cheiro das  
novas, que elles guardavaõ (como atraz fica  
dito) e da vista e continuagaõ dos ajunta-

mentos, que cada dia duas vezes faziaõ a conselho (que de todo não podiaõ dissimular, pera o povo deixar de pronosticar grandes infortunios) logo com toda a brevidade, e com todo o segredo, mandáraõ o doutor Jorge Serrão, provincial da companhia de Jesu., a Alcobaga, onde o cardeal estava (e onde era abbade) com cartas, dando-lhe conta do successo da batalha, e lhe pediaõ com muita pressa se viesse á cidade de Lisboa, pera aquietar o povo, que bramava com magoa do dano geral, com claros indicios meditado, e o consolar com a presenca de sua pessoa, quando de todo lhe fosse descoberta huma nova de tanto sentimento: alem disto o doutor Jorge Serrão por palavras consolou o cardeal, já velho, e enfermo de dôr penetrante, com o temor da morte delrei seu sobrinho, o qual amava do coração, e pela orfandade dos reinos, enobrecidos e deixados delrei dom Manoel seu pai, juntamente com o estrago do exercito cristaõ, prostrado em batalha campal por mãos dos barbaros africanos, antigos e capitaes inimigos do nome cristaõ. Posto o santo velho em huma agonia tão amargosa, a quem quanto mais pela largidade as forças faltavaõ pera poder com tão grande nojo, tanto mais o entendimento o acrescentava com os danos e males, que via de presente, e descobria de futuro, com isto, derramando lagrimas, e dando gemidos do intimo do coração, não mostrava menos



sentimento do povo cristão estar banhado em seu proprio sangue, feito manjar de bestas feras nos campos de Berberia, com seu rei posto em igual sorte, que o santo rei David quando lamentava o de Israel, prostrado nos montes de Gelboé, com elrei Saul ungido de Deos, profanado e morto por mãos dos incircuncisos barbaros: O doutor Jorge Serraõ, grave e eminente theologo, compadecendo-se do dano geral, acrescentado com o particular do velho, que como minino fazia seus prantos, com lamentaveis palavras, cheas de todo o sentimento e tristeza, com exemplos de semelhantes infortunios, e doutrina de grande consolação da alma, e confiança de Deos dár remedio ás presentes tribulaçoens, trabalhava quanto podia tira-lo daquella agonia. O cardeal, que sempre zelou o bem comum de toda a cristandade, com aceso ardor da fé católica, e em particular o da republica de Portugal, vendo lo estado das cousas quasi de todo perdidas e desconfiadas, com toda a brevidade se pôz ao caminho da cidade de Lisboa, onde havia de renovar suas dores com os prantos das mãis, mulheres e filhos daquelles fidalgos e cavalleiros, os quims na batalha morreraõ, ficando ellas viúvas, orfãos e desconsolados. Chegando o cardeal a Lisboa, hum sabado desaseis de agosto de 1578, se foi aposentar no convento de S. Bento de Enxobregas, onde sendo visitado ao domingo pela manhã desses poucos fidal-

gos velhos, que ficáraõ no reino (a quem as largas idades naõ deraõ lugar de seguir el-rei dom Sebastiam) assim por lhe ser devida a tal visitaçaõ, como por saberem a certeza do mal que esperavaõ, logo aquelle dia foi divulgada a triste e infelice nova do desbarate, com que a tristeza de tal maneira occupou os coraçoens de cada pessoa de todo o estado e sexo, que emudecidos com a dor naõ havia mais que suspiros, e sobresaltos da sorte que a cada hum caberia dos seus, que naõ poderia ser menos de morte ou cativo: e por disto naõ haver particular relaçaõ, e cada hum ter esperanças que a sua fortuna seria menos pesada, trocada a morte em cativo, este era o geral remedio e consolaçaõ, a que todos se acolhiaõ. Naõ se socegando pessoa alguma, a quem tocavaõ os penhores que em Africa tinhaõ de filhos, maridos ou parentes, andava todo o povo em agoniada confusaõ, como gente sem conselho no que devia fazer ou seguir, perguntando e inquirindo cada hum o que lhe relevava saber, o que causava taõ geral dor a todo o estado e pessoa, que a nenhuma ficava liberdade de dár consolaçoens a outros, por naõ haver quem ficasse isento destes golpes taõ crueis, que a infelice nova deo a todos os coraçoens.

*Como o cardeal foi allevantado por curador, governador, e successor dos reinos de Portugal. Capitulo LXXIX.*

Tanto que o Cardeal chegou a Lisboa, despedio corrêos ao duque de Barchina, conde de Tentugal, e outros senhores que ficárao no reino, que com a brevidade que o negocio pedia se viessem a Lisboa, e aos que estavao na cidade mandou recado, para se tratar do que convinha ao bem do reino, posto em estado de tanto desamparo; mas porque ainda a este tempo não havia certeza alguma da morte delrei dom Sebastião, antes alguns disseraõ que o viraõ vivo fóra do campo da batalha, mandou o Cardeal a Simaõ Gonçalves Preto, chanceler mór, e aos doctores Paulo Affonso, Gaspar de Figueiredo, Hieronimo Pereira de Sá, Pero Barbosa, e Manoel de Quadros, desembargadores do paço, e a outros muitos juristas doctos, que na cidade estavao, que estudassem e resolvessem o que o Direito dispunha em o estado presente de hum reino orfaõ, e do successor sacerdote. Estudado o caso com muita diligencia, não havendo duvida poder o cardeal succeder nos reinos de Portugal, posto que tivesse autoridade, com o titulo de Cardeal e arcebispo que era de Evora, e o havia sido de Braga e Lisboa, todavia no outro



ponto, do reino ser havido por orfão, houve mais difficuldade: de maneira que, altercada a materia, em como o reino estava em certa maneira vago, por não ter jurado principe, e não havido de todo por orfão, por não haver certeza da morte delrei dom Sebastiam, se resolvêraõ, com determinação assinada por todos, que o cardeal, filho delrei dom Manoel e tio delrei dom Sebastiam, fosse a levantado por curador, governador, e successor dos reinos, por elle ser a pessoa mais conjuncta em parentesco que havia na linha real. O cardeal, que já a este tempo estava aposentado nas casas do duque de Bragança (por se não atrever com dor a ver os paços onde elrei morava) com a resolução que se tomou por os letrados, mandou ajuntar em seus aposentos os senhores e fidalgos, que havia na cidade, com os vereadores e mais camara, chancellèr, e desembargadores do paço, a casa da supplicação e civil, com os da mesa da consciência, e mais tribunaes da justiça e officiaes, pera fazerem o acto do levantamento, pera provimento do governo do reino; antes do qual, a todos juntos disse: «Nenhum castigo mais severo me Deos pudêra dar nesta idade e estado em que me vedes, que receber agora as honras e successões, que os principes grangeáraõ com muito cuidado; pois me fica a cargo consolar-vos, das mortes de vossos filhos e parentes, e ás donas, de seus maridos, tendo eu

tanta necessidade de ser ajudado de quem me possa aliviar a pena que sinto em vos vêr diante de mim, com tanta magoa, que entendo que vós não o sentis tanto por vossos dívidos, como pelo senhor rei meu sobrinho, que eu tanto amava, e vós ajudastes a criar. Não vos pareça que he de animo fraco verdes-me correr estas lagrimas dos olhos, mas entendei que he de amor e compaixão de todos vós, em que sempre enxerguei lealdade de verdadeiros vassallos, e agora sinto mais no muito soffrimento que tendes das mortes e cativeiro de vossos filhos, e o pouco que tendes, de arreção da morte de vosso rei, em que vos fazeis meus companheiros na sorte e magoa. Deos vos pague a consolação que me dais em vos ver esses animos tão nobres e leaes, pera me ajudardes com a carga, que em tal idade e tais forças me quereis lançar a estas costas, e eu por meus pecados não posso fugir, em tempo que se eu tivera muitas forças a devia engeitar, por resão da dignidade pontifical, e da quietação que sempre dezejei, quanto mais que, ainda que eu estivesse em idade grangeadora desses estados, de pouco gosto e muita pena fôraõ elles pera mim, todas as vezes que me visse assentado no trono de meu muito amado sobrinho, unico herdeiro destes reinos, elrei dom Sebastiam, dotado de todas as virtudes dinas de grande monarca, quando cuidasse que seu corpo podia estar sepultado nas entra-

nhas de animaes feroces; e ainda que eu não sou certo de sua morte, não me posso aquietar de sobresaltos, que me batem no coração, vendo quaõ cruel foi a batalha em que elle havia ser o primeiro que commettesse, por seu esforço, e o derradeiro que della sahisse, por ser companheiro a seus vassallos nos perigos: mas já que Deos deo este taõ grande açouté, por pecados nossos, parece que a mim coube maior parte delle, tanto por a dor que sinto de meu sobrinho, que forçadamente deve ser morto ou cativo, como por me eu agora sacrificar em tomar o peso do emparo do reino, posto em estado de grandes trabalhos, e eu já debilitado sem forças, não me ficando mais que pera tratar da morte, de que já me vedes taõ visinho. » Com estas palavras dignas de hum principe taõ sancto, causadoras de tristesa, com a fresca lembrança, ou pera melhor dizer, do temor que cada hum tinha da nova que esperava da morte dos seus, houve entre todos hum mortal silencio, acompanhado de lagrimas e suspiros das consideraçoes e dores de que todos estavam salteados. Com isto, publicado o assento que se tinha tomado por os juristas, conforme a elle se fez acto publico, em que o Cardeal foi alevantado por governador, curador e successor do reino, havido por orfão em quanto não constasse da morte delrei dom Sebastiam, o que se fez sexta feira vinte e quatro de Agosto de 1578.



*Como forão feitas as ceremonias fune-  
raes delrei dom Sebastiam morto.*

*Capitulo LXXX.*

Em quanto o Cardeal não tinha certesa da morte delrei dom Sebastiam, não tratou fazer mudança alguma no reino, até que vêo dom Francisco de Sousa, que trouxe carta de Belchior do Amaral da certesa da morte delrei, que affirmava, como testemunha de vista, que o sepultára: com esta nova, desenganando-se o Cardeal das fracas esperanças, em que estribavaõ, ordenáraõ logo em Lisboa fazer as ceremonias funeraes, que se costumaaõ nas mortes dos reis: pera a qual, ajuntando-se os vereadores, procuradores, mesteres, e mais officiaes da camara, com os cidadãos (aos vinte e sete de Agosto, quarta feira pela manhã) na casa onde se faz a camara, sahiraõ della por esta maneira: vinha André Pires Rebello, alferes da cidade, em hum fermoso cavallo murzelo, todo coberto com huma gualdrapa e cabeçadas de dó, e elle vestido em hum capuz, com o capello na cabeça, cujas fraldas lhe chegavaõ ao chaõ: trazia huma bandeira de canhamago negra, mettida em huma lança, cuja largura chegava ao meio da hastea, e o comprimento era tanto, que posta ao hombro hia arrastando pelo chaõ: diante do alferes hia o licenciado Lourenço Marques, juiz do civil, ves-

tido em hum capuz, com hum escudo negro nas mãos alevantado, animado na cabeça, pera que fosse visto de todos; o qual hia cercado dos vereadores, procuradores, mestres, e cidadãos, todos com varas negras nas mãos, e capuzes vestidos, e capellos na cabeça, a quem seguia grande multidão de povo de pé e de cavallo, com alto pranto de vozes e lagrimas, com que denunciavaõ o sentimento e tristeza da morte de hum rei mancebo, a quem o mundo, por sua fermosura e florecente idade, adornada de grandes virtudes e esforço, promettia largos annos, com prosperos triunfos. Com este taõ triste espectaculo hia aquelle povo, coberto de luto, acompanhado de nojo e lagrimas, testemunhando com soluços e gemidos as magoas do coração de todos, por a orfandade que viaõ dos reinos, postos em huma só esperança do Cardeal infante dom Henrique, de quem, por sua larga idade e consumidos membros, se não esperava successor, que por linha direita pudesse succeder na herança dos reinos. Com estas e outras considerações se acrescentava a tristeza de hum povo pouco ditoso, com o desamparo de tal rei, com que em huns creciaõ as lagrimas com dor das angustias presentes, em outros o silencio com os trabalhos que esperavaõ. Com esta ordem e funeral pompa vieraõ aos degrãos do taboleiro da Sé, e posto o licenciado Lourenço Marques em cima delles,

dando sinal de silencio com o escudo, começou em altas e dolorosas vozes a dizer: « Chorai, senhores, chorai, cidadãos, choraí, povo, a morte de vosso bom rei dom Sebastiam » e acabadas estas palavras, quebrou o escudo nos degrãos, onde então se alevantou hum alto e grande pranto de todo genero de gente, a quem faziaõ companhia as mulheres que estavaõ pelas janellas, em quem se não enxergava mais que hum profundo nojo, que consumia os animos de todo o povo; o qual cada vez se hia mais alevantando pelas ruas por onde hia aquelle tão triste espectaculo denunciador de grandes magoas: caminhando na forma em que já te li viéraõ, com outro escudo, que levava o doctor Duarte Lamprea, juiz do crime, fôraõ até o meio da rua nova, onde o quebrou pela mesma maneira acima dita, e onde logo alevantou outro o licenciado Gaspar Campelo, juiz do civil, que o levou até o rocio, ás escadas do espirital, aonde o quebrou com as mesmas palavras e cerimoniaes dos outros, donde voltando pelas ruas dos Arcos, viéraõ á Sé, aonde se disse hum missa cantada pela alma delrei.

*Como o Cardeal foi alevantado por rei de Portugal. Capitulo LXXXI.*

Acabadas as exequias funeraes da morte delrei dom Sebastiam, logo se deo ordem



pera o dia seguinte o Cardeal ser alevantado por rei de Portugal, successor que era d'elle; mas porque elle se havia sagrado na igreja do espirital de todos os santos, pera a primeira prelazia que teve do arcebispado de Braga, nessa mesma quiz receber a maior dinidade de sua vida, com o ceptro real. Armada pois a igreja e capella com hum rica tapeçaria de grã tecida de ouro, se fez hum teatro grande junto de cruzeiro á mão direita, a que se sobia por quatro degraos, todo alcatifado, com hum docel de brocado no mêo, a que estava encostada hum cadeira, com duas almofadas aos pés do mesmo, defronte da qual, no cabo do teatro, estava hum meza pequena com hum missal aberto, e hum cruz d'ouro em cima: os altares estavam com frontaes e doceis de brocado, com velas accesas em castiçais de prata. Depois de este aparato estar feito, logo ao dia seguinte (em que se fizeraõ as exequias funeraes delrei) quinta feira pela manhã, dia de santo Agostinho, vinte e nove de agosto, partio o Cardeal das casas do duque de Bargaça, onde pousava, pera vir tomar o ceptro e receber a dinidade real. Antes que partisse, este proprio dia, disse missa em hum oratorio, dando novo e prodigioso exemplo ao mundo de rei e sacerdote, com imitação de Melchisedec; antre cujas idades taõ distantes não houve outro mortal, que alcançasse estas duas supremas dinidades distinctas, com que o mundo

se governa no temporal e espiritual. Postó o Cardeal a cavallo em huma mula preta mui fermosa, vinha vestido de vermelho com huma loba de chamalote de seda sobre o roquete, e barrete vermelho de cantos na cabeça: a gualdrapa era de escarlata, com os copos da brida dourados, e as mais guarniçoens das cabeçadas: o qual, acompanhado desses poucos fidalgos e cavalleiros que havia na corte, sahio do paço pera a cordoaria, á porta de santa Catharina, dahi pela rua abaixo, e voltou pela cordoaria velha, e dahi pela calçada de S. Francisco, e sahio á cálcetaria, e tomando a rua dos ourives do ouro, sahio ao rocio, e entrou no hospital; diante do qual ia o duque de Bargaça a cavallo com o estoque na mão alevantado: mais adiante dom João Tello com a bandeira real enrolada na hastea: diante da bandeira real hiaõ nove reis de armas a cavallo, com suas cotas d'armas, que em semelhantes actos costumaõ levar, e seis porteiros, tambem a cavallo, com massas de prata, diante dos quaes iaõ os atabales, em tres azemalas mui fermosas, com gualdrapas quarteadas de branco e vermelho, a quem antecediaõ as trombetas, outro sim a cavallo, sem ainda haver estrondo, nem se tanger cousa alguma: toda a mais gente, fidalgos, camara, e povo ião a pé: os condes da Castanheira e Sortelha levavaõ as redeas da mula, hum de cada parte, diante dos quais ia o conde de Por-

talegre, mordomo-mór, com a cana na mão. Nesta fórma chegáram aos degrãos do hospital, onde o Cardeal se apeou: tanto que chegou á porta da igreja, o vieraõ receber em processão toda a cleresia da capella delrei e cabido da Sé, com todos os cantores, onde vinha em pontifical dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, com huma reliquia, debaixo de hum palio, que deo a beijar ao Cardeal. Vinhaõ tambem em pontifical os bispos seguintes: dom André de Noronha, bispo de Portalegre, dom Jeronimo Osorio, bispo do Algarve, dom Jorge de Ataide, bispo que foi de Vizeu, dous bispos hibernios, dom Martinho de Ilhoa, bispo de S. Thomé, dom Sebastião da Fonseca, bispo de Targa: traziaõ capas, dom Theodosio de Bargaça, eleito arcebispo d'Evora, dom João de Castro capellaõ-mór delrei, dom Sebastiam, dom Miguel de Castro, seu sobrinho, eleito bispo de Vizeu, dom João de Bargaça, filho do conde de Tentugal, dom João de Sá, e outros muitos capellaens fidalgos: os assistentes que levavaõ o gremial ao arcebispo eraõ, Pero Lourenço de Tavora, diocesano de Thomar, Antonio Telles de Menezes, inquisidor, que depois foi bispo de Lamego: os que levavaõ as varas do palio eraõ, Affonso Furtado de Mendonça, dajão da Sé de Lisboa, dom Affonso Castelbranco, esmoler delrei, que depois foi bispo do Algarve, dom João de Menezes, arcediago da Sé de



Lisboa, que depois foi arcebispo de Braga, dom Alvaro de Sousa, dom Cristovão de Castro, filho de dom João de Cascaes, e o arcipreste da Sé: a agua benta lançou ao Cardeal dom André de Noronha, bispo de Portalegre, á porta da igreja, o qual foi fazer oração á capella, e dahi com hum bordão na mão subio ao teatro, e se assentou na cadeira, que estava debaixo do do-cel, onde deo o bordão a hum moço fidalgo, diante do qual estavaõ desbarretados em pé os bispos e senhores, o duque de Bragança com o estoque ao hombro á mão direita, e dom João Tello com a bandeira real enrolada, posto n'hum canto do teatro da mão direita: a este tempo subio ao teatro Hieronimo Pereira de Sá, desembargador do pago, e fez huma breve falla, em como nosso senhor houvera por seu serviço de levar da vida presente elrei dom Sebastian, rei dos reinos de Portugal; que alli era vindo o Cardeal dom Henrique seu tio, filho delrei dom Manoel, e successor do reino, pera ser alevantado por rei, pera o em-parar e governar. Nisto chegáraõ á mesa, onde estava o missal e cruz, dom João de Castro e dom Miguel de Castro: o Cardeal, posto de giolhos, com as mãos no missal, tomou juramento de bem e fielmente governar os reinos, sustenta-los com justiça, e guardar os privilegios e liberdades que por os reis antepassados foraõ concedidos; tomando o qual juramento estava Miguel de

Moura secretario, posto de gíolhos de humma parte, lendo a fórmula do juramento, e da outra o arcebispo de Lisboa, que o tomava ao Cardeal, e assentado o Cardeal na cadeira, lhe metteo o ceptro na mão Francisco de Sá de Menezes, seu camareiro-mór, que depois foi conde de Matosinhos: depois vêo o duque de Barchana, e os condes, fazer homenagem e beijar a mão a elrei: apoz elles os prelados, depois outros senhores e fidalgos seculares, a camara de Lisboa, desembargadores do paço, corregedores da corte, levavaõ o mesmo estilo, a que elrei fazia cortesia. Acabado isto, appareceo hum rei d'armas dizendo: "obedi, obedi" e logo dom Joaõ Tellõ, que tinha a bandeira já despregada, disse: "Real, real, real, pelo serenissimo principe dom Henrique rei de Portugal": a quem o povo respondeo repetindo as mesmas palavras, e tocáraõ as trombetas e charamelas e atabales, e fazendo pausa, se tornáraõ a repetir as mesmas palavras e instrumentos, e se começou ao redor da igreja processaõ, com Te Deum laudamus, o qual acabado, na capella a elrei dom Henrique lhe beijáraõ muitas pessoas a mão: dalli fazendo volta pera casa com o ceptro na mão, acompanhado de toda a gente de cavallo, e hindo diante a bandeira e reis d'armas, com os instrumentos, aclamando: real, real, por o serenissimo principe rei de Portugal: a quem todo o povo respon-

dia com as mesmas palavras, chegando ao paço (cujas paredes estavaõ nuas, sem panno nem ornamento algum) se recolheo elrei, e agasalhou os senhores e prelados, com cortesias e mostras de risos fingidos, por encobrir o intimo nojo que lhe tinha occupado o coração, pera nunca ser alegre em toda a vida: mas logo se recolheo a comer encerrado; o qual logo deu os officios da casa real, que estavaõ vagos, aos fidalgos que antes o serviaõ: a Anrique Anriques (que por ser muito mancebo tirou o officio de camareiro-mór, pera o dar a Francisco de Sá) fez estribeiro-mór; a dom Francisco de Sousa, capitão da guarda; a Damião Borges, vedor, por o ser antes, sendo elle Cardeal; e a estes e a todos os mais fidalgos e creados fez muitas mercês e honras.

*Como elrei teve recado que o senhor dom Antonio prior do Crato sahira do cativoiro. Capitulo LXXXII.*

Estando elrei dom Henrique mui magoadado pela morte delrei dom Sebastiam, e sollicito da vida do senhor dom Antonio seu sobrinho, filho do infante dom Luiz seu irmão, de que não tinha novas de morto ou vivo, estando aposentado nas casas de Affonso de Sousa, a S. Francisco, lhe vêo hum corrêo com cartas do senhor dom Antonio, que estava em Arzila, terra de cristãos, posto em sua liberdade. Elrei que



nunca, depois de alevantado, teve huma hora de alegria, por o estrago da batalha, que havia tanto tocado na casa real, na nobreza e povo de Portugal, quasi como expectado de grande sono, como outro Jacob com a nova de seu filho Joseph ser vivo, se começou a alegrar e chorar com alvoroço, fazendo ao corrêo perguntas, como duvidoso de poder ser verdade o que lhe dizia; o qual, lendo muitas vezes a carta, com muito gosto, se acabou de certificar e dar graças a nosso senhor, por a mercê que elle com isto recebia; porque, ainda que o senhor dom Antonio lhe foi desobediente, antes de rei, e não quiz seguir seus conselhos sanctos chãos de toda a virtude, por más persuasoens de muitos outros mancebos estragados, todavia quando soube de seu bom successo, não pôde encobrir o amor que lhe tinha, e mais a consolação que recebia em o ter consigo, sendo já tão velho e só, sem haver outra faísca da casa real. Com esta nova do senhor dom Antonio ser fóra do cativeiro recebeo todo o povo muito grande contentamento, assim pelas resoens acima ditas, como por elle ser extremadamente amado por a brandura de sua condição, e mui affavel pera todos, com palavras de muita cortesia, e liberalidade de obras, com que fazia mercês a muitos. Não deixáráo muitos velhos e prudentes de pôr este successo em consideraçãoz assás devidas, e buscar a causa do misterio que isto pronosticava;

porque os mais benignos, e affeigoados ás cousas do senhor dom Antonio, interpreta-  
 vaõ sua liberdade pera grandes consolaçoens  
 e bens comuns de Portugal, com esperan-  
 ças de elle succeder nos reinos, já que Deos  
 taõ milagrosamente o havia livrado do ca-  
 tiveiro, por mēos não esperados, em tempo  
 de tanta necessidade de hum principe, que  
 tivesse valor pera emparo dos reinos. Com  
 estas e outras consideraçõens se promettiaõ  
 grandes bem-aventuranças, com que se res-  
 taurassem as infelicidades taõ frescas do des-  
 barate de Portugal, com seu rei, na batalha  
 de Africa: outros, que mais atinavaõ com o  
 que o tempo promettia, e a vinda do se-  
 ñhor dom Antonio ameaçava, não se asse-  
 guravaõ de muitas novidades contrairas ao  
 bem commum, que acrecentassem os tra-  
 balhos passados, com que elrei dom Sebas-  
 tiam pôz o reino em estado, que era necessá-  
 rio meditar quaes seriaõ os successos menos  
 pesados que se haviaõ de soffrer e temer,  
 sem enxergar algum remedio que fosse pro-  
 veitoso; porque, alem dos tempos e estados  
 das cousas isso prometterem claramente, en-  
 tendendo muito do engenho do senhor dom  
 Antonio ser de condicão inquieta pera aspi-  
 rar ás cousas maiores, não viaõ causa por-  
 que se deixassem de temer alteraçõens, pois  
 a occasiãõ estava com a porta aberta; as-  
 sim por se temer que o senhor dom Anto-  
 nio se não sujeitasse aos conselhos acerta-  
 dos em suas pertengoens, como elrei de

Castella ser muito poderoso pera reprimir quaesquer reboliços, o que não deixaria de cahir em prejuizo do povo: e assim que os que melhor acertavaõ choravaõ a sua vinda ao reino, como instrumento de severo castigo, que Deos ainda tinha guardado pera executar em Portugal, attribuindo seu successo a pecados do povo, pera maiores trabalhos.

*Do modo do resgate do senhor dom Antonio*  
*Capitulo LXXXIII.*

No successo do desbarate da batalha del-rei dom Sebastiam, em que muito poucos escapáraõ de mortos ou cativos, coube em sorte ao senhor dom Antonio ser cativo de hum alarve do Aduar do Xequê Talemaço; o qual como fosse levado em companhia de outros quarenta cativos, permittio Deos que nunca de tantos homens que o conheciaõ houvesse algum que o descobrisse; mas por que elle acertou de ser cativo de hum mouro mesquinho e pobre, que por sua miseria o não podia sustentar com mantimento soffrivel, houve tal providencia entre aquelles cristãos, que secretamente se lhe buscava maneira pera cada dia lhe darem huma galinha a comer. O que mais industrioso era pera estes alimentos, e que com mais zelo o procurava ganhar, era hum mancebo hortelão, natural do campo d'Alvalade de Lisboa, ao qual, por o senhor dom Antonio o ver com tal zelo, perguntou



se o conhecia, a que o mancebo respondeo, que o conhecia bem, que nunca Deos permittisse que por sua parte fosse descoberto: e pera se melhor dissimular a calidade de sua pessoa, nenhum cativo lhe fazia cortezia, nem fallava em maneira por onde os mouros soubessem que lhe tinhaõ algum respeito, antes o tratavaõ em publico como homem popular e não conhecido. Aprincipal occupação que o mouro, cujo cativo era o senhor dom Antonio, lhe dava, era escolher trigo e hir buscar cardos pera o fogo; e por o mouro ser taõ pobre, e não ter cama que lhe dár, o agasalhava na sua e de sua mulher e filhos, em que todos se cobriaõ com humas cobertas velhas e pobres. Com esta dissimulação, com que os mouros estavaõ desmaginados de o senhor dom Antonio ser pessoa de calidade, se foraõ ao senhor, por differentes vias, Manoel de Fontes e Gaspar da Gram, cavalleiros de Tangere, homens avisados, e lhe disseraõ que aquelle seu cativo era clerigo, e tinha em Portugal boa renda e beneficios; que o devia pôr em resgate, antes que os beneficios fossem providos em outrem, por que entaõ ficava inhabilitado pera se poder resgatar, por não ter outra fazenda de que se pudesse ajudar. O mouro, persuadido por engano taõ circunstanciado, com presença de verdade, e tambem por que elrei mandava, que todos os fidalgos fossem levados á sua corte, pera se elle fazer senhor delles,

determinou, com parecer e consentimento do alcaide Talemaco, de aproveitar-se da occasião do offerécimento: com isto concertáraõ em dous ou tres mil crusados, aos quaes havia dar fiança algum Judeo abonado. O senhor dom Antonio, que tinha muitas mercês feitas, quando estava em Tangere, a Abraham-Gibre judeo de Fez, determinou descobrir-se a elle pera que o fiasse; ao qual escrevendo por Gaspar da Gram, pedindo-lhe o crédito pera seu resgate, e o segredo que não fosse descoberto, lho deo o judeo, com que os mouros se de- raõ por satisfeitos: mas por que todas estas cousas se faziaõ com muita pressa, antes que houvesse alguem, que descobrisse quem era o senhor dom Antonio, fizeraõ com muita diligencia com que logo o levassem a Arzila: os quais postos a caminho, com o senhor dom Antonio nas ancas de hum cavallo, e Antonio da Gram a pé, chegáraõ a Arzila, onde o senhor dom Antonio foi recebido com incrível alegria e alvoroço, fazendo todos os moradores demonstração de grande contentamento, com que os mouros ficaraõ admirados de ver o acatamento que lhe faziaõ, e o engano que a elles tinhaõ feito. O senhor dom Antonio mandou agasalhar os mouros mui honradamente, e lhes pagou o dinheiro do concerto do resgate, e além disso lhes deo muito mais, assim em dinheiro de contado, como em peças e joias, com que foraõ mui-

to contentes, e muito mais lhes dera, se em Arzila achára quem lho emprestára: com isto despedio os mouros com muito amor e offerecimento de lhes fazer muitas mercês: de maneira que o primeiro homem que sahio do cativoiro foi o senhor dom Antonio.

*Dos religiosos da Trindade, que elrei dom Henrique mandou á Africa, pera obradores do resgate dos que fôraõ cativos na batalha. Capitulo LXXXIV.*

A primeira cousa em que elrei dom Henrique entendeu, depois de tomar o ceptro real, foi com dolorosa compaixão tratar da redempção dos que haviaõ sido cativos na cruel batalha de Africa, e espalhados por todas as provincias, que foraõ mais de quinze mil; porque entendia que era obrigação, naõ somente de cristandade, mas de authoridade real, acodir aos perigos das almas e corpos, que os cristãos padeciaõ em seus cativeiros, em mão de barbaros, imigos crueis do nome de Cristo, pera que aquelles que por obediencia a elrei dom Sebastiam se haviaõ arriscado aos males que padeciaõ, em elrei dom Henrique achassem a clemencia que mereciaõ por cristãos e vassallos; e porque com a presença dos religiosos da santissima Trindade, cujo principal instituto era arriscarem as vidas pela liberdade dos cristãos, postos entre os iníeis pagãos, elles ficassem consolados nas almas com sua



doctrina, e conservados na fé com esperança de cedo serem socorridos com liberdade, pera alivio do misero cativeiro, ordenou el-rei dom Henrique que fossem escolhidos os mais idoneos pera esta missaõ; pera o que dado recado ao seu provincial da parte del-rei, que enviasse os seus religiosos a este ministerio, offerecendo-se logo pera a jornada muitos zelosos da fé, e de fervorosa caridade; com desejos de hir ajudar a levar a carga dos trabalhos a seus proximos, e pôr as vidas por elles com coroa do martirio, foraõ nomeados os seguintes: frei Francisco da Costa, frei Diogo Ledo, frei Jorge, frei Ignacio, frei Felix, frei Athanasio, frei Agostinho, frei Antonio de Alvito, frei Salvador, frei Manoel de Evora, frei Luiz da Guerra, frei Francisco do Trucifal, frei Dionisio, frei André dos Anjos, frei Belchior, frei Antonio do Espirito Santo, frei Damiaõ, e outros mais; os quais logo se partiraõ pera Cepta, onde frei Roque estava pera dahi os enviar com sua bençaõ fazer as missoens que lhe parecesse por toda a Berberia, a consolar as ovelhas de Cristo, que andavaõ derramadas entre os lobos famintõs do sangue de seu corpo, e da perdiçaõ das almas, pera que como pastores piõs as ajuntassem e consolassem no mêo das crueis perseguiçoens. Chegados estes religiosos a Cepta, com aceso fervor de empregar o talento de seu espirito e caridade em obras esperadas pera remedio de graves desconsolaçoens das almas

dos cativos e tormento dos corpos, como chegaraõ, não tratando de repouso, tomáraõ a benção a seu prelado frei Roque, e sem alforge nem dinheiro, á imitação dos apóstolos, se metterãõ pelo deserto do paganismo cego, repartidos por diversas partes, pera que sua doutrina e caridade fosse deramada por muitos, que della estavaõ necessitados; os quaes andavaõ pelas cidades pregando, animando e consolando aos miseros cativos, aos quaes não somente ministravaõ os sacramentos, mas acudiaõ ás necessidades corporaes, curando os enfermos, dando de comer aos famintos, animando aos fracos, e sobre tudo aliviando os trabalhos do cativeiro com a certeza aos mouros, que lhes seria pago o preço de seu resgate. Com este zelo e fervor foraõ os santos religiosos repartidos desta maneira: frei Agostinho foi enviado a Fez, frei Antonio de Alvito a Alcacere: estes dous religiosos morreraõ occupados na messe do Senhor, chãos de muitos trabalhos e perseguiçoens, com que merecêraõ a corõa da gloria: pera Tetuaõ e suas comarcas fõraõ enviados frei Jorge, frei Diogo Ledo, frei Belchior, frei Antonio do Espirito Santo, frei Damiaõ, frei Luiz da Guerra e frei Francisco do Trucifal; pera Marrocos foi frei Salvador: pera Alcacere frei Manoel de Evora: frei Dionisio, com frei Luiz Lourenço que estava em Cepta, fõraõ pera Tangere: frei André dos Anjos foi pera Me-

lilha, por aviso que houve que áquellas comarcas eraõ pelos Alarves levados muitos cativos; que áquella fortaleza fronteira vinhaõ resgatar, em os quaes frei André tem feito muito fructo: em Cepta ficaraõ frei Athanasio e frei Felix; e por que frei Roque tinha recado de elrei dom Henrique pera hir buscar o corpo delrei dom Sebastian a Féz, onde o Xarife entaõ estava, levou em sua companhia os padres frei Francisco da Costa e frei Ignacio; mas por que o padrê frei Roque havia de tornar com o corpo, trouxe comsigo frei Francisco da Costa, e passando por Tetuaõ, trouxe frei Jorge, e deixou em Féz frei Ignacio; por ser homem de muita prudencia e zelo pera negocio de tanta importancia. Com estas missoens, que o padre frei Roque fez dos seus subditos por toda a Berberia, foi taõ geral o alivio que os cativos sentiraõ, que lhes parecia que não tinhaõ cativeiro; por que, além de elles serem consolados com sua vista, doutrina e obras, tem elles tanto credito naquellas partes com os mouros, que com as promessas que os padres lhes faziaõ de lhes pagarem os preços de seus resgates, alargaraõ elles o cativeiro a huns, e a outros (de que não tinhaõ esperanças de resgate) com rogos dos religiosos, usavaõ os mouros com elles de alguma clemencia, temperando o rigor do cativeiro. Tanta foi a caridade, no processo do cativeiro, que estes religiosos usavaõ com os cativos, que além destes bene-



feitos e outros muitos, se obrigáraõ elles por seu credito, por fiadores do resgate de muitos; fazendo comutação de sua liberdade com o cativoiro de muitos cristãos, em que mostrarão o fervoroso zelo de seus peitos, com grandes merecimentos de vida, e honra de sua religião, cujo exemplo ficará eterno na memoria dos homens, pera execução de sinaladas virtudes; por que destes está hoje em Marrocos reteudo e preso frei Ignacio, por credito que deo a pessoas particulares, que importaõ nove mil cruzados: frei Manoel de Evora pela mesma maneira está em Aleacere-quibir preso, e muitas vezes maltratado e carregado de ferros, por semelhantes dividas, que importaõ quatro mil cruzados: em Tetuaõ estão tambem presos, ou pera melhor dizer cativos, frei Francisco do Trucifal e frei Luiz da Guerra, por outras dividas que tomáraõ sobre si; dos cativos que fiaraõ; com os quais cativoiros e máos tratamentos o seu zelo de caridade não aflouxa, pera deixarem de se exercitar em todas as obras pias; antes alegres em suas prisões, desejaõ ainda ser martyrisados por amor de seus proximos, pera com a imitação de S. Paulo mostrarem o merecimento de suas almas, e louvores de Deos; e em semelhantes obras resplandecem, com grande edificação da igreja catolica e confusão dos barbaros pagaõs, e grande consolação dos miseros cativos; os quais religiosos todos, huns e outros, assim os pre-

sos, como os que andavaõ em liberdade, além das intrataveis asperesas da terra, padeciaõ com alegre rosto muitas injurias, affrontas e outros mãos tratamentos dos mouros, por fazerem a vocação, pera que Deos os escolheo, clara e fermosa com resplendor de sua caridade, como insignes ornamentos de sua religião; cujos exemplõs tem dado tanto animo aos outros professores della, e lhes tem tirado o temor dos perigos e trabalhos, que entre aquellas barbaras gentes se padecem, que em competencia andaõ quaes seraõ primeiro os que se offereçaõ a semelhantes obras, e que com mais ousado animo mostrem o espirito chèo de caridade pera consolação dos proximos, e ponhaõ a cabeça ao cutelo pera defensão da fé, e pera receberem a coroa do martyrio, que entre os pagaõs imigos do nome de cristo mais facilmente se acha. Com estes exercicios, até hoje neste dia, nunca estes religiosos faltaraõ, e pera que as almas dos cativos, que Cristo tanto lhes encomendou, não tomem occasião de apostatar no mêo dos trabalhos do cativeiro, andaõ outros religiosos, e alguns dos nomeados, buscando as reliquias deste despojo que lá ficou, tomando ás costas a cruz dos trabalhos e affrontas, pera darem liberdade aos fracos, por não correrem perigo da apostasia.

*Como elrei dom Henrique mandou a  
frei Roque que resgalasse o corpo  
delrei. Capitulo LXXXV.*

Com os avisos que o Cardeal teve (que já era alevantado rei de Portugal) que Belchior do Amaral mandou de Tangere ao reino, ordenou mandar recado a frei Roque, comissario da ordem da Trindade, pela muita experiencia que tinha das cousas de Berberia, e crédito que tinha com os mouros, por haver trinta annos que andava no resgate, com cartas suas e delrei de Castellá pera o Xarife, que tratasse de resgatar o corpo delrei dom Sebastiam, que estava sepultado em Alcacere-quibir, como atraz fica dito, com comissaõ de dar por elle sessenta mil cruzados. Antes que frei Roque tivesse este recado, tinha André Corso pedido ao Xarife lhe fizesse mercê daquelle corpo real, pera o levar a Espanha a elrei dom Philipe seu tio, pera com este offerecimento grangear a vontade e mercês de sua magestade. A confiança que André Corso tinha de taõ facilmente pedir semelhantes mercês ao Xarife, era porque, antes que Mulei Maluco fosse introduzido nos reinos de Berberia, lhe emprestou elle em Fez dinheiro, e fez outros avisos de que o Xarife estava bem informado, por cuja obrigaçaõ o Mulei-Maluco depois de rei lhe fez pagamento do que lhe devia, e outras mercês



gratuitas, e lhe assentou seiscentos cruzados de tenga nos bens da coroa, que hoje em dia lhe paga o mesmo Xarife, como seu irmão o tinha deixado por suas amizades e muita valia. Tinha elrei promettido a André Corso de não dar o corpo delrei senão a elle, e o Achahiac, que tambem era muito áceito ao Xarife, favorecia o negocio com que o corpo delrei fosse dado a André Corso. Belchior do Amaral, que sabia o que passava ácerca disso, quando frei Roque passou por Fez, pera pôr em resgate o corpo delrei, o avisou que de tal maneira negociasse com o Xarife, pera effeito do que ia, que se desencontrasse de André Corso pela pertença que tinha, e do Achahiac pelo favor que lhe dava. Avisado frei Roque disto, teve tão boa ordem e diligencia, que tomando por terceiro em seus negocios hum arrenegado portuguez, medico do Xarife, teve entrada pera lhe dar as cartas delrei de Portugal e Castella, e hindo-se já de caminho de Fez pera Marrocos, o arrenegado, que sollicitava a resposta das cartas dos reis, houve-a do Xarife, dizendo-lhe que as cartas lhe pediao o corpo delrei por resgate, e não graciosamente: frei Roque lhe disse, que da grandeza dos reis que pediao o corpo ao Xarife era offerecer prego, e da do Xarife era dá-lo graciosamente. Com estas palavras, que o arrenegado disse ao Xarife, mandou chamar a frei Roque, e diante de muitos alcaides lhe disse que lhe

dava o corpo delrei livremente, sem prego, e o embaixador de Castella dom João da Silva, que estava cativo. Agardecendo-lhe frei Roque a mercê com muitas palavras, e deixando recado ao arrenegado, que lhe negociasse as provisoens pera o corpo delrei lhe ser entregue, se vêo a Fez, porque o Xarife hia caminhando pera Marrocos. André Corso, que tinha pedido o corpo delrei ao Xarife, vendo que o tinha já concedido a frei Roque, e não podia ter effeito o seu intento, como se frei Roque vêo pera Fez, houve do Xarife provisaõ com clausula que o alcaide de Alcáçere lhe entregasse a elle o corpo delrei, e elle o entregasse a frei Roque ás portas de Cepta. Frei Roque, temendo-se que André Corso lhe fizesse alguma treição, com se passar a Espanha com o corpo delrei pela via que tinha, chegou a o ameaçar, que se lhe tal fizesse, havia de fazer queixumê a elrei de Castella e Portugal, com o que André Corso se recolheu; mas porque neste tempo vinhaõ pera Portugal dom Jorge de Menezes de Cantanhede, dom Miguel de Noronha, dom Duarte de Castelbranco meirinho mór, dom João da Silva embaixador de Castella, dom Fernando de Castro, e Luiz Cesar, a tratar o negócio do resgate, como abaixo diremos, tratou frei Roque com elles de virem por Alcáçere, e trazerem a Cepta o corpo delrei; os quais apresentando suas provisoens ao alcaide de Alcáçere, lhes deo licença

que o trouxessem, e desenterrando-o, o met-  
têraõ em hum tumba, coberto com hum  
panno de veludo preto: nesta companhia, e  
d'outros cristaõs que se acháraõ presentes,  
entre os quaes tambem vinha André Corso,  
frei Francisco da Costa companheiro de frei  
Roque, e frei Jorge que estava em Tetuaõ,  
o trouxeraõ a Cepta, onde ás portas da ci-  
dade frei Roque tomou posse d'elle. O ca-  
pitaõ dom Dionisio Pereira, ajuntando o  
cabido com mais cleresia e religiosos de S.  
Francisco e Trindade, o vieraõ a receber; mas  
porque frei Roque, comissairo da Trindade,  
havia negociado a vinda do corpo delrei, e  
a elle estava entregue, o levou ao seu con-  
vento da Trindade, que em Cepta tem, e o  
mandou pôr em custodia em sua capella  
mór, donde esteve até que sua magestade,  
depois de estar em Portugal rei pacifico, o  
mandou trazer ao Algarve, e dahi a Belém,  
como abaixo mais largamente se dirá. Es-  
tando depois o padre frei Roque em Cepta  
muito enfermo, lhe fôraõ cartas delrei dom  
Henrique, e do duque de Bargaça, pera hir  
pôr em resgate ao duque de Barcellos, filho  
morgado do duque de Bargaça, que esta-  
va em Marrocos. Frei Roque por ser já ve-  
lho e a enfermidade o carregar muito, naõ  
pôde fazer o que lhe era encomendado; mas  
pela muita confiança que elle tinha na pru-  
dência e authoridade de frei Ignacio seu com-  
panheiro, que havia deixado em Fez, lhe  
escreveo, e lhe mandou as cartas delrei e do



duque, em que lhe mandava e dava comissão, que fosse a Marrocos tratar do resgate do duque de Barcellos.

*Do que os padres da companhia fizeram em Berberia no resgate e consolação dos cativos. Capitulo LXXXVI.*

Não faltou nesta tão grave perseguição do cativeiro dos Portuguezes, derramados em todas as partes de Berberia, o aceso zelo dos padres da companhia de Jesu, assim com o trabalho de suas pessoas, como com a efficacia de sua doutrina; porque tendo elles muita valia com elrei dom Henrique pela extremada devação, que lhes tinha por suas heroicas virtudes e exemplar vida de religião, de cuja ordem era Leão Anriques confessor delrei, logo se foraõ a elle, e o movêraõ a fazer todas as diligencias, e dar toda a ajuda de sua fazenda, pera lhes socorrer na grande tribulação do cativeiro dos cristaõs, ao que elrei dom Henrique com muito fervor acodio: mas como na jornada delrei foraõ alguns padres da companhia pera administrarem os sacramentos aos soldados, e os animarem a pelejar pela fé de Cristo, ficando vivo o padre frei Alexandre, italiano de nação, homem de maravilhosa prudencia e industria em todos os negocios graves, e que nas partes da India e no Japaõ tinha convertidos á fé grandes povos com sua doutrina e exemplo de vida,

teve tal credito com os mouros e judeos, que estando cativo se resgatou a si e aos padres, doutor Pero Martins, o padre Oliveira, Francisco Alvares, e outro companheiro seu; o qual, depois de posto em liberdade, e ter resgatado os seus padres e companheiros, resplandeceo tanto na caridade com que acodia a todas as necessidades dos cativos, que geralmente todos os desconsolados nelle punhaõ os olhos pera suas necessidades, ao que elle acodia com taõ excellente providencia, que parecia que do ceo lhe vinha o favor pera acodir a tantos atribulados com abrasada caridade; porque, deixados de parte os remedios que dava a todas as necessidades espirituaes e corporaes, creceo além disto em tanto credito, que todo o homeni de qualquer calidade que fosse, que elle quizesse sobre sua palavra, logo pelos mouros e judeos era posto em liberdade, com o que naõ sómente libertou muitos fidalgos com seu credito, mas teve outro maior, que lhe deraõ os acredores licença que viesse ao reino negociar as dividas dos resgates, por que ficára em Beberia. O padre Alexandre, como era pera estas obras dado do ceo, vindo d'Africa trouxe comsigo grande multidaõ de gente, e assim em Berberia, como depois de estar em terra de cristãos, dava grandes esmolas aos que dellas tinhaõ necessidade; o qual, chegando a Lisboa, com o seu acostumado zelo e diligencia, procurou haver pagamento das pes-

soas ricas, por que ficára porfiador, e delrei-  
dom Henrique houve grande quantidade de  
dinheiro pera resgatar muitos pobres que  
em Africa havia, á fóra muito dinheiro  
que levou de particulares pera o mesmo  
effeito; mas como elle não tinha maior  
emprego, em que podesse ganhar a Cristo,  
que no resgate das almas cristãs, como ho-  
mem que sentia a afflicção dos cativos, co-  
mo de filhos que lhe lastimavaõ o coração,  
não tomando repouso algum pera o corpo,  
com muita brevidade se voltou pera Africa,  
assim pera desempenhar a palavra dada aos  
acredores, como pera novamente com mais  
liberdade se empregar em seus santos exer-  
cicios; o qual, levando em sua companhia  
o padre Antonio de Brito, da mesma ordem,  
pera lá tambem empregar o seu talento na  
administração dos sacramentos, e consola-  
çoens espirituaes e corporaes dos affligidos,  
entráraõ sem temor pela terra do paganismo,  
pondo com sua virtude silencio ao demonio,  
em vergonha das tiranias que usa com as al-  
mas dos miseros barbaros: os quaes, como  
não procuravaõ senão salvagoens de almas,  
e honra de Deos, com taes obras e exem-  
plo justificavaõ sua doutrina, que eraõ temi-  
dos dos infieis africanos, não temendo elles  
os perigos corporaes, que com os pés calça-  
vaõ. Taes foraõ os trabalhos que estes reli-  
giosos padeceraõ por socorrer as necessida-  
des alheas, que não tendo conta com as  
proprias, desfalecendo-lhes as forças corpo-



raes com o rigor dos maos tratamentos que se lhes offereciaõ, e asperesas que elles tomavaõ, que sobrevindo-lhes graves enfermidades, foi morto Antonio de Brito. O padre Alexandre, que andava mais esforçado nos exercicios acima ditos, teve nova que em Cepta se acendêra muito grande peste, e os curas e mais ministros dos sacramentos haviaõ fugido, com que a cidade estava desemparrada dos remedios do corpo, e ainda mais dos da alma, por não haver quem administrasse os sacramentos; o qual, como entendia que nesta materia tinha mais certo o perigo, pera fazer seus merecimentos mais calificados, deixando os trabalhos do cativoiro, vêo com mui acesa caridade socorrer aos da peste; o qual, entrando na cidade com animo desprezador da morte por servir a Deos, se comêçou a ocupar na cura dos enfermos, assim com administração dos remedios da alma, como das mesinhas do corpo, não faltando nestas obras, até o senhor o visitar com a contagiaõ da mesma peste, de que acabou gloriosamente: os quais na vida com exemplos de suas obras testemunháraõ o zelo de fé, que tinhaõ no coração, e nos certificáraõ quaõ certos tiveram a coroa de gloria nella, que Deos liberalmente tem aparelhada pera premio de tal agonia.

*Da morte do padre frei Thomé de Jesus,  
e do que fez em Berberia. Capitulo  
LXXXVII.*

A estas plantas da igreja catolica, transplantadas no deserto do paganismo, em cuja esterilidade davaõ mor frescura e mais suave fructo, permittio o Senhor, por outra parte, plantar-se outra não menos amena, pera com assombro de sua doutrina consolar aos affligidos, e com o exemplo das obras conservar a muitos na fé, e animá-los nos trabalhos. Este foi aquelle grande pregador frei Thomé de Jesus, religioso de santo Agostinho, a quem Deos communicou tal espirito, que, fazendo officio de outro Tobias, nunca faltou aos miseros cativos em as necessidades da vida, antes nestas, em curar enfermos e sepultar os mortos, se empregava todo; o qual creceo tanto em acesa caridade, que, vendo quaõ necessaria era a presença de sua pessoa, pera conservação da fé, e consolação do áspero cativeiro dos cristaõs, nunca fez força em se resgatar, por ser companheiro na sorte e estado dos proximos, necessitados do seu favor; porque, tendo elle sua mãe e irmãos muito ricos, e a condeza de Linhares sua irmã todos offerecidos a pagarem o grosso resgate, que os mouros pediaõ, sabendó a calidade de sua pessoa, sempre lhes escreveo não se molestassem de seu cativeiro, porque sabia que não havia de

sahir, tendo em maior de todas as liberdades do mundo a do espirito, no qual andava inflamado, fazendo officio de varaõ apostolico, consolando com sua doutrina e obras aos affligidos, disputando com os cacizes, prégando aos infelises barbaros, pera exaltação da fé catolica, e confusão do demonio, que naquella cega gente tanta posse tinha: o qual, soffrendo com animo forte e paciente os trabalhos ordinarios do cativeiro, acrescentados com oppressoens e máos tratamentos do corpo, e affrontas da pessoa, por se não querer resgatar, não perdoando aos trabalhos, que lhe recreciaõ com o emprego do zelo das almas e honra de Deos, quanto mais o fervor do espirito crecia nelles com saudades do ceo, tanto as forgas corporaes lhe faltavaõ pera sustentar os cansados membros, com os quais debilitados e enfermos, nunca desistio do officio de apostolico varaõ, até a morte o chamar a possuir na bemaventurança os premios de seus trabalhos; cuja fama de virtudes tem posto espanto em todos os barbaros, e edificado aos catolicos, aonde sua fama tem chegado: o qual não somente por palavras e obras consolava os cativos, mas em escrito se communicava aos absentes, fazendo hum livro de maravilhosa doutrina, onde os ajudava a levar com paciencia suas tristes sortes, e asperas perseguiçoens; o qual religioso, como em toda sua vida cá, ainda posto em liberdade, sempre foi hum exemplo de per-



feito varaõ, ornado de todas as virtudes, nas adversidades mostrou maior fruto em tomar a cruz de Cristo às costas, e a professar com constancia de aceso fervor da fé no mêo do paganismo, pera gloria de Deos e honra de sua igreja; cujos trabalhos Deos muito estimando, o quiz manifestamente galardoar na terra, com consolaçoens visiveis do ceo, e com a grande paciencia de suas perseguiçoens, e maior certesa de gloria; porque se tem por informação de dom Francisco, embaixador e pessoa de muito credito, que dous mezes antes de sua morte a notificou, com o dia e hora quando Deos o havia de tresladar ao ceo, cujo transito desta vida, posto que pôz em admiração os cristaõs e mouros, da alegria com que se despedia de seu cativeiro voluntario á eterna liberdade, e do degredo da terra á cidade do ceo, não deixou a sua ausencia de causar grandes prantos de suspiros e lagrimas dos miseros cativos, em cuja presença tinhaõ todos seu alivio, os quais com sua morte entaõ se sentiaõ orfaõs de hum pai, o qual com entranhas de amor e caridade os consolava, e dahi em diante começáraõ de novo chorar seu cativeiro, chêo de asperezas em mêo de crueis inimigos, sem consolador que lhes ajudasse a passar a carga de seus trabalhos. Taõ sentida foi a morte desta bemaventurado religioso, que não sómente os presentes se chamavaõ orfaõs, como os absentes, derramados por toda Berberia, sen-

tiraõ sua falta. Sendo elle pois cativo, foi levado a Mequinez, onde teve hum senhor Morabito, o qual com cruel tratamento e aspera prisaõ o achegou a estado de morte, em huma grave enfermidade, causada de dormir na terra fria carregado de ferros, sem lhe permittir algum remedio de medicina; por cuja pregação e doutrina foi reduzido á fé catolica Domingos Fernandes, arrenegado portuguez, o qual naquella cidade era muito rico, e tinha muita autoridade com os mouros; o qual tocado da compunção de seus erros, e alumiado da luz divina, não sómente se vêo fugindo a Portugal, mas trouxe consigo todos os cativos que pôde salvar, tendo-lhe primeiro frei Thomé havido perdaõ delrei dom Henrique do crime da apostasia, o qual foi negociado por seu irmão Alvaro Pires de Andrade. Dalli foi levado a Marrocos, por mandado do Xarife, onde andava com liberdade, e no habito de sua ordem, dizendo missa cada dia na Sagena dos cristaõs, pregando e ministrando-lhes os sacramentos com muita caridade, e socorrendo-lhes as necessidades espirituais e temporaes. Com alguns judeos teve disputas, e por escrito as teve com hum, que apostatou a nossa santa fé catolica, onde com muitas autoridades e efficazes rezoens lhe mostrou a falsidade de seus erros, e o resplendor da lei da graça promulgada de Cristo, e a moisaica derogada de seu antigo vigor. Pousava frei Thomé com o embaixador dom Fran-

cisco da Costa, onde acabou gloriosamente com fama de santidade. Foi este religioso irmão do famoso doutor Diogo de Paiva de Andrade, o qual com sublinadas letras, e fama de abalisado prégador, tem celebre nome em toda a cristandade, e ajudado a igreja catolica com doutos livros, nos quais tem confundido os erros dos contumazes herejes, principalmente do heresiarca Henrique, contra quem escrevêo, tendo primeiro mostrado seu delicado engenho no Concilio Tridentino, onde esteve presente por mandado delrei de Portugal, deixando nelle a fama que suas letras e prudencia mereciaõ. Por este, e os mais religiosos de que temos fallado, com outros muitos, que lá se acháraõ depois da batalha, permittio Deos de seu nome se tivesse noticia nos barbaros entendimentos, e suas virtudes resplandessem tanto com eterna fama, ainda diante daquelles que não conhecem seu nome, pera o que as reliquias de seus ossos estão chamando pela misericordia divina, que com a luz de sua fé espalhe as trevas espessas postas de continuo sobre aquella barbara gente, sem verem o sol da justiça, nem conhecerem os erros de seus abominaveis vicios, introduzidos por astucia do demonio, o qual naquellas partes reina com absoluto imperio de engano e erros: dos quais santos o odôr das antigas virtudes, e o resplendor de sua caridade, está dando suavidade a Deos na eterna gloria, e na terra deixando immortal memoria.



*Como elrei mandou a dom Rodrigo e a frei Roque resgatar os cativos. Capitulo.*

*LXXXVIII.*

Tanto era o zelo da caridade delrei dom Henrique em todas as obras pias, em as quaes antes, quando havia sido prelado, era exercitado, com singular exemplo de todas as virtudes, que sendo persuadido dos padres da companhia das obrigaçoens de seu estado em socorrer aos cativos, logo condoendo-se do seu miseravel estado, com perigo de alguns apostatarem, com afronta da fé catolica, e perda das suas almas, com todo o cuidado procurou com muita diligencia acodir como se atalhassem estes males, e outros que o cativeiro tem; pera o qual mandou a Cepta a dom Rodrigo de Menezes, que depois foi governador da casa do civel, fidalgo velho e honrado, pera que com frei Roque, que lá estava, tratasse de acodir com dinheiro aos fidalgos, que estivessem desconhecidos, antes de os mouros terem noticia de suas calidades, e alevantarem o preço, e assim todos os mais que não tivessem possibilidade, e dessem ordem com effeito a seus resgates; mas pera que isto se fizesse com menos despesas, das mui grandes e necessarias a tantos cativos, ordenou elrei mandar o dinheiro empregado em roupas da India, e lá se venderem, com o que chegasse a maior numero de cativos; e

pera beneficio e meneio desta fazenda mandou elrei por feitor a Afonso Gomes de Abreu, e João Martins Gago tesoureiro, e vendendo-a em Cepta, houvessem conta com receita e despesa. O emprego que foi de Lisboa, da fazenda delrei dom Henrique e da redempção geral dos cativos, foram cento e desasete mil cruzados, os quais beneficiados importáraõ, com o procedido, mais de tresentos mil cruzados. Com este emprego partiraõ daqui Affonso Gomes de Abreu e João Martins Gago, excepto mais de oitocentos mil cruzados, que leváraõ em dinheiro de contado, e joias riquissimas de ouro, prata, perolas, pedras, e outras peças de muito prego, de partes; as quais mandavaõ pessoas que lá tinhaõ cativos, pera seus resgates, como as mãis aos filhos; as mulheres aos maridos, e os parentes aos parentes, em os quais se mostrou estranho amor natural, e grande zelo da cristandade, na facilidade com que vendiaõ as fazendas, e as angustias de as mandarem a Berberia. O modo que se tinha neste resgate era, que dom Rodrigo de Menezes e frei Roque, com os outros officiaes, despachavaõ e consultavaõ a ordem que se devia ter na distribução daquelle dinheiro pera effeito do resgate, do qual acodiaõ a alguns fidalgos pobres, e a outros, que não eraõ descobertos, pagavaõ o prego em que eraõ talhados, antes que descobrindo-se o viessem a levantar; e assim alguns, posto que es-

tivessem talhados, e tivessem dinheiro para pagar junto, se lhes faltava algum, o pagavaõ com obrigaçoens dos que tinhaõ posse para o pagarem; mas o que mais geralmente faziaõ deste dinheiro era resgatar aos pobres, faltos de quem õs socorresse, e assim a muitos, que os mouros traziaõ a vender, por muitas vias; huns de que eraõ senhores, e outros que, hindo fugidos, os guiavaõ, e lhes satisfaziaõ conforme ao merecimento de seu trabalho. Houve elrei por seu conselho ter este modo de resgate, mais proveitoso ao bem commum-do reino, donde se haviaõ de tirar tantas despesas de dinheiro e alfaias, do que ao particular dos cativos; por que desta maneira os miseraveis tinhaõ alli remedio de piedade, e os ricos custariaõ menos, e escusavaõ outras despesas de pessoas, que deviaõ mandar negociar os tais resgates, arriscando-se ainda o dinheiro que a isso mandassem, por a verdade dos homens, a que fosse entregue, poder corromper-se, como pelos perigos do caminho e már, onde podia ser salteado de ladroens ou cossairos, e correndo o resgate, como correo, pelos officiaes que elrei a isso mandou, havia as commodidades mais convenientes, e evitavaõ-se os perigos evidentes. Além do dinheiro que Affonso Gomes de Abreu e Joaõ Martins Gago leváraõ, quando partiraõ em hum galeaõ da armada com algumas caravelas que os acompanháraõ em guarda de cossairos, depois de lá



estarem mandou elrei mais vinte mil crusados de contado, e desasete de emprego da mesma roupa, e assim outro muito dinheiro e riquissimas peças de ouro e prata, pedras e perolas, de mui excessivos feitios, com outras peças de sedas, colxas e alcatifas de toda a maneira, de pessoas particulares, pera se darem ſa troco do resgate, ou se venderem aos mouros ou judeos, onde entã estava todo o dinheiro de Portugal, e no reino não haver quem comprasse, antes todos andarem vendendo, as quais foraõ assim neste galeaõ, como quando antes foi Affonso Gomes de Abreu, a cujo beneficio hia tudo comettido, pera lá responder a cada hum com o seu, no que resplanceceo grandemente a cristandade delrei dom Henrique, no zelo de acodir aos perigos das almas de muitos, e no amor e compaixã do seu povo, affligido em duro e aspero cativeiro dos barbaros imigos, os quais, com tiranias e crueis tormentos, se cevavaõ com odio nas carnes rasgadas de açoutes daquelles infelizes cativos, querendo assim trazer huns com tormentos a arrenegar da fé por apostasia, e a outras obrigar a descobrirem se eraõ fidalgos ou de calidade que pudessem resgatar-se, e quanto mais constasse a valia da pessoa, tanto mais a elles crecesse o interesse que disso esperavaõ, das pessoas a quem tocavaõ e feriaõ o coraçã os avisos do aspero cativeiro de alguns, desentranhando-se com compaixã, e rompendo por

todas as difficuldades. Podia tanto o amor e diligencia, que fazia a muitos vencer impossibilidades, nunca nas necessidades proprias tentadas; por que o prego mais infimo dos fidalgos era de quatro mil cruzados, e dahi pera cima, como entendiaõ que tinhaõ posses. Martim de Castro dos Rios, pela fama de sua riqueza, foi cortado em quinze mil cruzados o primeiro prego, afora a quebra do dinheiro, e outras despezas, que chegou a desasete mil cruzados, e o mais infimo cristaõ naõ descia de cem cruzados. Dahi a alguns dias mandou elrei chamar dom Rodrigo, e ficariaõ frei Roque, Afonso Gomes de Abreu, e Joaõ Martins Gago com o menêo do resgate, com conselho de todos tres.

*Como elrei dom Henrique mandou por  
embaixador ao Xarife dom Fran-  
cisco da Costa. Capitulo*

*LXXXIX.*

Hum dos avisos que Belchior do Amaral mandou a elrei, quando vêo a Tangere, como atraz fica dito, foi que devia mandar embaixador ao Xarife, pera tratar o negocio do resgate de tantos fidalgos, porque se entendia delle dezeja-lo, e seria este mui acomodado mêo de correrem com suavidade, pois os homens sem liberdade naõ podiaõ tratar bem o que tanto importava, e mais ainda se parecessem esquecidos delrei: ajun-

tava-se tambem a isto mandar o Xarife por todos os seus reinos notificar com graves penas a todos os mouros, e fazer pesquisas, que lhe fossem levados todos os fidalgos cativos, ao que mandava mouros de confiança, e que onde os achassem os trouxessem á cõrte, onde elle estivesse, dos quais contractáraõ com o Xarife, por mēdo Achahiac e Hamet-Taba, oitenta, quedavaõ de seu resgate quatrocentos mil crusados, e mandáraõ ao reino dom Duarte Castelbranco, meirinho mór, dom Fernando de Castro, dom Jorge de Menezes, dom Miguel de Noronha e Luis Cesar provedor dos almazens, a darem conta a elrei deste contracto, e a applicar dinheiro, que se havia de ajuntar pelas fazendas de cada hum dos cativos deste numero, pera sahirem do cativeiro, com a satisfacão que de Portugal lhes havia de hir: por estas causas movido elrei a mandar embaixador, foi eleito Diogo Botelho, por ser homem muito experto nos negócios, e mui honrado e prudente fidalgo; mas Deos, que tinha determinado dar outro castigo a Portugal, não permittio hir elle, pois havia de ser principal instrumento d'elle, como foi no alevantamento e mais favor que deo ao senhor dom Antonio, pela muita amizade que tinhaõ de criacão: de maneira que não havendo effeito a embaixada com Diogo Botelho, mandou elrei chamar dom Francisco da Costa, e o encarregou de embaixador de Berberia, fazendo-lhe por isso mui-



tas mercês e honras, pera o obrigar a aceitar este cargo. Posto dom Francisco da Costa ao caminho, levava o dinheiro, que era junto, dos oitenta fidalgos, e outro muito de partes, e com hum mui rico presente ao Xarife e a outros alcaides, seus privados, se embarcou em hum galeão, com outras caravelas em conserva, pera guarda das riquezas que hiaõ encher a Africa, ficando Portugal despojado; o qual, desembarcando em Mazagaõ, partio pera Marrocos, com guarda de mouros, que lhe asseguráraõ a pessoa e o dinheiro, pelo interesse que o Xarife disse tinha, em companhia do qual forão frei Antonio de Santarem, e frei José, frades da ordem da Trindade, pera lá ajudarem os cativos em seus resgates, e necessidades corporaes e espirituaes; e como do numero dos quatrocentos mil crusados, dos oitenta fidalgos, faltavaõ cento e vinte mil, por comissoens que o embaixador levava delrei, ficou por fiador delles, com o que os fidalgos logo forão postos em liberdade, e se viéraõ a Portugal; mas, como os homens chegaõ a ter o repouso, de que dantes careciaõ, esquecidos dos trabalhos passados, muitas vezes acontece esquecerem-se das obrigaçoens naturaes, e da gratidaõ devida aos que se arriscáraõ por seu bem. Digo isto, porque tanto que os fidalgos se víraõ em suas casas, postos em liberdade, como eraõ muitos, desculpando-se cada hum a si, e lançando qualquer nota á conta de todo aquel-

le corpo, fizeram pouca diligencia de contribuir as dividas, pelas quais ficava empenhado dom Francisco da Costa; e a causa desta dilacão ser mais morosa foi a morte delrei dom Henrique, o qual com muito calor e diligencia mandava prover nestas cousas, e executar os devedores, principalmente neste negocio dos oitenta, dos quais dom Francisco da Costa estava obrigado; mas como em sua morte succedessem os governadores, embaraçados em negocios graves da successão do reino, não podiaõ com tanta brevidade deferir a se ajuntar o dinheiro, e logo se seguissem as alteraçoes do alevantamento do senhor dom Antonio, com as guerras do exercito de elrei de Castella, não houve effeito o pagamento dos cento e vinte mil cruzados; mas estando a real magestade delrei Philipe pacifico no reino, por fazer mercê aos devedores daquelle dinheiro, e muito mais por libertar ao embaixador, lhe fez mercê de cincoenta mil cruzados, dos cento e vinte mil que em hum dos capitulos que confirmou em Thomar, havia promettido pera o resgate dos cativos no desbarate delrei dom Sebastião, os quais empregados em roupa fossem levados a Cepta, e ahi vendidos, e com o procedido (que se esperava ser muito) fosse o Xarife pago, e dom Francisco desobrigado. A este negocio foi mandado a Cepta, por feitor desta fazenda, Jacome de Oliveira, contador dos contos do reino, onde fosse vendi-

da, ou levada a Marrocos pera se lá vender. O Natife, vendo como a diligencia que se fazia da negociação da fazenda era pera effeito de se dom Francisco desobrigar, disse que não queria tomar a roupa, nem que os mouros a comprassem, senão nos pregos de Portugal. Com estas duvidas e outras não houve effeito a venda da fazenda, que estava em Cepta, até della se tirarem quatorze mil cruzados pera resgate de muitos cativos, que foraõ cativos em Cepta, com que mais se dilatou a liberdade do embaiador dom Francisco da Costa. Foi o caso, que correndo os turcos com nove gales pelo estreito, o anno de oitenta e tres, usáraõ de um ardil de muita sagacidade, onde fizeram huma grande preza da gente de Cepta: escondendo-se pois sete galés em parte onde não eraõ vistas, se descobríraõ duas no estreito, fingindo que hiaõ seguindo huma setia (que elles tinhaõ tomado, e nella armáraõ a negaga) e ella se hia acolhendo a Cepta, e pera que o engano fosse demonstração de mais verdade, hiaõ as galés esbombardeando-a sem lançar pelouros. e a setia defendendo-se da mesma maneira, e mostrava que por se hir recolhendo á fortaleza tomava animo com o soccorro, esperando-os. Os cavalleiros de Cepta, compadecendo-se da setia, presumindo serem cristaõs, a quem tinhaõ obrigação ajudar e soccorrer em tal perigo, com animo aceso de vingança dos turcos, se embarcáraõ em hu-



mas caravelas, que no porto estavaõ, e se forão a socorrer a setia, que com fingimentos de engano encobria a tirania escondida. Tanto que as caravelas dos cristaõs chegá-raõ a ella, começou a volver as armas a elles, fazendo corpo com as galés que a seguiaõ, e com as sete que logo acodiraõ, das quais os cristaõs forão de improviso cercados e salteados de todas as partes; os quaes postos no perigo descoberto, donde já não podiaõ sahir a seu salvo, determináraõ pelear até morrer, o que fizeraõ com tanto esforço, que até serem rendidos e esbombardeados das galés, e entrados á espada com igual destroço dos turcos; onde morrerão trezentos homens, e forão cativos muitos, dos quais logo se fez resgate de quatorze mil cruzados, que se pagáraõ da fazenda assignada pera liberdade de dom Francisco da Costa, o qual ainda nesta era de oitenta e seis está em Marrocos, e não he acabado de juntar o dinheiro porque está obrigado.

*Como elrei dom Philipe de Castella mandou pedir ao Xarife o duque de Barcellos e outros senhores portuguezes.*

### *Capitulo XC.*

Naõ se deixou muito encobrir o zelo da religião cristã, que a real magestade do catolico rei dom Philipe de Castella tinha em seu peito, quando condoendo-se do estado do cativo do povo cristaõ (ainda que os

menos eraõ seus vasallos) quiz tambem com sua liberalidade ajudar a levar o peso de tantas despezas de Portugal; taõ afligido com as perdas de tantos homens, e agora das fazendas dos vivos, das quaes por seus resgates ficáraõ despojados: considerando pois sua magestade o que devia á igreja catolica, como cristaõ, e á sua dinidade real, ornada de todas as virtudes, mandou por embaixador ao Xarife a Pero Vanhegas, o qual juntamente com o padre Martim, homem de muita virtude e negocio, practico nas cousas de Berberia, tratassem do resgate dos castelhanos, que no desbarato foraõ perdidos: mas porque dom Theodosio duque de Barcellos, filho do duque de Bargaça, e dom Francisco Portugal filho maior do conde de Vimioso, e o conde de Portalegre mordomo-mór, embaixador delrei de Castella, estavaõ cativos em Marrocos, mandou sua magestade aos seus embaixadores fizessem instancia ao Xarife lhe quizesse dar estes cativos. Pero Vanhegas, naõ se descuidando no que lhe era mandado, fez toda a diligencia possivel, até effectuar o que pertendia do Xarife, e foraõ dados os senhores acima nomeados; os quaes, pondo tambem muita diligencia da sua parte, com peitas e dadivas aos mouros, por quem os negocios e favores corriaõ, puderãõ mais facilitar os inconvenientes e duvidas, que os mouros cobigosos e de pouca verdade cada dia acrescentavaõ; e como elles,

nem inda o rei, sejaõ de espiritos grandes pera fazer liberalidades, quando por alguns respeitos, que não podem escusar em publico, fazem alguma demonstraçaõ de virtude, elles mesmos em secreto trabalhaõ pôr inconvenientes como se inhabilitem, pera desculpa da pouca fé; por isso, vendo os embaixadores de sua magestade quaõ usado isto era nos mouros, e com quanta difficuldade negociavaõ as cousas graciosas, não tinhaõ por mal os mesmos cativos ajudarem da sua parte a atalhar os intentos dos mouros, fundados em cobiga. Postos estes senhores em liberdade se viéraõ por Espanha, a quem elrei de Castella mandou fazer muitas honras, as quais depois o conde de Vimioso pagou mal a sua magestade, assim pela mercê de o resgatar, como em o fazer com tanto amor, tendo muito respeito á sua pessoa; porque a primeira coisa que fez chegando a Portugal, quando as alteraçoens das guerras se começavaõ a mover, e os aparatos a apetrechar, não sómente não usou da gratidaõ devida ás mercês de sua magestade, em ajudar a quietar as cousas publicas, como elle entranhavelmente dezechava, mas deo muito azo a ellas se mais alterarem, até finalmente se vir a declarar por público inimigo delrei, alevantando bandeira contra elle em seu exercito, como no processo da historia mais largamente se dirá. O embaixador Pero Vanhegas, por comissaõ que tinha de sua magestade, sa-



bendo como Fernão da Silva, prégador del-rei estava em Alcacere-quibir cativo, já convalecido das feridas que teve, lhe mandou dizer como tinha recado de sua magestade pera o resgatar. Fernão da Silva, posto que estimou muito a mercê que elrei lhe fazia, e a agradeceo como ella merecia, não accitou, por rezaõ de já estar contractado com o Xarife, em modo que não podia deixar de sahir por esse mên; porque havendo dom Duarte de Menezes capitão de Tangere, seu cunhado, pouco tempo antes da batalha, cativado quasi toda a gente do aduar de Talemaco, onde estava humma mulher e humma filha e hum filho e outros sobrinhos e parentes seus, por contracto, que dom Duarte fez em Marrocos com o Xarife, sollicitando o alcaide de Talemaco, homem de muita valia com elle, e todos os alcaides, estava assentado fosse Fernão da Silva resgatado por vinte e duas pessoas dos mais chegados ao Talemaco, como de feito assim se effectuou; os quais dom Duarte seu cunhado lhe deo por prego de cinco mil cruzados.

*Do caliveiro que os Portuguezes passarão em Berberia. Capitulo XCI.*

Naõ me parece dessemelhante comparação, nem presunção mui alhêa de rezaõ, ter que todas as prosperidades, assim da dinidade real, como das riquezas do despojo da

batalha e resgate do cativoiro, que Mulei-Hamet, que ora reina em Berberia, possui com grande prosperidade e abastança, lhas deo Deos pelo bom tratamento que havia de fazer aos cristãos portuguezes, como deo a Ciro, pelo favor que havia de dar ao povo dos Israelitas: e posto que alguns mouros particulares dessem graves tormentos a alguns cristãos, a fim de se porem em liberdade, e assim grangearem mor interesse, todavia o Xarife se fez senhor dos fidalgos, (tomando-os aos mouros que os tinhaõ, ou fosse por lei ou tirania) e os tratou com muito primor e brandura; porque, antes que se elles cortassem em seus resgates, e os oitenta se contractassem nos quatrocentos mil cruzados, ordinariamente lhes mandou de comer, carneiro, galinhas, e outras iguarias em muita abastança, como elles puderaõ ter em suas casas; e como os fidalgos todos pousavaõ na judearia, nas casas com os mesmos judeos, mandava o Xarife aos judeos lhes dessem de comer, na maneira acima dita, e as despesas que fizessem, conforme a porção e regra que estava taxada, lhes fossem levadas em conta do tributo, que são obrigados pagar; mas depois de se contractarem, e tratarem no preço do resgate, cessou o Xarife desta obrigação. Além desta grandeza, fez o Xarife outra, em dar liberdade a todo o fidalgo (que dava outro por fiador) andasse pela cidade, como e quando quizesse, sem limitação, e se aposen-

tasse na judearia, onde mais lhe aprouvesse. Com esta franqueza se fiavaõ huns aos outros, e todos alcançavaõ tanta liberdade, como poderiaõ ter na corte de Portugal; porque, além de pousarem e passearem livremente onde queriaõ, sem mouro algum lho impedir ou os guardar, viviaõ com tanta opulencia e fausto no tratamento de suas pessoas, como homens que estavaõ senhores da terra, e além de cada hum ter sua pousada em casas muito fermosas de judeos, com ricas camas e tapeçarias, gastavaõ mui esplendidamente em vestir mui ricas sedas, e jogar e comer, fazendo maiores despezas que em Portugal: assim huns se mandavaõ prover de dinheiro de Portugal por letras, outros o tomavaõ dos judeos com assinados de lhes pagarem, o que os judeos faziaõ com maior confiança, do que o fizeraõ os mercadores de Lisboa, antes de haverem partido pera Africa. Com esta liberdade e magnificencia se tratavaõ os fidalgos, e os que tinhaõ posse, com jogos e banquetes, huns cristaõs aos outros, e alguns alcaides aos fidalgos; mas porque os fidalgos tivessem cristaõs que os servissem a modo de Portugal, se sabiaõ de alguns criados seus ou pessoas de obrigação, mandavaõ-nos pedir aos senhores delles, tomados sobre sua palavra, o que os mouros não sómente faziaõ com muita confiança de sua verdade, mas com alegria de lhes escusar as despezas delles, com certeza de resgate; e em Fez, on-



de os fidalgos quasi todos se ajuntáraõ, resplandeceo hum, primor e ufania nelles, no tratamento acima dito, que parece foi o mais novo genero de cativoiro que houve no mundo, não digo antre barbaros, mas ainda antre cristaõs mui polidos. De manei-  
ra se enxergou a grandeza dos fidalgos entre os barbaros com primor e liberdade, que além de tomarem sobre sua palavra muitos cativos, e resgatarem alguns, tinhaõ em suas pousadas ordinariamente muita gente, a que davaõ de comer e vestir, e supriaõ muitas outras necessidades, com que se aliviava o cativoiro de quasi toda a gente que estava em Fez, e dos que depois estiveraõ em Marrocos, onde foraõ os fidalgos que não entráraõ no contracto dos oitenta, e alguns do mesmo numero por alguns negocios tocantes a seu resgate. O mesmo estilo que o Xarife teve com seus cativos, tiveraõ os alcaides de outros lugares com aquelles que conheciaõ por fidalgos, ou homens honrados, aos quais sobre suas palavras davaõ toda a liberdade, ainda pera se virem a Portugal alguns, ficando lá outros por fiadores.

*Como em Fez e em Marrocos tinhaõ os cristaõs missa e pregação, e outros mais officios divinos. Capitulo XCII.*

O que ainda mais resplandeceo no cativoiro dos cristaõs em Fez e Marrocos, pera honra de Deos, e prova de elle favorecer o

Xarife, como atraz dissemos, foi a licença que elle deo-de se celebrar o culto divino, o qual se fazia com muita solenidade dos ministros, e devação dos ouvintes, e comisso se consolavaõ as almas dos devotos com alegrias espirituais, e as dos pecadores com esperanças de divino socorro em suas opressões; por que, além de se dizerem cada dia na sagena missas resadas e cantadas, as quais os cristãos ouviaõ com muita devação, rezando huns o officio divino, outros as coroas de nossa senhora, e outros por contas, havia tambem prégaçoens, com que eraõ animados a soffer o cativoiro que padeciaõ, e a ausencia de suas mulheres e filhos. Nas coremas e alguns outros dias pregava o padre frei Vicente da Fonseca, da ordem dos Pregadores, que foi arcebispo de Goa, o doutor Pero Martim da companhia de Jesu, que se perdeu hindo á conversão dos gentios da India, na nao Santiago, onde Fernam de Mendonça hia por capitão mór, frei Thomé de Jesu, irmão da condeça de Linhares, religioso de santo Agostinho, e frei Luiz das Chagas, frade de S. Francisco; os quais e outros sacerdotes, seculares e regulares, que lá havia, mui frequentemente ouviaõ de confissão a todo o genero de cativos, administrando-lhes o santissimo Sacramento da Eucharistia; cujos exercicios não somente consolavaõ aos cristãos, com effeito e fructo da graça que recebiam em suas almas, mas ainda em verem o nome de

Cristo venerado, e os Sacramentos frequentados no mêo do paganismo, com admiração dos barbaros, que não tinham luz de fé para enxergarem sua virtude, nem se aproveitarem de seu fruto. Com tanta liberdade chegáram os cristãos portuguezes a continuar com o culto divino, que fizeram os officios das endoenças, cantando com canto de orgão e fallas mui estremadas, assim nas missas, como paixões e lamentagoens, não faltando nada ao ornamento exterior, que se requeria, do sepulcro onde se encerrou o Santissimo Sacramento, o qual esteve encerrado, por não haver outra oportunidade de custodia, em hum calix dourado, o qual Martin de Castro dos Rios resgatou em Fez das mãos dos mouros, com huma grande quantidade de reliquias de ossos de muitos santos, que em Lisboa eu tive nas mãos: mas por que não faltasse nada nas ceremonias e costume, que a santa madre Igreja tem nestes dias, ordenáram os cristãos huma procissão á quinta feira d'endoenças á noite, onde houve muitos disciplinantes, que derramavam sangue das carnes que rompiam com os agoutes, e lagrimas de devação pela compunção do coração; entre os quais com a lembrança da paixão de Cristo, ajudada com a presença de seu estado de cativo, se levantou hum grande pranto de lagrimas e suspiros, que sahião do intimo do coração, para que Deos se apiedasse delles, assim no perdão dos pecados, como na liberdade



das prizoens: e porque em tudo se conformassem com a significação dos mysterios dos tempos que a Igreja celebra, ordenárao a manhã da resurreição fazer procissão mui alegre, com que os cristãos recebiao não menor consolação, com louvores de Deos, e acção de graças do que haviaõ recebido, com gemidos de contrição. Desta maneira andavaõ os cativos taõ alegres n'alma, que temperavaõ a tristeza dos infortunios das mortes dos seus e do cativoiro proprio, com as consolaçoens da divina providencia, que do ceo lhes eraõ rociadas; os quaes, occupados nestes santos exercicios, andavaõ mais reformados nos bons costumes do que andavaõ em Portugal, e pera mais crescer a devaça tinhaõ confrarias do Santissimo Sacramento e outros santos, com mordomos e confrades, que ajudavaõ com esmolas a fazer as despezas dellas, pera com isso o culto divino ser mais solenemente celebrado. Não faltavaõ a estas obras outras muito pias, de sepultar os defuntos, visitar os enfermos, e suprir com esmolas as necessidades de muitos cristãos, que padeciaõ misérias, que em tal estadó deviaõ ser muitos.

*Como o padre Amador Rebello da  
Companhia de Jesu foi a Argel  
resgatar cativos. Capitulo  
XCIII.*

Como os portuguezes, cativos em Africa na batalha, eraõ mais de quinze mil, dos quaes alguns não tinhaõ possibilidade de pagar o resgate, nem pessoas em Portugal que lho pudessem dár, desenganados com isto os mouros senhores delles, tratáraõ de os vender em diversas partes de Berberia: mas por que Argel he o lugar onde ha a principal escala de cativos, por os turcos dallí comumente viverem deste tracto, forãõ muitos vendidos pera aquella parte. El-rei dom Henrique, que estava determinado com aceso zelo socorrer ao miseravel estado do cativeiro dos portuguezes, em todas as partes onde fossem achados, depois de ter bastantemente provido em certo modo no resgate de Africa, como atraz fica dito, ordenou mandar a Argel alguns religiosos, a tirar os que lá achassem; e como elle sabia quanto zelo os padres da companhia de Jesu tinhaõ na salvaçaõ das almas, e quanto sem temor se arriscavaõ a todos os perigos, onde podiaõ achar trabalhos de merecimento e coroa de martirio, por esta empresa ser assás trabalhosa, segundo a crueldade dos turcos, pedio aos prelados quizessem dar alguns padres sufficientes pera

esse cargo. Os padres da companhia, posto que nunca recusassem semelhantes empresas, antes muito as procurem com aceso fervor de caridade, nesta se escusarão com todas as forças, por este exercicio do resgate dos cativos ser proprio dos religiosos da Santissima Trindade, os quaes, além de terem dado grandes exemplos de virtude nestes exercicios, com ornamento da igreja catolica e confusão dos barbaros, assim no soffrimento dos trabalhos e affrontas das proprias pessoas, como na edificação das almas, e soprimento das ajudas corporaes dos cativos, a experiencia, que tinham deste commercio, os fazia mais sufficientes pera este cargo. Elrei, que bem entendia isto, não disistio de sua petição, e intento, vendo quaõ derramados os padres da Trindade andavaõ em Berberia, no exercicio de resgatar os cativos das mãos dos barbaros, e as almas dos demonios, que os persuadiaõ a apostatar; por tanto insistio elrei fossem alguns padres da companhia ajudar a carga aos religiosos da Trindade. Assignaraõ pera isso Amador Rebello com hum companheiro, ao qual elrei mandou dar quatorze mil cruzados, pera resgatar os pobres. Partido Amador Rebello, se foi embarcar a Valença, onde empregou os quatorze mil cruzados, e com o procedido delles fez em Argel desasete mil, e com o ganho creceo o numero dos que haviaõ de ser resgatados: mas como esta viagem era tanto do serviço



de Deos, e merecimento dos obreiros de tal exercicio, quiz o Senhor mostrar sua virtude, em mêo dos mais evidentes perigos; por que navegando por aquella travessa do már, que he entre Valença e Argel, foraõ com ventos taõ escagos e contrarios á viagem, que foi o navio, por força dos ventos e corrente das aguas, levado á costa; o qual entrando em huma estreita enseada, a modo de beco, onde difficilmente se podia revolver, e já com a popa começava a tocar em terra em humas asperas rochas, de que era cercada, desconfiados os mareantes da salvaçaõ do navio em tal estado, e muito mais das pessoas, pelos rochedos em que cahiaõ, fazendo da necessidade virtude, despregaraõ as velas, e posta a prôa aos ventos, que entravaõ furiosamente pela boca da enseada, aprouve a nosso Senhor, contra o curso natural, o navio se sahisse do perigo presente, humanamente desconfiado. Outro caso, não menor que este, lhe aconteceo, hindo huma noite chuivosa e nublada, correndo todas as velas metidas e enfunadas com vento riço, descuidados de pôrem vigias pela grande escuridade, subitamente se abriraõ as nuvens, e appareceo o esplendor da lua, e lhe mostrou huma rocha, onde hiaõ dar com a proa do navio, de que estavaõ comprimento de huma lança: alevantada grande grita nos mareantes, como em tais perigos acontece, parece que foi cousa milagrosa, que estando as velas enfunadas com o ven-

to que levavaõ em popa, se teve o navio, e de improviso deo volta ao már, e entrou em viagem taõ seguramente como antes vinha buscar o perigo, o qual acabado, se tornáraõ as nuvens a cerrar e fazer as mesmas trevas, como antes fazia: os quaes casos o padre Amador Rebello me contou por milagrosos, e achou em Valença, por informação certa, não haver memoria de homem que navio algum que fosse a Argel se perdesse, nem fosse cativo, sendo aquelle már de semelhantes perigos. Continuando pois Amador Rebello sua viagem chegou a Argel, onde com grandes trabalhos e affrontas da pessoa, e maiores agonias do espirito, pela inconstancia e pouca verdade daquelles barbaros, effectuou o resgate, com que tirou de cativeiro a muitos, os quaes, além dos trabalhos do corpo, estavaõ em grande perigo de apostatar.

*Como frei Dionisio e frei Matheus, padres da Trindade, foraõ ao resgate de Argel. Capitulo XCIV.*

Naõ carece de consideração vêr a Providencia divina quanto se estendeo na redenção dos cativos de Africa; porque, assim como aquelle povo foi levado a sacrificar por culpa de hum rei confiado em seu esforço, e enganado em seus intentos, permittio Deos mollificar os coraçoens dos principes pera se compadecerem de seu cativeiro, causado por

obediencia de seu rei, que sabiaõ os levava a este estado e a outro peor da morte: porque, depois da catolica magestade delrei Philipe estar em posse de Portugal, ouvindo as lastimas das mãis e mulheres de alguns cativos que estavaõ em Argel e não podiaõ sahir de seu áspero cativeiro por a falta de resgate, condocendo-se do estado mísero de huns, e afflicção do animo de outros, procurou logo prover a estas necessidades taõ urgentes, pera o qual, pedindo ao principal da Trindade elegeisse religiosos pera hirem a Argel, a fazer o resgate das reliquias que ficáraõ dos cativos na batalha de Africa, e outros que mais achassem, forraõ nomeados pera esta jornada os padres frei Dionisio e frei Matheus, aos quaes, porque haviaõ de hir embarcar a Valença, passou elrei provisoens pera lá lhes serem logo dados vinte mil cruzados, que eraõ á conta dos cento e vinte mil, que elle prometteo pera resgate dos cativos, nas capitulaçoens; que confirmou nas cortes de Thomar: além deste dinheiro, muitas pessoas particulares, que tinhaõ alguns parentes em Argel, deraõ aos mesmos padres dinheiro, que importava quatro mil cruzados, pera resgate das pessoas pera que hia dirigido. Postos em caminho os padres frei Dionisio e frei Matheus, como levavaõ as provisoens delrei pera os officiaes de sua magestade lhes fazerem pagamento dos vinte mil cruzados em Valença, deraõ em Lisboa tam-



bem o dinheiro das partes a mercadores, pera lhes passarem letra pera em Valença o cobrarem, por escusarem os perigos e despesas do caminho; e tanto que os padres foraõ em Valença, cobráraõ o dinheiro das provisoens de sua magestade, e o das letras dos mercadores, e tratáraõ de fazer sua viagem, pera o que fretáraõ hum navio, dando-lhe hum tanto por cada mez; porque, como levavaõ aviso da cobiça dos turcos, e da sagacidade que elles usavaõ no negocio do resgate pera seus interesses, foraõ os padres aconselhados naõ levassem da primeira viagem todo o cabedal pera o resgate, porque os turcos naõ alevantassem o preço dos cativos, pela grande quantidade de dinheiro que lhes sentissem, antes, dezejando cada hum de vender os seus, se acomodassem ao pouco dinheiro que os padres mostrassem. Desta maneira, levando parte do dinheiro empregado em roupas e outras mercadorias, o gastáraõ todo nos cativos a que chegou, com os quais vêo frei Dionisio a Valença, e frei Matheus ficou em Argel, até frei Dionisio chegar com o resto do dinheiro, que tornáraõ a enipregar no resgate, com que ambos voltáraõ a Espanha, com muitos cativos libertados, os quais dando conta a sua magestade do que tinhaõ feito, fez significação de muita alegria, por vêr o serviço de Deos, que se fizera na redemção dos cativos, tirados d'antre infieis, e postos dos muros da igreja santa a dentro, onde fica-

vão seguros das mordeduras das venenosas serpentes, que continuamente procuravaõ fazer-los apostatar de sua santa fé catolica, que tinhaõ recebido no gremio da santa madre igreja:

*Como elrei de Castella mandou visitar a elrei dom Henrique pelo duque de Ossuna, e outros homens que mais mandou pera pertençaõ da successaõ. Capitulo XCV.*

Elrei dom Philipe de Castella, que com a nova da morte delrei dom Sebastiaõ seu sobrinho não teve menos nojo que elrei dom Henrique de Portugal, se encerrou e tomou dó com toda a sua corte, e lhe mandou fazer as exequias funeraes com grande pompa e multidaõ de suffragios, de missas, oragoens, esmolas, e outras obras desta maneira; mas, posto que elle tivesse assás necessidade de ser consolado da magoa da morte delrei seu sobrinho, mancebo de grandes esperanças de virtudes reaes, e ser visitado pela rezaõ de parentesco, que lhe cabia, não quiz elle faltar algum ponto nos cumprimentos devidos á sua dignidade real, pera o que ordenou mandar visitar a elrei dom Henrique da morte delrei dom Sebastiaõ, e juntamente do novo ceptro que recebia com os reinos de Portugal: mas como elrei de Castella via que elrei dom Henrique havia forçadamente tratar da successaõ dos reinos, nos quais elle pretendia

ter mais direito que todos os pretendentes, por ser neto varão e mais velho delrei dom Manoel de Portugal, determinou pera isso eleger pessoa, que pudesse ficar tambem em Portugal, assistindo aos negocios que se offereciaõ de tanta importancia; e pera que se fizesse com mais suavidade, e com paz e quietagaõ, que elle muito desejava, elegeo Dom Pedro Giraõ, duque de Ossuna, que assistisse em seu nome em a corte de Portugal, por ser homem de muita autoridade e saber em semelhantes negocios, e ser irmão da Duqueza de Aveiro, a qual em Portugal estáva liada em parentesco com a principal nobreza, onde tambem por este respeito fosse melhor recebido, e pudesse mais facilmente acabar as cousas que pretendia com suavidade. Vindo o duque de Ossuna ao reino, foi a visitar elrei dom Henrique; mas posto que elrei de Castella tivesse em Portugal por embaixador a dom João da Silva, que era casado com dona Joana, neta de dom Alvaro da Silva, conde de Portalegre (de que ella era unica herdeira, por ainda a este tempo estar em Berberia, onde fora cativo na batalha delrei dom Sebastiaõ) ordenou elrei mandar dom Cristovaõ de Moura, pera juntamente com o duque de Ossuna assistir aos negocios, o qual foi pera isto eleito por ser portuguez, postõ que criado em Castella no serviço da Princesa dona Joana, e depois no delrei, por ter pai, e irmãos, e muitos parentes fi-



dalgos em Portugal. Tanto zelo tinha elrei de Castella em os negocios da successão do reino correrem com suavidade e paz, que pera que tudo se fizesse com justiça, sem as perturbações; que em semelhantes casos não se escusão; quiz fazer estes fundamentos de paz, em que, por via de amor e parentesco, suas cousas fossem melhor recebidas, e elles tivessem mais liberdade pera sem suspeita tratarem as cousas publicas: os quais, estando em Portugal na corte; hiaõ pouco a pouco tenteando e vigiando os negocios; vendo onde poderiaõ parar; pera avisar a elrei do estado das cousas, e remedios dellas, e as republicas escusassem alterações de guerras, que foi a cousa principal que elrei de Castella sempre pretendeo atalhar, parte pela liança e visinhança, que os reinos entre si tinhaõ, parte, como principe clemente, por escusar os danos temporaes e espirituaes das guerras, principalmente em tempo que o estado da cristandade estava taõ quebrado com guerras e alteraçoes. E pera em tudo o rei pacifico atalhar os principios da guerra, e compor as cousas com repouso, tambem mandou a Portugal o doutor Antonio de Mattos, portuguez de que elle se servia; pera que, com o doutor Ruy de Mattos, seu irmão, corregedor da corte, e outros parentes e amigos de creação, provessem o caso da successão, em modo que todo o processo fosse fundado em justiça e verdade pacifica, e

com esta quietação os entendimentos de todos ficassem mais desapaixonados, pera proceder clara e distinctamente sem confusões, e o povo, com mansidão e sufficientes respostas, fosse enfreado dos subitos movimentos, e temperado das furias, a que ordinariamente he costumado com alteraçoes alheas da rezaõ, e mais em materia de reinar: e porque tambem a justiça delrei de Castella fosse melhor requerida, e o direito alegado, mandou, com o nome e ordenado de embaixadores, o licenciado Rodrigo Vasques, o doutor Molina, e o licenciado Gradióla, todos do seu conselho, e homens de muita autoridade, e doctos em direito civil e canonico, os quaes, juntamente com o duque de Ossuna e dom Cristovaõ, tratavaõ e consultavaõ o que convinha á justiça delrei de Castella, e procuravaõ, com paz e sem entreposto de armas, nem processos judiciaes e juridicos, quietar a Portugal, pera se preitarem com sua magestade, de maneira que os portuguezes ficassem contentes com mercês e liberalidades, e os males das guerras se atalhassem, ficando em tudo honrados, com lhes caber em sorte o mais catolico, poderoso, benino e liberal rei do mundo, pera emparo das republicas, temporal e espirital, com grandes bens do povo portuguez: e certo não faltáraõ persuações de conselhos santos proveitosos aos portuguezes, assim de estrangeiros, como naturaes, que zelavaõ o bem comum, pera



darem obediencia ao catolico rei de Castella, de que resultavaõ ao reino grandes bens, assim na utilidade publica, como aos particulares; mas parece que permittio Deos cegar os entendimentos, e endurecer os coraçoens de alguns, pera não verem a luz das verdades claras pera seu bem, antes se obstinarem em pertinacias alheas de rezaõ, pera receberem outro mais severo castigo, do que antes tinhaõ experimentado no desbarate de Africa: mas Deos que he mais prompto a usar de misericordia, que a proceder com justiça, vendo os males que se apparelhavaõ aos portuguezes serem merecidos mais por falta de entendimento do vulgo, que por malicia, permittio que a catolica magestade delrei de Castella vigiasse com summo cuidado em atalhar o formal cumprimento dos males, de que se os portuguezes faziaõ dignos, encomendando cada dia a seus capitães, de tal maneira usassem das armas, que escusassem todo o rigor e dano dellas.

*Como elrei dom Henrique mandou ao senhor dom Antonio que se sabisse da Corte.*

### *Capitulo XCVI.*

Quando o senhor dom Antonio vèu do cativeiro, alegrando-se elrei dom Henrique seu tio muito com sua vista, o mandou apozentar no mosteiro de S. Francisco, muito perto das casas de Martim Affonso de Sousa, em que elle pousava. O senhor dom



Antonio, trazendo já postos os olhos na pretensão do reino, ajudado de alguns seus amigos, que o aconselhavaõ fazer sobre isso algumas diligencias, menos justas em negocio tão importante e de tanta consideração, começaram as cousas a nubrar-se, com hum rumor do senhor dom Antonio e seus allia-dos andarem sobornando gente, com promettimentos liberaes se seguissem sua voz; e tentando-se todos os mêos, os tratos se começaram a descobrir, com escandalo dos outros pretendores, e aggravo delrei, por ser inimigo de todos os mêos, que não fossem fundados em justiça; o qual começou a querer atalhar estas machinaçoens com prudencia, e sem escandalo, com alguns avisos por terceiras pessoas: mas o senhor dom Antonio, como estava determinado a hir com a empreza, porqualquer via que pudesse, por a confiança de os povos o amarem por extremo, e lhe darem todas as costas e favor na pretensão do reino, por eleição ou por legitima successão, ou pera com elle o defenderem, não deixava de continuar em seus desenhos. Elrei como era inimigo de semelhantes pretengoens, com zelo de justiça mandou notificar ao senhor dom Antonio, logo dentro em tres dias, se sahisse vinte legoas fóra da côrte, o qual, obedecendo ao mandado delrei, se partio pera o Crato: mas por que no Crato estava mui afastado da côrte, onde não podia tão facilmente saber do estado dos negocios, pera

dar mais calor á sua causa e pretençaõ, se foi pera Abrantes, por estar mais de vinte legoas de Lisboa, mas mui acomodado pera se comunicar na cõrte, por a continua carreira de barcos, que cada dia vão e vem. O senhor dom Antonio havendo antes deste tempo estado em Abrantes, de morada alguns dias, onde era mui bem quisto da gente da terra, assim da popular, como dos homens honrados, que são muitos, por a villa ser grande e nobre, com esta nova vinda e pretengoens, começaram a ser mais amado, e o povo mais desejoso de seguir quaesquer alteraçõens em seu fãvor, como depois o mostrãrãõ: mas por Punhete estar pelo rio do Tejo abaixo legoa e meia, pareceo ao senhor dom Antonio hir-se pera este lugar, por ainda ficar mais perto da cõrte, e fóra dos limites que lhe forãõ postos; o qual estando alli, não deixava de ter avisos cada hora do que passava na cõrte, e do estado dos negocios que se tratavaõ ácerca da pretençaõ dos reinos, que era o negocio que mais cuidado lhe dava; onde esteve até ellei o mandar chamar pera vir fazer o auto do juramento a Lisboa, ácerca das Cõrtes, como adiante se dirá.

*Como o senhor dom Antonio houve humã  
sentença , em que fôï havido por filho  
legitimo do infante dom Luiz.*

*Capitulo XCVII.*

O ponto principal em que o senhor dom Antonio se estribava, pera effecto da successão dos reinos de Portugal, que pretendia, fôï ser persuadido de alguns sediciosos ser elle filho de legitimo matrimonio do infante dom Luiz seu pai, pera o qual, trazendo-lhe ditos e resoens, fundadas em maginações coradas de justiça, facilmente se deixou entrar d'ellas, sem mais consideração, que honestasse o negocio; por que, como a condição dos homens seja enganar-se com as cousas que são instrumento de seus desejos, tendo-os o senhor dom Antonio muito grandes de ser rei, não engeitou estes que lhe parecião mais poderosos e honestos: de maneira que persuadido, ou por vontade propria, ou por importunação de seus sequazes, como he mais de crêr, houve de consentir em se fallar nesta maneira de legitimidade; mas por que elle e os que o tinhão metido nisto sabião quanto este ponto havia de aggravar a elrei, e descobrir o seu animo aos outros pretendentes e a toda a corte, com que muitos se haviaõ de escandalisar, e outros aborrecer de taes intentos, secretamente determinou fulminar humã sentença por huns autos judiciaes,



meños solêmnnes do que o Direito pede em negocios de muito menos importancia. Com esta determinação, secretamente processou a causa diante de Manoel de Mello, clérigo da ordem de S. Joaõ, pelo senhor dom Antonio ser Prior do Crato, e professo da mesma ordem, o qual pronunciou a sentença seguinte: = Cristo nomine invocato. Vistos estes autos &c. Perante a commissão de minha jurdição, que me foi solênnemente comettida no capitulo provincial, ácerca dos negocios e das pessoas, que podem gozar dos privilegios da ordem de S. Joaõ, e como o senhor dom Antonio he huma dellas, e bem assim vista a procuração de sua excellencia, que por mim foi recebida, prova dada, assim de testemunhas, como de outros documentos, mostra-se que o infante dom Luiz, sendo mancebo e em idade florente, se namorara de Violante Gomes, donzella muito fermosa, honesta e de grande graça e discrição, e por seus amores fazer muitos extremos publicos, de muitas invenções, muzicas, motes e cantigas; e como se prova ser taõ afeiçoado á dita Violante Gomes, que, forçado do amor que lhe tinha, a recebeo por mulher, por d'outra maneira não poder conseguir o effeito de seus amores, por a muita resistencia que achou da muita virtude, assim na dita donzellã, como em sua mãe, e tanto que a recebeo por mulher, logo mandár-lhe chamar dona Violante; e assim, visto como

se prova, que, depois do dito senhor Infante ser casado com a dita senhora dona Violante, lhe sahirem muitos casamentos, sem nunca querer aceitar nenhum delles, nem o reino de Inglaterra, que se lhe offerencia com a Rainha Maria, antes dizia que não podia casar nem podia ter outro reino, mais que huma cella, em que ao tal tempo estava; e bem assim visto como se prova o dito senhor infante mandar tratar a dita senhora Violante como sua mulher, depois que a recebeo, com vestidos e com joias, e assim no mosteiro lhe mandar tudo de sua casa, e fazer o que ella mandasse, no alto e no baixo, sem ter com ella conta, e assim mandar ao senhor dom Antonio seu filho, lhe obedecesse como filho, conforme a lei divina e humana, e que nunca poz os olhos em outra mulher, depois que conheceo e recebeo esta senhora; e outrosim, visto como se prova em seu testamento nomear ao senhor dom Antonio por filho seu simplesmente, sem addição, nem acrescentar *natural*, e além disso o instituir por seu herdeiro de toda sua fazenda, o que, conforme a direito civil e canonico, bastava pera se provar, como de feito basta, pera ser havido por legitimo; quanto mais que se prova el-rei e a rainha, que estão em gloria, confessarem que o infante recebera a dita senhora dona Violante, e como seu filho legitimo tratarem o senhor dom Antonio, nas honras secretas e publicas, e dizerem que não era

necessário publicar que era legitimo, pois havia de ser clérigo, e tambem se prova a dita senhora Rainha tratar a dita senhora Violante, no mosteiro de Almoester, onde a vio, de tal maneira, que logo pareceo, nas honras que lhe fez, que era mulher do infante, e assim o disserão logo as damas que com ella foraõ, o que não fizera a dita senhora rainha, se ella senhora dona Violante não fôra mulher do infante, e fallando-lhe a camareira mor, dona Joana de Sá, sobre as ditas honras, respondeo, que tudo merecia por ser mãi do senhor dom Antonio, e o mais que ella camareira-mor sabia, que era ser mulher do infante, como as testemunhas declaraõ, e assim visto, como se prova a dita senhora rainha o confessar e dizer, e o tratamento que sempre fez ao senhor dom Antonio ser aventajado do que fazia ao senhor dom Duarte; e outro sim, visto o regimento que o dito senhor infante deo a sua excellencia, de como havia de escrever aos fidalgos e senhores, e que ao senhor dom Duarte não puzesse no sobrescrito *meu senhor*, nem aos duques *beijo as mãos*, e assim, visto como elrei seu tio se prova lhe dar as armas de seu pai, sem lalé de bastardia, o que tudo se não fizera se legitimo não fôra; e visto, outro sim, como se trata perante mim nestes autos de legitimidade, no qual caso o Direito se contenta com muito menos prova, que tratando-se do casamento, ainda que seja em



prejuizo de terceiros; e como se prova as principaes testemunhas de vista não podem testemunhar, e estarem impedidas por quem lho podia defender de feito, com o mais; que se pelos autos mostra, julgo e declaro; pela authridade a mim comettida, o dito senhor dom Antonio ser filho legitimo do dito senhor infante dom Luiz e da dita senhora dona Violante, nascido de legitimo matrimonio: e pague as custas. E mando se lhe passem do processo as sentenças que pedir. A vinte e tres de março de mil e quinhentos e setenta e nove annos = Frei Manoel de Mello, =

*Como os povos pediraõ a elrei dom Henrique se casasse. Capitulo XCVIII.*

Como elrei dom Sebastiaõ por divina permissão fosse morto em a batalha; antes de casar nem ter filhos, e elrei dom Henrique, antes cardeal e arcebispo, lhe succedesse nòs reinos, por titulo de herança, do qual por rezaõ da dinidade sacerdotal não se podia esperar que casasse pera deixar herdeiro no reino, lhe fez a camara de Lisboa hum fallay em que lhe pedio tratasse haver dispensação do summo pontifice pera casar, a qual dispensação o papa concederia facilmente por a necessidade de herdeiro no reino, e quietação na republica, sem a qual se esperavaõ guerras entre cristaõs, que seria notavel dano da igreja catolica.

Elrei dom Henrique, que em toda a mocidade deo singular exemplo de continencia, e era havido por virgem, quando em tal idade, carregado de annos e consumido da enfermidade de ethiguidade, que se lhe acrecentou com o nojo da morte delrei seu sobrinho, ouvida a petição do povo que casasse, poz-lhe horror e espanto tal comettimento, o qual se elle fôra mancebo e muito bem disposto, pelo zelo da pureza e castidade, com aspereza engeitára. Os povos e todos os estados, entendendo que não havia outro meio pera evitar guerras tão prejudiciaes á republica, instavaõ cada dia mais na petição, e mettião nisso Leão Henriques, da companhia de Jesu, seu confessor, e outros religiosos e letrados, que por via de consciência persuadissem a elrei que era obrigado a casar. Elrei, a quem estas palavras eraõ hum grave tormento d'alma, não podia soffrer fallarem-lhe nisso, dando por desculpa sua idade e má disposição: quando viu que lhe não recebiaõ escusa por a indecência do estado sacerdotal, e os povos não recebendo a elrei nenhuma desculpa, que fosse bastante pera se igualar aos inconvenientes que se seguiriaõ; senão houvesse herdeiro no reino, quasi forçado o obrigáraõ a mandar buscar a dispensação a Roma; pera o qual logo foi eleito dom Duarte Castello-Branco, camareiro mór; por embaixador, e por seu companheiro o doutor Ruy Fernandes de Castanheda, desem

bargador da casa da supplicação. Elrei, insistindo em a defensão do a que o queriaõ obrigar, tornou a replicar aos povos, dizendo que era temeridade obrigarem-no a casar em tempo que estava morrendo, e casar seria causa de se lhe acelerar a morte, com indícios quasi certos que não poderia haver filhos, com que o intento dos povos ficava frustrado, e a dignidade sacerdotal com macula de tal exemplo, e em tempo que os hereges tomariaõ mais facil desculpa pera seus incestos matrimonios, com que tem maculado a igreja catolica; e posto que elle desejasse sacrificar-se pelo bem comum, e por evitar os males, que estavaõ ameaçando a republica, que o não obrigassem a fazer cousa, de que o dano estava certo, e o fructo mui duvidoso: o qual pedia estas cousas ao povo com tanta instancia e zelo do serviço de Deos, que persuadio a todos que sua opiniaõ era acertada, e Deos por outros mêos mais suaves proveria ás necessidades presentes, ainda com augmentação da fé: com as quais palavras, e a experiencia mostrar que elrei hia mui de pressa consumindo-se, e já não tinha vigor na saude, e se não sustentava já senão em leite de mulheres, que contino o estavaõ alimentando, desistiraõ entãõ os povos de suas peticoens, e cessou a hida dos embaixadores a Roma.



*Como elrei mandou citar os pretendesores do reino de Portugal. Capitulo XCIX.*

Por que a principal cousa que os estados de Portugal pediaõ a elrei dom Henrique em sua vida ( pera com sua morte naõ ficarem duvidas, que se haviaõ de determinar pela guerra ) era pronunciasse na successaõ do reino, a quem pertencia, elrei, querendo dar principio a isso, o primeiro acto que fez foi mandar citar as partes, que o pretendiaõ haver por direito de herança ; pera o qual, estando dom Fernaõ da Silva por embaixador na corte do catolico rei de Castella, lhe foi mandado recado pera sua magestade ser citado pera a pretençaõ dos reinos. A senhora dona Catherina, mulher do duque de Bargaça, que estava em Villa Viçosa, foi citada por Francisco Serraõ, escriptaõ da fazenda, pera cuja pretençaõ o duque seu marido estava na corte. Ao senhor dom Antonio, que estava em Abrantes ( por lhe elrei mandar que naõ entrasse na corte ) foi citar Nuno Alvares Pereira escriptaõ da fazenda, cujo requerente era Diogo Botelho. Mas porque dom Manoel Felisberto, duque de Saboia e principe de Piemonte, tinha tambem pretençaõ no reino ( pera que foi citado ) mandou dom Carlos de Robur por seu embaixador, com procuraçaõ de poder requerer sua justiça.

O principe de Parma, por via de seu filho Alberto Rainuncio, mandou o bispo de Parma por embaixador. Pera o mesmo effecto tambem elrei de França mandou o bispo de Cominges visitar elrei, e offerecer ao reino todo o seu poder pera o defender de Castella, e quando vio que lhe não deferiaõ a seus offercimentos, quiz tambem oppor-se á successaõ, fundado sobre a auçaõ de elrei dom Affonso terceiro, conde de Bolonha, historia taõ larga de contar, como despropositada pera seu direito, mas arresonda pera seu intento, que era por qualquer via meter pé em Portugal, a quem tambem os povos de Portugal se opozeraõ, dizendo que lhes pertencia a eleiçaõ. Mas porque isto corresse judicialmente, fez elrei procurador do reino o doutor Fernaõ de Pina Marecos. Vindo pois cada hum com sua auçaõ, diziaõ os tres estados por parte dos povos de Portugal, que todos os pretendentes deviaõ ser excluidos do direito que pretendiaõ, por elles estarem em posse de eleger rei, como de feito tinhaõ eleitos cinco sc., elrei dom Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal, no campo de Ourique, quando Deos lhe deo a victoria de cinco reis mouros, e lhe mostrou as cinco chagas, que ficáraõ por armas dos reis de Portugal: a segunda eleiçaõ se fez em dom Affonso o terceiro, que, por elrei dom Sancho ser homem de pouco governo, cujos defeitos eraõ prejudiciais ao bem commum, o povo



o depôz, e elegeo dom Affonso seu irmão, conde de Bolonha, com autoridade do summo pontifice: a terceira foi delrei dom João o primeiro, chamado de boa memoria, pelas insignes virtudes de que foi ornado, o qual era Mestre d'Aviz, filho bastardo delrei dom Pedro crú: o quarto foi elrei dom Manoel, avô dos pretendores, que por elrei dom João o segundo ficar sem herdeiro legitimo, foi elrei dom Manoel alevantado por rei: o quinto foi o mesmo rei dom Henrique, o qual, sabida a nova como elrei dom Sebastião era morto na batalha, foi pelo povo de Lisboa alevantado rei. Com estes exemplos, corroborados com outras resoens e direitos, se opunhaõ os povos em direito de eleger rei. A senhora dona Catherina pretendia ser preferida a todos por ser neta delrei dom Manoel, e filha do infante dom Duarte; a qual, posto que fêmea, representava seu pai por ser filho varão. Rainuncio, filho do principe de Parma contendia com a senhora dona Catherina, dizendo que elle era filho da senhora dona Maria, sua irmã mais velha, e que por elle ser varão, e sua mãe mais velha, a devia preferir. O senhor dom Antonio tambem se fundava em ser filho legitimo do infante dom Luiz, filho delrei dom Manoel, para o que mostrava huma sentença de legitimidade, como atraz fica dito, e pretendia prová-lo mais. O principe de Piemonte mostrava tambem ser neto delrei dom Ma-



noel, e filho da infante dona Brites, o qual por ser macho preferia a femeas no direito. Elrei de França tambem buscava em que fundasse sua aução, pedindo que o admittissem, pera que se o fizessem e dessem a sentença por outro, se queixar que lhe roubáráo a justiça, e se não o admittissem, ter o queixume de que o não quizeráõ ouvir, pera com isto ter maior desculpa dos roubos que França faz a Portugal. Estas auçoens postas, cada hum dos embaixadores substabeleceo avogados, que assistissem ás duvidas e mais autos judiciaes; as quais audiencias elrei fazia, e a que em nome delrei assistia o doutor Paulo Affonso, desembargador do paço, com quem elrei despachava todos os negocios de importancia, por, alem de ser sacerdote, ser homem de muita autoridade e prudencia, letras e experiencia pera semelhantes negocios.

*Porque elrei de Castella não deferio á  
eitação que lhe foi feita. Capi-  
tulo C.*

Tanto que o catolico rei dom Philippe de Castella vio elrei dom Sebastiam morto, e que a elle, como neto delrei dom Manoel, mais velho e baraõ, sobrinho delrei dom Henrique, pertenciaõ os reinos de Portugal por via hereditaria, conforme ao direito comum, e ao particular do reino de Portugal, porque em tudo procedesse com justifica-

ções de animo e grandeza real, e exemplo de catolico principe (o qual a todas as pretensões queria antepor o serviço de Deos e bem da cristandade, com equidade da justiça, e muito mais com zelo de consciencia pura) mandou aos seus conselhos e letrados, estudassem se o direito canonico ou civil por via de herança o fazia successor dos reinos de Portugal, e lhes fazia lembrança e rogava de tal maneira investigassem a justiça e verdade neste caso, que entendessem que mais gosto levaria, e mais quieto ficaria, se o direito o relevasse de tal pretensão com segurança da consciencia, que tal lhe permittisse; porque elle se achava tão carregado com os muitos reinos e estados que possuia, que não sómente não desejava acrescentar alheos, mas poder lançar das costas parte dos seus proprios: mas que, como neste negocio o obrigava a consciencia a não poder renunciar a justiça, se a tinha, por o prejuizo que nissó fazia a seus filhos e mais successores, não podia deixar de inquirir a justiça, muito contra seu gosto. Mas posto que todos os letrados de Espanha, em particular e em geral, e juntas feitas nas universidades, mostrassem claro o direito que sua magestade tinha na herança dos reinos de Portugal, não se quietou elle com isso, por lhe parecer que como vassallos o querião comprazer com esta offerta: portanto, não somente mandou estudar o mesmo caso a outros estudos da

Italia e Allemanha, mas ainda mandou  
 consultar a muitos letrados de Portugal,  
 que concordáraõ com a commun opiniaõ,  
 de elle ser o legitimo herdeiro e successor  
 dos reinos de Portugal; porque como elle  
 era neto delrei dom Manoel, mais velho,  
 filho de filha mais velha, que foi a impe-  
 ratriz dona Izabel, excluia o principe de  
 Piemonte, por ser neto mais moço, e filho  
 de filha mais moça, e ao senhor dom An-  
 tonio por não ser legitimo; e porque era  
 varaõ, que representava a pessoa delrei dom  
 Manoel, seu avô, excluia a senhora dona  
 Catherina, por ser femea, e a Rainuncio, fi-  
 lho da senhora dona Maria, princesa de  
 Parma, que não representava mais que a  
 pessoa de sua mãe, posta em igual gráo com  
 a senhora dona Catherina: e quanto ás  
 prètençoens do povo querer eleger rei, que  
 essa aução era mui fraca, sem fundamento  
 em direito, nem em costume dos reinos da  
 cristandade, nem ainda de mouros, turcos  
 e gentios; porque casos particulares e cau-  
 saes não fazem leis geraes, e que a todas  
 suas resoens havia claras e manifestas respos-  
 tas, com outras objecçoens mais fortes, por  
 onde contra este ponto não havia que dis-  
 putar, mais que entender-se que algumas  
 pessoas propunhaõ esta aução pera embara-  
 çar e entreter a resolução da verdade: e  
 que a prètenção delrei de França era mui  
 frivola, indigna de ser ouvida a cabo de tre-  
 zentos annos, por onde o mesmo rei dom



Henrique não admittio tal aução, nem o embaixador fez nella fundamento, nem cabedal de gastar tempo; porque, pedindo elrei dom Henrique ao bispo embaixador procuração delrei de França, nem a tinha, nem a mandou buscar; e como o direito de sua magestade estivesse tão claro, e tão aprovado por tantos homens doutos, principalmente dos mais insignes de Portugal, não havia pera que opporem questoes nem juizo; pois elle como rei absoluto e senhor de tantos estados, conforme a direito e opiniaõ recebida dos juristas, e ainda de todos os teologos, não tinha superior na terra pera o julgar; que como estava entendido, que elle tinha o direito da successaõ por legitima herança, não tinha necessidade de sentença, antes podia executalla por paz e por guerra, quando por outra via não pudesse; pois elrei dom Henrique não podia ser seu juiz, senão o direito que sua magestade tinha mui bem entendido, e como isto assim fosse não tinha obrigação de acodir á citação, nem esperar sentença; pois o direito lha tinha dado; por tanto, como sua magestade tivesse estes conselhos resolutos, nunca quiz acodir á citação, nem pôr aução, como cousa duvidosa que se havia de julgar, mas que já estava julgada: por tanto o requerimento do duque de Oasuna, e mais embaixadores, era pedir a elrei dom Henrique declarasse por successor dos reinos de Portugal a elrei de

Castella, pois o era. Elrei dom Henrique, que se via perplexo em estes requerimentos, de uma parte justos, de outra rigorosos, que se não podiaõ determinar assim, sem escandalo dos outros pretensores e alteraçoes dos povos, respondeo que esse negocio era pesado, que primeiro o havia de cuidar mui bem, e ouvir as auçoens das partes que tinhaõ o mesmo requerimento, pera poder proceder com justiça, e conforme ao direito e rezaõ.

*Cómo elrei de Castella buscou todos os  
mêos para excusar guerras com  
Portugal. Capitulo CI.*

Porque o catolico rei de Castella não faltasse em cousa alguma á obrigação de sua real magnificencia, ornada de todos os justos respeitos, buscou os mêos possiveis pera escusar guerras com Portugal, e pera que com paz e amizade os portuguezes lhe entregassem o reino, que elle tinha que era seu, por as rezoens acima ditas. E pera que isto se püdesse effectuar, com gosto seu e bem comum da republica e dos pretendores, deo largas comissoens ao duque de Ossuna e dom Cristovão de Moura, pera com partidos justos, honestos e proveitosos, se preitearem com os portuguezes que estavam em cortes, ajudando-se da virtude e santidade delrei dom Henrique, que deseava por paz e concordia compor as cousas,

pera bem dos reinos de Portugal; pera o qual tambem sua magestade mandou que assistissem a estes negocios, e os ajudassem, o licenciado Rodrigo Vasques de Aire, o doutor Molina, e o licenciado Gradiola, todos do seu conselho, por serem homens muito doctos e de mnita prudencia; porque como elle era zeloso da justiga, e entendia que sua magestade a tinha clara, folgaria de os Portuguezes virem a preitear-se nas cousas que lhes fossem utiles. Os embaixadores, instando com grande diligencia no que sua magestade lhes mandava, não perdiaõ ponto por suas pessoas, parentes e amigos, tratar os negocios de concordia, pera o qual tratáraõ por mção de muitas pessoas contentar o senhor dom Antonio com mercès e honras, que sua magestade lhe fazia por desistir da pretençaõ, que se presumia não levaria ao cabo, de se querer mostrar filho legitimo, de legitimo matrimonio, do infante dom Luiz, alem de ser negocio de muita dilataçaõ, com demonstraçoens que com atrevimentos queria escurecer a justiga delrei de Castella, e atalhar a execuçaõ della; pera o qual sua magestade escreveo á Camara de Lisboa e a outras cidades, declarando-lhes sua tençaõ, que era por paz e amizade entrar e tomar posse dos reinos de Portugal, por ter entendido que eraõ seus por direito de herança; que lhes rogava não quizessem injustamente perturbar-lhe seu direito e justiga, por



escusar vir o negocio a levar-se por armas, cousa que elle muito sentiria, por o amor que tinha aos portuguezes, e os parentescos com que estavaõ liados com seus vassallos, e assim por elle ser filho da imperatriz portugueza, por a qual causa sempre fôra amigo dos portuguezes, como elles muito antes o haviaõ entendido, e visto por experiencia; porque os maiores privados que tivera foraõ portuguezes; que isto bastava pera entenderem delle lhe seria rei amigo e benino, pera os tratar como natural com muitas mercês e honras, e que com elles se subjectarem á rezaõ o obrigariaõ muito mais a os favorecer, alem de sua natural inclinaçaõ ser mui magnificente em fazer mercês a seus vassallos, e elles por esse respeito o antigo amor que lhes tinha, o deviaõ mais esperar: e que quando por esta via se não effectuasse sua pretençaõ com justiça, protestava diante de Deos, á sua conta delles portuguezes fossem todos os males das guerras, que elles mesmos solicitavaõ, e elle não poderia escusar: e fazendo o mesmo por mêo de seus embaixadores com os mais senhores e fidalgos do reino, procurava mostrar-lhes claro sua justiça, e justificar com grandes offerecimentos seus respeitos, mostrando em tudo claramente quanto sua magestade sentia romper por armas com a naçaõ e gente, que sempre amou do coração, e cujo rei em extremo desejava ser, pera mais se comuni-

car com mereês e honras. Os letrados portuguezes, que viaõ claramente a justiça de sua magestade, sem contradicção alguma logo se rendêraõ, e os nobres, prelados, e prudentes, que enxergavaõ o zelo de suas justificaçoens, acompanhado de amor e grandeza real, movidos por justiça e consciencia, tratáraõ a maior parte delles (que pesavaõ a importancia do negocio) subjeitar-se, e lançar-se de pretençoens mui dvidosas, principalmente por escusar guerras ao reino: de maneira que ainda em vida delrei dom Henrique, e depois de sua morte, teve sua magestade os principais votos dos letrados e nobres de Portugal, naõ aprovando, ou pera melhor dizer, aborrecendo as mais pretençoens, por menos justas: mas por que elrei de Castella via alguma inquietação nos povos, e sentia o orgulho que o senhor dom Antonio trazia, com intento da pretençaõ do reino, a quem o vulgo muito amava, temendo-se do que depois se seguio, e pera que com isso puzesse hum freio aos portuguezes, e estes se sometessem á rezaõ, em quanto seus embaixadores corriaõ em Portugal com concertos, mandou elle fazer gente de guerra por Espanha, Italia e Allemanha, ajuntando armas e munçoens pera formar exercito, como de feito fez, naõ parecendo a sua magestade que os portuguezes chegassem a estado de esperarem guerras, mas cahindo nos honrosos e proveitosos partidos, que lhes

offerecia, não deixariaõ de os aceitar; por que taes eraõ elles pera o bem comum de todo o reino, e o particular de cada hum, que todo o homem de entendimento claro e desapaixonado julgava que, com aceitarem a sua magestade por rei, se recuperava o reino de seus infortunios passados, com representagaõ de hum rei taõ conjuncto ao parentesco dos reis de Portugal, e amigo dos portuguezes, com que se temperaria a dor das perdas, que entaõ se sentiaõ. Desta maneira movidos muitos portuguezes por estes e outros respeitos, não sómente não esperavaõ ser rogados a se entregarem a Castella, antes o desejavaõ e se offereciaõ a isso, com zelo de justiça e do bem comum: quanto mais, que entendiaõ que se o negocio se houvesse de averiguar por armas, estava elrei de Castella mui superior nas forças, e Portugal mui mingoado e quebrado pera poder resistir: tanto, que muitos homens prudentes (ainda em vida delrei dom Henrique) com zelo do bem comum, com clamores publicos diziaõ, que se evitassem todas as pretengoens, e fossem aconselhados todos os pretensores a desistirem dellas, e se preiteassem com sua magestade, que era o que convinha ao bem comum do reino, e o contrario havia de resultar em geral dano delle, e dos pretendentes, alem dos portuguezes haverem de ficar rendidos por força, com que perderiaõ as mercês e beninidade, que de presente sua magestade lhes offere-



cia , e virião a calir em sua desgraça e indignação , com que merecessem ser rigorosamente castigados , ficando todo o povo em aborrecimento a elrei , pera não alcançar delle as honras e mercês , que costumava fazer a seus vassallos.

*Como elrei mandou ajuntar cortes pera eleger governadores , que por sua morte ficassem com o governo , e juizes pera determinar a causa da sucessão. Capitulo CII,*

Depois que os povos de Portugal estiverão desenganados que elrei dom Henrique não podia deixar filho herdeiro do reino , logo com muita instancia lhe tornáráo a a pedir tratasse de declarar successor dos reinos em sua vida , pera que a cousa não ficasse indecisa por sua morte , que seria isso causa de muitas guerras e dissensoens , com que o reino se acabaria de assolar e perder. Elrei como era muito virtuoso , e desejava acertar em todas as cousas , vendo quaõ justa petição esta era , não duvidou meter-se em negocio taõ arduo , e de tantos pretendentes , ainda que os desgostos , que estes negocios promettiaõ , lhe haviaõ de acabar e abreviar muito a vida ; pera o qual mandou elrei chamar a côrtes pera a cidade de Lisboa , onde foraõ juntos todos os três estados , sc. ecclesiastico , da nobreza , e povos.

Dando pois principio a estas côrtes, foi elrei aos pagos da Ribeira, a as ajuntar, o primeiro dia de Abril de 1579, em o qual, na sala pera isso destinada, dom Affonso Castel-Branco fez o principio dellas, e do intento a que eraõ juntos alli os estados; os quaes continuando com seus actos, estavaõ repartidos de maneira, que os prelados se ajuntaraõ na Sé, os nobres no convento do Carmo, os povos no de S. Francisco. Com esta ordem continuando com as côrtes, a que elrei com recados e avisos assistia, pera que as cousas corressem como convinha ao estado dos negocios, ordenou que puzessem em effeito o a que eraõ chamados; mas porque a nomeação dos governadores, que haviaõ de ficar em o governo do reino por morte delrei, havia de ser com madura consideração, pelas muitas partes que se requeriaõ pera os que tivessem o tal cargo, principalmente pera a determinação da successão, que haviaõ de julgar, hia elrei na eleição devagar, com muito conselho e aviso, com o que os estados faziaõ: portanto lhes mandou elrei dom Henrique notificar que nomeassem quinze fidalgos, pera elle dali escolher cinco governadores, dos quaes elrei escolheo os seguintes: dom Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, dom João Mascarenhas, Francisco de Sá, dom João Tello, Diogo Lopes de Sousa, governador da Casa do Civel, os quaes foraõ aprovados por elrei e os estados, por serem ho-

mens de muita confiança nas consciencias e justos respeitos, com muito zelo da justiça: mas porque o povo andava desconsolado por não saber quem o havia de governar depois da morte delrei, por que não houvesse com esta duvida algumas alterações, pareceo a elrei em sua vida declarar os governadores, e mandar-lhes tomar juramento, como de feito tomáraõ; e porque o negocio da successão havia de ser determinado por sentença, pera que caso tão importante fosse muito bem visto e examinado, ordenou elrei que nas mesmas côrtes fossem nomeados vinte e quatro letrados, homens doctos e de boas consciencias, dos quais se haviaõ de escolher onze pera juizes, que dessem a sentença: mas porque nesta eleição dos juizes era necessario muito segredo, pera não serem sobornados, ou molestados, de tão poderosas partes, e sobre causa de huns reinos tão honrados, não quiz elrei que se publicassem, antes fizeraõ tres pautas cerradas, e se mettêraõ em tres cofres, dos quais hum foi posto na Sé, outro no convento de Santo Eloio, e outro na camara da cidade de Lisboa, pera que ahi estivessem a muito bom recado, e pera dalli os tirarem, quando fosse necessario serem abertos, depois da morte delrei, como se fez; em os quais cofres estavaõ metidos o regimento e poderes, que ficavaõ aos governadores, e a nomeação dos juizes, e nunca mais se abri-raõ, nem tiveraõ effeito, por as guerras se



tratarem, antes que chegassem a estado de darem sentença, como abaixo se dirá.

*Como os Estados juráraõ de guardar os capitulos das cortes. Capitulo CIII.*

Porque o essencial das cortes, pera que os estados foraõ chamados, se resolvia em dous pontos, hum que era em eleger governadores pera assistirem aos despachos do reino, e á sentença da successaõ d'elle, que era o que mais importava, outro que era tambem eleger juizes, que haviaõ de dar a sentença, como ellas foraõ acabadas, e se concluireaõ estas cousas, mandou elrei aos Estados, que jurassem guardar em tudo estes capitulos de obedecerem aos governadores, e á sentença que se desse ácerca da successaõ; pera o qual acto todos juntos, se fez o juramento e auto na forma seguinte. — Ao primeiro dia do meiz de Junho do anno do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo, de 1579 annos, segunda feira, na cidade de Lisboa, nas casas que foraõ de Martim Afonso de Sousa, junto ao mosteiro de S. Francisco, nas quais ora está o muito alto e poderoso rei dom Henrique nosso senhor, em presença de sua alteza, sendo presentes os tres Estados destes reinos, s.c. o Estado ecclesiastico, o Estado da nobreza, e o Estado dos povos, que por mandado de sua alteza se ajuntaraõ nesta cidade pera as cortes, pera que sua alteza os chamou, cujo

auto sua alteza nella fez o primeiro dia do mez de Abril deste dito anno, e sendo outrosi presentes as testemunhas adiante nomeadas, e eu Miguel de Moura do conselho de sua alteza, o dito senhor me ordenou que de sua parte propuzesse e dissesse aos ditos Estados, que a causa porque os mandou chamar a còrtes, como sua alteza lho já communicou, foi pera tratar da quietação e assocego destes reinos, em caso que de sua alteza não ficassem descendentes, ou em sua vida não tomassem determinação na successão delles; e porque o caso e direito da successão está posto em justiga, e as partes, que nella podem pretender direito, são já requeridas, e corre a causa por seus termos ordinarios e juridicos; convinha que, pera effeito da dita quietação e assocego, elles tres Estados, que presentes estavaõ, perante sua alteza, se unissem e conformassem em huma mesma determinação, jurando solenemente cada hum delles o juramento seguinte, na forma nelle declarada, que me sua alteza mandou que lhe lesse. — Juramento — Muito alto e poderoso rei dom Henrique nosso senhor, juramos, e promettemos pelo juramento dos santos evangelhos, em que corporalmente pomos nossas mãos, em presença de vossa alteza, que não reconhecemos por rei, nem por principe destes reinos e senhorios de Portugal, nem obedecemos a pessoa alguma como tal, se não áquella somente a que por justiga for de-

terminado que pertence a successão delles, em caso que vossa alteza falleça sem descendentes, nem tomaremos voz nem bando por pessoa alguma, sob pena de quem o contrario fizer ser havido por tedor, desleal, imigo da republica e do assego della, e da sua propria patria, e como tal seja castigado no corpo, na honra, na fazenda e nas mais penas que os taes merecem: e assi juramos e promettemos pelo mesmo juramento, que se alguma ou algum dos pretendentes da dita successão, por força de armas ou por qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma perturbação ou inquietação na republica, quizer ou intentar haver a dito successão, lhe não obedeceremos, antes lhe resisteremos com todas nossas forças e poder; e outrosi juramos e promettemos pelo mesmo juramento de em tudo e por tudo obedecermos aos governadores e defensores destes reinos, que por vossa alteza forem eleitos e declarados, daquelle numero delles, que por nossos Estados são nomeados nas pautas, que pera isso fizemos assinadas por nós: e tambem juramos pelo mesmo juramento de estar pela sentença que os juizes que vossa alteza escolher e declarar (dos letrados conteudos nas pautas por nós assinadas) derem no caso da successão, não a determinando vossa alteza em sua vida, e de comprirmos e fazermos inteiramente guardar e cumprir a dita sentença em tudo e por tudo. — Lido assi o dito ju-



ramento de verbo ad verbum, em voz alta e intelligivel, logo os ditos Estados fizeram o dito juramento, pondo suas mãos em hum livro missal, que estava aberto diante de sua alteza, com huma cruz em cima, no qual juramento se teve a ordem seguinte: jurou primeiro o Estado ecclesiastico; e o arcebispo de Lisboa dom Jorge de Almeida, em nome do dito Estado e dos prelados que presentes estavaõ, adiante assinados, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: « eu assi o juro »: depois jurou o Estado da Nobreza, e dom Diogo de Castro, hum dos procuradores da Nobreza, em nome do dito Estado, e dos Titulos e Nobres que presentes estavaõ, disse por si e por todos as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, e depois cada hum delles pôz tambem as mãos no dito missal, dizendo, « e eu assi o juro »: e depois jurou o Estado dos Povos, e Affonso de Albuquerque, hum dos dous Procuradores desta cidade de Lisboa, em nome do dito Estado, e dos outros Procuradores dos lugares destes reinos, que presentes estavaõ, adiante assinados, disse pela dita cidade e por todas, as palavras do dito juramento, e pôz as mãos no dito missal, dizendo: « nós assi o juramos ». Por todos os procuradores do reino não caberem bem todos juntamente na casa onde sua alteza estava, fizeram em sua pessoa o dito juramento, e vierão huns,

e depois de sahidos, entráraõ outros, e pelos que assim vinhaõ de novo tornou o dito Affonso de Albuquerque a fazer o dito juramento, dizendo todas as palavras delle em nome dos que assim eraõ presentes, e cada hum delles pôz as mãos no dito livro, dizendo: » e nós assi o juramos » conforme a o que fizéraõ os outros; e por este modo e ordem acabaraõ os ditos procuradores dos povos de fazer o dito juramento, e do qual juramento, feito na dita forma e pela dita maneira, mandou sua alteza fazer este assento e auto com esta solenidade, como em tal se requer; e pera a todo o tempo constar do dito juramento, e como assi se fez pelos ditos Estados, em presença de sua alteza, se tiraraõ deste assento e autos treslados autenticos, pera se lançarem na torre do tombo, e na camara desta cidade, e onde mais for necessario. Testemunhas que a isto foraõ presentes, o doctor Simão Gonçalves Preto, chanceller mór destes reinos, e os doctores Gaspar de Figueiredo, Paulo Affonso, Pero Barboza, e Jeronimo Pereira de Sá, desembargadores, e Gaspar Pereira, chanceller da casa da Supplicação, e o doctor Jorge Lopes, que serve de chanceller da Casa do Civel.

*Como a cidade de Lisboa, jurou os capitulos das cortes. Capitulo CIV.*

Como a cidade de Lisboa he a principal

do reino em nobresa e grandeza, e por ser metropoli dos reis de Portugal, houve elrei por bem que tambem os procuradores, vereadores, e mesteres fizessem o mesmo juramento por si, pela ordem e estilo que fizeram os estados, o qual juramento Manoel Telles Barreto, hum dos vereadores, tomou e deferio em nome de todos, e de cada hum em particular, pelo mesmo modo, e dizendo: « eu assim o juro. »

*Como o duque de Bargarça tomou juramento.*

O duque de Bargarça, que estava na côrte requerendo sua pretensão com muito calor, havendo mandado imprimir hum livro dos pareceres de alguns letrados, que entendiaõ o direito da successão vinha á senhora dona Catherina sua molher, como pretensor que era, foi chamado ao juramento, que fez diante delrei na fórma seguinte.

*Juramento do duque de Bargarça.*

Muito alto e muito poderoso rei dom Henrique meu senhor, eu dom Joaõ, duque de Bargarça, juro e prometto pelo juramento dos santos evangelhos, em que corporalmente ponho minhas mãos, em presença de vossa alteza, de em tudo e por tudo obedecer inteiramente aos governadores e defensores destes reinos e senhorios de Por-



tugal, eleitos e declarados por vossa alteza (dos nomeados pelos estados delles; nas pautas que pera isso deraõ a vossa alteza), e isto em caso que vossa alteza não determine em sua vida a causa da successão dos ditos reinos, ou falleça sem descendentes; e outro sim juro e prometto pelo dito juramento, que por força, ou armas, ou qualquer outro modo illicito, ou que traga alguma inquietação ou perturbação na república, não procurarei, nem intentarei de haver pera mim, nem pera outrem o direito da successão e posse destes reinos, e fazendo o contrario, por mim ou por outrem, sou contente, e me obrigo e aceito desde agora pera entaõ, de incorrer em todas as penas, em que conforme a direito incorrem aquelles, que por força procuraõ de haver a posse de cousas em que pretendem algum direito; e tambem juro e prometto, pelo mesmo juramento, de estar pela sentença que vossa alteza, ou os juizes que vossa alteza escolher e declarar (dos nomeados nas ditas pautas) derem no caso da successão destes reinos, e de por minha parte cumprir e fazer cumprir e guardar a dita sentença em tudo e por tudo inteiramente: o qual juramento assim faço em meu nome, como vassallo que sou de vossa alteza, e tambem como marido e procurador da senhora dona Catherina, minha mulher, que he hum dos pretendentes da dita successão.

*Como o senhor dom Antonio fez o mesmo juramento, e logo fez protesto de não ser obrigado por elle. Capitulo CV.*

O senhor dom Antonio, que estava em Punhete depois que elrei o mandou sahir da corte, foi por mandado delrei chamado viesse a jurar os capitulos das cortes, o qual no mesmo dia que chegou a Lisboa lhe mandou elrei fosse fazer o juramento, e vindo ao paço aos treze dias de Julho, o fez da mesma fórma, e com a mesma solemnidade que o duque de Barchana. O senhor dom Antonio, que entendia não poder conseguir seus intentos da pretensão do reino por via da sentença dada por elrei e por os governadores que lhe haviaõ de succeder, ou por elles já terem entendido não ter justiça, ou por presumir que elles lhe eraõ suspeitos, e lhe tinhaõ odio, como cuidava que elrei lho tinha, determinou reclamar o dito juramento, pera o que logo no mesmo dia fez huma reclamação por escrito, assinada por elle, e a mandou intimar a Alexandre Fromentario (nuncio que entãõ era em Portugal, no qual cargo succedeo a elrei, que o tinha quando tomou o ceptro) por frei Miguel dos Anjos, prior do convento de nossa senhora da Graça, da ordem de santo Agostinho, em o qual referia ao nuncio como elrei seu senhor o obrigara a fazer aquelle juramento contra

sua vontade, e elle aceitára por medo d'elle, por ser seu vassallo; mas que o reclamava por elrei seu senhor lhe ser muito suspeito e ter grande odio, e o mesmo lhe tinham os governadores que haviaõ de ser, e os juizes eleitos pera dar a sentença deviaõ contra elle ser sobornados, por onde não podia esperar que se lhe guardasse justiça; e que pera prova disto, elrei seu senhor lhe mostrava tanto odio, que no mesmo dia que elle chegára á corte de hum caminho tão comprido pela força da calma, o mandára viesse tomar juramento, não o deixando descansar do trabalhoso caminho; e assim quando entrára no paço, e beijára a mão a sua alteza, elle lhe não fizera as honras e cortesias acostumadas e devidas, nem lhe mandára dar cadeira, nem ter com elle outro algum comprimento; e que quando o vira tão severo em seu tratamento, não sómente não ousára queixar-se, mas nem reprimára ao que lhe mandava, que tomasse o juramento, cousa que elle fizera contra sua vontade, assim pelas rezoens acima ditas, como por elle não ser chamado ás cortes, antes sua alteza as celebrou tendo-o degradado da corte, e admittindo a ellas, e a andarem requerendo as suas pretensões as outras partes adversas, que eram o duque de Borgança, e os embaixadores delrei Philippe de Castella, e os mais dos outros príncipes que tinhaõ a mesma pretensão, pelo que era em tudo manifestamente agravado



por elrei, que pretendia e mostrava impedir-lhe toda a sua justiça, e persegui-lo com rigor: por tanto pedia a sua senhoria illustrissima, que nestes reinos tinha as vezes do santo padre, aceitasse sua reclamação, e por escrito dêsse fé do dia e hora em que a aceitava, pera a todo o tempo lhe valer, e pera anular o dito juramento, e lhe não prejudicar ao direito que tinha na pretensão do reino, e na prova de sua legitimidade. O nuncio ouvida esta declaração, a aceitou, e por sua letra notou o tempo em que lhe fôra intimada.

*Como elrei mandou ao senhor dom Antonio e ao duque de Barchança se sahissem da corte, Capitulo CVI.*

Taõ alterado andava já o povo de Portugal, com as differentes opiniões que entre elle havia, a qual dos pretendores se haviaõ de acostar, não faltando sollicitadores, que por todas as partes acrecentassem esta divisaõ, que já as cousas começavaõ a romper, quasi sem pejo de se publicarem; por que não sómente huns approvaõ o pretensor a quem eraõ mais afeiçoados, ou fosse por assim o entenderem, ou (como era mais certo) por assim o quere-rem, sem discurso de rezaõ, nem zelo de justiça, mas começavaõ a travar-se com palavras ameaçadoras de discordias, em que já as cousas se não podiaõ socegar, nem os

animos andar quietos ; porque como o appetite de reinar he tão cego pera não vêr os mêos , e tão poderoso pera tentar os fins , que não sómente move com grande impeto aos que o pretendem , mas leya traz si todo o vulgo , mais cego do que he o que os guia : por tanto , sabendo elrei dom Henrique como este appetite de reinar começava já a lançar altas raizes , pera produzir prejudicial fructo , ordenou de lhas arrancar , por que cessassem de crear ramos de tanto mal : assim mandou notificar ao dito senhor dom Antonio , que logo ao outro dia depois do juramento se fosse pera o Crato , e não ficasse em lugar nenhum menos de trinta legoas da côrte ; e porque não parecesse que elrei queria favorecer ao duque , o mandou tambem que se sahisse da côrte , e deixassem seus procuradores e requerentes , que sollicitassem seus negocios . O duque de Barchança , ainda que tinha sua casa em Villa Vigosa , foi-se a Arraiolos , lugar de que he senhor . O senhor dom Antonio tambem se sahio pondo seu intento em hir-se pera Thomar ; mas , porque elrei a este tempo se hia consumindo da velhice e enfermidade tísica , que cada vez mais crecia , ajudada com os desgostos , que lhe davaõ os pretensores com seus requerimentos tão molestos , e em materia pera elle tão triste e pesada , e ficava nestes dias muito mal e quasi-desconfiado da saude , o senhor dom Antonio , que sempre trazia os olhos pos-

tos na occasião de reinar, parecendo-lhe que se elrei morresse naquelles dias, lhe ficava a porta aberta pera qualquer novidade, pera que sahisse com seu intento, hia pelo caminho com muito vāgar, fazendo as jornadas mais pequenas, e detendo-se em cada huma alguns dias (posto que elrei lhe mandasse, que dentro em oito dias estivesse no Crato) e esperando recado se elrei morria, segundo se presumia d'elle, pera fazer volta, e metter-se em Lisboa, e aclamar-se rei; mas como Deos ainda tinha alargado os limites da vida a elrei dom Henrique, houve por bem que convalescesse naquelles dias, e se achasse melhor. O senhor dom Antonio, hindo assim com passo lento, chegou a Thomar, onde se aposentou alguns dias, até dahi se hir pera Coimbra.

*Como elrei dom Henrique mandou notificar a elrei de Castella, e a seus embaixadores, que jurassem as cōrtes. Capitulo CVII.*

Por que nas cōrtes estava tomado assento nas principaes cousas tocantes á successão do reino, como atraz fica dito, por elrei de Castella ser hum dos pretendentes, lhe foi notificado, que por seus embaixadores fizesse o juramento, que tinhaõ feito os outros opposcentes. Elrei de Castella, como tinha conselho averiguado de letrados os mais famosos, que havia em Castella, Ita-



lia e Allemanha, e em Portugal, que o direito dos reinos era seu, e como rei absoluto não tinha superior, que o julgasse, mas que elle podia executar a justiça, não quiz jurar os capitulos das côrtes, nem sujeitar-se a elles, por não pôr em duvidas a justiça, que entendia tinha clara, e a todos os requerimentos, que sobre este ponto lhe faziaõ, não deferia, por se conservar na posse de seu direito. Os seus embaixadores, posto que viaõ processar as auçoens dos pretendentes, nunca a cousa alguma contrariáraõ, senaõ, instando em os reinos serem delrei de Castella, protestavaõ pela posse delles, por paz e por guerra, não cessando porêem de usar de todos os mêos de paz com justificaçoens de partidos mui honestos pera o reino, concedidos mais por doação gratuita que obrigatoria, o que tudo faziaõ a fim de escusar guerras. Estava elrei de Castella taõ assentado em os reinos lhe virem por direito, que não tratando os seus embaixadores algum acto judicial, não se occupavaõ mais que na execuçaõ, por concertos e capitulaçoens, e seus capitaens em ajuntar gente, pera com maõ armada tomar posse com rigor de armas, quando os portuguezes não quizessem aceitar as mercês que elrei por beninidade comettia, as quais forãõ tantas e por tanta maneira, que bem se enxergava o zelo do rei catolico desejar muito atalhar as guerras, que por outra via se não podiaõ escusar; porque não ficou

mêo que não tentasse, pera com paz compor as alteraçoes, que já começavaõ lançar raizes com escandalos e discordias.

*De huma sentença que elrei dom Henrique deo contra o Senhor dom Antonio.*

*Capitulo CVIII.*

Por que elrei dom Henrique tinha entendida como entre todos os pretendores do reino nenhuns tinhaõ justiça que tivesse vigor, senão elrei de Castella e a senhora dona Catherina, por rezaõ de estarem em igual grão de parentesco, e em igual duvida da representaçã das pessoas, sendo sua magestade varaõ filho de femea, e a senhora dona Catherina femea filha de varaõ, ambos netos delrei dom Manoel, nuncase quiz nem se atreveo a inclinar a alguma das partes, assim por não scandalisar huns, como por não dar a entender o que sentia, antes da sentença; mas como elle era virtuoso e desejoso de evitar males que ameaçavaõ danos ao reino, não dizia mais senão que se preiteassem, dando a entender que por justiça e força fazia elrei de Castella ventagem a todos pera haver o reino: mas por que elrei entendia quanto o senhor dom Antonio trazia o tento posto em haver o reino, e sollicitava por todas as vias; e já tinha havido huma sentença, que era filho legitimo do infante dom Luiz, e delles somente se temiaõ as discordias que po-

diaõ causar guerras, movido de grande zelo  
 de justiça, determinou cortar-lhe seus inten-  
 tos, e impossibilitalo em suas pretensões,  
 pera o qual impetrou do papa Gregorio 13  
 huma bulla de motu-proprio com comissãõ  
 pera ser juiz na causa da legitimidade do  
 senhor dom Antonio, e poder revogar a sen-  
 tença que tinha alcançado secretamente,  
 tendo-a por sobrepticia, e pera o poder cas-  
 tigar, por ser religioso da ordem de S. Joaõ,  
 com perda das rendas, e as mais penas da  
 pessoa que lhe parecesse; por virtude do  
 qual breve, com os prelados e desembarga-  
 dores nomeados, sc. dom Jorge de Almeida  
 arcebispo de Lisboa, dom Jorge de Ataide  
 capellaõ-mór bispo de Vizeo, dom Anto-  
 nio Pinheiro bispo de Miranda, o doutor  
 Paulo Affonso, o doutor Pero Barboza, o  
 doutor Jeronimo Pereira de Sá, e o doutor  
 Heitor Pinto, deo a sentença seguinte =  
 Sentença contra o senhor dom Antonio =  
 Christi nomine invocato: vistos estes autos,  
 e o breve de motu proprio do mui santo  
 Padre Gregorio 13.<sup>o</sup> nosso senhor, ora na  
 Igreja de Deos presidente, porque nos co-  
 metteo o conhecimento (?) da causa do pre-  
 tenso matrimonio, antre o infante dom Luiz  
 meu irmaõ, que Deos perdoe, e dona Vio-  
 lante, mãi de dom Antonio, meu sobrinho e  
 filho do dito infante, e de sua legitimida-  
 de, por dizer que eraõ casados, e elle na-  
 cido de legitimo matrimonio, e a forma em  
 que sua santidade nos manda que proceda-



mos na dita causa, que he sumariamente, sem ordem, estrepito, nem figura de juizo, olhada somente a verdade do caso, et ex officio, e conforme ao dito breve, mandámos citar as partes, a que o negocio tocava e podia prejudicar, que forão as mesmas que são na causa da successão destes reinos, que tambem se trata perante nós, como rei delles, e mandámos notificar ao senhor dom Antonio que em certo tempo nomeasse testemunhas, e offerecesse todos os documentos de que se esperava ajudar, ao que satisfez, e entre as testemunhas que nomeou, forão quatro que disserão de vista ao pretenso matrimonio, sc. Bastião Braz, Luiz de Pina, Antonio Carlos, e Guiomar Gomes sua mulher, e assim offerecidos por sua parte documentos e escrituras, que mandámos acostar aos autos; e forão perguntadas as ditas testemunhas, e outras muitas, que por sua parte forão apresentadas, pelo caso do pretenso matrimonio, e pelos artigos com que vêo, pera os provar, e sua legitimidade; e visto o grande numero dellas, e seus ditos, e calidade da causa, e o que pelos ditos documentos e papeis constou, e fórma do breve, havemos por escusado e não necessario perguntarem-se mais testemunhas, e fazerem-se outras diligencias, que por parte do dito dom Antonio, e dona Catherina minha sobrinha, huma das partes adversas se requeriaõ, por sem ellas bastantemente constar da verdade:

e mandámos dar o nome das testemunhas ás partes; e vindo com contradictas por parte da dita dona Catherina, lhas não recebemos, por não serem de receber, e hou-  
vemos por escusado e desnecessario dar vis-  
ta ás partes, pera rezoar em final, vistos os autos, calidade da causa, e fórma do  
breve: e tomando por assessores os prelados e letrados abaixo assinados, e de seu parecer e conselho, vistos e examinados com elles os autos deste processo, e como por todos elles se não prova o pretenso matrimonio ante o dito infante e a dita dona Violante, por palavras de presente e de futuro, nem por outra via alguma, por não haver mais que o testemunho da dita Guiomar Gomes irmãa da dita Violante, que certifica de palavras de presente, e seu marido Antonio Carlos, posto que diga que o infante disse á dita dona Violante que promettia a Deos de não haver outra mulher, não diz que ella dicesse as mesmas palavras, nem outras algumas, e Luiz de Pina e Bastião Braz, testemunhas que foraõ presentes, abonados pelo dito dom Antonio, dizem que tal casamento não viraõ, nem taes palavras ouviraõ, antes se affirmaraõ serem sobornados pera que dissessem o que não sabiaõ, e posto que prometteraõ de o dizer, e deraõ disso escritos, sendo perguntados com juramento, disseraõ a verdade, e o que fica declarado, pelo que o testemunho da dita Guiomar Gomes, além de ser singular, e de pessoa tão

conjuncta e interessada, e muito suspeito de falsidade, e o mesmo o de seu marido Antonio Carlos, além de não concluirem seu dito; e encontrar-se hum com o outro em muitas cousas, e tudo o mais que se alega e prova em favor do pretenso matrimonio e legitimidade, em que não ha proporção alguma, e a chamada sentença, por parte do dito dom Antonio offerecida, de hum certo juiz da ordem de S. João, he manifestamente nulla, assi por ser dada por pessoa privada, e sem jurisdição em tal caso, nem de comissão; nem poder que tivesse de quem lho podia dar; além de conter em si manifestos erros, tomando fundamento dos autos, que nelles não ha; e ser dada sem as partes a que tocava serem ouvidas, e sem legitimo contradictor, pendendo já a causa da successão destes reinos, cuja dependencia e incidente he a da legitimidade, e ser feito todo o processo, e publicada a sentença em termo de sete dias, pelo que fica entendido ser tudo nullo e maquinado, e mostra-se pelo proprio e original testamento do infante, que foi visto declarar nelle, que o dito dom Antonio he seu filho natural, e como de tal o tratára em todas as partes do dito testamento e codicillo que nelle fallaõ, e na parte que assi o nomêa por filho natural não está riscado, o dito testemunho não he duvidoso; como se quer dizer; o que tudo visto, com o mais que dos autos consta, e as notórias rezões e urgen-



tissimas presunções que ha, pera se não presumir o tal matrimonio de presente nem de futuro, nem nunca o haver, antes haver muito evidente presunção ser todo maquiñado e falsidade, declaramos o dito dom Antonio meu sobrinho por não legitimo; antes illegitimo o sobredito pretenso matrimonio e legitimidade, e conforme ao breve lhe pomos perpetuo silencio; e por que tambem por sua santidade nos he comettido o castigo das testemunhas, que neste caso achassemos culpadas, visto o que por estes autos se mostra contra Antonio Carlos e sua mulher Guiomar Gomes, mandamos que sejaõ presos, e da prisaõ se livrem da culpa que contra elles ha: e quanto a dom Antonio meu sobrinho, fica a nós reservado o poder de proceder contra elle, como fôr justiça, pelo modo que nos parecer, conforme ao dito breve.

*Como o Senhor dom Antonio houve outro breve do papa que avocasse a si os autos da sua legitimidade. Capitulo CIX.*

Como o senhor dom Antonio entendeu o zelo que elrei dom Henrique tinha de lhe atalhar seus intentos e o que pretendia ácerca da legitimidade; e de todo exclui-lo da successão do reino, com queixumes instantes se recorreo ao summo pontifice, dizendo como elrei o queria excluir da successão

do reino, com odio que lhe tinha, elle e os do seu conselho, e pera de todo o inhabilitar houvera de sua santidade hum breve de motu proprio pera ser seu juiz na causa da legitimidade, sendo-lhe o senhor rei muito suspeito; assi pelo odio que lhe tinha por muitas causas, como neste caso mais particularmente em elle se affrontar de poder-se julgar, nem ainda presumir, o infante dom Luiz seu irmão haver sido casado com a mãe d'elle senhor dom Antonio, e com outros queixumes que os apaixonados custumaõ accumular ás suas petições pedia a sua santidade o favorecesse com justiça, ao menos em não cometter suas cousas a elrei, pois lhe era tão suspeito; mas pera que sua justiça fosse tratada com desgano, e examinada sem prejuizo dos pretendentes, com igualdade de todos, que sua santidade avocasse a si os autos, e os julgasse como lhe parecesse justiça, por que, não a tendo, elle ficasse sem escandalo, pois sabia sua santidade haver de julgar o caso conforme a justiça e verdade, e tendo-a, ficasse sem suspeita de falsidade, como sentia elrei o presumia d'elle. O summo pontifice inclinado a estes rogos, entendendo o breve do motu proprio, concedido a elrei, haver sido mais largo do que sua tenção fôra conceder-lo, passou outro, em o qual mandava a elrei, como elle tinha entendido o breve, que lhe fôra concedido pera entender na causa legitimidade do senhor dom Antonio

Prior do Crato, fôra, por inadvertencia ou malicia dos notarios, com poderes mais largos do que elle concedêra; que pedia a sua alteza não usasse mais d'elle; que em preparar os autos e tirar testemunhas, e assim nesses termos lhos enviasse cerrados e sellados, pera que os julgasse, com final sentença no caso, e sendo dada, fôsse nulla e de nenhum vigor, por quanto elle a reservava a seu tribunal, visto que o negocio era importante a causa tão grave, entre pretendores tão poderosos. Elrei, como entendeu que todas as justificaçoens do senhor dom Antonio tiravaõ a dilação, e a não se tomar conclusão na successão, cada vez mais com zelo de justiça se indignava contra elle, e julgava todos seus desenhos por prejudiciaes á republica, e alheos de justiça, e quanto mais via estas negociacoes injustas e fraudulentas, tanto mais procurava atalha-las com justiça: quanto mais, que todos os homens prudentes, e que queriaõ paz, estranhavão muito ao senhor dom Antonio taes intentos, pois sabidamente eraõ tudo invençoens fundadas em cobiça de reinar, sem nenhuma apparencia de justiça, antes de escandalo. Além das rezoens, que elrei dom Henrique apontou na sentença, onde o julgou por não legitimo; serem verdadeiras e claramente provadas, havia outras, que o mais provaõ; porque, sendo o senhor dom Antonio tido por não legitimo; depois que naceo até o presente (sendo de



idade de cincoenta annos) não tinha sua pretensão bom rosto de honestidade, em tal tempo, principalmente sendo elle em todo o tempo preferido do senhor dom Duarte, mais moço, e filho do infante mais moço, consentindo elle, sem nunca alegar causa de legitimidade: além disso era notorio em todo o reino de Portugal como o infante dom Luiz, seu pai, houve dispensação da santa sé apostólica pera elle poder ter benefícios ecclesiasticos, cujo impedimento era fundado sobre a falta de legitimidade do matrimonio; acrecentando a isto, que o infante seu pai não lhe deixou os bens que tinha da coroa, nem o condestabelado do reino; creando-o com muito amor, e como a quem desejava todo o bem; o qual, como era prudente e esclarecido em todas as virtudes cristãs, com grande pureza de consciencia, não he de crer que quizesse prejudicar a seu filho, em o fazer de legitimo bastardo, antes se elle não fôra tão temente a Deos (de cuja santidade muitos religiosos tomavaõ exemplo.) pudêra ser, que pelo amor que lhe tinha; o fizera pelo contrario: quanto mais, inda que agora sua legitimidade constára pelas mais calificadas testemunhas que houvera no reino, sempre a prova ficava suspeita, e havida por machinada, e em todo o mundo se pudêraõ alegar queixumes da parte dos pretendentes estrangeiros, como em Portugal se urdía huma falsidade, infame na honra, e injusta nas con-

ciencias, pera lhes tirar seu direito, o que causára grande escandalo no mundo, e infamia no reino, com que os queixosos ficáraõ justificados diante de Deos e dos homens, e os portuguezes com pouco credito, dando isto grandes occasioens de dissengoens de guerras, naõ somente no reino, mas bo-liria toda a cristandade, dando entrada a outros muitos males temporaes e espiritu-ales: as quais consideragoens fizeraõ tanta impressaõ no religioso peito delrei dom Henrique, que, rompendo o amor natural que tinha a seu sobrinho, que criou em sua casa, pondo os olhos na consciencia e no bem commum, procurou com zelo de justiça atalhar todos os desenhos prejudiciaes ao ser-vido de Deos e proveito do povo.

*Como Diogo Botelho foi intimar o breve a elrei. Capitulo CX.*

Por que o senhor dom Antonio estava em Thomar, sem poder vir á corte, por elrei lho defender, tinha nella a Diogo Botelho, o qual com muito calor e diligencia solli-citava seus negocios, requerendo-os com gran-de instancia. Elrei, sabendo quanta parte Diogo Botelho era em o senhor dom Antonio prevalecer tanto em seus requerimentos, e inculca-los por honestos ao summo pontifi-ce, e fazer parecer ao povo que elle molestava o senhor dom Antonio contra justiça, com que o povo começava a clamar, e julga-lo

por injusto nos aggravos que lhe fazia, e a acender-se mais no amor do senhor dom Antonio; e a inclinar-se á sua parte, sofrendo elrei isto com condigaõ e virtude, reprimindo a colera, pelo não castigar de poder absoluto; com que mais o povo se escandalisasse, buscava occasiaõ como o pudesse fazer com autoridade de justiça. Vindo pois o breve, que atraz fica dito, em que se anulava em parte o primeiro, e de todo se derogava a sentença, que eirei tinha dado no caso da legitimidade, buscou Diogo Botelho maneira como com hum notario o intimasse a elrei, com mais liberdade do que convinha diante de hum rei tão velho, e de tanta autoridade e virtude. Elrei escandalisado da substancia do negocio, e muito mais do modo que levou, e das insolencias que fazião os parciais do senhor dom Antonio, mandou logo prender a Diogo Botelho na cova do Castello, aonde esteve tres dias. Alguns fidalgos velhos amigos de Diogo Botelho, vendo como elrei estava aggravado d'elle, pelo que fizera, e outras cousas, que nesta materia tinha feito, o tiráraõ da colera com desculpas de elle fazer o que o senhor dom Antonio lhe mandava, pois era seu procurador, e sempre o servira, alem da obrigaçaõ que lhe tinha de amor e criaçaõ; por tanto pediaõ a sua alteza lhe mudassé a prizaõ em sua casa. Elrei, como era santo, e a quem não faltavaõ respeito justos, e que quanto mais cons-



tante era em castigar culpas, tanto mais brando era, com quaesquer desculpas e rezoens, a se inclinar á clemencia, mandou soltar a Diogo Botelho do castello, e estivesse prezo em sua casa: mas todavia, vendo elrei, que não podia prevalecer contra os requerimentos do senhor dom Antonio, sollicitados por Diogo Botelho, o que tudo era a fim de dilatar a sentença da pretensão, pera perturbação da justiça dos pretendores, e inquietação do reino, mandou a Diogo Botelho, que dentro em certos dias se sahisse da corte e de seus reinos, sob pena de caso maior; o qual, não podendo al fazer, como era homem virtuoso e primoroso, posto que sobejamente sollicito em negocios, com muita cortesia, sem queixume nem palavra desconcertada, se foi logo pera Castella, onde na arraia della esteve muitos dias em Valencia de Alcantara, pousado em o mosteiro de Mangaretes, de frades menores, até o senhor dom Antonio ser degradado fora do reino, e se ajuntou com elle, como logo diremos.

*Como elrei se foi pera Almcirim por caso da peste, que então havia em Lisboa.*

*Capitulo CXI.*

Parece que permittio Deos, pera mais merecimento do bemaventurado rei dom Henrique, subir elle á dignidade real em idade e tempo quando lidando com seus

çangados membros da velhice, já consumidos da enfermidade de tísica, se lhe acrescentassem outros maiores desgostos, que lhe agoniássem a alma; porque, não se sentindo nelle dia de saúde, nem gosto, depois da nova do desbarate do exercito em Africa, e da morte delrei dom Sebastião, seu sobrinho, lhe recreceo outra magoa, de vêr que a ira do Senhor ainda não cessava com seu castigo, renovando-o com cruel peste, que deo na cidade de Lisboa, e dahi se foi ateando em todo o reino, e via seus vassallos afligidos, sem lhes poder valer. Os medicos e alguns fidalgos, que não punhaõ o tento mais que na saúde corporal, com arrecêos do perigo, persuadiaõ e pediaõ a elrei se sahisse da cidade, pois a peste hia lavrando com morte de muitos, lembrando-lhe, alem do perigo a que sua vida estava posta, entaõ que ella era tão necessaria e desejada, que não convinha á pessoa real estar em cidade onde a peste andava já descoberta, salpicando em todos os bairros. Elrei, antepondo o bem comum ao seu particular, não dava orelhas a estes clamores, posto que todos os dias pela manhã o guarda-mór da saúde (que era o doutor Diogo Sallesma, vereador de Lisboa) lhe hia dar conta de quantas pessoas haviaõ sido mortas o dia atraz; e crescendo cada dia o numero dos mortos, não se sahia nenhuma pessoa da cidade, por vêrem que el-rei não fazia abalo; todavia cõ-

mo os do concelho viraõ o incendio hir em muito crescimento, pediraõ a elrei se sahisse da cidade pera outra parte. Affonso de Albuquerque, vereador que entaõ era da cidade, sabendo o que os do concelho tinham assentado, e elrei se hia inclinando a seu parecer, se foi ao pago, e disse a elrei diante dos fidalgos do conselho e outros muitos, quaõ mal acertado seria desamparar sua alteza a cidade em tal tempo, porque como a sucessaõ do reino estava em termos de cada hum dos pretendores cuidar que tinha justiça, mui facil seria alevantar-se cada hum com elle, se visse occasiaõ disposta, e naõ via nelle outra mais liberal a quem se quizesse aproveitar della, que sahir-se sua alteza de Lisboa, pois estava claro, que como elle se fosse, no mesmo dia se havia de despejar de todos os homens nobres e poderosos, e geralmente de toda a gente honrada, e ella ficaria com as portas abertas a quem quizesse apoderar-se della sem resistencia; e ainda se podia esperar entrar pela barra alguma frota de gente estrangeira ou coõsaios, que a occupassem, e como Lisboa era cabeça do reino, e tinha em si muita riqueza, e todas as machinas de guerra, podia em tal tempo facilmente perder-se, e por ahi todo o reino; e quando isso naõ fosse, podia ser saqueada, com grande perda da republica temporal, e naõ menor do cluto divino, e das religioens: que fazia lembrança a sua alteza



como estas rezoens tinhaõ muita força em tempo de tantos pretendentes, e eraõ avisos que se não deviaõ desprezar, mas fazer muito caso delles; porque, como o appetite de reinar era cego pera não vêr justos respeitos, e muito perspicaz em enxergar quaesquer occasioens pera sahir com seu intento, não havia que confiar em engenhos inquietos, nem que culpar juizos acautelados; quanto mais que este, de a cidade ficar despejada da corte e dos moradores, estava incitando a quem a desejasse, ainda que estivesse muidescuidado. Elrei lançou tanto maõ destes avisos, que não quiz fazer abalo algum; com cuja presença a cidade estava emparada e conservada em uniaõ e paz; e tal fôí o arrecêo, que geralmente todos os homens tinhaõ do que acima fica dito, que, ainda estando elrei na cidade, não se davaõ por seguros, e provendo-se de armas e gente em suas casas, faziaõ repairos de portas fortes e dobradas com temor de haver algum alevantamento, e que a cidade fosse saqueada, e houvesse mais alguma gente desmandada, que chegasse a fazer alguns aggravos nas pessoas. Com estes temores andava a cidade chêa de confusão, pondo os homens em cobro suas fazendas, e mandando elrei tambem de noite pôr gente de guarda na casa da India, nos almazens, alfandegas, e outras casas publicas, o que acrecentava os recêos em que a gente andava metida. Era vêr como

a peste cada dia hia em maior crescimento, com muitas mortes, por mais diligencias que se faziaõ em levarem os enfermos de toda a sorte á casa da saude, pera preservar a cidade, a qual estava ordenada fora, e lhe fechavam as portas por não haver communicação, e evitar a contagiaõ: todavia quando elrei vio que era já temeridade esperar mais rebates, com geral consentimento de todos, se foi aposentar em S. Bento de Enxobregas, por ainda dahi dar alento á gente não desemparasse a cidade. Andando elrei com esta carga de antretimentos aos hombros, acrecentando-se-lhe tambem cada vez mais sua enfermidade (o qual sómente em leite de mulheres se conservava) obedeceo ao chamado da morte, que o tinha apressado em Almeirim; o qual dizia, como lá se visse se havia de achar bem; e quasi esquecido dos inconvenientes, que se seguiriaõ de sua hida, instava com muito desejo o levassem a Almeirim. Os do conselho vendo o estado em que elrei estava, e a efficacia de sua hida; não puderaõ al fazer, e logo se partiraõ pera Villa Franca, e dahi a Salvaterra, onde elrei esteve alguns dias, e dahi foi a Almeirim: mas como os governadores estavaõ nomeados, pera, como elrei morresse, succederem no governo, e continuarem com elle, se foraõ todos a Almeirim com elrei, e juntamente com elles os embaixadores dos pretendores, e o duque de Bargaça, que entaõ foi chamado.

*Como elrei mandou pelo meirinho mór  
prender o senhor dom Antonio,  
Capitulo CXII.*

Com a hida delrei dom Henrique a Almeirim se mudou o senhor dom Antonio pera Coimbra, e se aposentou no convento de Santa Cruz, da ordem dos conegos regrantes; mas como o senhor dom Antonio era mui amado do povo, e principalmente dos estudantes desta universidade, por elle tambem ahi estudar e se crear, sendo moço, começou logo a haver alvoroço em todos, por huns, que tinhaõ cheiro de letras, quererem-lhe com ellas provar o direito da successão, outros, que as aborreciaõ, ameaçar com armas a quem lho quizesse impedir: de maneira, que ainda que o senhor dom Antonio naõ tivesse intento de fazer novidades, os estudantes, como homens mancebos, em quem o fervor da colera tinha mais vigor que a madureza do juizo, começáraõ a bravosear com palavras mais usadas em exercitos, que aprendidas em escolas. Elrei dom Henrique, que lhe diziaõ estas cousas, e outras mais já sabidas dos sobornos que o senhor dom Antonio sollicitava, e outras acrescentadas dos inimigos, enfadado por estas informagoens, e outras que cada dia lhe diziaõ, juntas com os desgostos já atraz travados, principalmente da intimação do breve, que lhe Diogo Botelho havia feito,



determinou mandar prender ao senhor dom Antonio, assim por castigo das inquietações que tinha começado, como por atalhar as que se esperavaõ; pera o qual, dando recado a dom Duarte Castel-Branco meirinho mór do reino, mandou fosse prender ao senhor dom Antonio onde quer que o achasse. Partido o meirinho mór com alguns criados seus, e com Francisco Nunes de Paiva escriptaõ da camara delrei, se soube o caminho do meirinho mór, com que o senhor dom Antonio foi avisado; o qual sahindo-se de Coimbra pera Entre Douro e Minho, não achando o meirinho mór recado d'elle em Coimbra, se tornou á corte. Elrei, insistindo no seu proposito, tornou a mandar o meirinho mór o buscasse onde estivesse; e o senhor dom Antonio, sabendo isto, andava-se desviando secretamente donde o meirinho mór o pudesse encontrar. O meirinho mór, ainda que era muito amigo do senhor dom Antonio, fez todas as diligencias possiveis, conforme ao que elrei lhe mandava, por se mostrar em tudo obediente, e cumprir com a obrigação de seu cargo. Desta maneira percorrendo muitos dias, e muitas jornadas, entre Douro e Minho, se tornou á corte sem effecto algum: mas porque elrei temia que os estudantes da universidade de Coimbra fizessem algumas alteragoens, que se podiaõ esperar de gente solta e mancebos, que poucas vezes enfreaõ suas paixoens com maduro juizo,

nem medem os respeitos pela rezaõ, quando os appetites os impellem a distrahimento, mandou a Martim Correa da Silva a Coimbra, pera com a presença de sua pessoa temperar quaesquer alteraçoens que se movessem, com poderes de poder castigar quaesquer cousas dignas de pena, e assim aquietar o povo; ao qual se teve tanto respeito, e elle mostrou tal comedimento em seus conselhos, que tudo se aplacou, sem haver pessoa que fallasse palavra, nem fizesse mais desenho que de rezaõ e justiça. O senhor dom Antonio, como sentio que elrei o mandava buscar segunda vez pera o prender, se vêo metter secretamente em Lisboa, deixando sua casa em o lugar de Escarrego, fingindo andar caçando em outros lugares circunvisinhos, até saber como o meirinho mór secundariamente era tornado á corte: entaõ não se dando por achado de o meirinho mór o ter buscado, se tornou a Coimbra, e aposentou em Santa Cruz, onde estava.

*Como elrei mandou citar por carta de Editos ao senhor dom Antonio, e da falla que dom Francisca Pereira lhe fez.*

*Capitul. CXIII.*

Quando elrei dom Henrique vio que a hida do meirinho mór não tivera effecto, e o senhor dom Antonio não fazia caso de seus mandados, mas cada vez mais sollicitava

os povos a seguirem sua voz, com manifesto aggravo da justiça dos pretensores, e grande semente de discordias e guerras, determinou usar de todo o poder real em atalhar-lhe os intentos, e pôr a republica em paz e quietação; pera o qual querendo proceder com todo o rigor de justiça, sem mostrar zelo de vingança, quiz que o negocio fosse ordenado por termos e actos judiciaes, até ser concluido com toda a severidade das leis, sem nenhuma temperança de clemencia, e estando em Almeirim, mandou fixar em as portas do paço huma carta de editos, pela qual citava e chamava a juizo o senhor dom Antonio em termo de tres dias, pera responder ás culpas fulminadas, contra as quais queria proceder. O senhor dom Antonio, que não andava em publico, posto que logo teve aviso de seus amigos e criados, que trazia na corte, da carta fixada, e do theor della, nunca quiz deferir á citação, nem acudir ao chamado delrei, com temor de o mandar prender, e mais sabendo como nenhuma desculpa o havia de tirar do zelo de o sentencear. Dom Francisco Pereira, fidalgo velho e prudente, pelo amor que tinha ao senhor dom Antonio, e haver servido ao infante dom Luiz seu pai, pesando-lhe d'elle em todo o discurso atraz haver seguido errados conselhos, e de ver elrei tão indignado contra elle, quiz pôr-se no mên, e fazer alguma reconciliação, que temperasse a colera delrei; e hindo a elrei lhe disse como



elle não hia a desculpar as cousas do senhor  
 dom Antonio deante sua alteza, pois elle as  
 tinha por mal feitas e dignas de castigo, e se  
 o senhor dom Antonio lhe tivera obediencia  
 como elle lhe tinha amor, elle o pudéra ter  
 bem aconselhado como amigo e reprehendi-  
 do como velho; o que cabia muito bem nelle  
 pelas suas muitas cans, e o haver ajudado a  
 criar menino; mas deixados seus erros, como  
 de homem mal aconselhado, e mofo em  
 não saber conhecer os amigos verdadeiros;  
 lembrava a sua alteza, que era filho do in-  
 fante dom Luiz seu irmão, cuja irmandade  
 toda a vida fôra unida em particulares affei-  
 goens, aventejadas dos outros irmãos; e inda  
 que não houvera este tão chegado parentes-  
 co e amor antre ambos, as virtudes tão es-  
 clarecidas do infante dom Luiz eraõ merece-  
 doras de por sua lembrança se perdoarem  
 muitos erros a seu filho mal aconselhado;  
 quanto mais, que sua alteza tinha esta obri-  
 gação por si mesmo, pois de moço sempre o  
 criou em sua casa com sua doutrina, com zelo  
 de lhe fazer todos os bens que pudesse, e  
 agora, que podia muito, não estava bem a  
 sua real pessoa querer converter em mal to-  
 do o zelo que havia tido de lhe fazer todo  
 o bem; que pedia a sua alteza, deixado todo  
 o rigor da justiça, com que queria castigar  
 suas culpas, como rei, o convertesse em cle-  
 mencia, em emendar seus erros como tio, que  
 sempre o teve por filho, pois como bran-  
 duras o podia adquirir a si pera sua emen-

da, e com rigores o exasperava em o chegar ao estado presente, absente da corte, em certa maneira homisiado, desfavorecido, e sobretudo perseguido; em tempo de tantos aqoutes, que Portugal tinha recebido, sendo o maior delles estar orfaõ de príncipes, cousa que mais o lastimava; nem quizesse magoar novamente o povo portuguez, em taõ mal tratar huma só faisca da casa real, com cujo escandalo se lhe renovavaõ as dores, assim com a lembrança da morte de tantos príncipes, como pelo amor que tinha ao senhor dom Antonio.







# ASSIGNANTES.

A. 1.º

Ill.<sup>mos</sup> Snr.<sup>s</sup>

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| D. Anna Jorge de Oliveira Maia.     | 1 |
| Anacleto José d'Oliveira.           | 1 |
| Antonio José Rebello.               | 1 |
| Antonio Luiz Nogueira e Freitas.    | 3 |
| Antonio Manoel da Cruz Rebello.     | 1 |
| Antonio Joaquim de Moraes Sarmento. | 1 |
| Antonio Soares Monteiro.            | 1 |
| Antonio José de Azevedo.            | 1 |
| Antonio José de Amorim.             | 1 |
| Antonio Joaquim da Silva.           | 1 |
| Antonio de Sousa Guèrra.            | 1 |
| Antonio Fernandes T....             | 1 |
| Antonio Ferreira da Silva.          | 1 |
| Alexandre Nogueira.                 | 1 |
| Antonio Pereira Sampaio.            | 1 |
| Antonio José da Silva Roza.         | 1 |
| Antonio Claudino Pimentel.          | 1 |
| Antonio Julio dos Santos Pereira.   | 1 |
| Agostinho José da Silva Guimaraes.  | 1 |
| Antonio da Silva Monteiro.          | 1 |
| Albino Alaõ Veiga.                  | 1 |
| A. C. P. Ferraz.                    | 1 |
| Antonio José Mendes.                | 1 |
| Antonio Severino da Silva.          | 1 |
| Antonio José F. Almeida.            | 1 |
| A. F. T. B.                         | 1 |
| Antonio Bernardino de Vasconcellos. | 1 |
| Antonio José de Mesquita.           | 1 |

|                                        |   |
|----------------------------------------|---|
| Antonio José Peixoto Vieira.           | 1 |
| Antonio d'Almeida Coutinho e Lemos.    | 1 |
| A. A. Padraõ.                          | 1 |
| A. F. R. Lavaredas.                    | 1 |
| Aires Antonio Teixeira de Aguiar.      | 1 |
| A. M. Carneiro.                        | 1 |
| Antonio Joaquim Gomes de Oliveira      | 1 |
| Antonio Fernandes Coelho.              | 1 |
| Antonio Ribeiro dos Santos Dias.       | 1 |
| Antonio Leite Ferreira.                | 1 |
| Antonio Maria Diniz.                   | 1 |
| Antonio Theodoro Ferreira Taborda.     | 1 |
| Antonio Esteves.                       | 1 |
| Antonio d'Araujo Ribeiro Giraldes.     | 1 |
| Antonio Augusto da Motta Teixeira.     | 1 |
| Antonio José da Silva.                 | 1 |
| Antonio Lino Liaõ de Vasconcellos.     | 1 |
| Antonio Pereira de Azevedo.            | 1 |
| Antonio Pinto da Silva Pereira.        | 1 |
| Antonio Taveira de Carvalho.           | 1 |
| Antonio Soares Mascarenhas.            | 1 |
| Antonio Martins Villaga.               | 1 |
| Antonio Teixeira de Abreu.             | 1 |
| Antonio Alves Pereira e Silva.         | 1 |
| Antonio Monteiro Soares.               | 1 |
| Antonio Augusto da Fonseca.            | 1 |
| Antonio de Moura da Silveira.          | 1 |
| Antonio dos Santos.                    | 1 |
| Antonio Nogueira Pinto.                | 1 |
| Antonio Luiz de Araujo.                | 1 |
| Antonio Joaquim do Rocha Marques.      | 1 |
| Antonio Pinto de Lacerda Vasconcellos. | 1 |
| Antonio de Sousa Vieira                | 1 |



|                                                      |   |
|------------------------------------------------------|---|
| Antonio Carneiro.                                    | 1 |
| Antonio Pereira de Barbedo.                          | 1 |
| Antonio José de Oliveira e Couto.                    | 1 |
| Ant. <sup>o</sup> Carneiro d'Andrade e Vasconcellos. | 1 |
| Antonio Augusto da Silva.                            | 1 |
| Antonio Pinto Gonçalves.                             | 1 |
| Antonio Ferreira Sarmento.                           | 1 |
| Antonio Rodrigues Sampaio.                           | 2 |
| Antonio José Teixeira.                               | 1 |
| Antonio Rodrigues Ledesma e Castro.                  | 1 |
| Antonio Lourenço Coelho.                             | 2 |
| Albino Raimundo de Sousa Pimentel.                   | 1 |
| Antonio Marques Nogueira Lima.                       | 1 |
| Antonio Leite de Faria.                              | 1 |
| Alexandre José de Viveiros                           | 1 |
| Antonio Rego                                         | 1 |
| Antonio Mendes Diniz.                                | 1 |
| Antonio Sergio Negraô.                               | 1 |
| Agostinho C. Borges de Sousa.                        | 1 |
| Alberto Moraes Pinto d'Almeida.                      | 1 |
| Antonio Emilio Correa de Sá.                         | 1 |
| Antonio Domingues Jacinto.                           | 1 |
| Antonio Maria Pinto.                                 | 1 |
| Antonio Soares Aranha.                               | 1 |
| Antonio Marciano d'Azevedo.                          | 1 |
| Antonio Francisco de Lima.                           | 1 |
| Antonio José Teixeira.                               | 1 |
| Antonio José Monteiro Guimarães.                     | 2 |
| Antonio José Ferreira Silva.                         | 1 |
| A. O. Q.                                             | 1 |
| Antonio Luiz d'Azevedo.                              | 1 |
| Antonio Ribeiro dos Santos Dias.                     | 1 |
| Antonio José d'Oliveira.                             | 1 |

|                                                     |    |
|-----------------------------------------------------|----|
| Antonio José de Castro Silva.                       | 1  |
| Antonio Gomes dos Santos.                           | 1  |
| Antonio José Gomes.                                 | 1  |
| Antonio José Fernandes Dias.                        | 1  |
| Antonio José Gonçalves Guimaraes.                   | 1  |
| Antonio Emigdio Ribeiro.                            | 1  |
| Antonio Joaquim dos Santos.                         | 1  |
| Antonio José Fajardo.                               | 1  |
| Antonio Joaquim d'Araujo.                           | 1  |
| Antonio d'Andrade.                                  | 1  |
| Antonio José de Sousa Vianna.                       | 1  |
| Antonio Pereira de Faria.                           | 1  |
| Antonio Luiz da Silva.                              | 1  |
| Antonio José Barbosa de Meirelles.                  | 1  |
| Antonio Esteves da Costa.                           | 1  |
| Antonio Henriques Leal.                             | 1  |
| Antonio Pedroza Barreto.                            | 1  |
| Albino Francisco de Figueiredo.                     | 1  |
| Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva.              | 1  |
| Abrantes.                                           | 1  |
| Antonio Fortunato da Silva.                         | 1  |
| Desembargador Ant. <sup>o</sup> Teixeira d'Aguilar. | 1  |
| Antonio Estanislau de Barros.                       | 1  |
| Antonio José Pereira Castro.                        | 1  |
| Alberto Teixeira Pinto.                             | 1  |
| Antonio Thomas Costa.                               | 1  |
| Antonio Maria Lobo.                                 | 1  |
| Antonio José Dias Magalhaens                        | 26 |
| Antonio Pinto Ribeiro.                              | 1  |
| Antonio José Teixeira da Mota.                      | 1  |
| Alexandre Teixeira Leonil.                          | 1  |
| Antonio da Cunha Coelho.                            | 1  |
| Antonio Marques Ramos.                              | 1  |

|                                        |   |
|----------------------------------------|---|
| Antonio de Lemos Barboza.              | 1 |
| Antonio Demetrio Correa.               | 1 |
| Antonio Maria Barker.                  | 1 |
| Antonio Vieira d'Araujo.               | 1 |
| Antonio Luiz Pereira.                  | 1 |
| Antonio de Serpa Pinto.                | 1 |
| Antonio Carlos Araujo Motta.           | 1 |
| Antonio Narciso Alves de Britto.       | 1 |
| Antonio Joaquim Gonçalves Carvalho.    | 1 |
| Antonio José Pereira.                  | 1 |
| Antonio Teixeira de Britto.            | 1 |
| Antonio José Gonçalves Duarte.         | 1 |
| Antonio Vergolino Saraiva.             | 1 |
| Antonio Joaquim José Ferreira.         | 1 |
| Antonio Joaquim Teixeira.              | 1 |
| Antonio Fernandes Leite.               | 1 |
| Antonio José d'Azevedo Guimarães.      | 1 |
| Antonio Maria de Magalhães.            | 1 |
| Antonio Rodrigues de Sousa.            | 1 |
| Antenio Macedo.                        | 1 |
| Antonio Pinto Cardozo Coutinho.        | 1 |
| Antonio José de Sousa Pena.            | 1 |
| Antonio Guedes de Carvalho.            | 1 |
| Antonio d'Almeida Galafura Carvalhaes. | 1 |
| Anselmo José da Cruz.                  | 1 |
| Antonio Joaquim Duarte Campos.         | 1 |
| Alberto Carlos Cerqueira de Faria.     | 1 |
| Antonio Maria d'Albuquerque.           | 1 |
| Antonio Pedro de Carvalho.             | 1 |
| Antonio Justino Machado Moraes.        | 1 |
| Antonio José Maria Campelo.            | 1 |
| Antonio Candido Ferreira de Carvalho.  | 1 |
| A. M. Gomes.                           | 1 |



|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| Antonio José da Silva Leão.        | 1 |
| Antonio José da Silva Vieira.      | 1 |
| B.                                 |   |
| Bernardo José Teixeira.            | 6 |
| Bento Augusto de Moraes Sarmiento. | 1 |
| Bernardo Luiz Fernandes Alves.     | 1 |
| Bernardo. A. A. Guimaraes.         | 1 |
| Bernardo Pereira de Sousa.         | 1 |
| Bernardo Joaquim Gonçalves.        | 1 |
| Bartholomeo de S. José.            | 1 |
| B. Oddy.                           | 1 |
| Bernardo José Ribeiro.             | 1 |
| Bento Joaquim de Mesquita.         | 1 |
| Bento Pinheiro Caldas Guimarães.   | 3 |
| B. J. Gomes Faria.                 | 1 |
| Bernardo Gonçalves Mamede.         | 1 |
| Bento Luiz Ferreira Carmo.         | 3 |
| Bernardo Joaquim da Cruz Teixeira. | 1 |
| Bartholomeo Correa.                | 1 |
| Boaventura José da Costa.          | 1 |
| Balthesar Jacinto Cabral.          | 1 |
| Bernardino de Macedo.              | 1 |
| Bernardo Rebello Ozorio.           | 1 |
| Boaventura José Vaz.               | 1 |
| Barão de Noronha.                  | 1 |
| Bernardo Antonio de Figueiredo.    | 1 |
| C.                                 |   |
| Candido Augusto Pimentel.          | 1 |
| Carlos Borromeu Pereira da Silva.  | 1 |
| Camillo Aureliano da Silva.        | 1 |
| Carlos Manoel Soyé.                | 1 |
| C. M. da Silva Moraes.             | 1 |
| Crispim Morato Roma.               | 1 |

|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| Carlos Antonio da Silva Leitaõ.    | 1 |
| Custodio José da Costa Mesquita.   | 1 |
| Camillo da Silva Ferraz.           | 4 |
| Carlos Vieira da Motta.            | 1 |
| Carlos Frederico Pinto Sovêral.    | 1 |
| Christovão José Cardoso.           | 1 |
| Caetano Antonio Barboza.           | 3 |
| Custodio Teixeira Pinto Junior.    | 2 |
| Custodio de Faria Pereira da Cruz. | 1 |
| Candido José Simplicio.            | 1 |
| Caetano da Cunha Ozorio Carneiro.  | 1 |
| Custodio José Lopes dos Santos.    | 1 |
| Carlos da Silva Maya.              | 3 |
| Conde de Lumiares.                 | 1 |
| Caetano Francisco de Carvalho      | 1 |

D.

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| Domingos Francisco dos Santos Lima. | 1 |
| Domingos Luiz Celestino.            | 2 |
| D. A. Ramalho Varella.              | 1 |
| Domingos Ribeiro de Faria.          | 1 |
| Diogo da Silva C.                   | 1 |
| Dionisio Manoel Pinto.              | 1 |
| Daniel Cesar da Silva Ferraz.       | 1 |
| Domingos d'Almeida Ribeiro.         | 1 |
| Diogo Almeida de Sá Vargas          | 1 |
| Domingos José Rodrigues Braga.      | 1 |
| David Pinto de Sousa Guimaraens.    | 1 |
| Duarte Ferreira Pinto.              | 1 |
| Domingos Ferreira Pinto.            | 1 |
| Domingos da Soledade Sillos.        | 1 |
| Domingos José Gonçalves Valença.    | 1 |
| Diogo Barker.                       | 1 |

## E.

|                          |   |
|--------------------------|---|
| Elias Eloi Tavares .     | 1 |
| Euzebio de Freitas Rego. | 1 |
| Estanisláo José Ribeiro. | 1 |

## F.

|                                                   |   |
|---------------------------------------------------|---|
| Fernando Carlos da Costa.                         | 1 |
| Francisco Romano Gomes Meira.                     | 1 |
| Francisco de Meirelles Pinto.                     | 1 |
| Firmo Augusto Marecos.                            | 1 |
| F. H. da Maya Junior.                             | 1 |
| Francisco José da Costa.                          | 1 |
| Francisco Maria Couceiro e Albuquerque.           | 1 |
| Francisco Antonio Verissimo.                      | 1 |
| Francisco José d'Oliveira Queiroz.                | 1 |
| Francisco Ferreira Vidal.                         | 2 |
| Francisco Antonio de Pinho.                       | 1 |
| Francisco d'Almeida Lucas.                        | 1 |
| Francisco José Soares.                            | 1 |
| Francisco da Cunha.                               | 1 |
| Francisco dos Santos.                             | 1 |
| Francisco Ant. <sup>o</sup> d'Oliveira Guimarães. | 1 |
| Francisco José de Sousa Nunes.                    | 1 |
| Francisco José d'Azevedo                          | 1 |
| Francisco de Paula Cardoso.                       | 1 |
| Francisco de Paula Mello.                         | 1 |
| Francisco José de Paiva Pereira.                  | 1 |
| Francisco Vizeu Pinheiro.                         | 1 |
| Francisco de Paula Pinto.                         | 1 |
| Francisco Xavier Taborda Pinhatelli.              | 1 |
| Francisco Thomas da Silva Carvalho.               | 1 |
| Fernando Antonio Correa da Silva.                 | 1 |
| Francisco Marques d'Oliveira.                     | 1 |
| Francisco Luiz Correa.                            | 1 |



|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| Francisco Antonio Cordeiro.           | 1 |
| Francisco Vieira Pinto.               | 1 |
| Francisco Guedes de Carvalho.         | 1 |
| Francisco Teixeira Dias.              | 1 |
| Francisco Caetano da Silva.           | 1 |
| Francisco Pinto Gonçalves Junior.     | 1 |
| Francisco d'Assis Ledesma e Castro.   | 1 |
| Frederico José de Novaes.             | 1 |
| Francisco Vieira da Silva Barradas.   | 1 |
| Francisco José Rodrigue d'Oliveira.   | 1 |
| Francisco Brandaão de Mello.          | 1 |
| Francisco Leandro Mendes.             | 1 |
| Francisco Mariano de Viveiros.        | 1 |
| Francisco José Villaga Veiga.         | 1 |
| Francisco de Paula Silva Pereira.     | 1 |
| Francisco Antonio da Costa Guimarães. | 1 |
| Francisco dos Reis Mascaranhas.       | 1 |
| Francisco Antonio Marques.            | 1 |
| Francisco José da Silva.              | 1 |
| Francisco Caetano Silva.              | 1 |
| Figueiredo.                           | 1 |
| Francisco Ferreira da Cunha.          | 1 |
| Francisco José Fernandes Dourado.     | 1 |
| Francisco da Silva Oliveira.          | 1 |
| Francisco Bernardo dos Santos.        | 1 |
| Francisco Antonio Soares.             | 1 |
| Francisco d'Assis e Sousa.            | 1 |
| Francisco Rafael da Silveira Malhaõ.  | 1 |
| Francisco de Sales Barboza.           | 1 |
| Francisco Antonio M. Braga.           | 1 |
| Francisco Gomes d'Oliveira.           | 1 |
| Francisco José dos Santos Couto.      | 1 |
| Francisco Antonio Peixoto             | 1 |

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| Francisco Manoel da Costa.          | 1 |
| Filipe Antonio d'Oliveira.          | 1 |
| Francisco Joaquim Ribeiro da Motta. | 1 |
| Francisco Antonio Vieira.           | 1 |
| Francisco Xavier de Moraes Pinto.   | 1 |
| Francisco Antonio Peixoto.          | 1 |
| Francisco José d'Azevedo Coutinho.  | 1 |
| Francisco de Paula Candido Garcez.  | 1 |
| Francisco Ignacio de Seixas.        | 1 |
| Francisco de Mello Pinto.           | 1 |
| Francisco Fernandes da Costa.       | 1 |

#### G.

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| Gabriel de Pinho.                 | 1  |
| Godinho.                          | 1  |
| Gervazio Leite Rebello da Gama    | 20 |
| Gaspar Teixeira Falcão d'Andrade. | 1  |
| Gongalo de Sousa Pinto.           | 1  |
| Guilherme Francisco d'Almeida.    | 1  |
| Genge A. Redpalh.                 | 1  |
| Gil Ribeiro d'Almeida.            | 1  |

#### H.

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| Henrique Daniel Wenk.         | 1 |
| Henrique Duarte e Sousa Reis. | 1 |
| Henrique José Ferreira Lima.  | 1 |
| Henrique Riesenbergh.         | 1 |
| Henrique **                   | 1 |
| Hermano Estanislau Orlandi.   | 1 |

#### I.

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| Joaquim Pereira dos Santos Queiroz. | 2 |
| José Estevão Coelho.                | 1 |
| Joaõ da Silva Santos.               | 1 |
| Joaõ Pedro Ribeiro.                 | 1 |
| José Antonio Gonçalves.             | 1 |

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| Jeronimo Emiliano H. Silva.      | 1 |
| José Maria Placido.              | 1 |
| Joaõ Antonio de Moraes.          | 1 |
| José Pinto Ribeiro e Sousa.      | 1 |
| Joaquim Monteiro de Carvalho.    | 1 |
| Joaquim José Pereira.            | 1 |
| Joaõ Carlos d'Oliveira Pimentel. | 1 |
| Jorge Authur Pimentel.           | 1 |
| Julio Maximo Pimentel.           | 1 |
| Justiniano Claudino d'Oliveira.  | 1 |
| Joaquim Camello Sarmento.        | 1 |
| José Estanisláo de Barros.       | 1 |
| José da Silva Monteiro.          | 1 |
| José Marques das Neves Lobo.     | 1 |
| Joaõ Bento da Costa.             | 1 |
| José d'Oliveira e Sá.            | 1 |
| Joaquim José Pereira.            | 1 |
| J. R. C. J.                      | 1 |
| Joaõ dos Santos Mendes           | 1 |
| Joaõ Manoel Cardozo Guimaraens   | 1 |
| Joaõ Monteiro Correa Ribeiro.    | 1 |
| José Antonio da Silva.           | 1 |
| Joaõ Baptista C. Ferreira.       | 1 |
| Joaõ Antonio de Freitas Pimenta. | 1 |
| Joaõ José d'Azevedo.             | 1 |
| Joaõ Baptista Pinto.             | 1 |
| José Bento Lopes dos Reis.       | 1 |
| José Antonio Cardoso Pereira.    | 1 |
| Jacintho da Silva Mengo.         | 1 |
| J. E. A. Metrass.                | 1 |
| J. L. Bayard                     | 1 |
| J. F. R. Schiappa de Ázevedo     | 1 |
| Joaõ d'Oliveira Guedes Travessa, | 1 |



|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| Joaquim José do Nascimento Lupi.   | 1  |
| José Duarte Nunes.                 | 1  |
| José Fermينو de Lourido.           | 1  |
| Jorge Luiz Joubert.                | 1  |
| José Maria de Lara Junior.         | 1  |
| José Maria Pereira Baptita Less.   | 1  |
| José Morato Roma.                  | 1  |
| José Pedro de Carvalho.            | 1  |
| José Vicente da Silva.             | 1  |
| José Caetano Rebello.              | 1  |
| José Pedro de Barros Lima.         | 1  |
| José Pereira de Macedo.            | 1  |
| José Joaquim d'Azevedo Robalo.     | 1  |
| José Joaquim da Cunha e Veiga.     | 1  |
| Joaõ Ignacio de Sousa Pinto.       | 1  |
| José Joaquim Ribeiro Cerqueira.    | 1  |
| José Maria Soares Teixeira.        | 1  |
| José de Mesquita Costa e Mello.    | 1  |
| José Peixoto Sarmento de Queiroz.  | 1  |
| José Pinto de Gundar e Mota.       | 1  |
| José Pinto de Mesquita e Lemos.    | 1  |
| José Victorino Mendes.             | 1  |
| Joaõ José d'Almeida Basto.         | 1  |
| Joaõ Ferreira.                     | 1  |
| Joaõ Pinto de Almeida.             | 1  |
| José Eleuterio Barboza.            | 1  |
| Joaõ Nogueira Gandra.              | 1  |
| José Carneiro da Silva.            | 1  |
| Joaquim Maria da Cunha Lima.       | 1  |
| José Pereira Guimarães.            | 1  |
| José Gomes Monteiro.               | 1  |
| Joaõ Clemente de Carvalho Sávedra. | 12 |
| Joaõ de Mello Almeida Caiado.      | 1  |

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| José Marcellino de Azevedo.      | 1 |
| Joaõ Vieira de Mello.            | 2 |
| Jeronimo Pinto Ribeiro.          | 1 |
| Jeronimo José Soares Peixoto.    | 1 |
| José Carlos de Serpa.            | 1 |
| José Joaquim de Mello.           | 1 |
| José Antonio Teixeira.           | 1 |
| José Caetano Pinto.              | 1 |
| Joaquim Pinto Peixoto.           | 1 |
| J. Bernardino Guedes de Mattos.  | 1 |
| Joaõ Pinto da Costa.             | 1 |
| José Vieira P. B.                | 1 |
| José Soares.                     | 1 |
| José de Azevedo Pinto.           | 1 |
| José Joaquim.                    | 1 |
| José Ferreira Malheiro           | 1 |
| José Pinto Gonçalves.            | 1 |
| Jacinto José de Sá Lima.         | 1 |
| José Antonio Pimentel.           | 1 |
| José Manoel de Castro.           | 1 |
| José Antonio Ramos.              | 1 |
| Joaquim Freire de Macêdo         | 1 |
| José da Silva e Sousa.           | 1 |
| José Alves Sousa.                | 1 |
| Joaquim Gonçalves Dias Monteiro. | 1 |
| Joaõ dos Santos Fonseca.         | 1 |
| Joaõ Antonio Sousa Doria.        | 1 |
| José Thomaz Ferreira do Amaral.  | 1 |
| José Militaõ Frasaõ Castelin.    | 1 |
| Joaquim Maximo da Cunha.         | 1 |
| Joaõ Duarte Lisboa Serra.        | 1 |
| Joaõ Alberto de Vasconcellos.    | 1 |
| José d'Araujo Coutinho Vieira.   | 1 |

|                                        |   |
|----------------------------------------|---|
| Joaõ Marques dos Santos Rego.          | 1 |
| Joaõ Nepomuceno da Cunha.              | 1 |
| José Carlos Lobo.                      | 1 |
| José Barata da Silva.                  | 1 |
| Jose Maria de Sousa Rodrigues.         | 1 |
| José Cardoso Villa-Nova.               | 1 |
| José Roberto de Oliveíra.              | 1 |
| Joaõ de Sousa Braga.                   | 2 |
| Joaõ Ferreira Martins Ferro.           | 1 |
| José Antonio de Sá.                    | 1 |
| Joaquim José Simoens.                  | 1 |
| Joaõ José de Sousa Ramos.              | 1 |
| Joaõ Antonio de Freitas Guimarães.     | 1 |
| José Antonio da Silva Torres.          | 1 |
| Joaquim Alves dos Santos.              | 1 |
| José Albino Dias.                      | 1 |
| Joaõ José Mendes.                      | 1 |
| J. J. da Silva Maia.                   | 1 |
| Joaquim José de Freitas.               | 1 |
| José Brandaõ Pereira de Mello.         | 2 |
| Ignacio Fernandes Coelho.              | 2 |
| Joaquim José Baptista.                 | 1 |
| Joaõ Anselmo da Silva Soares.          | 1 |
| José dos Santos Fera.                  | 1 |
| Joaõ Ignacio da Cruz.                  | 1 |
| José Joaquim Pimenta.                  | 1 |
| Jorge Mey.                             | 1 |
| José da Silva Oliveira.                | 1 |
| José Martins Alves d'Oliveira.         | 1 |
| José Monteiro Barboza Carneiro.        | 1 |
| Joaquim Manoel Ferreira d'Oliveira.    | 1 |
| Joaõ Ribeiro de Mesquita.              | 1 |
| José Carneiro Giraldes de Vasconcellos | 1 |



|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| José Joaquim Rodrigues dos Santos.    | 1 |
| Jacinto da Silva Pereira.             | 1 |
| José Maria de Sousa Prado Mascaranhas | 1 |
| Joaquim José d'Oliveira Coelho.       | 1 |
| José Fernandes da Cunha.              | 1 |
| José Patricio d'Azevedo Silva.        | 1 |
| José Duarte Moreira e Sousa.          | 1 |
| José Coelho de Castro.                | 1 |
| José Francisco Lima.                  | 1 |
| José Caetano.                         | 1 |
| José Pedro Barros Lima Junior.        | 1 |
| Joaão da Cunha Lobo.                  | 1 |
| José Antonio Mendes Guimaraes.        | 1 |
| J. O. B.                              | 1 |
| Joaquim Ferreira Cabral               | 2 |
| José Maria Ribeiro Pereira.           | 1 |
| José Antonio Vieira.                  | 1 |
| José d'Araujo Machado                 | 1 |
| José M. Pereira.                      | 1 |
| José Pedro Barros Lima.               | 1 |
| José Simões de Paiva.                 | 1 |
| José de Lima Pereira.                 | 1 |
| José Antonio Simões.                  | 1 |
| Joaquim Simões de Carvalho.           | 1 |
| José Antonio Ferreira.                | 1 |
| Joaão Evangelista Pinto.              | 1 |
| Joaão José de Sousa Magalhães.        | 1 |
| José Joaquim Brochaão.                | 1 |
| Joaão da Silva Neves.                 | 1 |
| José Pinheiro Caldas Guimarães.       | 1 |
| José Francisco Fernandes.             | 1 |
| Joaão Victorino Pereira da Costa.     | 1 |
| José Antonio da Silva Barboza.        | 1 |

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| José Antonio de Moraes.           | 1 |
| Joaõ de Lemos da Cruz.            | 1 |
| José Joaquim Candido.             | 1 |
| Joaõ Bernardo Guedes.             | 1 |
| Juliaõ Sarmiento de Vasconcellos. | 1 |
| Joaõ Baptista d'Almeida Garret.   | 7 |
| Joaõ da Rocha Pinto.              | 1 |
| José Liberato Freire de Carvalho. | 1 |
| José Caetano de Campos.           | 1 |
| José da Costa Sousa Pinto Bastos. | 1 |
| J. P. Soares Luna.                | 1 |
| José Maria de Andrade.            | 1 |
| José Estevão Coelho de Magalhães. | 1 |
| J. M. Rojaõ.                      | 1 |
| José Joaquim Silva Pereira.       | 1 |
| José Lopes Monteir.               | 1 |
| José Victorino Freire Cardoso.    | 1 |
| Joaõ Alberto Pereira d'Azevedo.   | 1 |
| Joaõ Lopes de Moraes.             | 1 |
| Joaquim Antonio de Mello.         | 1 |
| Joaõ da Rocha Pinto.              | 1 |
| José Joaquim Gomes de Castro.     | 1 |
| José Silvestre d'Andrade.         | 1 |
| Joaquim José Falcaõ.              | 1 |
| José Maria Barcellos.             | 1 |
| José Custodio da Costa Louraça.   | 1 |
| Joaõ Carlos Mouraõ.               | 1 |
| Januario Antonio Correa.          | 1 |
| José Pereira dos Santos.          | 1 |
| José C. de La-Figanière.          | 1 |
| Ignacio José de Sá.               | 1 |
| José Maria Gregorio Códina.       | 1 |
| Joaõ Marcello Ferreira da Costa.  | 1 |

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| L. T. F. de Carvalho.                | 50 |
| Luciano Simoens de Carvalho.         | 1  |
| Luiz Manoel da Fonceca.              | 1  |
| Luiz Diogo Leite.                    | 1  |
| Luiz da Cunha Barreto.               | 1  |
| Luiz Gonçalves da Cunha Barreto.     | 1  |
| Luiz de Macedo da Cunha Couto.       | 1  |
| Luiz Pinto de Mesquita e Lemos.      | 1  |
| Luiz Pinto Tavares.                  | 1  |
| Luiz Clemente de Sequeira.           | 1  |
| Luiz Venancio Carneiro Vasconcellos. | 1  |
| Luiz Brandaõ de Mello.               | 1  |
| Lino Antonio Sousa Pinto.            | 1  |
| L. O. C.                             | 1  |
| Luiz Antonio G. Lima.                | 1  |
| Luiz José Ferreira Paes.             | 1  |
| Luiz de Miranda Lemos                | 1  |
| Luiz Antonio da Silva.               | 1  |
| Luiz Cypriano Coelho Magalhães.      | 1  |
| Luiz Antonio Peixoto.                | 1  |
| Luiz José Gomes Porto.               | 1  |
| Luiz Antonio da Silva Azevedo.       | 1  |
| Luiz Antonio Lopes Guimaraens.       | 1  |
| Luiz de Moraes e Carvalho Junior.    | 1  |
| Luiz Esteves da Costa.               | 1  |
| Lucas Maria de Magalhães.            | 1  |
| Luiz Guedes de Carvalho e Sousa.     | 1  |
| L. Teixeira.                         | 1  |
| Luiz Maigre Restier.                 | 1  |
| Lourenço Germack Possolo.            | 1  |
| M.                                   | 1  |
| M. J. Fernandes Thomaz.              | 1  |
| Manoel Antonio Loureiro de Mesquita. | 1  |



|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| Manoel Maria da Rocha Colmieiro.   | 1 |
| Manoel Luiz d'Abreu.               | 1 |
| Manoel José Mendes Leite.          | 1 |
| Manoel Rodrigues Simoens.          | 1 |
| Manoel Joaquim Cardozo de Menezes. | 1 |
| Miguel Camadeiry.                  | 1 |
| Manoel d'Almeida Guedes.           | 1 |
| Manoel de Carvalho.                | 1 |
| Manoel Joaquim Morêira.            | 1 |
| M. F. Neves.                       | 1 |
| Manoel José Vieira.                | 1 |
| Manoel José da Silva Freitas.      | 1 |
| Manoel Claudio Vidal.              | 1 |
| M. R. Franco.                      | 1 |
| Manoel Ferreira Basto Junior.      | 1 |
| Manoel Joaquim de Magalhães Lima.  | 1 |
| Matheus Antonio d'Almeida.         | 1 |
| Manoel José Barreiros.             | 1 |
| Manoel Tavares Pinto Fragoso.      | 1 |
| Manoel Marques Ribeiro.            | 1 |
| Manoel Joaquim Teixeira da Cunha.  | 1 |
| D. Maria do Carmo.                 | 1 |
| Manoel Pereira.                    | 1 |
| D. Manoel de Santa Ignez.          | 1 |
| M. F. de Seabra da Motta.          | 1 |
| Miguel Pereira da Silva Cunha.     | 1 |
| Mariano da Costa Pinto Saraiva.    | 1 |
| Manoel Antonio d'Azevedo.          | 1 |
| Manoel S. Thomaz.                  | 1 |
| Manoel Mendes Ferreira.            | 1 |
| Manoel José Rodrigues Cardozo.     | 1 |
| Manoel Soares.                     | 1 |
| M. Vianna.                         | 1 |

|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| Manoel de Castro Pereira.          | 2 |
| Manoel José Pizarro.               | 1 |
| Miguel José Fernandes Braga.       | 1 |
| Manoel Jorge Ribeiro.              | 1 |
| Manoel Gomes Costa.                | 1 |
| Manoel Joaquim Pereira da Silva.   | 1 |
| Manoel Alves da Silva Menezes.     | 1 |
| Manoel José Soares.                | 1 |
| Manoel Antonio de Soveral.         | 1 |
| Manoel Moreira da Silva.           | 1 |
| Manoel Pereira Guimarães e Silva.  | 1 |
| Manoel Lopes d'Oliveira.           | 1 |
| Manoel Rodrigues da Rocha          | 1 |
| Manoel Antonio Guerreiro Lima.     | 1 |
| Manoel Rodrigues Cruz Guimarães.   | 1 |
| Manoel Gomes dos Santos Lima.      | 1 |
| Manoel José Vieira.                | 1 |
| Manoel Joaquim Simões de Carvalho. | 1 |
| Manoel José Dos Guimarães.         | 1 |
| Manoel José F.                     | 1 |
| Manoel José Ferreira Guimarães.    | 1 |
| Manoel Francisco das Neves.        | 1 |
| Manoel Antonio d'Azevedo.          | 1 |
| Manoel Gomes Pereira.              | 1 |
| M. P. de L. Távares.               | 1 |
| Manoel Alvares dos Santos Pessoa   | 1 |
| Manoel Dias do Couto.              | 1 |
| Manoel Francisco Marques.          | 1 |
| Manoel Agostinho Franco.           | 1 |
| Matheos Simões da Costa.           | 1 |
| Manoel José de Queiroz.            | 1 |
| Manoel Joaquim da Silva.           | 1 |
| Manoel d'Almeida Neves.            | 1 |

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| Manoel J. Leite.                 | 1 |
| Miguel Joaquim Gomes Cardoso.    | 1 |
| Manoel José d'Amorim Vianna.     | 1 |
| Manoel Rodrigues d'Abreu.        | 1 |
| Manoel José Rodrigues Lima.      | 1 |
| Manoel José d'Amorim.            | 1 |
| D. Maria Filippina d'Azevedo.    | 1 |
| Marcellino José Roque de Sousa.  | 1 |
| Manoel José do Couto Guimaraens. | 1 |
| Manoel José Dias Junior.         | 1 |
| D. Maria Barbara Prupre.         | 1 |
| Manoel Villela de Sousa.         | 1 |
| M. S. Raivoso.                   | 1 |
| Miguel José Martins Dantas.      | 1 |
| N.                               |   |
| Nuno Gomes da Fonseca.           | 1 |
| Narciso Machado d'Andrade.       | 1 |
| Narciso José d'Oliveira.         | 1 |
| Nicoláo Coquet Pinto Queiros.    | 1 |
| Nicoláo João Franzini.           | 1 |
| P.                               |   |
| D. Pedro de Sousa Botelho.       | 1 |
| Pinto de Vasconcellos.           | 1 |
| Pedro da Silva Tavares.          | 1 |
| Pedro Leite Pereira de Mello.    | 1 |
| Pedro Teixeira de Mello.         | 1 |
| Pedro Leopoldo Duarte Bragança.  | 1 |
| Pedro da Silva Ferraz.           | 1 |
| Paulo Soares Duarte.             | 1 |
| Pedro Pinto de Sousa.            | 1 |
| Placido Antonio de Abreu.        | 1 |
| O. Pistolla.                     | 1 |
| P. J. M. Junior.                 | 2 |



|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| Pedro José Marques Junior.      | 1 |
| Paulo Antonio Pereira da Costa. | 1 |
| Pedro Manoel d'Araujo.          | 1 |
| Pedro Suer.                     | 1 |
| Pina Cabral.                    | 1 |
| P.e Paulino.                    | 1 |
| Paulo Midosi.                   | 1 |

#### R.

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| Rodrigo José de Lima Felner.   | 2 |
| Rodrigo de Castro.             | 1 |
| Rodrigo de Moreira Coutinho.   | 1 |
| Rodrigo da Assumpção.          | 1 |
| Raimundo Braule Peres de Lima. | 1 |
| Raimundo Pinto Tameirão.       | 1 |
| D. Rita Emilia Monteiro.       | 1 |
| R. J. Fernandes Thomaz.        | 1 |
| Rodrigo da Fonseca Magalhães.  | 1 |

#### S.

|                             |   |
|-----------------------------|---|
| Salles.                     | 1 |
| Sebastião Maria de Nobrega. | 1 |
| Serafim José Ferreira.      | 1 |
| Senor Briscol.              | 1 |
| Sebastião José Ferreira.    | 1 |
| Simaão José da Luz.         | 1 |

#### T.

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
| Thomaz Bouden.                      | 1 |
| Thomaz Ignacio de Moraes Sarmiento. | 1 |
| Thomaz Carlos Leopoldino.           | 1 |
| Thomaz Ignacio de Meirelles Guerra. | 1 |
| D. Thereza d'Azevedo Ferraão.       | 1 |
| Thomaz José Pinto da Silva.         | 1 |
| Theodoro Allen.                     | 1 |
| Thomé José de Barros.               | 1 |

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| Theotonio José Maria Queiros. | 1 |
| Thomaz Borges Pinto.          | 1 |
| T. S. Nogueira Godolphio.     | 1 |

## V.

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| Victorino Joaquim da Fonseca.     | 1 |
| Vicente de Oliveira Xavier.       | 1 |
| Vicente Eugenio Rodrigues.        | 1 |
| O Vigario de Macieira.            | 6 |
| Victorino Correa de Vasconcellos. | 1 |
| Venancio Bernardino de Ochôa.     | 1 |
| Visconde de Ervedosa.             | 1 |
| Victorino Teixeira Lopes.         | 1 |
| Vicente José Portella.            | 8 |
| Visconde de Semodaens.            | 1 |
| Vital Antonio d'Andradê.          | 1 |
| Visconde de Fonte Arcada.         | 1 |
| Valentim Marcelino dos Santos.    | 1 |

## X.

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| Xavier Francisco C. S. Mello. | 1 |
|-------------------------------|---|

# INDICE.

|                                                                                                                                          | pag. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Cap. 1. — Da prosperidade dos Reinos de Portugal em tempo delrei Dom João terceiro - - - - - cap.                                        | 1    |
| Cap. 2. — Do Nascimento delrei D. Sebastião: - - - - -                                                                                   | 4    |
| Cap. 3. — Da criação delrei D. Sebastião e dos mestres que o ensinavaõ: - - - - -                                                        | 10   |
| Cap. 4. — Como depois da morte delrei D. João, a rainha governou os reinos de Portugal; a qual depois deixou o governo ao Cardeal. - - - | 15   |
| Cap. 5. — Dos ministros mais chegados, que elrei D. Sebastião teve no tempo que governou seus reinos - -                                 | 19   |
| Cap. 6. — Dos disfavores que elrei fazia a rainha, e ás mais pessoas que estranhavaõ seus desejos da guerra                              | 23   |
| Cap. 7. — Como trataraõ de casar a elrei - - - - -                                                                                       | 30   |
| Cap. 8. — Como elrei mandou o Senhor D. Antonio a Tangere - - - - -                                                                      | 34   |
| Cap. 9. — Como elrei passou a Africa                                                                                                     | 37   |
| Cap. 10. — De como o cardeal ficou governando o reino em quanto elrei                                                                    |      |



|                                                                                                                     |      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
|                                                                                                                     | pag. |
| esteve em Africa - - - - -                                                                                          | 41   |
| Cap. 11. — De como elrei tornou a Tangere, e foi aconselhado se tornasse pera Portugal - - - - -                    | 44   |
| Cap. 12. — Como elrei dom Sebastião se tornou de Africa pera Portugal -                                             | 47   |
| Cap. 13. — Como o senhor dom Duarte se foi pera Évora aggravado d'elrei, onde morreo - - - - -                      | 52   |
| Cap. 14. — Como em Africa se levantáraõ os Xarifes, e que homens eraõ - - - - -                                     | 56   |
| Cap. 15. — De como os Xarifes tomaraõ o reino de Marrocos, e o rei de Fez os foi cercar. - - - - -                  | 62   |
| Cap. 16. — De como os irmãos Xarifes se desavieraõ, e da batalha que tiveraõ. - - - - -                             | 66   |
| Cap. 17. — Como o Xequê houve o reino de Marrocos e o de Tremecem.                                                  | 70   |
| Cap. 18. — De como os turcos tomaraõ ao Xequê o Reino de Tremecem.                                                  | 75   |
| Cap. 19. — Como Boachum senhor de Beles foi metido de posse do reino de Fez e o Xequê desapossado delle             | 80   |
| Cap. 20. — Como o Xarife velho rebellou, e o Xarife seu irmão o reduzio, e tornou a tomar o reino de Fez. - - - - - | 84   |
| Cap. 21. — De como o Xarife foi morto pelos Turcos. - - - - -                                                       | 88   |
| Cap. 22. — Como Abdalá foi alevantado rei de Berberia por morte do Xa-                                              |      |

|                                                                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Charife pai, e os turcos que o haviaõ morto foraõ desbaratados. - - - - -                                                        | 93  |
| Cap. 23. — Como o rei de Argel vêu sobre Fez, e o Xarife matou dous Irmãos, e Mulei-Maluco seu irmão fugio pera Argel. - - - - - | 97  |
| Cap. 24. — Como Mulei-Maluco houve do Graõ Turco ajuda pera se metter de posse de Berberia, nos reinos de seu pai. - - - - -     | 103 |
| Cap. 25. — Como o viso-rei de Argel vêu com o Maluco a o metter de posse de Berberia. - - - - -                                  | 107 |
| Cap. 26. — Como se deu batalha entre os do Xarife, e os do rei de Argel. - - - - -                                               | 113 |
| Cap. 27. — De como o Maluco fez viso-rei de Sus a seu Irmão Mulei-Hamet. - - - - -                                               | 118 |
| Cap. 28. — Como Mulei-Maluco e o Xarife se refizeraõ pera segunda batalha. - - - - -                                             | 122 |
| Cap. 29. — Da fallã que o Xarife fez a seus soldados, e da batalha que houve entre eile e o Maluco. - - - - -                    | 127 |
| Cap. 30. — Como Mulei-Hamet irmão do Maluco, foi em alcance do Xarife até Marrocos, e o Xarife se foi á serra. - - - - -         | 132 |
| Cap. 31. — Como o Xarife entrou pelo reino de Sus e Dara, e da resistencia que achou. - - - - -                                  | 136 |
| Cap. 32. — Da batalha que tiveraõ o                                                                                              |     |

|                                                                                                                                                                          | pag. |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Xarife e Mulei-Hamet. - - - - -                                                                                                                                          | 139  |
| Cap. 33. — Como o Xarife foi desbaratado em outra batalha por Mulei-Hamet. - - - - -                                                                                     | 143  |
| Cap. 34. — Como o Xarife entrou em Marrocos e saqueou a judearia, e dahi se foi ao Pinhaõ. - - - - -                                                                     | 145  |
| Cap. 35. — Como elrei dom Sebastião mandou Pero de Alcaçova a Castella tratar da guerra e do casamento com a filha delrei. - - - - -                                     | 149  |
| Cap. 36. — Como elrei dom Sebastião foi a Castella, e se vio com elrei D. Philippe. - - - - -                                                                            | 153  |
| Cap. 37. — De hum incendio que houve em Lisboa depois que el-rei foi pera Castella. - - - - -                                                                            | 156  |
| Cap. 38. — Como elrei dom Sebastião chegou a Guadalupe, onde el-rei dom Philippe já o esperava. - - - -                                                                  | 161  |
| Cap. 39. — Como os reis de Portugal e Castella jantaraõ ambos juntos duas vezes, e pela mesma maneira outras duas vezes os fidalgos portuguezes e castelhanos. - - - - - | 164  |
| Cap. 40. — Como os reis de Portugal e Castella se resolveraõ na guerra de Africa e no casamento. - - - - -                                                               | 167  |
| Cap. 41. — De como el-rei mandou Luis da Silva a Castella applicar a ajuda que el-rei havia de dar pera a guerra. - - - - -                                              | 171  |
| Cap. 42. — Como Cidabdelcherim entre-                                                                                                                                    |      |



- gou Arzila a el-rei de Portugal. -- 175
- Cap. 43. — Como o Xarife, do Pinhaõ, pedio socorro a el-rei de Portugal, e se vêo a Ceita e Tangere. - 178
- Cap. 44. — De como el-rei dom Sebastiaõ se começou fazer prestes pera passar a Africa, ajuntando dinheiro. 182
- Cap. 45. — Como el-rei começou a juntar gente pera a jornada de Africa, e fez coroneis. - - - - - 185
- Cap. 46. — Das causas porque era reprovada a passagem del-rei á Africa. - 191
- Cap. 47. — Como el-rei por muitas vezes foi persuadido que não passasse á Africa. - - - - - 194
- Cap. 48. — Como Mulei-Maluco mandou pedir pazes a el-rei dom Sebastiaõ. - - - - - 198
- Cap. 49. — Como el-rei assentou ir tomar Larache, e meter de posse o Xarife em seus reinos, e fez capitão mór do mar, dos navios de alto bordo, a dom Diogo de Sousa. - - - - 202
- Cap. 50. — Como el-rei fez governadores pera ficarem no reino, e dom Francisco da Costa pera o Algarve 205
- Cap. 51. — Como el-rei foi benzer a bandeira a Sé, e se embarcou na galé real. - - - - - 207
- Cap. 52. — De humas palavras que o senhor dom Antonio teve com Cristovão de Tavora, e como o duque de Bargarça adoeceo, e não foi com

|                                                                                                                             | pag. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| el-rei. + - - - - -                                                                                                         | 211  |
| Cap. 53. — Como el-rei partio de Lisboa pera Africa, e esteve alguns dias em Cales. - - - - -                               | 215  |
| Cap. 54. — Como el-rei chegou a Tangere, e foi visitado do Xarife e do Xequê seu filho - - - - -                            | 218  |
| Cap. 55. — Como Mulei-Maluco foi avisado da vinda del-rei dom Sebastião á Africa e da gente que trouxe                      | 222  |
| Cap. 56. -- Como el-rei partio de Tangere pera Arzila, e mandou Martin Correa da Silva com Mulei Xequê a Mazagão. - - - - - | 226  |
| Cap. 57. — Como el-rei tinha determinado cometter Larachê por mar, e depois houve conselho comette-lo por terra. - - - - -  | 228  |
| Cap. 58. — Como Larache está situado.                                                                                       | 232  |
| Cap. 59. — Como el-rei desembarcou em Arzila, e o exercito se alojou, e dos rebates que houve - - - - -                     | 233  |
| Cap. 60. — Na fórma em que o arraial começou de marchar pera Larache.                                                       | 237  |
| Cap. 61. — Como el-rei chegou ao rio Huadmachacim, e o Maluco ao rio Lucas. - - - - -                                       | 240  |
| Cap. 62. — Como os exercitos se apparelharão pera o outro dia dar batalha.                                                  | 244  |
| Cap. 63. — Como os campos foram formados pera dar batalha. - - - -                                                          | 248  |
| Cap. 64. — De uma falla que el-rei fez aos seus, antes da batalha. - -                                                      | 250  |

|                                                                                                                                                                        |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Cap. 65. — Da falla que o Maluco fez<br>aos seus. - - - - -                                                                                                            | 255 |
| Cap. 66. — Como se deu a batalha<br>entre el-rei dom Sebastião e Mulei<br>Maluco. - - - - -                                                                            | 260 |
| Cap. 67. — Prosegue a historia. - - -                                                                                                                                  | 270 |
| Cap. 68. — Como Luiz de Brito ale-<br>vantou o estendarte real. - - - - -                                                                                              | 276 |
| Cap. 69. — Como Mulei-Maluco mor-<br>reo da enfermidade, e o Xarife foi<br>afogado no rio, e el-rei dom Sebas-<br>tião foi achado morto. - - - - -                     | 281 |
| Cap. 70. — Dos senhores e fidalgos<br>que morrerão na batalha. - - - - -                                                                                               | 286 |
| Cap. 71. — Como os mouros ficarão<br>senhores do campo, e alevantarão<br>por rei Mulei-Hamet irmão del-rei<br>Maluco, e os corpos dos reis serão<br>achados. - - - - - | 292 |
| Cap. 72. — Como o Xarife, acabada<br>a batalha, tratou de cercar Arzilla e<br>Tangere, e mandou Belchior do<br>Amaral a estes lugares. - - - - -                       | 296 |
| Cap. 73. — Da pessoa del-rei dom Se-<br>bastião. - - - - -                                                                                                             | 300 |
| Cap. 74. — Das pessoas dos Xarifes<br>Mulei-Maluco e Mulei-Hamet. - -                                                                                                  | 303 |
| Cap. 75. — Dos sinaes que houve do<br>infeliz successo del-rei e do seu des-<br>barate. - - - - -                                                                      | 306 |
| Cap. 76. — Como e porque vias vêu<br>recado ao reino do desbarate do<br>exercito. - - - - -                                                                            | 309 |



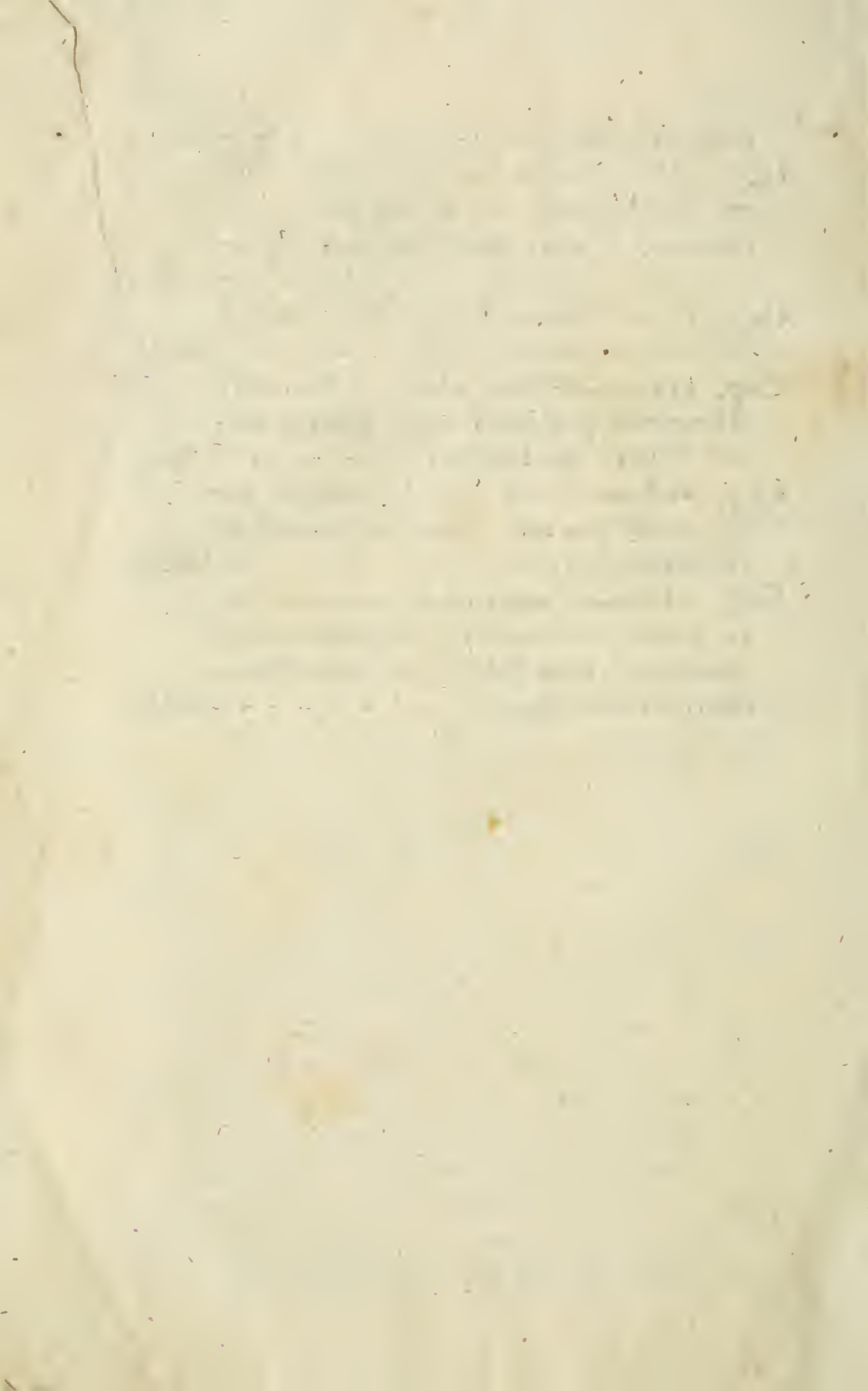
- Cap. 77. — Como o Xarife mandou degolar o Achahiac e o Dogali e outros alcaides. - - - - - 312
- Cap. 78. — Como o cardeal infante dom Henrique vêo de Alcobaga pera Lisboa, e como houve nova do desbarate del-rei dom Sebastião. - - 317
- Cap. 79. — Como o cardeal foi levantado por curador, governador, e successor dos reinos de Portugal. 321
- Cap. 80. — Como foraõ feitas as ceremonias funeraes del-rei dom Sebastião morto. - - - - - 325
- Cap. 81. — Como o cardeal foi levantado por rei de Portugal. - - - 327
- Cap. 82. — Como el-rei teve recado que o senhor dom Antonio prior do Crato sahira de cativeiro - - - - 333
- Cap. 83. — Do modo do resgate do Senhor dom Antonio. - - - - - 336
- Cap. 84. — Dos religiosos da Trindade que el-rei dom Henrique mandou á Africa, pera obradores do resgate dos que foraõ cativos na batalha. - - - - - 339
- Cap. 85. — Como el-rei dom Henrique mandou a frei Roque que resgatasse o corpo del-rei. - - - - 345
- Cap. 86. — Do que os padres da companhia fizeraõ em Berberia no resgate e consolação dos cativos - - - 349
- Cap. 87. — Da morte do padre frei Thomé de Jesus, e do que fez em

|                                                                                                                                                                                      | pag. |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Berberia. - - - - -                                                                                                                                                                  | 353  |
| Cap. 88. --- Como el-rei mandou a dom<br>Rodrigo e a frei Roque resgatar os<br>cativos. - - - - -                                                                                    | 358. |
| Cap. 89. — Como el-rei dom Henri-<br>que mandou por embaixador ao Xa-<br>rife dom Francisco da Costa. - - -                                                                          | 362  |
| Cap. 90. — Como el-rei dom Philippe<br>de Castella mandou pedir ao Xari-<br>fe o duque de Barcellos e outros<br>senhores Portuguezes. - - - - -                                      | 367  |
| Cap. 91. — Do cativoiro que os<br>Portuguezes passarão em Berberia                                                                                                                   | 370  |
| Cap. 92. — Como em Fez e em Mar-<br>rocos tinhaõ os cristãos missa e pre-<br>gação, e outros mais officios divi-<br>nos. - - - - -                                                   | 373  |
| Como 93. — Como o padre Amador<br>Rebello da companhia de Jesus foi<br>a Argel resgatar cativos. - - - - -                                                                           | 377  |
| Cap. 94. — Como frei Dionisio e frei<br>Matheus, padres da Trindade, forão<br>ao resgate de Argel - - - - -                                                                          | 380  |
| Cap. 95. — Como el-rei de Castella<br>mandou vizitar a el-rei dom Henrique<br>pelo duque de Ossuna e outros ho-<br>mens, que mais mandou pera pre-<br>tenção da successão. - - - - - | 383  |
| Cap. 96. — Como el-rei dom Henri-<br>que mandou ao senhor dom Antonio<br>que se sahisse da Corte. - - - - -                                                                          | 387  |
| Cap. 97. — Como o senhor dom Anto-<br>nio houve huma sentença em que                                                                                                                 |      |

|                                                                                                                                                                         | pag. |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| foi havido por filho legitimo do infante dom Luiz. - - - - -                                                                                                            | 390  |
| Cap. 98. — Como os povos pedirão a el-rei dom Henrique se casasse. -                                                                                                    | 394  |
| Cap. 99. — Como el-rei mandou citar os pretendentes do reino de Portugal. - - - - -                                                                                     | 397  |
| Cap. 100. — Porque el-rei de Castella não deferio á citação que lhe foi feita. -                                                                                        | 400  |
| Cap. 101. — Como el-rei de Castella buscou todos os meios para escusar guerras com Portugal. - - - - -                                                                  | 404  |
| Cap. 102. — Como el-rei mandou ajuntar cortes para eleger governadores, que por sua morte ficassem com o governo, e juizes para determinar a causa da successão - - - - | 409  |
| Cap. 103. — Como os Estados juraram de guardar os capitulos das cortes. -                                                                                               | 412  |
| Cap. 104. — Como a cidade de Lisboa jurou os capitulos das cortes. -                                                                                                    | 416  |
| Cap. 105. — Como o senhor dom Antonio fez o mesmo juramento, e logo fez protesto de não ser obrigado por elle. -                                                        | 419  |
| Cap. 106. — Como el-rei mandou ao senhor dom Antonio e ao duque de Barchina se sahissem da corte. - -                                                                   | 421  |
| Cap. 107. — Como el-rei dom Henrique mandou notificar a el-rei de Castella, e a seus embaixadores, que jurassem as cortes. - - - - -                                    | 423  |
| Cap. 108. De huma sentença que el-rei dom Henrique deu contra o senhor                                                                                                  |      |



|                                                                                                                                                      | pag. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| dom Antonio. - - - - -                                                                                                                               | 425  |
| Cap. 109 — Como o senhor dom Antonio<br>houve outro breve do papa que<br>avocasse a si os autos da sua legiti-<br>midade. - - - - -                  | 430  |
| Cap. 110 — Como Diogo Botelho foi<br>intimar o breve a el-rei. - - - - -                                                                             | 434  |
| Cap. 111. — Como el-rei se foi pera<br>Almeirim por caso da peste que en-<br>taõ havia em Lisboa. - - - - -                                          | 436  |
| Cap. 112. — Como el-rei mandou pe-<br>lo meirinho-mor prender o senhor<br>dom Antonio. - - - - -                                                     | 441  |
| Cap. 113. — Como el-rei mandou ci-<br>tar por carta de editos ao senhor dom<br>Antonio, e da falla que dom Fran-<br>cisco Pereira lhe fez. - - - - - | 443  |

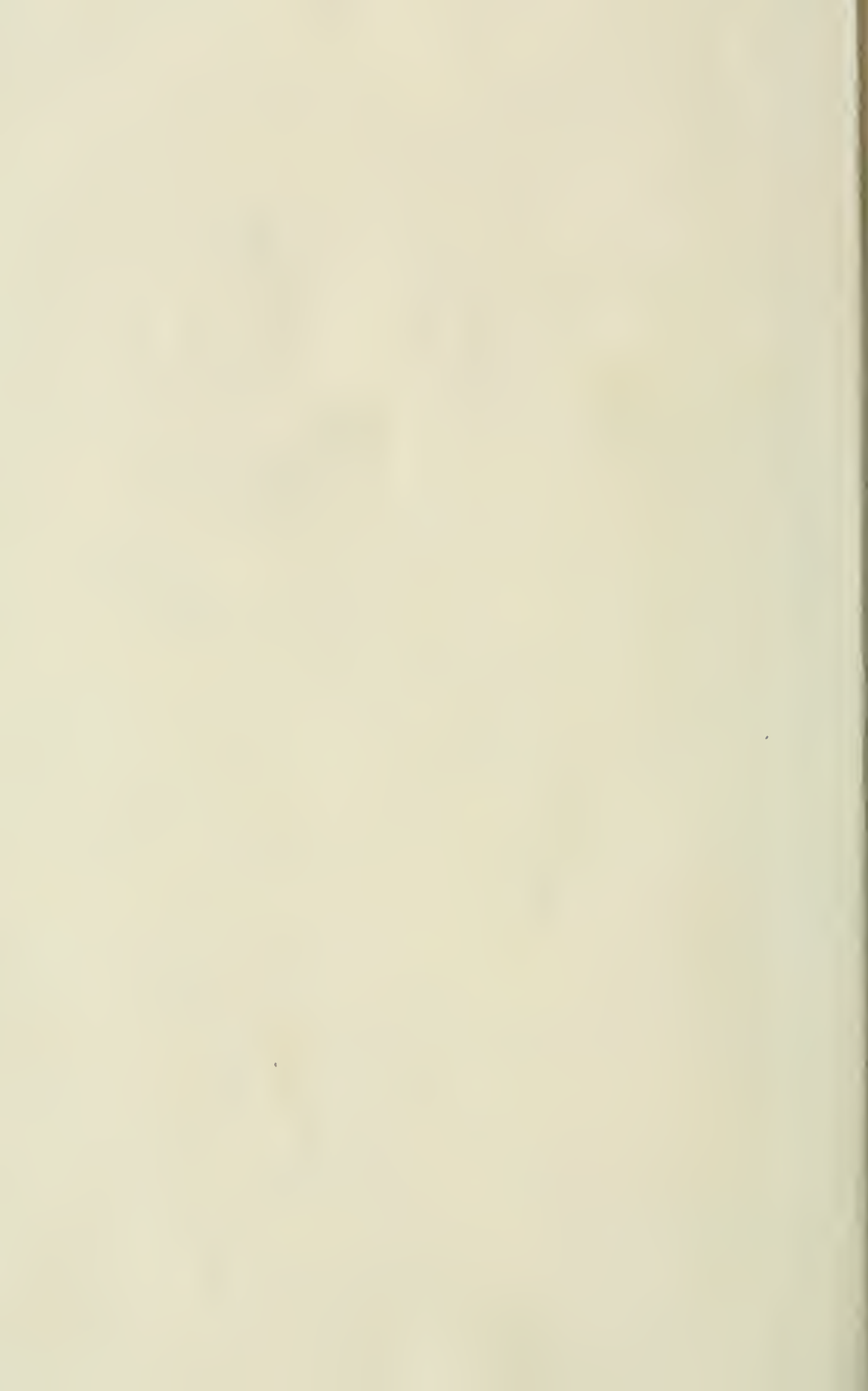














JUN 16 1988

88-6-15. 11. E

**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

DP  
612  
C7  
1837  
ROBA

Not wanted in 1970  
1970

